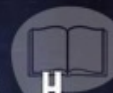


FERNANDO HEINRICH

O
sonho
de nicole
DESEJOS & PESADELOS



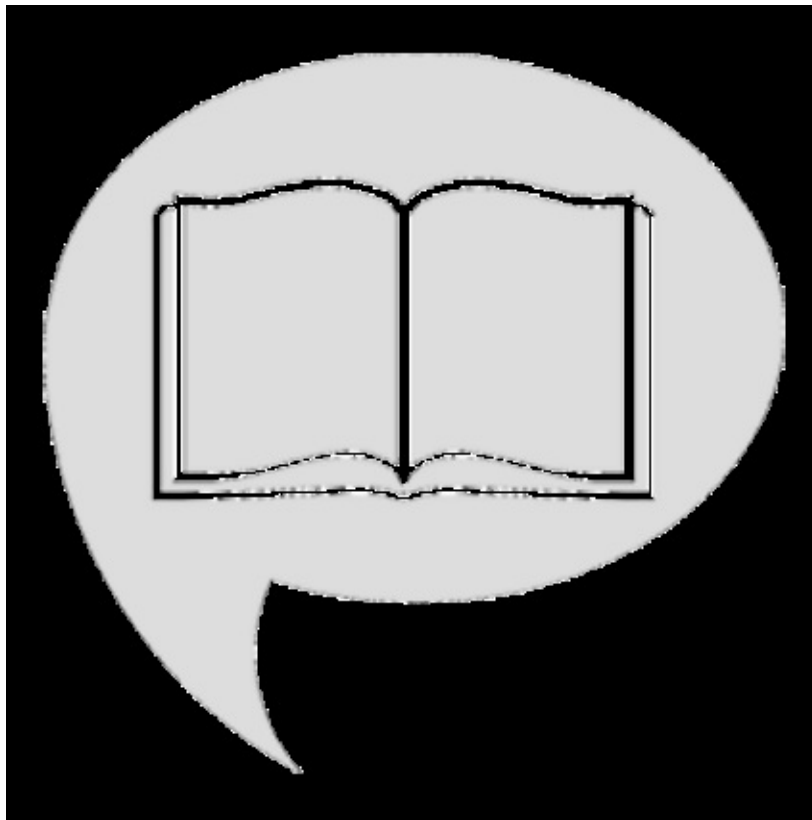
FERNANDO HEINRICH



O sonho de nicole

DESEJOS & PESADELOS

Digital
books
editora



O livro retrata o relacionamento de Nicole, de oito anos, inocente, sonhadora e mimada, e seu irmão William, de quatorze anos, curioso, impaciente e intolerante. Já no primeiro dia de aula, Will sofre bullying de um grupo de seus colegas de classe. Frustrado, ao chegar em casa desconta toda a raiva na irmãzinha e Nicole foge naquela noite.

Quando nem mesmo a polícia tem pistas do paradeiro de Nic, Will sente-se culpado pelo desaparecimento e decide iniciar a própria investigação.

N

o quarto da irmã ele encontra um diário, que relata um mundo incrível com o qual Nic havia sonhado. Ao desejar de todo o coração encontrá-la, um misterioso portal dourado surge à sua frente.

C

erto de que os desejos de Nicole a fizeram atravessar um portal como a quele, Will o cruza, disposto a encontrá-la e levá-la para casa a qualquer

custo. Mal sabe ele que, do outro lado, o mundo dos sonhos de Nicole o aguarda, repleto de aventuras, seres estranhos, lembranças e pesadelos.

C

abará a Will convencer Nic de que no mundo real ela poderá ser mais feliz.

CAPÍTULO 1

A IRMÃZINHA E O VALENTÃO

Para descontar toda a raiva na irmã, Will correu pela escada aos tropeços. Precisou se agarrar ao corrimão duas vezes para não cair de nariz nos degraus.

Lá em cima, surpreendeu-se com a rapidez que havia subido. Vinte degraus não foram o suficiente para lhe tirar o fôlego.

Mas, quando olhou para baixo, o medo de cair dali o fez estremecer. Não era a primeira vez que sentia medo de altura e não seria a última. Afastou-se rápido até as costas tocarem na parede do corredor.

Saco. Escada idiota.

Por que diabos teve que olhar para baixo?

– Maldita acrofobia.

Pensou duas vezes antes de brigar com a irmã. Nas duas, a resposta foi a mesma: *de mim você não escapa, sua fedelha*.

Avançou até a porta do quarto da Nic e respirou fundo antes de girar a maçaneta e ensinar a ela uma lição da qual nunca se esqueceria.

No quarto, sentada junto à janela, Nicole se distraía ao observar um passarinho, em pé sobre o parapeito. Enquanto ela girava entre os dedos seu pingente de coração, presente do seu pai, o bichinho azulado saltitava e parava, parecendo não se incomodar com a presença dela.

- Ô pirralha, posso saber por que largou *de novo* aquela tralha no chão da sala? – gritou Will, ao entrar de repente, sem respeitar o que ele mesmo sempre cobrava: privacidade.

Na mesma hora, o passarinho voou, sumindo de vista.

Ao se dar conta de que Will havia espantado o pobrezinho com o seu jeito estúpido de sempre, Nicole não teve outra escolha senão reagir à altura. Fechou as mãos, respirou fundo e soltou o grito mais estridente que conseguiu.

Ainda mais irritado, Will abaixou a cabeça, levou as mãos às orelhas e tentou imaginar como daria fim ao berreiro.

- Cala a boca! – disse ele devagar, mas alto o suficiente para que pudesse ser ouvido. - Quer que os vizinhos liguem para o hospício e mandem

internar você, sua maluca?

O grito cessou. Mas agora, os olhos de Nic se enchiam de lágrimas.

- Maluco é você! Sai do *meu* quarto! – disse ela. E chamou ajuda –

Mãe, olha o Will! – depois derreteu-se em lágrimas.

Will teria pouco tempo para deixar bem claro quem mandava.

Podia notar tristeza e raiva nos olhos da irmã, mas nem se importava. Nem se comparava à péssima manhã que ele teve na escola.

Antes da sua mãe se intrometer no que deveria ser uma tentativa de choque para educar a irmã bagunceira, aproximou-se.

- Escuta aqui, anãzinha – apontou-lhe o indicador, enquanto a outra mão agarrou-lhe o braço – é bom você entender de uma vez por todas: *eu* sou o mais velho de nós dois e *você* é a pirralha. Eu mando, você *obedece*. Entendeu?

Nunca perderia uma oportunidade de implicar com a Nic. Restava saber se teria utilizado as palavras certas para ser convincente.

Mas, num impulso de ombro, Nic livrou o braço dominado por Will.

Em seguida, lançou-lhe um olhar mortal e gritou aos prantos:

- Eu te odeio!

- Posso saber o motivo da gritaria? – disse Veridiana, ao entrar no quarto. Ela levou as mãos à cintura, como se já aguardasse o início dos discursos de defesa.

Os dois não perderam tempo. Despejaram uma avalanche de

acusações um contra o outro, tentando convencer a mãe quem tinha razão.

Will via estampado no rosto da mãe o arrependimento por dar a palavra aos dois.

- Quietos! – Veridiana os repreendeu.

Qual uma juíza, ela olhou séria para Nic, em seguida para Will.

- Fala você – disse para ele.

Ótimo. Era o momento para colocar a mãe a seu favor e a irmã de

castigo. Qualquer tentativa valeria, embora a boca torcida de Veridiana revelasse que ela não daria muito crédito às suas palavras.

- Mãe, é o seguinte. A Nic deixou *de novo* aquelas tralhas

espalhadas pelo chão da sala! Eu até tentei desviar quando entrei em casa,

mas não deu tempo. Acabei pisando em uma das bonecas idiotas dela. Daí...

Nesse instante, se deu conta do que havia acabado de dizer. Nic não sabia da boneca com o rosto amassado. Percebeu os olhos dela virarem em

sua direção como flechas para o alvo.

Quer saber? Dane-se. Que ela faça uma plástica na boneca. Se é que existe cirurgião de brinquedos.

- Você pisou na minha Barbie?

Ah, perfeito – pensou Will - Depois de tudo isso, o que ela espera?

Que eu peça desculpas por assassinar a boneca idiota? Nem em sonhos.

- Muito bem... Will, - continuou Veridiana – vá já para o seu quarto.

Depois de fazer o dever de casa, estará de castigo até a hora do jantar.

- Mas mãe, a culpada foi a Nicole!

- Sem *mas*. E sem videogame.

Para Will, isso sim foi crueldade. Não adiantava mais discutir. Se continuasse, o castigo só iria piorar. Seu pai não o castigaria. No máximo daria um sermão.

E para a fedelha, nada?

- Nicole – continuou Veridiana, - recolha os brinquedos da sala. Até o fim da semana, sem brincar e sem dormir na casa das amigas.

Agora sim. Belo castigo, Dona Veri! Nada de Barbies, fogõezinhos cor-de-rosa e amiguinhas fofoqueiras por uma semana inteira!

- Mas, Mãe...!

- Larga mão de ser chorona – disse Will. - Mãe, não dê ouvidos a ela. A Nic só tem oito anos e ainda brinca com bonecas.

Mal esperavam que o castigo pudesse ser aumentado.

- Chega! – tornou Veridiana – Ficarão sem sobremesa depois do jantar.

Boquiabertos, Will e Nicole se entreolharam.

As consequências dessa briguinha iriam longe. Mal sabiam o que os aguardava.

À noite, durante o jantar, silêncio ao redor da mesa.

Will queria mesmo levantar da cadeira e voltar para sua prisão

particular. Ao menos, em seu quarto, se sentiria muito mais livre do que agora, com Nic, sentada do outro lado do botão de rosa a enfeitar a mesa.

Ele tentava terminar de comer o macarrão com queijo enquanto o olhar de Nicole o fulminava como se quisesse causar-lhe indigestão. Ela girava o pingente entre os dedos, parecendo mais ocupada com seus pensamentos do que com a comida. Se ao menos o vaso fosse grande suficiente para tapar a cara de birra dela, ele poderia comer em paz.

Tentou ignorá-la.

Impossível! Não basta a escola, ainda tenho que aguentar essa xarope em casa?

Demais por um dia.

A dor no traseiro insistia em lembrá-lo do empurrão que levou do idiota do *Quebra Ossos*, pela manhã.

Antes de toda essa confusão e brigas em casa, bem cedo, ao chegar à escola, a expectativa de Will para o primeiro dia de aula não poderia ter sido maior. Com a mudança para a nova cidade, trouxe também a dúvida se seria bem aceito pelos novos colegas.

- A sirene já soou faz dez minutos, rapazinho! – disse um homem magrelo e fanho. Do nariz até o bigode escorria um líquido brilhante e de aparência viscosa. - *De qual funerária esse cara saiu?*

- Desculpa, Senhor...

- Jcovski – ele cruzou os braços, – supervisor do colégio. – Inclinou a cabeça para trás, inspirando o líquido de volta para o nariz, de um jeito

mais escandaloso que um porco.

- É que eu sou novo aqui. Eu não sabia...

- Qual o seu nome?

- Will.

- O que disse?

- William... William Scherer. Me Desculpa. Mas eu posso...

- Em que série está matriculado?

- Oitava.

- Pois bem, Senhor Scherer, é melhor guardar suas desculpas

esfarrapadas. Trabalho há anos nesta escola, sabia? – *é claro que não sei, sou novo aqui.* . , pensou Will. - Ouço sempre o mesmo discurso. Pois saiba que qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você. Tome o seu rumo e vá logo para a sala. A aula já começou.

- Mas, eu não sei onde é a minha sala, Senhor Jocososo.

- Jocosovski! – o velho quase berrou e o líquido nojento saltou do

nariz ao bigode - Siga pelo corredor. É a última porta, à direita, sala nove.

- Obrigado... – pelas ótimas boas vindas. - E me desculpe, Senhor

Jocososo.

- É melhor correr, antes que eu lhe dê uma advertência pelo atraso

– rosnou o rabugento, enquanto limpava o nariz com a manga do uniforme.

Só lhe faltava o chicote de carrasco.

Enquanto Will caminhava pelo corredor até a sala de aula,

surpreendeu-se ao ouvir uma voz dizer: *hei esquisito!*

Virou para trás, mas não viu ninguém. Achou melhor ignorar isso.

Afinal, há muitos babacas por aí. Esse seria apenas mais um.

Na porta ao final do corredor, uma placa dizia: sala nove. Respirou fundo e entrou.

Ficou vidrado na atenção e silêncio em que todos lá dentro se mantinham.

De cabeça baixa, Will cruzou as duas primeiras fileiras de carteiras e caminhou até o único lugar vago. Ao sentar, o espanto. Um grave som de pum rasgou o espaço como uma metralhadora, atraindo todos os olhares. Sem saber onde enfiar a cara, ele retirou debaixo de si a pequena almofada de borracha.

As gargalhadas não se contiveram. Ele não faria a menor questão de descobrir quem teria sido o panaca responsável pelo seu momento de fama. Mas esse foi o sinal verde para a baderna começar na sala de aula.

Quem imaginaria? Logo no primeiro dia, Will, *o esquisito*, alvo de chacota. Se todas as escolas da cidade tratassem os novatos desse jeito, em poucos anos não haveria mais veteranos pelas redondezas.

E a manhã seguiu seu curso.

Os minutos pareciam dias, as horas pareciam meses. As implicâncias pareciam durar anos. Pior, Valter, o “Quebra Ossos”, esse

pareceu durar décadas. Um metro e oitenta de pura ignorância; o ditador estudantil da escola que, ainda por cima, sentava-se na carteira logo atrás à sua.

- Vou fazer da sua vida um inferno, Esquisito! – sussurrava Valter sobre o ombro de Will.

Só podia ter sido *ele* o responsável pela almofada de borracha.

Quando a sirene soou, às doze horas em ponto, alívio total. O caminho de casa seria a sua liberdade condicional.

Entretanto, parecia ser muito simples sair da escola e pegar o ônibus de volta. Ele devia ter desconfiado...

Logo que começou a subir as escadas da porta central daquele veículo sucateado de tarja amarela escrita “Escolar”, uma pressão no peito empurrou-o brutalmente contra a calçada.

Ao cair sentado, um choque tomou-lhe o corpo. Direccionou o olhar àquele que parecia ter escapado da jaula dos elefantes no zoológico.

– No primeiro dia você vai embora a pé, novato! – gritou Quebra

Ossos, por cima do próprio umbigo saltado à mostra. As janelas do ônibus lotadas de olhos curiosos. O coro de risadas fez o sangue de Will esquentar. Se a plateia queria ver um espetáculo de circo, estavam no lugar certo. Will era o palhaço. À sua frente, o elefante.

Levantou-se na mesma hora. Uma força vinda de dentro dele dizia:

sai da minha frente, animal, ou vou afundar na sua cara essa tromba com um

murro!

Prestes a investir contra o brutamonte, surgiram atrás de Quebra

Ossos três possíveis capangas, todos de braços cruzados.

Queriam intimidá-lo? Bem... funcionou. Quatro contra um, pura

covardia. O líder da quadrilha batia o punho fechado contra a palma da outra mão. Na certa, esperava a ousadia de Will. Melhor não arriscar

Onde estaria o Senhor Jocososo? Para reclamar de dez minutos de

atraso ele aparecia de repente, mas e para supervisionar a saída dos

alunos?

Depois disso, o grandalhão ajeitou a camiseta, como que para

cobrir a barriga saliente, colocou o capuz na cabeça e, junto com a corja de

seguidores, foi sentar-se ao fundo do veículo.

Idiotas.

Will foi para casa a pé. Enquanto caminhava pela calçada,

permaneciam em sua mente as risadas dos colegas.

Humilhação... Humilhação e humilhação, era como resumia a sua

manhã.

A palpitação no peito ficou mais forte, como se o pulsar do seu

coração espremesse os pulmões e fizesse com que o ar lhe faltasse.

Maldita escola. Eu poderia nunca mais pisar naquele lugar. . Mas não valeria a pena ficar pensando nisso, já que teria aula no dia seguinte.

Uma coisa era certa, não levaria outro tombo como esse, nem na escola nem em

qualquer outro lugar.

O Quebra Ossos vai se arrepender – pensava Will ao mastigar o macarrão. Porém, *naquele* momento, a pedra no sapato era outra: Nicole.

- Acabei. Posso ir pro quarto? – ele perguntou à mãe. Esperava ouvir *sim* o quanto antes.

Na ponta da mesa, Veridiana colocava na boca o último fio do espaguete. Mastigou com calma. Atenta, os observava.

- Se quiserem – dizia ela, com a boca a mastigar - os dois podem subir, *em silêncio*, para o quarto de vocês. Will, tome – estendeu-lhe a mão. - Aproveite para colocar o molho de chaves de volta ao aparador. Já tranquei a porta dos fundos e da sala. Ah! Não se esqueçam de escovar os dentes antes de dormir.

Will e Nicole levantaram-se quase ao mesmo tempo. Ele precisava descontar a frustração. Pegou o molho de chaves das mãos da mãe e, ao passar pelo aparador, jogou-as de qualquer jeito em cima do móvel.

Em silêncio, saíram juntos da sala de jantar, se entreolhando.

Apesar da trégua momentânea do irmão, Nicole sabia que essa paz não duraria nem dois minutos. Não se dependesse dela.

CAPÍTULO 2

UM DESEJO SOB O CÉU ESTRELADO

Enquanto Nic subia a escada, ao lado de Will, batia os pés tentando descontar a raiva. Não queria vê-lo por um bom tempo.

Antes de chegarem ao topo, ela decidiu falar de uma vez por todas

o que, durante todo o jantar, havia ficado entalado na garganta. Então sussurrou para Will:

- Por culpa sua ficamos sem sobremesa.

Silêncio.

Will apenas olhou-a de canto e continuou a subir.

Nicole estranhou a tranquilidade do irmão, que sempre surtava ao ouvir provocações.

Entretanto, ao pisarem no último degrau, a surpresa. Will puxou

forte o seu braço, trazendo-a para perto de si. Abaixou-se. Ficaram da mesma altura. Em seguida, disse em voz baixa:

- Nunca mais fale comigo, anãzinha! Suma da minha frente – Então a soltou, deu-lhe as costas e foi para o quarto.

De olhos arregalados, Nic tremia, sem fala. Aquele aperto forte no braço foi como se o irmão mais velho a ignorasse para sempre.

Justo ele, que deveria me proteger? - agora era a pessoa com quem menos podia contar.

Isso não poderia acabar assim. A tempo de Will escutá-la, segundos antes que fechasse a porta do quarto na sua cara, ela disse:

- Pode ter certeza que eu nunca mais vou ver você! – virou-se e correu para o quarto, no lado oposto ao do irmão, enxugando as lágrimas.

Depois de bater a porta, Nic encostou-se nela. Sentia-se péssima.

Caminhou até a escrivaninha, retirou de cima da cadeira a roupa de

balé, colocou-a de qualquer jeito ao lado do retrato da família. Depois, puxou a cadeira junto à janela e sentou-se. Cruzou os braços e escorou-se

no parapeito outra vez, virando os olhos para cima, mantendo um olhar choroso para a Lua.

Eu queria ser outra pessoa, morar em outro lugar. Odeio essa vida. .

Eu queria fazer tudo o que eu quisesse, quando quisesse. Quero ir embora daqui!

No braço dolorido ainda latejavam as consequências da agressividade de Will.

Baixou os olhos e encostou a testa nos braços cruzados.

- Poxa vida... – disse aos soluços. - Se eu fosse mais velha, eles iam me respeitar. Eu poderia fazer qualquer coisa sem dar satisfação a ninguém.

Levantou a cabeça, depois olhou pela janela abaixo. Até achou que

poderia fugir. Num único salto, ficaria livre e correria para bem longe de casa e do idiota do Will. Daria neles um grande susto.

Mas, ao olhar bem a distância até o chão, percebeu que era alto

demais para saltar. E se caísse em cima da roseira, aí sim estaria

encrenada. Mal podia imaginar o sangue dos machucados e arranhões que sofreria. Sangue lhe dava arrepios. Quase desmaiou quando cortou o joelho ao cair de bicicleta uma vez, junto com Will.

Num pensamento rápido, considerou até mesmo fazer uma corda

com lençóis para se pendurar enquanto descia, mas também não funcionaria. Não era igual aos desenhos animados, realmente seria perigoso. Além do mais, só tinha um lençol.

O jeito era achar outra forma de desaparecer e mostrar a todos que ela não estava nem aí para o que pensavam, mostrar que não faziam falta para ela. Mas como? Sua mãe trancou a casa toda.

Naquele momento, Nicole levantou, saiu de perto da janela e foi até a cama.

Afastou o seu dragãozinho branco de pelúcia e sentou. Abriu a gaveta do criado-mudo e puxou o diário até o colo. Depois, pegou uma das muitas canetas coloridas misturadas ali e, sem ter mais escolhas, abriu o diário até chegar à última página escrita para começar a desabafar.

Querido diário, que dia horrível!

Quando eu acordei, imaginei que hoje seria um dia feliz. Mas não foi.

Levantei da cama, corri até a cozinha pra tomar café e contar pra mamãe sobre o meu sonho. Mas, no lugar dela, encontrei o Will. Foi quando eu lembrei que as aulas dele começavam uma semana antes das minhas. Colégio

novo, sabe?

O Will pareceu nem me ver. Falei bom dia, mas ele não respondeu.

Tudo bem, eu já até me acostumei com as grosserias dele. Estúpido. Minha mãe diz que é a fase da aborressencia, aborre. . É a fase em que os meninos ficam ainda mais chatos. Ela tem razão.

Mas. . como eu estava super contente, nem me importei se ele tinha

acordado de bom humor ou não. Já que a minha mãe não estava lá, perguntei pra ele se eu poderia contar pra ele o meu sonho. Ele ergueu os ombros como se quisesse dizer Tanto Faz!. . Bobão.

Contei sobre uma ilha gigante linda, que flutuava acima de nuvens que forravam o céu. A ilha era cheia de árvores, vários bichos com asas, grandes e pequenos.

Em cima de uma montanha, bem no fim da ilha, tinha um castelo E-

N-O-R-M-E, simplesmente perfeito! De lá, várias cachoeiras caíam, formando um rio transparente lá embaixo. A água brilhava tanto por causa dos raios do Sol e corria até a outra ponta da ilha, onde o rio se dividia um monte de vezes até chegar num penhasco, de onde a água caía de novo, até sumir nas nuvens.

Ai, era super lindo!

Contei também que lá eu conheci um senhor meio velho, de barba escura, mas que sabia fazer várias mágicas incríveis! Adivinha. . Um bruxo!

Disse que se chamava Kíni Kírios. O mais estranho, Diário, era que ele adivinhava os meus pensamentos, antes mesmo que eu pensasse! Isso não é demais? Ele transformava em realidade qualquer coisa! Criou roupas lindas pra mim. Quis até que eu voasse num dragão até o castelo, acredita? Ai, ai. .

Foi incrível, foi mágico! Foi. . sei lá. . foi tudo de bom!

Só que, na melhor parte do sonho, o Will me interrompeu. Disse que estava atrasado e que não tinha tempo pras minhas historinhas de criança.

Nossa, morri de raiva naquela hora.

Eu resolvi dechar deixar pra lá, sabe. . Passei a manhã toda na sala, com as minhas bonecas. Depois, fui pro meu quarto. Quando entrei, vi na janela um passarinho azul muito fofinho! Igualzinho um que eu vi no meu sonho.

Andei bem devagar até a janela, e fiquei olhando. Eu achei uma graça aqueles olhinhos escuros e as penas brilhantes.

Nessa hora, o tonto do Will entrou no quarto, todo irritado porque os meus brinquedos estavam na sala. O passarinho voou pra longe. Tadinho. Que ódio! O Will nunca tá nem aí pra mim! Só pensa nele mesmo! Ainda por cima, a minha mãe me deu um castigo pra durar a semana inteira! Já o Will. . ele ficou sem videogame só por hoje. Isso é injusto! Sempre sobra pra mim. Sou sempre a criança da casa. Saco!

Tá, eu esqueci de guardar os brinquedos. E daí? Precisam descontar tudo sempre em mim?

Minha mãe já me disse que ser criança era viver a melhor fase da vida. Mas é mentira. Ninguém me leva a sério!

Quero crescer logo. Não quero mais viver essa vida. O meu irmão é um chato! Não aguento mais ele. Quero viver uma vida diferente. Quero realizar os meus sonhos sem ninguém me impedir!

Uma lágrima correu pelo rosto de Nicole. Caiu sobre a folha de papel onde escrevia e borrou as últimas linhas. Assim estava a sua vida, borrada, como agora, o diário.

Ela escreveu por mais alguns minutos nas folhas brancas daquele caderninho. Contou sobre o maravilhoso castelo por onde andou e sobre segredos que somente o diário poderia saber.

Ao terminar, fechou o diário e jogou a caneta de volta na gaveta.

Quando olhou para a janela, as lágrimas fizeram-na ver borrões luminosos no céu. Esfregou os olhos e notou-o muito mais estrelado do que quando havia escorado no parapeito. O brilho das estrelas parecia muito mais intenso.

Nesse instante, seus olhos maravilhados com aquela beleza estelar, admiraram pela primeira vez uma estrela riscar o céu. Nicole se encheu de esperança naquele momento. Os lábios esboçaram um sorriso. Agarrou do seu pingente a pedrinha em formato de coração e fez um pedido.

Queria muito que o meu sonho se tornasse realidade.

Passaram-se poucos segundos.

Nada.

Nem sinal de desejo atendido.

Bem, ela adoraria ficar de olho nas estrelas por mais tempo, pois, num dia de brigas e mágoas, este era o melhor momento que vivenciava.

Mas sentiu de repente o corpo exausto, como se insistisse para dormir.

Achou estranho, pois estava acostumada a ficar acordada até mais tarde.

Não resistiu. Relaxou o corpo e caiu de costas na cama, com diário

e tudo, entregando-se ao sono. Aos poucos, os dedos se afrouxaram e o diário escorregou da mão.

Num susto, Nic despertou. Suas costas doíam. Virou um pouco o

corpo e enfiou a mão para retirar o que estivesse entre suas costas e a cama. Seus dedos tocaram algo macio. Ao puxá-lo, reconheceu o

dragãozinho de pelúcia, de focinho amassado, um dos presentes de final de semana do seu pai, para lhe fazer companhia quando ele não estivesse por perto. Deixou-o de canto. Olhou para os lados, sonolenta. Virou-se para o criado-mudo, forçando a vista no relógio digital do despertador. De olhos inchados, viu apenas números vermelhos borrados. Esfregou os olhos, tentou mais uma vez. Enfim distinguiu os algarismos. Dez da noite. Dormiu por uma hora. Lembrou-se de não ter escovado os dentes. Se a sua mãe soubesse, o castigo poderia aumentar. Então, apoiou-se nos braços e levantou-se para ir ao banheiro.

Ao ficar em pé, os seus pés gelaram. Seria melhor calçar as pantufas. Quando ela jogou o peso do corpo em uma das pernas para calçar o primeiro pé, cambaleou. Segurou-se no criado-mudo para recuperar o equilíbrio.

No escuro, deu passos lentos até a porta, como se o caminho até o banheiro fosse um desafio terrível. Por baixo da porta do quarto vinha uma luz que parecia ser do corredor. Parou de andar no mesmo instante. No cômodo ao lado, entre o seu quarto e o do Will, ficava o banheiro. Decerto o seu irmão estava lá escovando os dentes ou fazendo qualquer outra coisa.

Ele não tinha o costume de fechar a porta para fazer suas necessidades. Num dia desses, ela caminhava distraída para usar o banheiro e encontrou Will tomando banho com a porta aberta. Ele ficou furioso. Por causa disso, não falou com ela por três dias.

Encontrar Will no banheiro não vai ser boa coisa – pensou. -

Brigariam de novo. Isso ela preferia evitar. Mas, até quando as brigas durariam? Três dias, uma semana, um mês? Brigariam a vida inteira? - *Será*

que irmãos brigam para sempre?

Até que a luz no corredor se apagasse, esperaria no quarto.

Virou-se para retornar à cama quando viu o diário no chão. Mal se lembrava de tê-lo deixado cair. Decidiu pegá-lo.

Chegando até ele, olhou bem para o pequeno caderno rosa e branco, abaixou-se e sentou no chão. Colocou-o no colo, depois fechou os olhos.

Nicole começou a esfregar de leve a mão na capa do diário. Sentia nos dedos a maciez do couro tingido. O movimento da sua mão na capa produzia um calor gostoso. Todas as preocupações que sentia pareciam desaparecer. Suspirou.

Nesse momento, aquele calor subiu rápido por seu braço, chegando ao peito em instantes. Logo tomou todo o seu corpo. A sensação daquela energia era como se, num dia qualquer de inverno, ela fosse amparada por cobertas de lã e uma lareira.

Abriu os olhos e surpreendeu-se ao notar uma estranha luz dourada surgir na porta do seu quarto. Parecia um pequeno risco vertical, que, aos poucos, aumentava em tamanho liberando uma espécie de pó dourado no ar. À medida que o traço crescia ao longo da madeira, o brilho dourado ficava cada vez mais intenso.

Curiosa, sem se levantar, virou-se para a cama e enfiou o caderno

embaixo do travesseiro. Em seguida, apoiou-se no colchão e ficou em pé.

Mas. . o que é isso? - perguntou a si mesma.

Começava a caminhar devagar em direção à luz. Conforme se aproximava, ouvia cantos de pássaros virem lá de dentro, junto a um barulho gostoso do que pareciam ser folhas de árvores chacoalhando ao vento.

Aos poucos, a fenda dourada abria-se, revelando um tipo de passagem. Nicole não conseguia ver o que havia do outro lado, apenas a luz intensa, cintilante, emanando brilhos por todos os lados.

De repente, ouviu daquela fonte luminosa o som de águas batendo em pedras. Todos aqueles sons pareciam chamá-la. Curiosa, sentia-se cada vez mais tentada a atravessá-lo.

Quem sabe tudo mudaria a partir desse momento?

Ficar longe de casa e de Will seria ótimo!

Mas, caso seguisse em frente, o que sua mãe pensaria ao notar sua falta? Se Veridiana ficasse brava, aí sim Nicole teria graves problemas.

Decidida, correu até o guarda-roupa, catou a sua mochila, abriu o zíper e, levando-a consigo pelos quatro cantos do quarto foi coletando objetos diversos que julgou necessários para sua jornada.

Prestes a seguir pelo portal, ouviu batidas no vidro da janela.

Assustada, olhou para lá. Pensou ter visto um morcego. Torceu para que não fosse. Esses bichos horríveis a assustavam. Poderiam ter sido apenas os galhos

da árvore do jardim balançando ao vento.

Não havia de ser nada de mais.

Pronta para partir, deu uma última olhada pelo cômodo, como se estivesse se despedindo. Em seguida, pegou a mochila pela alça, fechou-a e colocou-a nas costas.

Então, dirigiu-se ao portal dourado, estendeu a mão até a luz, permitindo que seus dedos a atravessassem primeiro. Sentiu neles um formigamento suave, gostoso.

Agora o seu braço transpassava o portal. Aos poucos sua mente esquecia do mundo ao redor.

Até que Nicole avançou o corpo todo. Com ela, a vontade de nunca mais ter que voltar para casa.

CAPÍTULO 3

ARREPENDIDO ATÉ OS CABELOS

No banheiro ao lado do quarto de Nic, Will acabava de escovar os dentes.

A pirralha conseguiu mesmo me tirar do sério

- Você não perde por esperar – disse, de boca espumando.

Minutos depois, apagou a luz e saiu para o corredor. Reparou num piscar de luzes douradas, no vão embaixo da porta do quarto da irmã.

Já não bastava toda a confusão durante o dia, até de noite ela

queria arrumar encrenca?

Aproximou-se devagar da porta. Ao escutar barulhos estranhos lá de dentro tomou um susto.

Ué! A Nic não tem televisão no quarto, nem rádio ou computador.

Muito menos telefone. O que é será isso?

Encostou a orelha na madeira e arregalou os olhos ao perceber que os sons eram reais.

Então, abaixou-se para espiar pelo vão. O brilho e a luz dourada já estavam fracos e se apagavam. Junto com ela os sons se aquietaram.

Num impulso, Will levantou-se, agarrou a maçaneta e girou-a.

Trancada! Ela nunca trancava a porta. A medrosa sempre deixa entreaberta pra que a luz do corredor entre no quarto.

Desta vez, ela poderia ter fechado por conta da discussão que tiveram, mas trancar?

Tudo bem, sua irmã podia ficar lá fechada a noite toda que ele nem se importaria. Mas, por outro lado, se ela estivesse armando alguma coisa, o que era muito mais provável, seria bom descobrir logo, antes de ser pego desprevenido. Se bem que uma nova briga só iria piorar o humor da sua mãe, ainda mais durante a noite, quando todos deveriam estar dormindo, não arrumando confusão.

Ele já estava com a mão no trinco. Não custava tentar outra vez.

Decidido, Will girou de novo a maçaneta. Trancada mesmo. Bateu na porta.

- Nic, abre aí, a mamãe não gosta que se tranque.

Sem resposta.

- Nic, você está me ouvindo? – Bateu várias vezes. – Abre a porta logo, ou chamo a mamãe.

Nada.

Então, Will correu até o corrimão da escada e forçou o ar dos pulmões num chamado:

- Mãe, a Nicole se trancou no quarto e não está respondendo!

Minutos depois, as luzes das viaturas policiais atravessavam a janela da sala; pintavam as paredes do cômodo, se alternando em fração de segundos entre o vermelho e o azul.

Will fazia companhia à sua mãe, no sofá, enquanto ela, aflita, conversava com o delegado sobre o desaparecimento de Nicole. Ela contava que antes de chamar a polícia, acordou toda a vizinhança e ligou para a casa das amigas de Nic, mas ninguém soube dizer onde ela poderia estar.

Os policiais andavam por todos os cantos da casa e até então não encontraram vestígios dela, nem mesmo uma explicação sobre como teria sumido.

Escutou um deles dizer que, primeiro, haviam considerado a

hipótese de sua irmã ter fugido pela janela. Mas logo descartaram essa possibilidade, pois as travas das janelas de todos os quartos ficavam para dentro e a janela da Nic estava trancada.

Todos aqueles policiais dentro da casa não estavam ajudando em nada. Para Will, nenhum deles transmitia confiança.

Seria impossível Nic ter aberto a janela, saído, fechado as venezianas e tê-las trancado *por dentro*. Além do que ela teria se machucado muito na queda de quase sete metros entre o primeiro andar e o chão. Não havia escada, corda, nem nada do tipo.

Algo muito estranho aconteceu. A luz dourada, as vozes e os barulhos todos tinham que ter algo a ver com o desaparecimento.

Quem sabe ele mesmo não conseguiria descobrir? Podia tentar, por que não?

O que o seu pai faria nessa situação? Ah, como ele fazia falta...

Maldita ligação que tive que fazer.

Cansado de ficar de braços cruzados, Will levantou-se do sofá, em direção ao quarto da irmã. Deixava a mãe continuar a conversa. Pelo visto, ela nem notou a sua saída, senão implicaria com ele por andar pela casa só de meias nos pés. *Calce o chinelo já!* – diria.

Determinado a encontrar pistas, caminhou até as escadas e subiu.

Já no segundo lance da escada, deu de cara com um policial descendo em sua direção. As circunstâncias indicavam que ele vinha do

quarto da Nicole.

Como passaria por ele e continuaria sua própria investigação?

Surpreso com a figura daquele homem de distintivo, Will parou.

Em seguida, jogou o corpo de lado, junto ao corrimão, para deixar a autoridade passar.

De olhos semicerrados, o oficial negro e forte estacou ao lado de Will. Depois, levou a mão à cintura como se fosse sacar o revólver.

Um garoto de catorze anos, de pijama e meias ao chão representava perigo?

- Aonde pensa que vai, garoto? – disse o homem, por fim apoiando a mão ao flanco.

Will suspirou em alívio. No fim, o homem só quis fazer uma pergunta.

- Vou pro meu quarto – lógico que mentiu.

- Está certo, meu jovem. Pode andar por onde quiser. Só não entre lá – apontou para a porta fechada do quarto da Nicole. – Está sob investigação, entendeu?

Will balançou a cabeça.

Enquanto o policial retomava o caminhar degraus abaixo, Will terminou de subir. Entre bocejos, fez de conta que iria para a cama.

Logo que entrou no seu quarto, apenas fingiu fechar a porta,

deixando-a entreaberta. Em seguida, colocou a orelha próxima à abertura, a fim de identificar quando os passos do oficial silenciariam.

Em segundos, não ouvia mais passos na escada. Saiu do quarto e, na ponta dos pés, cruzou o corredor.

Levou a mão à maçaneta, como da outra vez. Antes de girar o trinco, mentalizou Nicole. O desejo de revê-la e acabar com o sofrimento e angústia da sua mãe era muito maior do que qualquer briga estúpida que tiveram.

Fechada de novo! Mas que droga! – segurou o impulso de esmurrar a porta. – *Aquele policial deve ter levado a chave.*

O policial não lhe entregaria a chave original. Will seria um louco se, depois daquela abordagem na escada, inventasse uma desculpa qualquer para pedi-la emprestada.

Precisava arrumar outro jeito.

Lembrou-se do molho de chaves que deixou no aparador da copa.

Sua mãe precisou usá-lo para abrir a porta do quarto de Nicole. Torceu para que ela tivesse colocado de volta, como sempre fazia.

Com o trajeto em mente, começou a descer as escadas, que levavam até a sala. Manteve toda a atenção possível para não ser surpreendido de novo.

Quando chegou aos últimos degraus, avistou a mãe no sofá,

parecendo nem ouvir o que o policial falava. Veridiana direcionava a ele o olhar triste e abatido. De repente, franziu as sobrancelhas e interrompeu-o.

- Mocinho, quem te deu ordens para andar descalço? E mais, já passa da meia noite. Vá já pra a cama.

Droga. Justo agora resolveu implicar?

Surpreendido, Will se defendeu.

- Mãe, eu só vou tomar um copo d'água. Juro que já subo! – disse enquanto caminhava pela porta bem ao lado da escada, em direção à copa.

Desapareceu da sala antes que a sua mãe fizesse a vez de policial e começasse a interrogá-lo. Precisava ser rápido.

Caminhou pela copa até o aparador. Atrás do telefone, o molho de chaves. Foi mais fácil do que pensou. Só teria de pegá-lo, depois subir as escadas mais uma vez.

Ergueu o telefone e esticou a outra mão para pegar as chaves.

Porém, ao inclinar o aparelho, o fone caiu, quicando na mobília até parar no chão. O som ecoou pelo cômodo e talvez pela casa toda.

No fim das contas a desculpa do copo d'água não serviu para nada.

Droga de novo! – pensou. Apressou-se em colocar tudo no lugar.

Quando puxou o fio do aparelho percebeu que ele havia enroscado na perna do aparador.

Aquela tarefa poderia ser mais simples, se o fio não fosse todo espiralado.

Depois de desenroscar o fio do telefone, levou um susto ao ver a sua mãe entrar na copa e irromper:

- William, por que sempre me desobedece? – a voz grave, impaciente, só podia indicar uma coisa: problemas. Os olhos inchados pelas lágrimas diziam tudo. – Você não disse que ia tomar água? Esta não é a cozinha. A sede sumiu de repente, é isso? – paralisado, Will apenas a observava. Não havia nada a dizer naquela hora. – Pela última vez, vá para a cama!

Ela o pegou no flagra, sem tempo nem para inventar uma desculpa.

Poderia contar a verdade a ela, mas corria o risco de ser alvejado com mais argumentos de mãe, desfavoráveis às suas intenções de detetive. Ele só queria ajudar também. No fim, pareceu ter conseguido perturbá-la ainda mais.

Então, soltou o gancho do telefone de qualquer jeito em cima da mobília. De cabeça baixa, seguiu em direção à escada, deixando para trás o olhar carrancudo da Dona Veri.

Aliviado por sair da copa, Will subia pelos degraus segurando firme o molho de chaves. Por um momento, ficou na dúvida se valeria a pena entrar no quarto da Nicole. O que poderia descobrir? Nem

profissional de investigação ele era, talvez nem descobrisse nada.

Mas, depois da bronca que levou, não poderia fraquejar. Não podia mais voltar atrás.

- Quanto sacrifício só pra abrir uma maldita porta – sussurrou, em

frente o quarto da irmã, enquanto procurava a chave certa – Saco. Todas parecem iguais.

Não havia luz o suficiente para identificar a chave certa só pelo formato. Tateou todas, mas não fez diferença nenhuma. Acender a luz para procurar seria idiotice. Chamar a atenção era a última coisa de que precisava.

Resolveu arriscar a que estava em seus dedos. Ao tentar enfiá-la na fechadura, se decepcionou. Não entrava.

Tudo bem. Tentaria a próxima. Trocou de chave. Arriscou novamente. Começou a entrar - *Que sorte!* - pensou.

Porém, ao introduzir metade do segredo, a chave travou.

Vamos. . Entra logo, porcaria!

Forçou um pouco mais. Nada.

Com medo de quebrá-la, desistiu. Ao tentar puxá-la de volta, percebeu que estava presa.

Só me faltava essa! Vai sair por bem ou por mal.

Will puxou com as duas mãos a chave entalada.

Quando ela se desprende, o corpo de Will cambaleou e tombou

para trás. Ao se dar conta do que havia acontecido, o molho de chaves inteiro já havia sido lançado para o alto e caía à sua frente.

O barulho com certeza deve ter chegado à sala e despertado de novo os ouvidos atentos da sua mãe.

Preparou-se para o pior, outra bronca. Esticou-se, pegou as chaves

do chão e apoiou-se no corrimão da escada para ver se ela subia. *Se ela subir eu desisto. . se ela subir eu desisto.*

Em silêncio esperou poucos minutos... Ninguém apareceu. - *Ufa!*

Voltou à porta para a última tentativa. Seleccionou uma chave

qualquer, já que não saberia mais dizer qual delas ainda não havia tentado.

Mirou-a na fechadura e empurrou-a, confiante. Desta vez, a chave deslizou num encaixe perfeito.

Ele sorriu, deu na chave dois giros completos, destravando a porta.

Retirou-a, girou a maçaneta e entrou.

Em seguida fechou a porta. Enfim, o momento de encontrar pistas.

Estava escuro. Teve dificuldade para encontrar o caminho até o

criado-mudo, onde havia um abajur. Ligou-o e colocou as chaves junto ao despertador. Iniciaria a própria investigação. Dali mesmo bateu os olhos na estante de livros, depois no baú de brinquedos.

Ótimo detetive eu. . Nem sei por onde começar.

Sentou-se na cama, empurrou o dragãozinho de pelúcia para o

chão, deixou o corpo pesar para trás e deitou a cabeça no travesseiro.

Em seguida, levou as mãos à cabeça e deixou-as escorregar pelos cabelos até deslizar para debaixo do travesseiro.

Franziu a testa. Seus dedos tocaram algo estranho. Tateou o que

mais parecia ser um pequeno caderno. Levantou e se sentou na cama. Ao puxar o

travesseiro, viu o diário da Nicole. Por sorte ou azar, os policiais não devem tê-lo encontrado.

Talvez naquele caderno houvesse informações preciosas sobre o paradeiro da irmã. Poderia lê-lo, ela nem ficaria sabendo.

Mas, se em ela soubesse que ele havia lido o diário, ficariam sem se falar por dias! Mas, pensando bem, poderia não lê-lo, perder possíveis pistas e voltar à estaca zero da investigação.

Pensou, pensou e tomou a decisão.

- Dane-se se ela não quiser nem olhar mais pra minha cara. - pegou o caderno e abriu. Folheou-o até chegar às últimas páginas escritas.

Começou a ler.

Após alguns minutos entre linhas e confissões, Will percebeu o quanto Nicole estava magoada com ele. Sim, *ele* foi o grande responsável por ela ter desaparecido. Tudo era por culpa dele mesmo. Desde a briga, o desaparecimento, os policiais na casa, até a sua mãe aflita.

Um sentimento estranho tomou conta de si. Seus olhos pareciam inchar. Tentou controlar aquela mistura de medo, angústia, solidão.

Piscou. E uma lágrima caiu no caderno, formando um novo borrão

na página, bem ao lado de outro. Ele comparou as duas manchas. Nicole havia chorado enquanto escrevia.

Porcaria! Sou um burro mesmo. Não bastou o papai morrer por minha culpa. Agora foi a vez da Nicole se meter em encrenca.

Havia muito mais para ler no diário. Se quisesse, ele poderia ficar a noite toda lendo, imaginando os sentimentos da irmã expressos em todas

aquelas palavras. Mas, pouco importaria, já que não a traria de volta. Nem mesmo naquele monte de palavras parecia haver pistas. Havia só confissões e descrições de partes do sonho maluco que ela teve.

- A não ser que mais adiante. .

Will correu os olhos por outras folhas até achar trechos onde Nic falava de um tal Kírios e das belezas daquele mundo de sonhos. A cachoeira, a paisagem, o dragão e mais um monte de coisa sem sentido. Ele não queria mais saber daquela besteira, queria apenas achar a irmã para fazerem as pazes. Seria tão difícil?

Chega!

Ignorou as outras páginas, fechou o caderno e levou-o consigo até a janela.

Apoiando-se nos braços, escorou no parapeito. As viaturas iam embora. Agora pintavam de vermelho e azul as árvores e casas pelo caminho, até desaparecerem. Uma noite inteira se passaria sem que tivessem notícias da Nic.

Suspirou.

Num piscar de olhos, deparou-se com um passarinho rodopiando

próximo à janela. *De onde teria surgido?* A luz amarelada vinda da rua dava às penas dele um tom azulado meio envelhecido.

Será que esse bicho teria visto a Nic fugir?

Balançou a cabeça.

Bobagem.

Will fungou, olhou o passarinho voar em círculos e se aproximar do vidro cada vez mais e resolveu dar uma de louco.

- Por acaso viu minha irmã fugir, passarinho? – murmurou, quase sem acreditar no que fazia, como se não quisesse ser escutado nem por si mesmo. - Me levaria até ela?

Nesse instante, o bichinho se enfiou em meio à copa da árvore no jardim.

Will fechou os olhos de novo e balançou a cabeça, desacreditado, sem ideias. Então, inclinou de leve o pescoço para trás, mexeu os ombros e abriu os olhos. Observou o céu pela janela, todo estrelado. Abriu a tranca da janela, depois o vidro. A brisa refrescante bateu em seu rosto.

Até que a natureza não é tão ruim.

Nesse momento, o pássaro azul surgiu à sua frente como que num passe de mágicas. Logo depois, voou para o alto e girou em círculos mais uma vez.

Will notou que, bem no centro daquele círculo uma estrela riscava o céu.

- Uma estrela cadente. Que massa!

Talvez não custasse fazer um pedido.

Will disse em voz baixa:

- Juro que se eu encontrar a Nicole, vou... Sei lá. Vou tentar ser mais paciente com ela; não vou implicar tanto... Bom, só um pouco. Mas... am... Eu... – bufou – quero a minha irmã de volta.

Nesse momento, um estranho calor tocou o corpo de Will. Ao virar-se para a direção de onde ele vinha, deparou-se com uma luz dourada sendo emitida a partir de um pequeno traço, formado bem no centro da porta do quarto. À medida que o traço aumentava de tamanho, a luz se intensificava.

Boquiaberto ao notar o brilho dourado preenchendo todo o quarto, Will deu os primeiros passos naquela direção. Surgia diante dele uma espécie de portal, de onde vinha o som de água jorrando e pássaros cantando.

Seria essa a mesma luz que viu pelo corredor horas atrás, quando saía do banheiro? Nic teria entrado ali? Impossível!

Imaginou a irmã, diante da mesma luz, enquanto ele escovava os dentes, sem saber nada do que acontecia. Agora sabia.

O canto de pássaros do outro lado do portal se intensificou, parecendo chamá-lo, convidando-o a entrar.

Será que existe mesmo o outro lado? Pode não ser seguro.

Foi quando ouviu um barulho na janela. O passarinho azul entrou por ela, atravessou o quarto e voou ao redor de Will.

- O que está fazendo, bicho idiota? Xô! – tentou acertá-lo com o

diário, mas o infeliz escapava toda vez.

Em seguida, o pássaro parou por poucos segundos à sua frente,

como se o encarasse, depois mergulhou para dentro do portal.

- ESPERA!

Will levou as mãos à boca. Tarde demais. O passarinho havia ido embora e, pior, toda a vizinhança devia ter escutado seu grito.

- Will? – disse a voz longínqua da sua mãe. Ele poderia ficar e

encarar a Dona Veri, ou arriscar entrar no portal – Você ainda não foi dormir!?

Ficar não parecia a melhor opção.

“Para toda escolha, uma consequência” o seu pai lhe dizia. Esse era

o momento de escolher e se preparar para o que viesse.

Certo do que deveria fazer, levou a mão à frente até transpassar a

porção de luz dourada. Se Nic estivesse lá, ele a encontraria, a traria de volta de qualquer jeito. Não fazia ideia do que poderia existir do outro lado.

Mas não se importava.

Logo, todo o seu corpo atravessou. Não havia mais volta.

CAPÍTULO 4

E O SONHO SE TORNA REALIDADE

O corpo de Will parecia flutuar, livre da ação gravitacional. Para

onde olhasse não conseguia enxergar nada. Sozinho, ao redor o ambiente branco, vazio. Onde estaria agora?

O diário de Nicole, de repente, pesava-lhe na mão. Poderia tê-lo

deixado em casa, mas era tarde, não poderia largá-lo em qualquer lugar, senão, quando a encontrasse, com certeza ela não o desculparia por perder

suas anotações. Se bem que já não o perdoaria por lê-las. Se bem que, como

Wil conseguiria achá-la, se o local onde ele mesmo estava parecia nem existir?

Surpreendeu-se ao reparar que, ao longe, surgia um pontinho

laranja, crescendo aos poucos, aproximando-se.

Que coisa é essa? – pensou, sem entender *como* o objeto alaranjado teria surgido naquele ambiente branco e vazio.

Aos poucos, reconheceu que o pontinho tratava-se de um pequeno

peixe colorido de laranja, listrado de preto e branco, vindo ao seu encontro.

A um palmo de seu nariz, o peixe parou.

Olhou atento aquele bichinho, idêntico às figuras dos seus livros de biologia.

Parece um peixe palhaço! Mas, o que esse peixe palhaço faz aqui, em meio ao nada?

Aquela imagem seria real? O peixinho era uma mancha isolada e colorida num ambiente completamente incolor.

Levou a mão para tocá-lo. Prestes a comprovar a veracidade

daquela visão e sentir as escamas do bichinho, este mergulhou dali para baixo.

No mergulho, o peixe-palhaço alaranjado se dissolveu no oceano

de tinta branca bem aos pés de Will. Pareceu uma gota colorida,

provocando uma ondulação sob seus pés. Talvez agora Will pudesse

chamar aquilo de chão.

O oceano onde o borrão alaranjado fazia questão de se destacar, conforme as ondas avançavam, dava vida ao lugar vazio, se alastrando.

Com grande agilidade, outras cores substituíram a alaranjada. As cores reais foram se revelando. Abaixo de seus pés, o laranja converteu-se em azul transparente; agora eram águas cristalinas correndo, ondulando, vibrando.

Que lugar esquisito.

Por todas as direções, aquele mundo pintava-se de todas as cores a partir de onde o peixinho havia manchado de laranja o oceano. Era a cena mais incrível que Will já tinha visto.

Marrom, verde, tons de cinza, vermelho e todas as cores necessárias para criar o solo nas margens do rio começavam a se revelar como num passe de mágica. Surgiram a grama, as pedras, arbustos, árvores, flores. A partir do horizonte, o céu ganhava a cor azul. E tudo brilhou quando surgiram os raios de sol.

- Inacreditável! – disse ao deparar-se com um bando de pássaros que pareceram brotar da água, antes laranja, e voar para o céu.

Will jamais imaginou que um lugar como aquele pudesse existir.

Esqueceu-se do trânsito, das pessoas, das ruas e casas, de todo o mundo que considerava real.

Grandes árvores surgiram na margem do rio, não muito longe, contornando a curva que as águas faziam. As árvores bloquearam sua visão

do horizonte, impedindo-o de ver a continuação da arte instantânea.

Ao olhar para baixo, notou que os seus pés quase podiam tocar o rio.

Caramba!

Precisava descer. Mas, sem tempo, sentiu o corpo pesar e afundou no rio. A água gelada paralisou-o por um instante.

Segundos depois, iniciou as batidas das mãos e pés submersos a fim de buscar o ar para os pulmões.

Ao colocar a cabeça para fora da água, inspirou em desespero. O ar queimava a sua garganta.

Minutos depois, voltava a respirar com calma.

- Droga. Que raio de lugar é esse?

Reparou que a correnteza do rio o conduzia. Pensou logo em tentar

nadar até a margem. Mal deu as primeiras braçadas e, como num estalo, percebeu que não segurava mais o diário. Parou, iniciando apenas as

batidas dos pés para continuar flutuando e manter a cabeça sobre a água.

Na esperança de salvar as anotações tão preciosas da irmã, olhou

para os lados, buscando na correnteza do rio a capa rosa do caderno. Mas, para onde olhava, só via reflexos do sol sobre a água.

As árvores na margem do rio, que antes cobriam parte de sua visão, agora cobriam-na toda, já estava muito próximo delas.

Logo, seguiu por onde grandes paredes de pedra formavam um corredor, deixando para trás a terra e as árvores, canalizando todo aquele volume de água, que ganhava velocidade e conduzia Will para frente.

Assustado, sem ter para onde escapar, Will ao menos mantinha-se na superfície, batendo mãos e pés para não afundar e evitar ir de encontro ao paredão de rochas.

Nesse momento seus olhos saltaram.

- Socorro! – gritou repetidas vezes. - Socorro! Mas que droga! – vociferou. Não existia mais ninguém?

Poucos metros à frente, o rio se abria em duas vertentes, separadas por uma rocha gigante. Ambas desapareciam não muito longe, num som familiar.

- U-uma queda d'água – previu.

Sem sequer importar-se com a altura da cachoeira, Will precisava se salvar. Mas, como faria isso se, além de água por todos os lados, estava no meio de grandes paredes de pedra? Voltar era impossível devido à força com que o rio seguia o seu curso.

Desejou poder voar por cima das rochas. Uma pena não ter asas.

Nesse momento, sentiu algo envolver o seu tornozelo. Mal teve tempo de respirar quando foi puxado para o fundo do rio.

Desesperado, precisava voltar à superfície. Tentou nadar de volta,

batendo os braços. Nada parecia surtir efeito. O seu corpo foi puxado mais uma vez, arrastando-o mais para baixo.

Abriu bem os olhos para identificar o que o segurava. Reparou numa espécie de tentáculo vindo do fundo do rio, saído de um tipo de planta gigante. Ela escancarava a bocarra cheia de dentes pontiagudos, que se mexiam como se fossem dedos a levar alimento para um buraco escuro bem ao centro do vegetal.

Ao redor da planta, inúmeros cipós aquáticos idênticos àquele que o segurava, contorciam-se feito braços gigantes de polvos.

Não! Me solta, coisa feia! – disse em pensamento, enquanto repuxava a perna, na esperança de que a planta o largasse. Mas o efeito foi contrário, conseguiu afundá-lo ainda mais.

As chances de Will escapar, que já eram poucas, se esvaíram. Já podia imaginar aqueles dentes perfurando sua carne, quebrando seus ossos. Não conseguiria prender a respiração por muito mais tempo.

Se o cipó não o largasse, viraria refeição de planta carnívora.

Precisava livrar o tornozelo do tentáculo e voltar à superfície.

Após o último puxão do cipó, Will esticou a mão até o tentáculo esverdeado preso em seu pé, agarrou-o e torceu-o da forma que pode, formando nele um laço. Em seguida, apertou-o o mais forte que conseguiu, com a intenção de quebrá-lo.

Não demorou para o cipó ceder e livrar seu pé. O plano havia

funcionado. Precisava de ar, os seus pulmões queimavam novamente.

Bateu as pernas, os braços, forçou a subida até a superfície; empurrava a água para baixo, enquanto a vontade de respirar crescia a ponto de se tornar insuportável.

Emergiu e respirou, desesperado, como se fosse a primeira vez que respirava na vida. O ar entrou pela boca e garganta, inflando os pulmões.

Todo o ar do mundo não seria o suficiente naquele instante. Nunca havia passado por uma situação dessas. Decerto por não existir muitas plantas carnívoras – e com atitude – nas cidades em que morou, no seu mundo normal.

Foi quando Will deparou-se com a queda d'água. Escapar dos tentáculos da planta carnívora foi só o começo. Salvar-se da queda em uma cachoeira seria muito pior.

Por que eu inventei de vir pra esse lugar?

Prestes a ir cachoeira abaixo, outro tentáculo esverdeado emergiu ao seu lado e avançou pelo ar, passando muito próximo à sua orelha. À frente, o rio desaguava num verdadeiro abismo.

Dane-se a planta! – esticou o braço, agarrou-se ao tentáculo do vegetal e entregou-se ao destino.

As águas jorraram por cima de Will, aumentando velocidade da sua queda.

Aguenta firme, plantinha! Aguenta firme! – torcia para que o tentáculo em que estava agarrado suportasse o seu peso, caso contrário, despencaria nuvens abaixo.

Tudo bem que ele não era pesado, aliás, um dos mais magros da

sua nova classe, mas nunca soube o quanto poderia aguentar um cipó.

De repente, as suas mãos sentiram o tentáculo enrijecer, talvez no fim da sua elasticidade. A queda cessou. Porém, as águas continuavam a jorrar sobre o seu corpo com tanta força que suas mãos começavam a escorregar.

Como saio fora daqui? – perguntou-se. As mãos já fracas, não suportariam muito mais tempo aquela situação.

Sentiu o tentáculo vibrar, seguido de pequenas quedas, como se a planta dona do tentáculo estivesse se desgrudando do fundo do rio.

- Ai, não!

Em poucos segundos, seu corpo despencou, junto com o cipó.

Não olha, não olha, não olha. . – repetia, enquanto caía de costas. A água pressionando o seu peito só aumentava a velocidade com que caía.

Apesar do medo, foi vencido pela teimosia. Ao abrir os olhos, viu lá no alto a planta carnívora ser lançada cachoeira abaixo. Seria o fim, dela e de Will.

Will virou o corpo no ar, ficando-o barriga para baixo, e apertou os olhos mais uma vez. Era apavorante. Não havia para onde correr. Voar? Quem dera... Mesmo que pudesse, como encararia o céu se os seus pés achavam seguro somente o chão?

Droga! Morra com dignidade, seu paspalho – caçoou de si, cheio de ódio do medo idiota de altura. Poderia muito bem não ter saído de casa.

Impelido a enfrentar com coragem aquele último momento, abriu os olhos. Mal pôde acreditar no que via. Um tapete de nuvens logo abaixo se estendia até o horizonte. Eram tão brancas que chegavam a ofuscar sua vista ao refletirem a luz do Sol. Cada vez mais próximas...

Numa visão lateral, percebeu que havia acabado de cair de uma massa de terra imensa e flutuante, acima das nuvens. Seu coração disparou como se quisesse adiantar todas as batidas do restante da sua vida. Will não fazia a menor ideia do que havia abaixo das nuvens. Podia ser o chão, talvez um oceano, ou senão um vale de espinhos. Muitos espinhos! De qualquer jeito, estaria ferrado.

Então caiu na bruma densa, a cabeça parecia girar, a visão ficou turva, até que perdeu a consciência.

Longe dali, Nic despertava depois de um bom descanso.

Espreguiçou-se e abriu os olhos. Via um teto branco, todo enfeitado com móveis espelhados. Incomodada com a claridade, levou a mão ao rosto para proteger a visão, mas não deu muito certo. Então sentou-se na cama.

- Gente! Aonde eu vim parar?

A cama onde estava não era a sua. Os vários móveis que se lembrava de ter no quarto desapareceram. Onde estavam suas coisas?

Levou os dedos até o pingente, gostava de girá-lo enquanto pensava.

Havia sumido.

Teria deixado em casa? Olhou de baixo da cama em busca da pedrinha em formato de coração. Nada.

Um vento refrescante acariciou seu rosto. Vinha do outro lado do cômodo, onde havia uma enorme janela, tão grande que a parede mais parecia a moldura de um retrato do céu. A sua mãe nunca colocaria uma janela desse tamanho em seu quarto, não mesmo. Cair dali seria muito perigoso. Se ela visse isso, com certeza mandaria tapar na mesma hora esse buraco gigante.

No parapeito, repousava um vaso muito fino, com um botão de rosa vermelho a desabrochar, igual ao vaso na mesa do último jantar.

Foi quando o reflexo do Sol brilhou no teto. A luz passava por uma claraboia de vidro, os raios incidiam nos diversos espelhos dos móveis.

Quando os espelhos mudavam de posição, pareciam piscar, como inúmeras estrelas a brilhar por todo o teto do quarto.

Nicole se encantou com os triângulos e quadrados, desenhados pelos espelhos nas quatro paredes brancas. As figuras, quase douradas, moviam-se como num balé, conforme regia o vento que vinha da janela e que circulava por todo o quarto.

Tudo era tão branco e a luminosidade tão intensa que parecia vir de todos os lados.

Mas, onde estaria a porta? Se Nicole não estivesse enganada, todo quarto *deveria* ter uma.

Lembrou-se das vezes em que brigava com Will. Ela corria para o quarto e se fechava lá por uma tarde inteira. Agora, não havia porta para fechar ou abrir.

Levantou da cama. O chão aquecido, talvez pelo sol, muito diferente do chão gelado do seu quarto de verdade, deixava o ambiente bem aconchegante.

Sua mochila estava aos pés da cama. Como o pingente, as pantufas também haviam desaparecido, mas havia um par de tênis do outro lado do quarto, abaixo da janela. Achou melhor calçá-los.

Caminhou até lá admirando a linda flor. Antes de se abaixar para calçar os pés, não resistiu a olhar para fora. Foi quando tudo fez sentido.

Nic arqueou as sobrancelhas e bateu a mão na testa.

- Esse lugar é igualzinho ao meu sonho!

Lá fora, um grande dragão branco voava ao longe, livre como os pássaros. Sobre ele, via um homem, meio magro, parecia um cavaleiro, igual àqueles dos filmes da TV. Ele comandava o grande réptil voador pelo céu. Deslizavam juntos pelo ar, como se fossem tão leves quanto uma pluma.

Nic ficou maravilhada ao ver o animal mergulhar no ar em grande velocidade. Segundos antes de afundar num rio, ele abriu as asas e rasou em direção oposta às águas.

- Gente, que coisa mais incrível!

Não demorou para o dragão tornar a bater as asas e subir cada vez

mais, tomando uma nova direção, parecia vir rápido ao seu encontro. Nic deu dois passos para trás. Apesar da enorme janela, seria loucura um

dragão tão grande tentar passar por ela.

A cabeça do réptil a impedia de ver o rosto do homem que o

montava. Apertou os olhos, concentrando a visão, mas nesse momento, o

dragão deu outro mergulho e desapareceu pela moldura da janela.

Nic correu até o parapeito e colocou a cabeça para fora. Sua mão

esbarrou sem querer no vaso, que tombou para o outro lado. Só então

percebeu a altura daquele lugar.

O dragão havia desaparecido. Apenas a rosa vermelha se movia,

caindo com o vaso até ele se estilhaçar nas pedras.

Ao olhar para os lados, percebeu que estava em uma das várias

torres de um grande castelo.

De repente, surgiu diante dos seus olhos um corpanzil albino.

Assustada, deixou escapar um grito. À frente, o dragão batia asas, a

encarava, com seus olhos grandes, azuis... lindos. O susto, afinal, acabou valendo a pena.

Na certa, o dragão deu uma volta na torre antes de reaparecer.

Ficou curiosa para saber mais sobre aquele animal que em seus

sonhos nunca a olhou como agora.

- Sei que não se esqueceu de mim, querida Nicole – disse uma voz

familiar.

O dragão afastou-se da janela, depois virou de lado, revelando em suas costas um homem de pele clara, sentado numa sela. Os cabelos compridos e negros, presos atrás da cabeça, não deixavam dúvidas de quem era. Ao falar, a voz confirmou as suspeitas:

– Seja bem vinda novamente ao seu mundo dos sonhos.

CAPÍTULO 5

ENTRE SONHO E PESADELO

Se Will visse Nic agora, certamente diria “não fale com estranhos!”.

Mas quem estava à frente dela não era um estranho, muito pelo contrário, o conhecia. O mesmo cavanhaque sério, os mesmos olhos verdes, alegres e amorosos.

- Kírios!

Ele sorriu em resposta. Em seguida, soltou a rédea e estendeu-lhe a mão alva.

- Recebê-la por aqui é uma honra. Eu gostaria de aproveitar esta manhã tão bonita para levá-la num passeio. Se importaria em voar de dragão?

Ela olhou para o dragão, mexendo-se sem parar, balançando o corpo no mesmo ritmo em que batia as asas.

- Voar aí? – franziu a testa - Tem certeza?

- Fique tranquila, Nicole. Esta sela para duas pessoas é bastante

segura.

Ela lembrava-se bem de Kírios em seu sonho. Gentil, bondoso.

Confiava nele. Encontrá-lo significava que o seu sonho havia mesmo se tornado realidade.

Seria fantástico ter Kírios como guia, para conhecer ao vivo tudo o que pudesse daquele lugar! Claro que, subir num dragão, num dragão de verdade, dava muito medo. Até onde se lembrava, só voou de dragão uma única vez, e foi em sonho. - *Mas agora seria real!* – Sentiu até um friozinho na barriga só de pensar na possibilidade de desbravar o céu, voando num animal tão... tão... diferente.

Ao notar Kírios encarando-a, como se aguardasse uma resposta,

Nic balançou a cabeça e sorriu.

- Tá legal! – disse ela - Espera um pouquinho só! – em êxtase, abaixou-se para enfim calçar o tênis. Com os pés confortáveis, correu até o pé da cama para pegar a mochila. Segurou-a pela alça, jogou-a nas costas, depois voltou correndo até a janela.

- Pronto!

Só havia um problema.

Olhou para baixo mais uma vez. Impossível saltar em segurança.

- Mas... como faço para chegar aí? - olhou para Kírios à espera de uma resposta; quase arrependida por aceitar o passeio.

- Drake precisa ficar distante para bater as asas – disse ele, como se

entendesse a preocupação de Nicole. – Por isso não posso me aproximar muito. Confie em mim – tornou, os olhos fixos nos dela transmitiam

segurança. – Primeiro, suba na janela.

Nic lembrou-se de quando quis fugir de casa e de Will através da janela do seu quarto. Se na ocasião ela achou que poderia usar uma corda feita com lençóis, agora precisaria sair voando?

- Não tem outro jeito de subir aí? - quem sabe se eu conseguisse descer até o chão primeiro... Você não teria uma escada sobrando, teria?

Escondida ou... invisível?

Kírios gargalhou.

- Nicole querida, de onde está até chegar ao chão, só há duas maneiras: caindo feito pedra, ou montando neste dragão. Se me permite, sugiro a segunda alternativa. Garanto que não irá se machucar. Escadas dão muito trabalho para subir ou descer, entende? Atravessar paredes e voar são meios muito mais rápidos e divertidos de se locomover.

Ela adorou a ideia. Mas achou estranho não existir ao menos uma escada. Por fim, seria melhor fazer o que Kírios dizia. Afinal, era Will quem tinha medo de altura, não ela.

Com cuidado, Nicole subiu no parapeito. O chão parecia muito mais distante. Encarou Kírios, à espera do próximo passo. Que maluquice, afinal.

Nesse momento, surgiu sob seus pés uma prancha, que aos poucos aumentou em tamanho, formando um tipo de passarela, ligando a janela ao

dragão. Nic se surpreendeu ao ver aquela mágica. Parecia uma daquelas pranchas de navio pirata, de uma das histórias dos livros em sua estante, onde os prisioneiros tinham que caminhar até serem jogados ao mar. Bem... talvez fosse melhor não pensar nisso.

A escada ainda seria uma boa opção.

Tomou coragem e levou o pé até a passarela para testar a resistência. Pressionou-a, depois suspirou em alívio. Enfim, era segura. Então caminhou até a outra ponta.

De tanto que o dragão balançava ao ar, Kírios parecia ter dificuldade em manter a sela ao nível da prancha. Ele ajudou-a a subir e perguntou em seguida:

- Pronta?

Por mais medo ou insegurança que ela estivesse sentindo naquela hora, não achou nada melhor pra dizer a não ser:

- Sim!

- Muito bem. Então vamos, Drake. Daremos o passeio mais emocionante que a pequena Nicole já teve na vida!

Dito isso, a passarela lentamente retornou ao parapeito. Em seguida, o dragão mergulhou no ar, ganhando cada vez mais velocidade, depois subiram ao céu e avançaram, acompanhando o curso do rio. Trovões.

Will acordou de repente, assustado. Seus olhos se deparavam com

estranhas manchas avermelhadas piscando no céu. Pareciam milhares de relâmpagos vermelhos percorrendo toda a extensão de um forro de nuvens escuras, como se estivesse prestes a irromper numa grande tempestade de sangue. No fim das contas, acordar não foi o suficiente para livrá-lo do pesadelo. A cena do acidente não saía da sua cabeça. Ainda estaria dormindo?

Oi filho, já estou a caminho. . – disse o seu pai pelo celular, no sonho, enquanto dirigia.

De repente, dois faróis surgiam na curva logo à frente dele. Seu pai largou o telefone e tentou girar o volante para desviar, mas era tarde. O caminhão veio em sua direção...

Pela primeira vez Will sonhou com o acidente. Mas o cenário do sonho não parecia pior do que este que presenciava. Onde estaria?

Parecia estar deitado num tapete de pelos fofo, úmido e gelado.

Estremeceu. Em meio a assobios, as rajadas de vento roubavam o calor da sua pele molhada.

Ao longe, os raios caíam momento a momento em direção ao solo.

Apenas os relâmpagos vermelhos iluminavam o ambiente. Como nuvens poderiam gerar raios vermelhos?

Apoiou os braços de qualquer jeito e levantou-se rápido. O tapete onde imaginou ter caído, na verdade era um emaranhado de tentáculos da mesma planta carnívora que quase o matou no rio. Pelo visto, Will a

esmagou quando caiu. Ao menos ela amorteceu a sua queda. Agora estava mais para uma grande batata amassada.

Há poucos metros, no chão, o corpo imóvel de uma criatura gigante e com asas sangrava por inteiro. A poça de sangue escuro aumentava a cada segundo.

- Eca!

Teria atingido o animal enquanto caía? Não conseguia se lembrar de nada.

Aproximou-se. Talvez fosse o bicho mais estranho que viu até então. Os dois longos pescoços eram repletos de escamas; as cabeças esguias mantinham as bocas abertas, mostrando dentes do tamanho de facas. Pareciam duas serpentes presas a um único corpo, com um par de asas finas e pontudas.

- Coisa horrorosa.

Afastou-se. Preferiu não mexer no cadáver.

Olhou para as roupas encharcadas. Bufou.

- Belo banho.

Em seguida, olhou em volta. Custou a acreditar no que via. Diante de tudo que passou, imaginar coisas talvez fosse natural... ou não.

- Que raio de lugar é esse?

Estava em meio a uma clareira. Ao redor, centenas, talvez milhares

de árvores queimadas como carvão, enfiadas no chão cinza e pedregoso. Um cenário horripilante. Parecia um dos filmes de terror que acompanhava na TV tarde da noite. Além dos trovões constantes, barulhos estranhos vinham de dentro da floresta, como se fossem ganidos e rosnados. Juraria ser de um lobisomem, depois de ver tantos filmes a respeito. Will arrepiou-se quando os uivos se intensificaram.

Não, não. Lobisomens não existem.

Mas, se não fossem lobisomens, o que seriam então? Não conseguia distinguir de quem ou *do que* eram aqueles ruídos.

O cenário mórbido implorava por um pouco de luz do Sol. Afinal...

onde estava o Sol? Só havia nuvens por todo o céu, todas carregadas de eletricidade. As árvores recebiam uma luz tímida, avermelhada. Tudo lembrava a sangue.

Vou ter sorte se esses raios não caírem na minha cabeça. – cruzou os braços, tremia de frio. *Como vou achar a pirralha por aqui?*

Os sons vindos da floresta persistiam. A penumbra encobria qualquer ameaça à espreita.

De repente, foi surpreendido por sons de galhos se quebrarem.

Entre os espaços das árvores, surgiam diversos pares de olhos azulados, luminosos. Piscavam alternados, olhavam em sua direção.

Will tentou engolir alguma saliva, mas o nervosismo era tanto que

a boca seca não lhe forneceu nenhuma gota.

Deu um passo para trás. Queria sair sem fazer barulho. Não seria conveniente ameaçar os nativos. Ao dar o segundo passo, parou. Sentiu um

ar quente ser lançado em seu pescoço, seguido pelo barulho de uma respiração intensa. O que estava atrás de si rosnou feito uma fera prestes a avançar sobre o inimigo.

Will virou-se devagar até ficar frente a frente com uma monstruosidade. Parecia um lobo todo deformado. A cabeça cheia de cavidades, de onde vinha o ar quente da respiração direto no seu rosto. Os dentes tremiam com o rosnar. Os grandes olhos, um amarelo, o outro azul, luziam intensos, como se essa luz o permitisse ver melhor naquele mundo sombrio, para se esconder, ou mesmo para encontrar comida.

Estraçalhado e devorado por uma besta selvagem, havia melhor modo de morrer?

O animal hesitava em atacá-lo, mas por quê? Poderia acabar logo com isso e dar uma dentada em seu pescoço.

Nesse instante, o lobo virou a cara na direção da ave morta - ou da serpente, ou das duas, enfim, ave e a serpente eram uma coisa só, - dilatou várias vezes as narinas, inalava um cheiro que Will não conseguia sentir.

O que faria? Estava encurralado pela fera quadrúpede, quase do seu tamanho, ou talvez maior; a superfície metálica da couraça, tão escura

quanto às árvores carbonizadas, refletia os clarões do céu; as asas iguais às de um morcego gigante moviam-se, inquietas. Will seria devorado.

Foi quando outros rosnados vieram detrás de si. Só podiam ser de mais criaturas a se esgueirar entre as árvores.

Estou ferrado – pensou.

Will torceu o pescoço e olhou por detrás do ombro. Viu inúmeros lobos, de olhos azuis luzentes se aproximarem.

Seria trucidado por todas aquelas mandíbulas. Por mais que imaginasse alternativas, não havia para onde correr.

Ao voltar o rosto para a fera, deparou-se com as pupilas, amarela e azul se estreitando, parecia anunciar o ataque.

O animal recuou o corpo, como se tomasse impulso, feito um tigre preparando-se para estraçalhar a presa. A dona morte se aproximava com garras e dentes.

- Não! – disse ele, ao ver a criatura saltar.

Enquanto se abaixava, de mãos na cabeça, ouviu um estampido, seguido de um barulho grave.

Surpreso por ainda viver, deparou-se com o animal estendido

numa pequena cratera à frente, estático, parecendo nem ter saltado para agarrá-lo, mas afundado ao chão. Sobre o corpanzil corriam ondas de

eletricidade avermelhada.

Um raio – deduziu.

Então todas as feras atrás de Will ganiram, sons agudos, ensurdecedores, parecendo gritos de guerra. Ele se levantou, olhou para elas, depois levou a mão à testa.

- Mais essa!

Precisava dar o fora. Sem mais tempo a perder, visualizou o caminho a seguir, saltou por cima da cratera e do bicho desacordado. Por pouco não caiu no buraco junto com ela. Avançou para a floresta, sem nem ligar para qualquer outro perigo que houvesse.

Numa olhadela para trás, se surpreendeu com a quantidade de bestas enfurecidas avançando em sua direção. Corria o risco de ser alcançado, abocanhado, estraçalhado a qualquer momento.

Minutos atrás, o raio poderia tê-lo acertado ao invés de atingir o bicho. Sobreviveu ao primeiro ataque, mas quem garantiria que sobreviveria ao segundo? Precisava manter-se vivo a todo custo. O retorno da sua irmã dependia disso.

Os animais pareciam se aproximar cada vez mais. As chances de escapar com vida diminuía a cada momento. Foi quando o pé de Will enroscou numa das inúmeras raízes que costuravam o chão da floresta. O seu corpo foi lançado para baixo, caindo de bruços.

Mas que droga!

Surrou o chão E olhou para os predadores que avançavam.

No momento em que uma das feras parecia prestes a saltar sobre ele, surgiu por cima da sua cabeça uma figura inesperada. Um passarinho azul voou sobre si e rodopiou à sua frente, pondo-se no caminho das feras.

Mas que diabos é isso?

Em outras circunstâncias – menos perigosas – ele nem se importaria com aquele bichinho. Mas seria suicídio colocar-se na frente daqueles animais.

De repente, esse passarinho tão pequeno e frágil, converteu-se em uma grande ave azulada, tão alta quanto um homem, com quatro patas, além de asas grandes, imponentes. Boquiaberto, Will mal acreditou quando aquele grande bico amarelo e curvado abriu-se, num cantar tão alto a ponto de produzir ondas sonoras visíveis aos seus olhos, que deslizaram pelo ar até atingirem os predadores e paralisarem seus movimentos. Com o impacto das ondas, os animais ficaram estáticos.

- Mas que espécie de bicho você é? – disse Will. *Será possível que esse passarinho seja aquele da janela no quarto da Nic? Não.* . balançou a cabeça.

- Só pode ser loucura!

Foi quando a ave imponente virou-se para Will e fez reverência.

Flexionou uma das patas dianteiras, depois abaixou o cabeção azul, levantando as penas no topo da cabeça. Depois ergueu os olhos, encarou-o. Talvez quisesse que ele subisse em suas costas.

- Nem morto que eu vou subir aí! Mesmo que seja a única forma de

sair desta floresta idiota! – olhou outra vez para os predadores; recobravam os movimentos.

O canto da ave perdia o efeito paralisante, as feras começavam a se mexer. A última coisa que Will faria seria esperar elas acordarem para persegui-lo de novo.

Olhou uma última vez para a ave azulada.

- Presta atenção, passarinho. É melhor você cair fora daqui antes de ser devorada – deu-lhe as costas e correu floresta adentro.

Enquanto corria, Will escutou um novo ganido ecoar pela floresta.

Só podia ser o anúncio de outro ataque.

Já ofegava, quando reparou em pontuações luminosas e azuladas surgirem entre as árvores a seu lado. Pareciam novos olhos, de mais daqueles bichos saídos do inferno; o cercavam.

- Ah não, de novo não... – disse, enquanto corria para se salvar.

Agora, fugia não apenas dos predadores que encontrou na clareira, mas também dos inúmeros outros que até então se encontravam à espreita na floresta; todos avançavam em sua direção. Nessa caçada, Will era a presa.

Ao olhar mais uma vez por trás dos ombros, viu a grande ave azulada correr em sua direção, chegando cada vez mais perto. Ela abriu as asas, iniciou as batidas e alçou voo.

Will voltou a atenção para frente momentos antes de saltar por

cima de um tronco enorme atravessado em seu caminho.

Mais depressa, mais depressa. . – ele olhou novamente para trás. Viu o pássaro quase trombar em uma das árvores. Mas ela virou tão rápido o próprio corpo que suas patas se agarraram ao tronco e impulsionaram o seu corpo à frente, dando-lhe maior velocidade.

Bem ao lado de Will, um dos predadores aproximava-se, rosnava ensandecido, parecia pronto para saltar em sua direção.

De repente, ele deu o bote.

- Sai de mim, bicho feio! Me deixa! – gritou e abaixou a cabeça no momento em que a bocarra do bicho cravaria os dentes nele.

Por fim, a criatura abocanhara apenas o ar, viu-a passar por cima de si e bater em cheio numa das árvores do outro lado, para depois cair no chão, desacordada.

De repente algo puxou o colarinho de seu pijama. Seus pés deixavam o chão, ainda balançando como se continuassem a correr.

Tentou se desvencilhar, debateu-se, em vão. Ao virar a cabeça para trás, viu quem o capturou, as longas penas flamulando em uma cauda azul.

- É você, sua ave idiota? Me solta. Eu quero descer! – mas subiam cada vez mais. Suava frio só de sentir o vento bater no rosto.

Mas o pássaro permaneceu em silêncio. Perfeito, o ignorava. Tudo

não podia ficar pior, ou podia? Ele olhou para as criaturas diabólicas ao chão, sob seus pés. Nesse momento, várias delas saltaram e abriram suas asas pontiagudas. Alçavam voo em sua direção.

Em questão de segundos os predadores se aproximaram. Por pouco não abocanharam seus pés e a longa cauda do pássaro gigante. Ganhavam altitude suficiente para desviarem da mira das feras. Agora voavam por cima das árvores.

- Não olha pra baixo, não olha pra baixo! – dizia Will a si mesmo, tapando os olhos.

Mas não aguentou a curiosidade e abaixou as mãos, tornou a olhar para os predadores, ainda em seu encalço.

- N-na-não me larga, não me larga, passarinho.

As nuvens agitaram-se, contorciam-se no céu, as descargas elétricas pareciam se intensificar. Precisavam ser rápidos se não quisessem virar refeição de monstro, ou serem eletrocutados por um raio vermelho.

A floresta abaixo deles começava a ganhar vida. As nuvens, que pareciam ficar menos espessas ali, permitiam poucos feixes de luz chegarem ao solo. Por um momento, Will pensou ter visto um pontinho de céu azul. Poderiam escapar para lá, mas infelizmente não era ele quem determinava qual direção seguir. Aquele pássaro gigante o irritava.

Ouviu o som de um rasgo.

- Meu pijama! Ei, eu vou cair! Se me entende, coisa grande, me tira daqui!

Nesse momento, o pássaro emitiu um som estranho, que Will

nunca ouviu na vida. Se pudesse vê-lo, diria que a ave havia se ferido. Então seus olhos se surpreenderam.

Não muito longe, uma das árvores queimadas da floresta cresceu em tamanho, ultrapassando a altura das demais. Em poucos segundos sua copa encheu-se de folhas.

- Que loucura! A gente vai esbarrar naquela árvore, você está vendo?

Lembrou-se do seu videogame. As aventuras dos jogos na tela da televisão eram de longe menos malucas que esta. Os momentos de perigo das novas fases no jogo nem chegavam perto do que vivia agora. Tudo isso por ele ter se enfiado num portal luminoso e ido parar num mundo completamente surreal. Agora, estava preso ao bico de uma ave gigante. Morreria enfiado numa árvore ou despencaria do bico do pássaro.

- Nicole, você me paga, anãzinha de uma figa.

Prestes a colidir com o vegetal gigante, Will apertou os olhos. Em segundos, os galhos batiam em seu corpo, como diversos socos de um Quebra Ossos enfurecido.

Nic iria se arrepender por isso.

CAPÍTULO 6

ESTRANHA MASCARADA

Kírios sorria por ter conseguido trazer Nic à Ilha sem que ninguém

interferisse. Embora devesse tomar cuidado para que a única pessoa capaz de arruinar seus planos continuasse exilada.

Bem acima das nuvens de energia, voando sobre Drake, Kírios mostrava à Nic as belezas da ilha flutuante.

- Não há nuvens além das que estão abaixo de nós. Por isso

podemos ver o Sol todo o tempo. Aqui nunca anoitece – disse Kírios para Nic, sentada atrás de si. Sem dúvida ela não esqueceria dos belos riachos,

cachoeiras e árvores de todos os tipos que viram durante o passeio. Ela parecia muito contente. Por vezes soltou gritos de surpresa e suspiros de alegria enquanto voavam pelos lugares mais exóticos da ilha.

As águas do rio ficavam para trás. Drake saía dos limites da grande porção de terra flutuante. Após passarem pela extensa cachoeira, puderam ver o rio se misturar com o assoalho de nuvens brancas. A cor das nuvens quase se confundia com a pele alva do dragão. Nic parecia entusiasmada. Sua voz vibrava de felicidade. O lar dela seria ao seu lado agora.

Kírios conseguia entender perfeitamente cada pensamento e sentimento seu. Saltavam-lhe à cabeça como se fossem seus próprios. Por isso, carregava em si a certeza de que Nic aproveitava como nunca aquele momento, aquele sonho só dela. O tempo não mais existia. A pequena Nic possuía todo o tempo do mundo para ser feliz.

- É tudo tão lindo! – disse ela, ao soltar a cintura de Kírios para abrir os braços. Parecia um passarinho que experimentava pela primeira

vez a sensação de liberdade - Você estava no meu melhor sonho, Kírios, agora

está na minha frente! – abraçou-o na cintura - Eu até escrevi sobre este lugar lindo no meu diário, com medo de acabar esquecendo. Pena que

eu deixei ele em casa.

Os pensamentos de Nic chegavam para Kírios em turbilhão. Achou

por bem explicar a ela *como* as coisas funcionavam. Odiaria que ela ficasse surpresa ao descobrir por si só os segredos daquele mundo. Nem tudo

precisava ser revelado a ela, mas também não precisaria enganá-la. Aos poucos a verdade surgiria e ela se acostumaria com tudo.

- Na realidade, querida Nicole, é *você* quem está aqui, não o contrário. Sou apenas uma projeção da sua mente.

- Como assim? – disse ela, a pergunta que Kírios já havia previsto

antes mesmo de Nic fazê-la. - Você tem carne e ossos... – muito esperta, apalpou a cintura dele, comprovando a sua humanidade.

- Sim, você tem toda razão. Mas precisa entender que eu *estou em*

você. Não existo fisicamente. Você vê apenas o que sua mente acredita ser real.

Kírios percebeu a confusão dela naquele momento. Adentrando na

mente de Nicole, encontrou uma pontinha de solidão, de tristeza. A imagem

que Nic fazia de si mesma em seu subconsciente era a de uma frágil boneca

de porcelana, bem no meio de uma ponte pênsil, ligada pelas pontas a um

desfiladeiro enevoadado.

Ela parecia ter talvez cinco anos ou menos, sozinha, dependente,

humana demais num lugar tão diferente e perigoso, frágil demais, inocente

demais.

- Sabe, Kírios, eu desejei tanta coisa antes de aparecer aqui. Você sabe disso, não sabe? – disse ela, desconcentrando-o.

Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça.

- O meu dever é protegê-la sempre, Nicole, além de tornar possível o impossível... *tudo* para você, para ninguém mais. – abriu os olhos, apontou para a cachoeira, ordenou mentalmente a Drake que retornasse à ilha. O dragão obedeceu.

- Entendi, eu acho – disse ela.

Mais uma vez Kírios sintonizou os seus pensamentos com os de Nic. Os seus olhos eram os dela, também seus ouvidos, sua mente.

Nic olhou para baixo, via as nuvens como uma grande porção de algodão doce. A boca dela salivou. Esse lugar todo era doce, pura alegria, pura magia. Assim ela encarava o seu mundo de sonhos, a mais linda festa ou brincadeira.

De repente, ao interceptar a pergunta que brotava na mente dela, Kírios tremeu. Precisava de uma boa resposta.

- O que tem lá embaixo? - disse ela, tão logo a frase terminou de se formar na sua cabeça. Apontava para as nuvens.

Cedo ou tarde ela iria desconfiar ou até mesmo descobrir tudo.

Kírios não podia mentir, mas também não precisava revelar os seus segredos por conta de uma pergunta inocente. Ele queria ter certeza de que a sua princesinha estaria sempre segura e feliz, apenas isso. Nada mais

importava. Pois a felicidade de Nic também lhe asseguraria a existência.

- Não há nada para você lá embaixo, querida Nicole. O mundo de verdade está aqui em cima. Lá há escuridão. É onde vivem criaturas da noite, perigosas, perdidas em sua raiva. Elas não gostam muito de intrusos.

Lá existe apenas medo, dor. Chama-se... Exílio. A cachoeira é responsável por manter as nuvens que está vendo. E as nuvens impedem que os

monstros venham até a Ilha. Por isso sempre estará segura comigo.

Neste momento, uma dor aguda na cabeça de Kírios anunciava um

pensamento ruim em Nicole, a própria versão dela sobre o mundo abaixo

das nuvens. Criaturas grotescas, terríveis, de um olho só, borbulhando

verrugas, arranhando umas às outras, vagando por um lugar sem chão, sem

paredes, uma escuridão vazia. O medo tomou conta de si. Se dependesse dela, nunca conheceria esse lugar terrível.

Kírios suspirou tranquilo. Afinal, seria imprudente ela descobrir

sobre...

Foi então que os pensamentos de Nic infiltraram-se em sua cabeça

como facas. A dor ficou mais forte, vinha à tona uma lembrança, o momento

em que ela desejou com todas as suas forças viver sem a intromissão de ninguém, fazer as próprias escolhas. Queria ser a única estrela do céu, a única bailarina do palco, a princesa de um conto de fadas; queria nunca mais ser tratada feito criança. Ainda no pensamento, Nic segurava um

caderno rosado na mão, o seu diário. Conversava com ele sobre o seu

sonho, sobre como o seu irmão a ignorou, a fez sofrer, contou que queria desaparecer para sempre, fugir para o lugar mais belo que visitou enquanto

dormia, o castelo, o paraíso. Ela descreveu Kírios como o seu amigo mágico,

um bruxo. E, por algum motivo também contou sobre *a pedra mágica*.

Apesar de sentir-se culpada por deixar a sua mãe, acima de tudo

queria distanciar-se do seu irmão, Will. Ali ele *nunca* poderia encontrá-la, nunca poderia entrar. Will não deveria mais fazer parte da sua vida. Ele a

decepcionou muito. Sim...

Will já era!

Este foi o último pensamento de Nic, gravado em Kírios como se marcado em seu peito a ferro quente.

Kírios pressentia que Will não estava longe. Sentia a energia dele, exalando medo e coragem ao mesmo tempo. Ela vinha...

Do mundo inferior! – concluiu - *Mas. . como?*

Ele faria qualquer coisa para impedir que Will encontrasse Nicole.

- Os seus desejos mais íntimos, querida Nicole, são a minha razão de existir. Você já passou por muitos momentos tristes, por isso aproveite este lugar ao máximo. Se estiver feliz, eu também vou estar. Vou tomar conta de tudo... Tudo. Bem vinda ao seu mundo dos sonhos.

Então, materializou um algodão doce nas mãos de Nic. Ao pressentir o largo sorriso no rosto dela, atrás de si, ele sorriu também.

Enquanto Drake voava sobre a cachoeira e retornava à Ilha, Kírios planejava ensinar Nicole a materializar os próprios desejos. Isso a distrairia e o faria ganhar tempo até encontrar o garoto que poderia colocar em risco

seus planos para ela.

Abaixo das nuvens, depois de mergulhar na copa da árvore e permanecer pendurado ao bico do pássaro gigante, Will se perguntava o que mais poderia acontecer.

- Solta o meu pijama! – ordenou para o pássaro azul. – Mas, antes mesmo que a ave abrisse o bico para libertá-lo, o pijama terminou de rasgar, fazendo-o cair sentado no chão.

Quando Will estava prestes a esbravejar palavrões para a ave gigante, só conseguiu ver a pata enorme do bicho se levantar e tapar-lhe a boca, os dedos compridos e finos deram a volta em torno da sua cabeça.

Surpreso, arregalou os olhos. Em seguida, com o bico, a ave apontou para cima, parecendo indicar algo.

Não acredito que vou dar atenção a esse pássaro idiota! – Mesmo resistindo, olhou. O mesmo bando de feras aladas que os seguiam há pouco

voava por cima da árvore gigante e seguia em frente; na certa à procura dos dois.

Voltou o olhar para a ave e apontou o indicador para a sua boca, gesticulando para que a soltasse. Logo depois ela soltou-o.

- Puft, Puft! – cuspiu. - Nojo! Sei lá onde você andou pisando... – ela olhava-o, indiferente - O que foi? Quer que eu te agradeça? Pode esquecer. -

Levantou-se, bateu a mão no traseiro na tentativa de tirar um pouco da terra, impregnada na roupa molhada. Mal começou e desistiu da tarefa

impossível.

Olhou ao redor. Estavam em outra clareira. Os poucos feixes de luz que viu momentos atrás continuavam presentes, mas mudavam de lugar. Ora sumiam, ora apareciam em outros lugares, seguindo o ritmo das nuvens no céu, que se embolavam e eletrizavam em raios vermelhos a todo instante. Pelo menos o som dos trovões já não era constante.

– Caramba, aonde você me trouxe?

- Bem vindo ao Exílio. – disse uma voz feminina atrás de si.

Ao virar-se, deu de cara com uma moça alta, magra, aparentava ser forte. Parecia uma das guerreiras saídas de seus jogos de aventura. Toda cheia de parafernália, como se estivesse preparada para desbravar a Floresta Amazônica, ou para combater índios selvagens. Até parece mesmo.

Os olhos verdes e a boca rosada eram as únicas partes visíveis do seu rosto, por conta da máscara dourada que ela usava. Parecia grudada no rosto dela, já que não via fios prendendo a máscara à cabeça.

Os cabelos brancos, meio rosados por causa do reflexo dos raios, balançavam feito um pêndulo atrás dela à medida que vinha em sua direção. Bonita, Will não podia negar. Devia ser uns cinco, talvez seis anos mais velha que ele. Bom, talvez dez anos. Ela até parecia sorrir ao vê-lo, ou era impressão?

Recuou; suas costas esbarraram no bico da ave gigante,

impedindo-o de se afastar mais.

- Vejo que conheceu Flique, o meu guardião – disse a moça.

- Guardião? – virou o rosto para a ave. - Essa... coisa quase me matou!

- Será mesmo? – disse ela, parecendo desaprovar. Em quem acreditaria, num humano, ou num pássaro? Se aquilo fosse mesmo um pássaro.

A moça andou até a ave, acariciou aquele cabeção azulado, depois

desceu a mão para afagar o pescoço largo. Foi ao observar o pescoço de Flique, que Will reparou no dela. Usava uma espécie de cordão, onde

pendurava-se uma tipo de amuleto, parecido com... *um olho*.

- Quando vi aquela ave-serpente solitária no céu, caindo sem motivo, pedi que Flique fosse na frente dar uma checada – ela continuou.

Então foi você o responsável. – Will não entendia nada. Ela estava falando daquele animal morto com cabeça de cobra? - Além de guardião, Flique também é o meu meio de transporte. Caso não tenha reparado, garoto, andar pela Floresta Cinzenta *sozinho* não é uma boa ideia.

Como se fosse novidade para ele, já de saco cheio dessa história toda. Não tinha a obrigação de saber como sobreviver nesse lugar ridículo.

Olhou bem para aquela moça estranha, aproximou-se e apontou-lhe o indicador.

- Escuta, donzela mascarada... qual o seu nome?

- Alina – ela respondeu, cruzando os braços.

- Escuta aqui, Alina, eu não sei *quem*, ou *o que*, você é, e não sei o que esse bicho estranho e azul aí atrás quer de mim. *Um*, onde estou? *Dois*,

por que aquelas criaturas lá na floresta estavam atrás de mim?

Alina olhou-o como se pudesse enxergar o sangue correndo nas veias da sua cabeça. Impaciente, respondeu:

- Quem é você, garoto, pra chegar me dando ordens?

- Me chamo William – ele retrucou, de cabeça erguida.

Alina franziu a testa. Em seguida, tirou tão rápido algo de sua bota, que ele mal acompanhou seus movimentos. Já era tarde demais quando se deu conta da lâmina gelada encostada em seu pescoço.

- Sabe William – dizia Alina, enquanto pressionava o que seria uma adaga contra sua pele. Ele recuava aos poucos, mas a moça avançava em sua direção, mantendo-o sob ameaça, - eu costumo matar as criaturas que rondam por aqui. Geralmente são monstros, animais das sombras. Quem sabe dentro de você não tenha um monstro também, hein? – o coração de Will disparou - Quem sabe, se eu te abrir com essa adaga, o monstro não se revela? Flique foi muito bonzinho ao salvá-lo. No lugar dele, eu não faria a mesma coisa... Me dê um bom motivo para você estar *deste* lado do mundo e não *lá* em cima, na Ilha. Dependendo do que disser, vou pensar se deixo você viver.

Só faltava essa, ser rendido por uma psicopata.

- Hei, Calma! Foi mal. Dá pra tirar essa coisa do meu pescoço primeiro? Machuca sabia? – mal conseguia falar sem sentir o fio da lâmina quase cortar-lhe a garganta.

- Não. Agora fala logo o que veio fazer aqui.

Não sabe, ou não vai tirar? – pensou. Mas, vendo-a manter a adaga no mesmo lugar, concluiu que Alina não estava de brincadeira.

- Tá, tá. Eu caí aqui sem querer. Se dependesse de mim eu estaria em casa, dormindo na minha cama, tá legal?... Minha irmã desapareceu, eu vim atrás dela. Por sorte, ou por azar, acabei neste lugar maluco – o olhar de Alina não mudou. Ele precisava melhorar os argumentos, senão... – Eu atravessei um portal dourado, caí num rio, fui atacado, cai de uma cachoeira e, de repente, eu estava aqui, nesse cenário de filme de terror.

Olha, não foi culpa minha. – Alina olhou para baixo, parecendo refletir sobre cada palavra que Will havia dito. – Ei... dá pra abaixar isso?

- Você! – disse ela. Encarou-o novamente. Abaixou a adaga, girou-a entre os dedos e encaixou-a de volta na bota.

Will contou-lhe a verdade, ao menos tentou ser convincente.

- Eu o quê?

- Você... – ela tentava disfarçar muito mal alguma coisa – disse que atravessou um portal dourado para procurar a sua irmã, certo?

- Isso. Foi exatamente o que eu disse – suspirou – Mas eu não sei onde estou,

muito menos como encontrar a Nic nesse lugar. Você, que é daqui, sabe sobre ela? Preciso de ajuda. A Nicole é baixinha, oito anos, mimada...

Ela olhou de novo para baixo, pensativa. Sabia de algo, com certeza.

- Não – disse ela, balançando a cabeça.

- Não o quê?

Alina colocou as mãos na cintura, olhou para cima. Silêncio. Todo esse mistério deixava Will cada vez mais irritado.

- Não posso te ajudar – ela respondeu, antes de virar-se e caminhar em direção a uma trilha na floresta. – Vem, Flique – a ave a seguiu. – É bom dar o fora daqui, garoto, se não quiser se meter em mais encrenca.

- Espera! Preciso de ajuda para encontrar a minha irmã. Não posso voltar sem ela. Nem sei dar o fora desse lugar!

Will desconfiava que ela não só sabia onde Nic estava, como também sabia *como* levá-lo até lá. Alina parou e virou-se para ele.

- Muito bem. Digamos que eu te ajude a encontrar sua irmã. –

ótimo. Estavam progredindo - Já pensou em como pretendem voltar pra casa? Por acaso acha que outro portal dourado vai surgir do nada para levá-los de volta?

Ele tentou regurgitar qualquer frase inteligente, mas só conseguiu dizer:

- E-eu não sei. Não pensei nisso.

Alina revirou os olhos.

- É claro que não – e torceu os lábios, depois virou o rosto para a ave. - Estou vendo que esse garoto não vai sobreviver sem ajuda, Flique – suspirou. Em seguida, olhou para Will. – Tá, vem com a gente. Antes de você me contar mais sobre a sua irmã perdida, precisa se trocar, está todo molhado. Se ficar doente, vou ser obrigada a te dar de comida para os sandersais. – deu-lhe as costas e voltou a caminhar.

- Sandersais. Quem são esses? – ele perguntou, sem sair do lugar.

- São os animais simpáticos que te devorariam, se Flique não aparecesse pra te salvar. Quando eu chegava na clareira, vi um grupo voar para longe. Sandersais veem e ouvem muito bem, além de sentirem cheiro de sangue a longas distâncias. Com dentes do tamanho do seu braço, você acha que comem o que, grama? – riu em deboche – Como se tivesse muito disso por aqui.

Will entendeu o que chamou a atenção daqueles animais. Foi o sangue daquela coisa morta, a tal ave-serpente.

De qualquer jeito, não sabia se poderia confiar nessa estranha.

Corria o risco de estar sendo enganado. Por outro lado, Flique o havia salvado daquele bando de lobos. Antes de se transformar numa ave gigante,

o passarinho azul era idêntico àquele da janela da Nic e que, por coincidência, entrou antes de Will no portal dourado.

Loucura ou não, talvez isso fosse um sinal, talvez devesse mesmo

seguir Alina. Quem sabe com a ajuda dela conseguiria encontrar a Nic e voltar para casa?

- É o seguinte, garoto... – ela quase gritava ao longe - você pode ficar aqui esperando outros sandersais aparecerem ou vir comigo. Eu estou caindo fora. Você vem ou não?

Dane-se a insegurança. Arriscaria. Apressou-se para alcançá-la. Era a melhor opção que tinha.

Além do mais, Alina sabia de muito mais coisas do que aparentava ou do que queria contar.

CAPÍTULO 7

O BURACO DA ÁRVORE

Talvez Alina o estivesse levando ao lugar certo para começar a procurar. Will a acompanhava e ao pássaro gigante por uma trilha de arbustos secos e espinhentos.

Aquele lugar era diferente da floresta onde acordou. Havia árvores esparsas, sem falar em luminosidade. Nem se comparava com a floresta dos sandersais, se assim a podia chamá-la. Apesar dos raios avermelhados deixarem as nuvens parecendo uma cerca elétrica macabra, a pouca luz do sol que entrava era o suficiente para espantar aquela penumbra sangrenta. Algum verde também já podia ser visto nas copas de árvores, ou em um ou outro vegetal no chão.

Enfim um pouco de vida aqui. Não que ele fosse amante da natureza, mas o cenário sombrio da primeira clareira não era o lugar onde

gostaria de passar o dia.

Por um momento, Will pareceu ver Alina esticar a mão até um arbusto espinhento e arrancar um galho bem grande e espesso com facilidade. Em seguida, o entregou a Flique, que agarrou o pedaço de madeira com o bico e o carregou. Eles nem pareceram se incomodar ou se ferir com todas aquelas espinhos que mais pareciam agulhas gigantes saltando dos arbustos. Só o fato de encostar naquilo já parecia ser bem doloroso, imagine só enfiar a mão no meio deles e arrancar um galho?

Ela é doida – concluiu.

Incomodado com o silêncio dos dois à frente, resolveu perguntar qualquer coisa. Talvez puxar conversa fosse um modo de conquistar confiança.

- Vamos demorar pra chegar? – se o seu cérebro tivesse trabalhado um pouco mais, poderia ter pensado coisa melhor a dizer.

- Que pergunta mais estúpida, garoto. Vamos demorar o tempo que for necessário para percorrermos o restante do caminho.

Claro e óbvio. Mas ela poderia ter respondido apenas sim ou não.

Não precisava dar sermão.

- Afinal, desde quando você vive aqui? – arriscou a segunda tentativa.

Alina continuou a caminhar, sem dizer nada. Talvez, no

entendimento dela, fosse outra pergunta idiota. Ou, quem sabe a demora fosse o tempo que ela precisava para pensar numa boa mentira.

- Desde que fui expulsa da minha casa e condenada a viver no Exílio.

Will começava a progredir na busca por informações. Nesse ritmo, logo chegariam ao assunto principal, onde encontrar a Nic.

- O que é o Exílio? E quem te expulsou?

- O Exílio é tudo o que você vê abaixo das nuvens – apontou para o alto. - O responsável por tudo isso e por... – hesitou um momento – Por eu estar aqui, é um... mago... bruxo, feiticeiro, ou qualquer outro nome parecido que você queira dar a ele. Chama-se Kírios.

Ele parou na mesma hora.

- Como disse que ele se chama? – disse, certo de ter ouvido aquele nome antes.

Ela dirigiu-lhe um olhar enigmático.

- Eu disse que o nome do bruxo é Kírios – e colocou as mãos na cintura. Por quê? O conhece? – riu em deboche - Duvido. – relaxou o corpo e voltou a caminhar pela trilha.

Will continuou.

- Onde ele mora?

Alina seguia Flike a passos largos, não parecia tão interessada em

falar a respeito, apesar de ser importante.

- Ele mora num castelo, além das nuvens, do outro lado da Ilha flutuante. – depois olhou por cima do ombro. - Espantado? Não tem castelos no seu mundinho?

Não era só espanto. Tudo ficou claro. Kírios, a Ilha...

- Como eu não percebi isso antes? – disse ele em voz alta, as mãos na cabeça.

Depois de todo o apuro que passou desde o momento em que chegou nesse mundo estranho, ele nem reconheceu os detalhes, não percebeu que o lugar aonde foi parar era a descrição do sonho de Nicole.

Ela tentou lhe contar antes, mas ele nem se importou em ouvir. E depois, ela simplesmente escreveu tudo no diário cor-de-rosa.

- O diário! Claro - ele o havia lido, esteve com ele até cair no rio.

Tudo se encaixava. A Ilha, o mago, o rio, as nuvens. Seria possível que o portal dourado o tivesse levado para o mesmo lugar que Nic sonhou?

- O passarinho! – olhou para Flique, ao longe, com o pedaço de arbusto no bico. – Passarinho filho da mãe. Só pode ser ele. – disse em voz alta. A ave olhou-o, parecia confusa. Tudo era igual ao que a sua irmã havia descrito no diário. Se ao menos tivesse lido a história toda...

Flique e Alina pararam e olharam para ele como se estivessem diante de um maluco.

- Garoto, você pirou de vez? Se formos parar a cada surto de

loucura que tiver, não chegaremos nunca. Qual o problema?

Will poderia não dizer nada, mas não havia como.

- Não entendeu? Eu Vim parar no sonho da minha irmã!

>>> X <<<

Já na casa de Alina, Will vestia roupas secas. Casa mesmo estava

longe de ser, mais parecia uma toca ou esconderijo dentro do tronco oco de uma árvore enorme, no pé de um penhasco. Ao menos serviria de abrigo provisório.

- Melhor assim, eu acho – disse ele, ao deixar de lado o pijama

molhado e começar a se coçar. Roupas estranhas. Deviam ter sido feitas com saco plástico e urtiga; pinicavam e coçavam demais.

Um cheiro forte e adocicado vinha da cozinha.

Saiu do que seria o quarto – na verdade um dos muitos buracos

dentro da árvore. - Em meio à penumbra, havia uma churrasqueira acesa.

Talvez aquele fosse o fogão. A chama estalava embaixo da vasilha de barro.

O vapor indicava que algo fervia.

- Agora sim está parecendo gente – disse Alina, surpreendendo-o

ao surgir de um corredor estreito, iluminada pela luz amarela de um lampião em suas mãos – Antes você parecia um maltrapilho.

- Antes? - pensou alto. Olhou para si mesmo, sapatos horríveis,

nada confortáveis, sem falar nas canelas de fora; no lugar da camiseta, uma blusa e um colete cheio de bolsos.

Alina deu-lhe as costas, pendurou o lampião numa coluna de madeira e foi até o armário. Retirou de lá duas cuias e caminhou até o fogão. – Espero que goste de chá – disse em tom suave, terminando com um sorriso enigmático. - Confesso que fiquei interessada em saber mais sobre o tal sonho – despejou o líquido da vasilha fervente nas duas cuias, segurou uma e levou a outra para Will – é plócara, beba tudo.

Ela só pode estar de brincadeira.

- O que colocou aqui, veneno? – ele arqueou as sobrancelhas.

- Não teria sido má ideia... – ela sorriu. Em seguida encostou-se na parede e tomou um gole da sua cuia. – O arbusto cheio de espinhos, pelo qual passamos hoje, tem poder energizante. Tem também um odor insuportável aos sandersais. Acho que eu já lhe falei que eles têm o olfato muito apurado, não é mesmo? – Will balançou a cabeça. – O odor provoca nos sandersais uma reação alérgica, suas várias narinas entopem e eles morrem por falta de ar. Para nós, depois de ingerida, a plócara é absorvida pelo corpo. Quando transpiramos, o odor natural da raiz exala pela nossa pele. Isso cria uma espécie de proteção invisível ao nosso redor. Nós não conseguimos sentir o cheiro, mas os sandersais sim. Isso vai afastá-los por um tempo.

- Quanto?

- O suficiente para irmos ao primeiro lugar que precisamos. Outra alternativa é tomar banho com o chá, mas acho que você não iria querer. O sumo da planta em contato direto com a pele causa coceira.

Will frisou a testa.

- Por acaso você lavou com plócara a roupa que estou vestindo?

- Relaxe, William. Você precisa aceitar este mundo e se adaptar a ele. Não queira que o mundo se adapte a você. Você é o intruso, se é que me entende.

Ele entendia muito bem.

- Me chame de Will – respondeu. Então observou aquele líquido marrom e viscoso, repleto de pedaços de madeira e espinhos - *Foi pra isso*

que ela arrancou o galho do arbusto? – Estranho. Essa história de sandersais sensíveis a cheiro de mato não colava.

Alina olhava-o atenta, como se torcesse para que ele tomasse logo todo o conteúdo da cuia.

A ideia de essa coisa ser veneno martelava na cabeça de Will, o silêncio o incomodava. Sentia-se obrigado a puxar conversa. Mas desta vez ele não abriria a boca. Lembrou-se da frase que ouviu do Senhor Jocosos: *qualquer coisa que dizer poderá ser usada contra você*. Pois bem, prolongaria aquele silêncio pelo tempo que fosse, por mais incômodo que fosse e por mais que ela continuasse a encará-lo.

Passaram-se alguns segundos.

- Então... me conte sobre o sonho da sua irmã.

- O quê? – Will se assustou. – por que quer saber? – ele já desconfiava que houvesse más intenções por trás daquela pergunta, aquele

olhar intenso a delatava.

Tranquila, Alina replicou:

- Como *por quê?* – caminhou até a janela, muito parecida com a porta de entrada da casa de um João-de-barro, mas bem maior. Espiava

através dela; talvez observasse Flique, que havia ficado do lado de fora. –

Bem... se vou ajudar você a encontrá-la, tenho o direito de saber – Virou-se para ele e caminhou em sua direção. – Até porque você já havia me dito que

este é o sonho dela, não é mesmo? Então, acho que estou envolvida, pois também estou aqui, concorda? – levou a mão livre à cintura.

Novo silêncio. Ela tinha razão.

Will girava a cuia nas mãos. Olhava para o chá a balançar e os espinhos presos nas bordas. Se ele queria descobrir dela alguma coisa, para isso também precisaria contar a ela alguma coisa. Uma troca justa.

- É... eu acho que estou dentro do sonho da minha irmã. Nem sei

direito como tudo isso aconteceu. Mas eu preciso encontrar logo a Nic e voltar pra casa, só isso.

Alina sentou-se numa cadeira e convidou Will para sentar-se ao seu lado.

Querendo ou não ele deveria ceder à hospitalidade. Quem

imaginaria que a aparente fragilidade dela era só fachada? Aqueles olhos verdes, os lábios tão delicados e rosados... As palavras ásperas que saíam daqueles lábios declaravam Alina uma pessoa difícil de lidar. Será que se ela tirasse a máscara manteria esse charme? O que seu rosto escondia?

Criou coragem, levou a cuia até a boca e inclinou-a. Fingiu beber

uma golada do chá. Torceu a cara ao encenar engolir aquela coisa turva, parecendo água de privada cheia de... Bom, pelo menos o cheiro era razoável.

Após a simulação digna do Orkar, Will achou ter visto outro leve sorriso no canto da boca de Alina, igual à primeira vez que a viu, na floresta, caminhando em sua direção.

- Gostou do chá?

Will achou melhor não responder. Ela devia saber que era uma droga. Arriscar o paladar *naquilo*, sem chance.

- Delicioso.

Quem sabe ele estivesse enganado sobre a moça? Precisava confiar nela. A vida da Nic estava em jogo.

Cedeu. Disse sobre o sonho que a irmã tentou lhe contar, de quando brigaram, sobre o desaparecimento dela, o diário e tudo o que aconteceu desde que atravessou o portal. Não omitiu nada, nem mesmo o pouco que se lembrava de ter lido sobre Kírios no diário. Essa foi a parte da história pela qual Alina pareceu estar mais interessada. Os olhos verdes, brilhantes, agora mais abertos e atentos.

Enquanto Will falava, não conseguia esconder o constrangimento, ela havia se aproximado um pouco mais da cadeira dele, talvez para escutar melhor; os joelhos dos dois quase se tocavam. O rosto de Will queimou diante de seu olhar firme. Ficou vermelho, sem dúvida.

Alina levantou-se, caminhou de novo até a janela. Ele não sabia

mais o que dizer. Na verdade, já disse tudo o que sabia. Agora, contava apenas com a ajuda dela. Nisso, a moça disse:

- Você já deve ter reparado nas descargas elétricas das nuvens lá fora, não é mesmo? – Will fez que sim. – São as nuvens de energia. Não sei como você conseguiu sobreviver a elas. As nuvens são as únicas coisas que separam o Exílio do restante do céu, onde fica a Ilha. As descargas elétricas carbonizam qualquer sinal de vida que passe por elas. Vez ou outra, a couraça metálica dos sandersais também atrai a energia. Com frequência, vejo descargas de raios em direção ao chão.

Will ficou chocado. Conseguiu escapar da morte mesmo desacordado durante a queda.

- Como eu consegui sobreviver? – ele franziu a testa, esperando uma resposta rápida.

- Sorte, talvez. Veio sozinho, não foi?

- Aham – Will lembrou-se da planta carnívora. Ela caiu junto com ele. Talvez ela tivesse impedido que os raios o atingissem.

- A minha experiência neste lugar é o que me mantém viva, resistindo. Não podemos nos aproximar das nuvens acreditando que nada vai acontecer. Você pode até ter se salvado uma vez – ela olhou-o, parecendo desconfiada, - mas quem garante que vai ter sorte de novo? Já eu... Eu sei bem como é sentir a dor de um raio daqueles rasgando a pele –

Já tentei fugir do Exílio e subir até a Ilha uma vez; quis atravessar as nuvens de energia. – Will olhou tão rápido para a máscara de Alina que não conseguiu

nem disfarçar. – Te garanto, a experiência não foi nada agradável

– Ela mordeu os lábios, como se tivesse falado demais. - Deixa pra lá – virou o rosto para a janela.

Will queria perguntar várias outras coisas sobre o Exílio. Mas talvez este não fosse o melhor momento.

- Você sabe por onde começamos a procurar? – ele disse.

Alina colocou a cuia em cima de uma mesinha.

- Existe um jeito de chegarmos até a sua irmã, isso se ela realmente estiver onde penso que está.

- Onde? – ele se adiantou, tão interessado no rumo da conversa que o chá ficaria para outra hora.

- Tenho quase certeza de que ela está com Kírios.

- Então, ele está *mesmo* com a Nic! Aquele...

- Não, não - Alina o interrompeu, antes mesmo que concluísse em voz alta os pensamentos. – Você não entendeu direito. Kírios não está com a sua irmã. *A sua irmã* é que deve estar com ele.

- A Nicole, com um estranho? Dá pra explicar melhor?

- Relaxe, Will. Tudo em seu tempo.

Sua irmã poderia ser mais irresponsável? A dona Veri não iria gostar nenhum pouco disso. Foi quando Will lembrou-se que estava longe demais de casa para poder delatar Nic para sua mãe.

- Bom – continuou Alina, - antes de qualquer coisa, precisamos

recuperar o diário cor-de-rosa – enumerou nos dedos da mão. - *Primeiro*, porque ele é o objeto que a sua irmã vai reconhecer quando a

encontrarmos.

- Acha que ela está bem? – ele interrompeu, imaginando o pior, já

que se considerava o responsável pelo desaparecimento dela e por tudo

mais que estava acontecendo. Imaginou Nic ferida, assustada, chorando.

- Não se preocupe com isso. Ela deve estar melhor do que nós, ao

menos por enquanto. – Alina pareceu notar sua tristeza, apesar disso

prosseguiu. - Continuando... *Segundo*, depois da história que você me contou, acho que no diário está a localização de um objeto muito

importante, que vai nos ajudar a chegar até a Ilha – ela sorriu. O sorriso perfeito, a pintura de uma obra de arte; transmitia esperança e... Enfim, talvez significasse que, pela primeira vez, ela dava um pouco de

importância ao caso, só isso, nada mais.

- Tá certo - disse ele, forçado por si mesmo a desviar o olhar do

sorriso de Alina. Então se levantou. - Mas como a gente vai saber onde o diário foi parar? Depois que fiz o favor de perdê-lo lá no rio... – não conseguiu ocultar na voz a preocupação e a culpa por perder a única pista

concreta que a irmã deixou.

- Isso é o de menos – disse Alina. – Vamos encontrá-lo. Apenas

confie em mim... E aí, moleque, topa ou não?

Alina aceitou muito rápido ajudá-lo. Estranho. Ele nem precisou

insistir, ou pior, implorar por ajuda. Ela mesma se ofereceu.

- O que vai ganhar me ajudando?

Ela pareceu incomodada com a pergunta, mas a resposta veio rápido.

- Vou ficar frente-a-frente com Kírios. É tudo o que posso dizer no momento.

Será mesmo? Que assunto pendente ela tem com o bruxo?

- Só não me faça perguntas sobre esse assunto e eu prometo manter minha adaga longe da sua garganta, fechado?

Ele engoliu em seco.

- Ah, sem problemas... - respondeu desconcertado. - Bom, partimos quando?

Alina balançou a cabeça.

- Acalme os ânimos, moleque. Não vai ser fácil. Não é como subir numa árvore ou atravessar um rio nadando. – ela caminhou até a porta e puxou o trinco. – Primeiro temos que descobrir onde o diário está, só depois vamos recuperá-lo. Imagine... – virou-se sorrindo para Will. – Se, assim como você, o diário caiu no Exílio, um lugar sombrio e acinzentado,

garanto que uma capa cor-de-rosa já deve ter feito muito sucesso. Não são

apenas sandersais as criaturas espalhadas por aí, sabia? – apontou com o polegar por detrás dos ombros, indicando o lado de fora da casa.

Sem saber se fingia ou não ter achado graça da brincadeira, ele

apenas levou a mão à nuca. Imaginou quantos animais exóticos – para não dizer monstruosos – teriam naquele lugar. A começar por uma ave com

duas cabeças de cobra, depois sandersais e, sabe lá o que mais apareceria.

- Relaxe, garoto. - Alina aproximou-se novamente e colocou a mão em seu ombro. - Você arrumou uma aliada. – ela deixou a mão gelada escorregar por seu braço. Arrepiou-se.

Em seguida soltou-o e voltou à porta. - É melhor a gente ir. Já ficamos tempo demais aqui.

- Aonde vamos primeiro? – deixou sobre a cadeira a cuia ainda cheia e viu Alina sumir pela porta.

- Você é surdo ou o quê? – ela respondeu lá de fora. – Eu já disse que vamos descobrir onde está o diário. Anda logo, eu já sei onde devemos procurar.

CAPÍTULO 8

O DEBURAC

Kírios parecia ser incapaz de fazer mal a alguém, talvez fosse a pessoa mais paciente do mundo. Nicole sentia-se feliz por tê-lo ao seu lado.

Depois de voarem pela cachoeira e atravessarem a Ilha, Drake sobrevoava o castelo, preparava-se para pousar ao lado de um chafariz gigante, em meio a um grande jardim.

Enquanto desciam, Nic sentia as gotas de água tocarem seu rosto.

Tão refrescantes, mais pareciam chuviscos de um céu nublado, embora o céu estivesse limpo, o que deixava a cena ainda mais linda; as gotículas

brilhavam, diante dos raios de sol.

As árvores que cercavam todo o jardim, feito uma grande parede verde, eram idênticas aos Ipês no jardim da casa de Nic, as flores amarelas, alegres, vivas. Já as flores dos canteiros, protegidas por pequenos cercados de madeira, eram iguais às tulipas brancas da sua mãe. Os cercados brilhavam, como se fossem lustrados todos os dias. Cuidar desse jardim enorme devia levar horas. Kírios parecia ser o único morador do castelo, mas não aparentava ter muito tempo para cuidar de tudo.

Ao pousarem, Nicole girou o corpo na sela, deslizou pelo dragão e usou a perna dele como apoio para chegar ao chão. Arrumou a mochila nas costas e olhou fascinada para os corredores de arbustos amarelo-dourados; faziam caminhos como labirintos, o lugar perfeito para brincar de esconde-esconde. Será que Kírios brincaria com ela? Não custava nada perguntar.

- Gostou do jardim? – Ele perguntou sorrindo, enquanto aproximava-se.

Ela não tinha palavras para descrever o que sentia. Poucas vezes passeou com a sua mãe numa praça ou Jardim Botânico. Normalmente divertiam-se indo ao shopping ou cinema.

- Ai, é perfeito! Posso brincar aqui? – Ela mal conseguia disfarçar a ansiedade em avançar pelos corredores de braços abertos, correr pelo piso em mosaico e se esconder atrás dos arbustos.

- É claro – ele respondeu. - Tudo isto é seu, querida Nicole. Eu

mesmo cuidei para que cada detalhe deste lugar fosse agradável o suficiente para você.

Ao ouvir isso, mesmo estando contente e agradecida pela surpresa, Nic ficou pensativa. Talvez devesse aproveitar o momento para perguntar outra coisa. Até deixaria a brincadeira para depois.

- Kírios, como você fez tudo isso? É... é lindo, tudo lindo!... Mas, sabe, eu fiquei pensando... Se este mundo é o mesmo que eu sonhei, se você

pode fazer tudo o que quiser aqui, eu queria aprender também – prestes a pedir a coisa mais importante do mundo, lançou o seu olhar de piedade. -

Você me ensina?

Kírios esboçou um sorriso. Ele negaria um pedido tão simples?

- Bem, não vou ensiná-la a sonhar, Nicole, pois o sonho deve ser

apenas seu. Mas posso te ajudar a realizar desejos. Neste mundo, minha querida, você pode fazer o que quiser.

- Iupie! – ela gritou, saltitando sem parar.

Seria fantástico! Nic mal via a hora de criar as próprias bonecas,

quantas quisesse. Desejaria também um enorme baú de brinquedos, só

para ela. Doces! Muitos doces, claro. E tantas coisas mais que mal conseguia pensar em tudo de uma só vez.

Mais do que nunca, confiava em Kírios. Convenceu-se de que ele queria sua felicidade.

- Me ensina como realizar desejos? Me ensina? - puxava sem parar

sua túnica e continuaria até ele concordar.

Kírios abaixou-se, os dois ficaram da mesma altura.

- Eu não esperava que você me pedisse outra coisa, pequena

Nicole. – e olhou na direção do chafariz. – Vem comigo.

Nic largou a mochila no chão e o acompanhou até ficarem em

frente à fonte. Ao centro, esculpidos em pedra, dois anjos serviam de chafariz; pareciam ter total controle sobre as águas a seus pés, como se as

asas celestiais ordenassem que a água saltasse em filetes e flutuasse ao seu

redor, formando espirais incríveis a percorrer seus corpos, subindo pelos braços.

As mãos erguidas dos anjos esguichavam a água para cima como se

quisessem fazê-la alcançar o azul do céu. Mas não conseguiam. O líquido caía de volta no grande tanque de pedra.

Kírios sentou-se na borda da fonte e estendeu a mão até a água.

Depois de molhar os dedos, voltou o olhá-la.

- Bem, vamos lá. Você está pronta?

- Mal vejo a hora de começar! – ela sorria.

- Imagine um barquinho de papel flutuando nessa água. Consegue

imaginar?

- Sim – disse ela, balançando a cabeça - ele é feito com folha de

caderno, cheia de listras azuis. É igual ao barquinho que fiz uma vez na escola. Bem na pontinha dele ficaram os picotes, porque o meu caderno era

de espiral. Imaginei o mesmo barquinho.

- Isso é muito bom. Está se saindo muito bem. Agora, vamos ao

próximo passo. Uma das coisas mais interessantes num sonho é que, o que você sonha, pode *mesmo* se tornar realidade. Tudo o que você vê no sonho, acredite, está lá. Tudo pode ser tocado, usado. Então, se conseguiu imaginar um barquinho tão real, quero que o veja navegar aqui nesta água. Acredite que ele está de verdade nesta fonte e ele vai aparecer.

Nicole observou atenta na água o ponto onde queria ver o barquinho aparecer. Imaginou-o, acreditou com todas as forças que ele era real.

Foi quando se surpreendeu.

Viu faíscas douradas surgirem bem ali e delinearem os contornos daquilo que seria um barquinho. Ele surgia sobre a água, como num passe de mágica. Branco, listras azuis, do jeitinho ela desejou.

- Que máximo! – disse ela. Em seguida, estendeu a mão até a água, em forma de apoio para o pequeno barco de papel. Depois disso, levou-o à borda da fonte, onde o deixou para secar. - Isso foi muito, muito legal! Eu posso criar outras coisas também?

- Fique à vontade para desejar o que quiser. Todo este lugar existe, querida Nicole, porque você desejou que ele existisse, só por isso. A única diferença é que você criou este mundo no seu inconsciente – o dedo de Kírios tocou de leve a sua cabeça, - mesmo assim o desejo foi forte o suficiente a ponto de se tornar real.

Nicole lembrou-se da estrela que viu no céu pela janela do quarto,

na noite em que o portal dourado surgiu à sua frente. Seria Kírios o responsável por fazer a estrela aparecer para ela? Ela já ouviu falar de estrelas cadentes, mas nunca tinha visto uma até aquele momento.

Só precisava treinar um pouco mais até fazer aparecer outras coisas. Seria divertido. Uma bicicleta nova, patins e, claro, bonecas, muitas bonecas, as mais lindas e perfeitas, só para ela. Ninguém poderia pisar, nem destruir seus brinquedos. Em seu mundo de sonhos poderia fazer tudo que desejasse de verdade.

- Posso tentar mais, Kírios?

Ele a olhou como se já soubesse o que desejava. Kírios até poderia fazer surgir os brinquedos mais perfeitos do mundo, mas *ela* é quem queria fazer isso sozinha, era a vez *dela* de sonhar e aproveitar aquele momento como nunca.

- Mas é claro. Divirta-se.

- Oba...! – Kírios era um ótimo amigo. Na verdade, o irmão mais velho dos seus sonhos. Está certo que o cavanhaque e a túnica o deixavam parecendo velho demais, mas isso não importava. Ao lado dele ela se sentia segura.

Nic criaria um baú repleto de brinquedos e convidaria Kírios para se divertir com ela.

- Desconfio que você gostaria de companhia para brincar no jardim, não é mesmo?

Ela ficou boquiaberta. Kírios sempre sabia o que ela pensava.

Demoraria a se acostumar com esse tipo de coisa. Ele continuou:

- Não se assuste. Conhecer os seus desejos é apenas conhecer você.

Realizá-los, esse sim é o grande desafio - sorriu. - Drake te fará companhia.

Ele é um dragão muito esperto e... – cochichou - tem um segredo que você vai adorar.

O segredo de um dragão seria revelado só para ela. Se fosse preciso, o guardaria a sete chaves.

Mas, dragão tem segredo?

- Kírios, você pode me contar que segredo é esse? Pode? Conta, conta! – ela insistia. – Sabe por quê? Não acho que um dragão saiba... falar – disse ela. Depois olhou sem jeito para Drake.

Kírios seguiu o olhar de Nicole até o dragão.

- Tudo bem se eu contar para ela, Drake? – disse Kírios. O dragão soltou um rosnado, mas não dava para saber se ele aprovava ou não a ideia.

Nicole não falava dragonês, se é que essa língua existia. – Perfeito. Nicole,

Drake prefere te contar pessoalmente. Você vai gostar, tenho certeza. Ele não é o tipo de dragão que fala pelos cotovelos, mas sabe se comunicar –

colocou a mão no ombro dela, seus olhos brilhavam como se fossem as duas estrelas mais brilhantes e perfeitas do universo.

- Ah, Kírios. Agora fiquei curiosa.

- Eu sei, eu sei – ele sorriu. - Posso sentir isso em você. Divirta-se

com os seus desejos e com Drake – Kírios levantou-se, olhou de novo para o dragão. – Cuide dela, grandalhão. Volto mais tarde. – em seguida, caminhou até o labirinto de arbustos, em direção ao castelo. Enquanto andava, foi envolto em uma nuvem branca que brilhava à luz do sol. Em seguida, o vento a levou para longe, desaparecendo com ele.

Incrível, pensou Nic. Quem sabe desaparecer fosse a próxima lição que ela aprenderia?

Arqueou a cabeça para trás para olhar o réptil gigante, um dragão quadrúpede, quase do mesmo tamanho da sua casa. Sorriu para ele e levou as mãos à cintura.

- Quero ter uma conversinha com você, senhor dragão. Vai me mostrar que segredo é esse, ou vou ser obrigada a *desejar* que me conte?

Após deixar Nic e desaparecer do jardim, a névoa diante dos olhos de Kírios dissipou-se e seus passos ecoaram no grande salão de mármore do castelo. As dezenas de estátuas, junto às paredes, observavam-no como

guardas a proteger uma câmara de tesouros.

Enquanto Nicole se entretinha com desejos infantis, ele poderia se concentrar em outro assunto, que exigiria muita atenção e cuidado. O principal já havia conseguido, conquistar a confiança da menina.

Parou do outro lado do salão, junto à estátua de uma jovem mulher. Não havia mulher mais bela, nem mais perigosa. Direcionou o olhar para o vestido esculpido na pedra branca, lembrou-se de quando ela passeava pelo jardim com esse mesmo vestido esvoaçante, tocando a grama sob seus pés delicados. Kírios elevou a mão até o rosto alvo da imagem. Hesitou por um momento ao tocá-lo; tão perfeito. Acariciou a face da estátua, deslizou os dedos pelo lado direito da testa, a testa que tantas vezes beijou. Deslizou-os pelos olhos; os olhos dos quais ainda se lembrava eram verdes, serenos; acariciou as maçãs do rosto e o nariz; de lá desceu os dedos até a boca pequena.

- Você mereceu, minha cara – disse ele.

De repente, num gesto de fúria, esmurrou o mármore da parede junto à cabeça da estátua. Os pedaços de pedra se esfarelaram entre seus dedos.

- Ela está ajudando aquele moleque! – sua voz ecoou pelo salão –
Como se atreve!

- Nham, nham. S-sim, mestre – dizia uma voz rouca e trêmula,

vinda atrás de si. – De acordo com os sandersais da Floresta Cinzenta, quem impediu que o moleque fosse devorado foi aquela ave ridícula, Flique.

Mestre, aquela ave me irrita, o senhor sabe, não sabe? Posso eliminá-la, se o senhor me deixar. Os meus deburacs adorariam matar de susto aquele pássaro idiota.

Kírios semicerrou os olhos, virou-se e olhou para o seu servo mais fiel. Tão prestativo, mas tão estúpido.

- Isso não será necessário. O pássaro não é o maior dos meus problemas. Posso sentir a presença dela e do moleque juntos.

- Nham, nham. Então, o que posso fazer para ajudá-lo neste caso, mestre?

Kírios abaixou a cabeça, colocou as mãos para trás e caminhou pensativo para o meio do salão.

Ele precisava se livrar do intruso. Se Nicole descobrisse sobre a presença do irmão naquele mundo, tudo estaria perdido.

Garoto ousado. Deve ter entrado pelo mesmo portal que a menina.

Mas o portal não deveria ficar aberto por tanto tempo. . Será que. .

- Nham, nham. Mestre?

Kírios virou-se furioso.

- O que você quer, Dígrafo? Não vê que estou pensando? Ou por

acaso ficou cego de uma vez? – olhou em deboche para a testa escura e enrugada do deburac, onde se destacava uma cicatriz em formato de cruz -

Quer perder outro olho? – provocou.

Kírios lembrava-se bem do dia em que o punhal de Alina quase cegou um dos três olhos de Dígrafo. Quando ela errou o golpe, a maldita ave azul cravou as garras na testa do deburac rompendo a Tríade. Dígrafo poderia ter perdido um olho inútil aos seus interesses, mas não, o imprestável teve arrancado o olho mais precioso.

- Nham, nham. P-perdão, mestre. Eu não quis interromper o seu momento de reflexão. Mas, acho que deveria saber sobre os rumores de um caderno rosado.

Kírios arregalou os olhos:

- O que disse? – caminhou na direção de Dígrafo e acuou-o na parede. – Repita o que disse. REPITA!

- Nham, nham. Si-sim, me-mestre – o deburac encolhia-se feito uma criança assustada. - Di-dizem que as aves-serpente encontraram um caderno e que seria da menina...

- Onde?

- Nham, nham. No Exílio – gemeu a criatura, quase sem voz. – Achei que era importante lhe contar. Talvez o senhor pudesse... – emudeceu antes de terminar a frase.

Kírios aproximou ainda mais seu rosto de Dígrafo, apertou-lhe os ombros, até sentir seus ossos entre os dedos. Poderia quebrar cada

centímetro da carcaça imunda de Dígrafo por demorar tanto a contar sobre o caderno.

- Reúna outros deburacs. Quero aquele moleque morto. Faça o que

for preciso, mas acabe com ele, ouviu bem? ACABE COM ELE! - arremessou-o contra a parede. – Traga aqui o caderno intacto.

- Nham, nham. Ma-mas mestre... E se as aves engoliram as páginas?

E se, e se...

Kírios não aguentava mais o cacarejar de Dígrafo. Uma ordem é uma ordem, obedecê-la era a sua obrigação.

- Torça para que nada tenha acontecido ao caderno – deu-lhe as costas antes de continuara falar. - Se for necessário, arranque as tripas do animal que o tenha engolido, procure nas fezes, junte cada pedaço. Torture,

humilhe, mate, mas traga-o aqui – e tornou a encará-lo. – Preciso me certificar de que esse caderno é o diário da menina. Preciso tê-lo em minhas mãos. Só então vou destruí-lo. Para o seu bem, Dígrafo, não falhe,

não me decepcione.

- Nham, nham. E quanto a... ela? - A mão escura e esquelética de

Dígrafo apontava para a estátua na parede. Sim, ela poderia estragar seus planos. O pivete não sobreviveria um minuto sequer no Exílio sem a ajuda dela.

- Nham, nham. Mestre? – interrompeu Dígrafo mais uma vez; aguardava a resposta.

Kírios transpassou-o com o olhar.

- Se ela interferir... mate-a também.

O deburac se levantou do chão, abriu as asas escuras e pontiagudas, qual as de um anjo da escuridão, depois se curvou.

- Nham, nham. Como quiser, meu senhor – uma nuvem negra o envolveu. Como que levada por um redemoinho de vento, desapareceu com ele em pleno ar.

Logo depois, Kírios olhou mais uma vez para a estátua.

- A sua hora está chegando... Alina.

CAPÍTULO 9

CEMITÉRIO DE SANDERSAIS

Tem como ser mais devagar? – disse Alina, irônica, enquanto ela e Will caminhavam pelo pântano.

Pelo que mais Will precisaria passar? Se lhe dissessem que o inferno era o lugar em que estava, ele com certeza acreditaria. Não via em meio a tanta água lugares seguros para pisar, apenas objetos escuros e indecifráveis boiando por toda parte. A cada passo sua perna afundava quase inteira naquele caldo lamacento. Como ser rápido desse jeito?

- Essa água fede – reclamou. Lembrou-se das aulas de química. O cheiro era igual ao de enxofre.

- Matéria orgânica em decomposição – Alina respondeu, como se

nem estivesse incomodada ou sentindo o mau cheiro. - Queria que um pântano cheirasse a flores, meu bem? É bom se acostumar.

Mas ele não conseguia se acostumar mesmo era com o jeito impaciente e grosseiro de Alina. Ele procurava ser gentil, afinal ela era uma garota, mulher, enfim... Mas, em troca, o que ele recebia? Insultos. Claro que ele nunca se importou em ser gentil com a Nicole, pois com suas infantilidades, sempre o tirava do sério. Já Alina, o enfurecia.

Will tentou esquecer o cheiro forte. Respirou fundo, precisava ficar calmo. Apesar de Alina ter aceitado ajudá-lo, em nenhum momento demonstrou-lhe afeto, talvez compreensão, mas só. Por enquanto precisaria ser paciente e engolir o mau humor dela.

Enquanto se aventuravam, Flique ficou tomando conta daquilo que Alina chamava de casa. Menos mal, não o veria até retornarem.

- Mas e aí, você não me falou aonde vamos – disse ele. - Eu sei que estamos indo descobrir onde o diário está, mas onde *exatamente* estamos indo? Porque só estou vendo água e um monte de árvores mortas e podres. E nem sei como pode ter tanta coisa morrendo aqui pra feder desse jeito. Quem mais vem aqui? Olha só pra esse lugar!

Alina encarou-o.

- Pra início de conversa, você fala demais – disse ela e olhou em volta. - Estas árvores não morreram há tanto tempo assim. Já foram mais vivas

do que você ou eu, até Kírios incendiar tudo.

- Por que ele faria isso?

Um breve silêncio.

- Pra me matar.

Will imaginou o que Kírios seria capaz de fazer caso os encontrasse juntos. Que destino trágico seria morrer dentro de um sonho.

- Matar? Mas...

- Esqueça. Presta atenção – ela o interrompeu, deixando bem claro que não queria tocar no assunto, - não sei se reparou, mas este aqui é um cemitério de sandersais. Há carcaças espalhadas por todos os lados.

Quando um sandersal morre, o grupo que ele segue vem até este pântano, preparam uma cova no fundo da água, depois o trazem aqui numa espécie de funeral. Então ele é decomposto e vira parte deste pântano – ela voltou a caminhar.

- Então, esses montes de... *coisa* são sandersais mortos? - Will remexia a água gelada e viscosa enquanto tentava imaginar como seria o enterro de um sandersal.

– Veja – Alina apontou para a margem, já próxima. - Estamos chegando. Há uma caverna logo à frente.

Will aguardou um momento, na expectativa de que Alina continuasse a falar sobre a tal caverna. Mas, para a sua decepção, ela ficou em silêncio.

- O que tem lá?

Alina parou de novo, virou-se e suspirou.

- Mas que moleque chato! Você pergunta demais.

Ela precisava ficar irritada desse jeito? Ora, para saber qualquer coisa, ele teria que perguntar, do contrário morreria esperando as informações brotarem dela voluntariamente – o que ele duvidava que fosse acontecer.

- Se você me respondesse direito, eu perguntaria menos – disse ele

irritado. - Eu não sou daqui, não conheço um palmo sequer desse lugar maluco e você acha que quero saber demais?

Alina pareceu se zangar, zangar de verdade. Ela levou as mãos até a cintura, quase fechou os olhos, torceu a boca. Suspirava de um jeito muito, mas muito estranho.

- Tá legal – ela disse. Em seguida relaxou as mãos e dobrou o

pescoço para os lados. – Dentro da caverna existe uma espécie de... – fez gestos imitando um recipiente –

- Vasilha?... Bacia?...

- Quase. É como uma bacia grande em cima de uma coluna – voltou a caminhar pelo pântano.

- Então é uma pia.

– Que seja. Só que essa é feita do ouro mais puro que existe. Pó de ouro unido por magia, moldado no formato de relíquia... Duvido que você

entenda o sentido disso.

Sim, ele não entendia *como* um monte de pó de ouro em formato de uma pia poderia salvar a sua irmã. Mas, se ela explicasse, ajudaria muito.

- O que essa coisa faz? – Will tornou a caminhar; tirou do caminho o pedaço flutuante do que seria um casco de sandersal.

- Bem... dentro dela existe... Aaahhh!

Will levou um susto. Tentava entender o que aconteceu. O corpo de Alina havia afundado, apenas a cabeça permanecia na superfície. –

- Droga! O meu pé está preso – ela esbravejou.

Ele apressou-se para ajudá-la.

- Espera. Aqui, segura a minha mão.

Desconfiada como sempre, Alina olhou-o, depois para a sua mão, como se tivesse nojo de tocá-la. O que havia de errado em aceitar ajuda? Ele insistiu, levou a mão mais à frente. Mas ela não cedeu.

- Qual o problema? – ele perguntou.

- Estou bem. Posso sair daqui eu mesma.

Will não acreditava no que havia acabado de ouvir. A coisa mais absurda que ela já disse até então.

- Quer saber? – disse ele. – Desisto, tá bom? A margem já está perto. Se prefere sair sozinha, vai em frente – deu-lhe as costas.

- Por acaso pedi a sua ajuda, garoto? Não. Então caia fora!

- Estou mesmo caindo fora.

- Ótimo.

- Ótimo.

Indignado com tanta arrogância, virou-se mais uma vez para ela e disse:

- Mas que cabeça dura você é! Para de bancar a durona. Você e o cabeção azulado me ajudaram lá na floresta e nem posso retribuir?

Alina quase gargalhou.

- Não por algo tão sem importância, meu querido. Aqui a sua vida não significa nada.

Essa foi a gota d'água.

- Então dane-se! – disse ele, surrando a água. Caminhou até a margem. – Mas que moça burra – sussurrou, enquanto saía do pântano.

É isso o que ganho tentando ser gentil.

Ao chegar a solo firme e seco, Will achou um tronco caído.

Resolveu esperar sentado. Apenas observaria a agilidade de Alina em desprender o pé.

A imagem chegava a ser engraçada. Parecia a cabeça de uma das

bonecas da Nicole, decepada, boiando no lodo. Ele sabia que era melhor conter a risada, mas estava difícil. Teve que virar o rosto, ou não iria aguentar e soltaria uma gargalhada.

Ele bem que tentou ajudá-la, mas não, a teimosia foi tanta, que ela

preferiu mil vezes curtir o banho fedorento por mais tempo. - *Maluca.*

Quando virou o rosto de volta para Alina, seus olhos quase saltaram da cara. Ele poderia gritar para avisá-la, mas seria arriscado.

Então disse em voz baixa:

- Alina, cuidado! – apontava na direção do perigo. Mas ela o ignorava.

E agora?

Não muito longe, dois grandes sandersais sobrevoavam o pântano seguindo na direção deles. Usavam as garras para carregar um terceiro sandersal, pela cabeça e pelo traseiro. Este último parecia desacordado, talvez moribundo. Seus companheiros demonstravam dificuldade em segurar aquele corpanzil, as asas dos dois batiam forte, quase esbarravam nos galhos secos das árvores ao redor.

O casco do bicho inconsciente estava todo rachado e já não brilhava como os de seus companheiros. Os grandes olhos arregalados da criatura moribunda estavam estáticos, não luziam, diferiam um do outro pela cor. Os dois que voavam tinham os olhos azuis, cintilantes. Já o terceiro tinha os olhos apagados um de cada cor... azul e amarelo.

Azul e amarelo. . ? Esse só pode ser o sandersal atingido pelo raio vermelho na floresta!

Então insistiu:

- Alina! – ela olhou-o, de lábios torcidos - Lá atrás, olha!

Enfim deu-lhe atenção e olhou na direção que ele apontava.

- Droga – disse ela. - Esconda-se, rápido!

- Mas, e você? Posso te ajudar.

- Eu me viro. Corre, depressa!

Contrariado, Will correu para trás de uma das árvores na margem.

Pelo canto do tronco podia observar Alina.

Ela respirou fundo, de repente mergulhou a cabeça na água.

- O que essa maluca está fazendo?

Em poucos segundos, os sandersais voaram até o exato local onde ela estava.

Pararam. Farejavam algo. Teriam notado a sua presença?

Will não sabia quanto tempo Alina aguentaria submersa. Mas sabia muito bem qual a sensação de estar preso embaixo d'água. Não esqueceria

nunca o apuro que passou com a planta carnívora. Só de saber que Alina poderia ficar sem ar, a ansiedade e preocupação pioraram.

O que fazer?

Para sua surpresa, os sandersais soltaram o animal inconsciente. A

criatura caiu feito uma pedra dentro do pântano. Espalhou água por todos os lados.

- NÃO! - Will gritou, como se pudesse prever a moça sendo esmagada.

Em resposta ao grito, os sandersais olharam na sua direção. A partir de agora, teria sorte se sobrevivesse para chegar na tal caverna.

- Idiota, idiota – reprovava a si mesmo.

Os sandersais urraram, ecoando por todo o pântano o mesmo som agudo que ouviu da outra vez, na clareira. Em seguida, iniciaram o ataque.

- Droga! – Will empurrou a árvore, correu em disparada pela margem do pântano em busca de um local seguro. - Socorro! – gritou desesperado, – Socorro! Será que não existe mais ninguém nesse pântano fedorento? Idiota, idiota! Por que fui gritar?

Numa olhadela para trás, deu-se conta que estava prestes a ser agarrado. À frente, um paredão de rochas, de um lado uma montanha de rochas, do outro o pântano. Não havia para onde fugir. O jeito foi improvisar.

Saltou. Caiu de bruços na terra úmida, cheia de pedras. A pele esfolava nos cascalhos. Até que um deles rasgou sua mão.

Will gritou de dor. Talvez nem tanto pelo corte na mão. Tudo aconteceu rápido demais. Enquanto os sandersais passavam acima de si, sentiu como se facas perfurassem suas costas. Elas ardiam, latejavam. Um líquido quente escorreu delas a ponto de a camiseta grudar na sua pele.

- Porcaria! – Avistou os sandersais avançarem até o paredão de pedra e utilizá-lo como apoio para as patas. As longas pernas tomaram impulso. Avançavam mais uma vez.

Esses malditos voam tão rápido quanto correm.

Sangrando, Will temia que seu cheiro se alastrasse e então fosse perseguido até ser estraçalhado.

- Danem-se! – ignorou a dor, se levantou e correu de volta ao ponto de partida.

Precisava salvar Alina. Há essa hora ela já devia estar desacordada, em baixo do enorme cadáver do sandersal.

Numa nova espiada para trás, viu os animais furiosos avançarem.

Faltava muito pouco para alcançar a margem.

Pressentiu as costas prestes a serem retalhadas novamente.

Respirou fundo, deu um novo salto, desta vez para dentro do pântano.

Antes de mergulhar na água turva, ouviu o som de asas cortarem o ar em lufadas, logo acima da sua cabeça.

Dentro da água escura e barrenta, não via nada, talvez aquilo nem

fosse barro. Nadava próximo ao solo, Alina não devia estar longe, tomara mesmo, pois a dor tornava-se insuportável.

Até que identificou algo grande e escuro ao fundo. Estendeu o

braço, bateu-o. Parecia uma boca bem grande, repleta de dentes pontudos.

Só pode ser o cadáver do sandersal!

Tentou erguê-lo, mas o bicho era pesado demais. Na certa Alina foi esmagada. A cova, que deveria ser do bicho, acabou sendo a dela.

Mal teve tempo de conhecê-la direito. Diferente dos jogos de videogame, não dava pra apertar *reset* e impedi-la de ficar presa ali. Tarde demais.

Ar. Com o pântano raso, bastava ficar em pé e respirar novamente – *danem-se os sandersais*.

Foi quando, bem próximo dele, alguma coisa mergulhou trazendo consigo inúmeras bolhas de ar; formavam uma verdadeira cortina, impedindo-o de ver através. Aos poucos as bolhas subiam à superfície. Surgiram em meio a elas dois olhos azulados encarando-o. Em seguida, uma porção de dentes veio em sua direção.

Apavorado, Will recuou, escapou de uma mordida que provavelmente lhe arrancaria a cabeça. Impulsionou o corpo para cima, ficando em pé. Correu desesperado, levantando as pernas acima da água, respirava o quanto podia, ofegava, tossia. Parecia se afogar com o próprio ar. Precisava fugir depressa.

Um urro soou tão alto, tão perto, que Will parou no mesmo instante. Seus ouvidos arderam com o ganido estridente. Como ele pôde se esquecer do outro sandersal, à sua espera na superfície?

Estava encurralado. Pelo ar e pela água, via dois monstros prestes a fazê-lo em pedaços.

Will recuou devagar. Até suas costas esbarrarem no tronco de uma árvore. Arderam, queimaram, como se os cortes tivessem sido feitos

naquele instante. Curvou-se de dor, os olhos lacrimejaram.

- Nic... sinto muito – disse ele, dedicando à irmã talvez as últimas palavras.

Uma avalanche de pensamentos surgiu em *flashes* na sua cabeça.

Tudo não havia passado de uma busca frustrada por Nicole, quem ele nunca mais veria. Além de sacrificar a própria vida para encontrá-la, sacrificou também a vida de Alina. De nada valeu todo o sacrifício.

Buscavam uma caverna aonde nunca chegariam.

Semicerrou os olhos, encarou os sanderais, que rosnavam feito cães famintos, os dois pares de luzes azuis a fitá-lo.

- O que estão esperando pra acabarem logo com isso?

Foi quando o sandersal que voava próximo à água bateu as asas, como que prestes a mergulhar em sua direção, num bote certo. No mesmo instante, um objeto brilhante voou da margem em direção a ele e atravessou-lhe as asas, prendendo uma na outra no momento em que se erguiam. O sandersal ganiu e se contorceu em pleno ar, segundos antes de cair como uma pedra na água.

- Will, corra aqui rápido! – disse uma voz, vindo margem. Junto ao paredão de pedras.

- Alina?!

O outro sandersal urrou ensandecido, virou-se na direção dela, ignorou Will e avançou.

- Anda logo, garoto! - o repreendeu. Mas Will continuou a admirar aquela formidável e misteriosa maluca.

Ela juntou as mãos ao corpo, parecendo se preparar para o arremesso de uma bola de baseball.

Quando o sandersal pulou na direção de Alina, ela arremessou no bicho uma espécie de esfera reluzente.

Will correu para a margem enquanto via o objeto brilhante tocar no casco escuro do bicho e explodi-lo num estrondo. As entranhas se espalharam por todos os lados. Até um banho de vísceras e sangue cair sobre si.

- Eca! – ele disse, parado na margem, empapado, fedendo mais que esgoto.

Com os dedos, limpou o olhos, depois caminhou até Alina.

- É isso mesmo, meu caro – disse ela. - Aqui é o melhor lugar para matar sandersais, dentro do próprio cemitério – sorriu.

De certo modo, Will ficou feliz ao ver Alina sã e salva. Talvez mais salva do que sã.

Foi só ele se aproximar e ela disse:

- Não se atreva a encostar essa gosma em mim, rapazinho. Me diz uma coisa, garoto, você não tomou o chá de plócara, não é mesmo? Os sandersais não te atacariam se você tivesse bebido o chá como mandei – ela o repreendia como se ele fosse seu soldado.

- Ah, para de me amolar. Onde você estava esse tempo todo? – Will revidou - Não sabe nem a metade do que passei!

Antes que Alina pudesse respondê-lo ou que ele pudesse virar de costas para lhe mostrar a ferida, um rosnado os interrompeu. Os dois olharam na mesma direção.

- Parece que o bichinho ficou zangado. – disse Alina, ao ver saindo do pântano o sandersal com as asas presas pela adaga.

O bicho hesitava em atacá-los, mas também não demonstrava intenção de fugir.

Alina pôs o braço à frente de Will.

- Fique aí. Quero recuperar a minha adaga.

- Isso é hora de pensar em adaga?

- Fica quieto.

Ela devia estar de brincadeira. Eles estavam acuados. Se

precisassem correr, com certeza a fera seria mais rápida e os mataria. A não ser que ela tivesse outra bomba, eles estariam ferrados. Como podia pensar em pegar de volta a adaga? A vida dos dois valia muito mais do que um pedaço de metal.

- O que você pretende fazer? – viu as mãos de Alina vazias. Na verdade, ele queria mesmo saber onde estava a outra bomba, para acabar de vez com aquela criatura infernal.

- Confie em mim, garoto – Alina respondeu, olhando rapidamente

para trás, como se procurasse qualquer coisa no chão. Em seguida, ela voltou o olhar para o sandersal. Faria diferença o que estivesse no chão?

O corpo do sandersal cambaleava, da bocarra escorria uma baba grossa, os olhos luminosos sequer piscavam.

De repente, o animal disparou na direção deles e saltou, as patas estendidas, prontas para agarrá-los.

Até que um forte empurrão no ombro de Will jogou-o para o lado.

Como em câmera lenta ele pareceu ver o sandersal passar muito perto de si e acertar em cheio o paredão de pedras, atravessando a rocha num barulho abafado, reduzindo-a a inúmeros blocos de pedra.

As costas de Will se esfolaram ainda mais no chão. Gritou pela dor, pelo choque, pela idiota da Alina tê-lo empurrado.

- Que nojo! – disse ela, ela caída do outro lado, em aparente dúvida se primeiro levantava ou limpava as mãos, as duas sujas de meleca de sandersal. – Da próxima vez, Will, te deixo ser atingido, pelo menos não sujo as mãos.

Will não disse nada. Segurou o choro. Não daria esse gostinho a ela.

Ignorou-a. Levantou-se. Arfava de ódio e de dor. Caminhou a passos lentos até a frente do buraco aberto no paredão. Respirou fundo. A dor passaria logo, assim esperava.

O buraco revelou ser um túnel escuro e comprido demais para se guardar uma pia. Deu mais um passo à frente.

- Cuidado – disse Alina, puxando-o pelo braço, antes que ele

esbarrasse no sandersal esparramado no chão. – Se continuar me obrigando a colocar a mão em você, vou fazê-lo engolir toda essa gosma, entendeu?

Will deu de ombros.

Afinal, não havia paredão coisa nenhuma, mas sim uma casca de pedra que escondia uma passagem. A tal pia estaria lá dentro?

Talvez não existisse outra entrada. Ao menos Alina providenciou esta. Daria a ela os parabéns, se não fosse tão convencida.

Will olhou para o sandersal caído, em seguida virou-se para Alina.

- Pensei que você tivesse outra daquela bomba.

- Pois é... – ela respondeu. Abaixou-se e arrancou de volta a sua adaga, até então grudada nas asas do animal. – O problema é que minhas bombas acabaram. Eu só trouxe uma e era para abrir a parede *neste* ponto

– indicou o chão, uma pedra azulada, em formato de cruz. Devia ser isto que procurava quando estavam para ser atacados - Tivemos sorte.

Só podia ser piada.

- Claro. Foi muita sorte mesmo – disse ele. - Que bom que você não teve suas costas rasgadas, não é mesmo? – e caminhou em direção à entrada, de saco cheio do egoísmo dela.

- Espera! - disse Alina, logo atrás. Na certa somente agora via as suas costas retalhadas. – Está brincando que os sandersais fizeram isso?

Os olhos de Will marejaram, mas não... não choraria. Virou-se para

Alina, parecia horrorizada.

- Acha que eu pulei na água porque gosto de nadar em pântanos

imundos, fedidos, cheios de predadores? Se toca, Alina! Enquanto você sumia, *eu* virava colcha de retalhos! Não foi com você mesmo, não é? Rir e brincar pra você é muito fácil, sabichona!

- Ei, ei... calma, garoto! Não falei por mal – Ela ergueu as mãos, em trégua. – Eu só quero ajudar, está bem? Fica calmo. – Ele faria de conta que acreditava e em como ela se importava com o seu bem-estar físico. Piada. – Me deixa dar uma olhada nisso. – segurou-o nos ombros com a ponta dos dedos, mantendo a cara de nojo.

O toque gélido de Alina o fez estremecer. Suas costas ainda latejavam quando ela virou-o de costas, na certa para ver o estrago.

- Tenho péssimas notícias pra você – disse ela.

Assustado, virou-se, franzindo as sobrancelhas.

- Péssimas? – Talvez fossem mesmo. O olhar dela e a forma como torcia a boca diziam tudo. Havia algo muito errado. – O que pode ser tão ruim, além do fato de que agora vou ter que dormir de bruços por pelo menos um mês?

- As garras dos sandersais contém veneno, Will. Se não curarmos a sua ferida logo, sinto dizer, mas... talvez não resista. Além do que, está todo sujo. Aquela água é contaminada. Você viu que se trata de um cemitério. Querido, essa ferida vai piorar. Nem sei quais sintomas você vai apresentar. Estremeceu. Foi como se um balde de gelo fosse despejado sobre

sua cabeça. Ele não sabia o que dizer, não sabia o que pensar - *Morrer?*

- É brincadeira, não é? É você quem está de conversa fiada. Muito engraçado, Alina. Olha como estou rindo... – colocou as mãos na barriga e inclinou-se para trás, fingindo achar graça de tudo - hahaha.

Ela agarrou seu braço com força e puxou-o para si, seus rostos quase colaram.

- Presta atenção, Will. Falo sério. Já vi animais morrendo depois de serem feridos por sandersais. Precisamos encontrar um jeito de curar você. Ou senão, mesmo que consigamos salvar a sua irmã, você não vai sobreviver para passar com ela o resto da vida – largou-o.

Will entendeu a gravidade da situação. As costas dilaceradas por um sandersal infeliz. Corria risco de morrer!... *Morrer...* Essa palavra soava tão esquisita, tão distante. Outras vezes já precisou ir a funerais de parentes, vizinhos, amigos da família. Em todos, o cenário triste parecia não lhe afetar tanto. Agora era diferente, *ele* era a pessoa por quem sua mãe choraria aos pés de um caixão e, quem sabe, Nicole também... *Nicole.* ..

Nunca imaginaria que tudo acabaria desse jeito. Sem rumo certo, num outro mundo, de sonhos e pesadelos.

- Já estou morto – disse ele. - Já era. Tudo o que eu fiz não valeu de nada. Vim aqui pra procurar minha irmã e só fiz besteira. O pior é que a culpa foi toda minha.

Em seguida, seus ombros chacoalharam, seu corpo todo balançava.

- Ei, Will, acorda! Olha pra mim. Você está vivo. Tenho certeza que

a sua irmã também está. Nós vamos encontrá-la juntos e vamos te curar, entendeu?

- Mas... como? – ele abaixou a cabeça. Finalmente chorou. As

lágrimas escorreram pelo queixo e gotejaram até o chão.

- Olha - ela levou a mão até seu queixo, enxugando com o dedo a trilha úmida até seus olhos, limpando também um pouco das entranhas do sandersal que o impregnavam, – eu prometo que não vou deixar você morrer. Ouviu bem? Kírios deve saber como te curar. Ele quem criou todas as criaturas da noite que vivem no Exílio. Relaxe... Tudo vai dar certo. Só que você também precisa querer viver pra depois levar a sua irmã de volta pra casa. Não é isso que veio fazer aqui?

Will apenas fez que sim com a cabeça. Pela primeira vez Alina demonstrava se importar com ele *de verdade*. Talvez isso fosse um bom sinal.

- Ótimo – disse ela. E apontou para a caverna. – Lá dentro vamos encontrar as respostas que precisamos. Levanta essa cabeça e tenha coragem, rapaz. A gente não pode perder tempo.

Will hesitou. Viu Alina se distanciar para dentro da caverna. Ela tinha razão. Para resgatar Nicole, antes de mais nada ele precisaria se manter vivo. Tinha que seguir em frente, ter com coragem, confiar em

Alina, por mais difícil que isso fosse.

- A pia, no interior da caverna, vai nos mostrar o local onde o diário está. Quem sabe ela mostre também um jeito de curar você, Will – Alina deu-lhe um sorriso, como se dissesse “força, moleque, estamos quase lá”, ou

senão “coragem, garoto. Nem tudo está perdido” . Por que algumas vezes ele era simplesmente um moleque, noutras um garoto, raras vezes um rapaz?

Ser adolescente era um saco.

Will a via sumir na escuridão. Suspirou, tentou digerir as últimas notícias.

- Anda logo, Will. Estamos perto – dizia o eco de Alina.

Enfim, sabia o que precisava fazer. Desviou do sandersal caído e entrou. A tal pia misteriosa mostraria a direção que deveriam ir.

Era hora de seguir em frente. Mal sabia ele que o pior ainda estava por vir.

CAPÍTULO 10

O PEQUENO GRANDE DRAGÃO MUTANTE

De dentro do castelo, Kírios sorria ao ver Nicole se divertindo no jardim. Cada vez mais os pensamentos dela se distanciavam da sua casa, da sua mãe e do seu irmão. Sempre que ele tivesse a oportunidade, não negaria o grande prazer de entrar na mente dela e conhecer mais tais pensamentos. Toda sorridente, ela corria pelos corredores de arbustos. Era como se ele próprio estivesse lá, como se ele fosse ela. O coração palpitando, a respiração ofegante, como se ele mesmo brincasse de pega-pega com Drake e não ela; seus pés sentiam o impacto com o chão, o vento tocava seu rosto e seus cabelos.

- Nicole – disse e suspirou, enquanto suas mentes se fundiam e

tornavam-se apenas uma. Agora Kírios podia ver e sentir o mesmo que Nic, mas sem ela saber.

Nic corria como nunca, não queria ser pega por uma lebre branca que vinha em sua direção. Os corredores de arbustos pareciam mais estreitos a cada momento e eram tão longos... Mas todos, como num círculo, acabavam levando ao mesmo ponto de partida, a grande fonte central, onde estavam as estátuas de anjos.

Ela havia perdido a lebre de vista. Correu tanto, fez tantas curvas, pensou estar perdida. No fim, a lebre era quem se perdeu. Nem sinal dela.

Cansada, sentou na borda da fonte, junto ao seu barquinho de papel. Admirou-o por um momento e, quando foi para tocá-lo, uma pata branca colocou-se logo atrás da dobradura.

Assim que ela ergueu os olhos, sentiu uma lambida tão molhada como se toda a baba do mundo deslizasse pelo seu rosto.

Em seguida, olhou para o animal, um tigre branco enorme.

- Drake! – quase fechou os olhos. - Não precisava me dar um banho desse jeito – se fez de zangada.

Então, afastou o barquinho dali, usou a água da fonte para lavar o rosto e enxugou-o na camiseta. Não havia tido tempo de trocar de roupa.

Ela esperava que Drake falasse. Mas, durante todo o tempo em que estiveram brincando, ele só mudou de formas, pulou como uma lebre,

correu como um gato e voou como um pombo. Agora era apenas o tigre.

Nesse momento, Drake desceu da borda da fonte, aproximou-se de

Nicole e deitou a cabeça em seu colo.

Quem diria que aquele dragão enorme com cara de mau pudesse se transformar em tantos bichinhos diferentes.

- Fique tranquilo – disse ela, acariciando aquela cabeça macia. –

não vou contar o seu segredo pra ninguém. Mas saiba que você é muito especial. Não é qualquer um que consegue se transformar em tantos

animais. Eu mesma não consigo!

- *Desejos.* . – assoprou uma voz em seus ouvidos. Nicole olhou ao redor, não viu ninguém. O som ecoava em sua cabeça, como se entrasse nela com o sopro quente do vento.

Foi então que teve uma ideia. Com todo o cuidado, afastou a cabeça

do tigre de seu colo, virou-se para a fonte, ajoelhou-se e abaixou a cabeça

para ficar com os olhos um pouco acima do nível da água.

Atenta, encarou a água que caía, formando borbulhas... e desejou.

Visualizou e acreditou que ali mesmo surgia um novo barquinho,

mas não de papel, um feito da própria água.

De repente, no exato lugar em que Nicole imaginou o seu novo

barquinho, aquele líquido transparente brilhou. Talvez fossem os raios do

sol, mas era um brilho diferente, que quase ofuscava a sua vista. Surgiram

contornos dourados na água, que se moldavam rapidamente numa

pequena embarcação, igual à dobradura de papel.

Nicole sorriu por ter conseguido mais um desejo.

Que fofo!

Não queria parar por aí. Ao redor do barquinho, desejou vários outros e acreditou, visualizou todos eles, iniciando com contornos dourados que, aos poucos, desenhavam o que seria a sua própria frota de barquinhos de água. Todos transparentes e brilhantes.

Esticando o braço até um deles, o tocou. Seus dedos o atravessaram e ela não conseguiu pegá-lo na mão. Depois de tê-lo deformado, a pequena embarcação se refez, ainda sob o seu olhar atento. Com um largo sorriso, ela virou-se para chamar a atenção do seu novo amigo.

- Drake, olha só o que eu... – antes que pudesse terminar a frase, uma onda de água caiu sobre a sua cabeça, molhando-a toda.

- Mas... mas o que é isso? – ela perguntou, assustada, como se algo tivesse saído errado. Afinal, eram só barquinhos! Não tinha desejado uma onda daquelas. Até que reparou no grande responsável por toda a bagunça. Uma foca, grande e branca batia as nadadeiras lá dentro da fonte. – Muito bonito, hein, Sr. Drake... – colocou as mãos na cintura.

A foca travessa saltou para fora e, bem na frente de Nicole, o seu corpo brilhou e converteu-se novamente no grande dragão branco. Ele

abaixou a cabeça e olhou para ela como se quisesse dizer alguma coisa, mas ela não entendia.

- Olha só como me deixou – continuou a encará-lo. - Por que não

fala a minha língua? – esperou mais alguns segundos e então desistiu de tentar fazer Drake falar. Procurou o barquinho de papel. Havia sumido. Na

certa navegou em meio à onda até o gramado.

Enfim, era melhor se secar logo. Se ficasse molhada daquele jeito, poderia pegar uma gripe.

Será que aqui eu também posso pegar gripe?

Era melhor não arriscar. Depois de ficar doente no último Natal,

perdeu toda a diversão, a ceia, os presentes, a visita do seu pai. Will foi quem se divertiu sozinho com ele, colocando as luzinhas na árvore de natal

e saindo pra passear de bicicleta.

Então respirou fundo, fechou os olhos e desejou roupas secas.

Queria tanto uma roupa diferente. Será que conseguiria? Imaginou estar vestida nas roupas da sua boneca Barbie favorita. Uma saia rosa, cheia de pregas, e uma blusinha branca. Para combinar, sapatilhas brancas. Quis até um penteado parecido com o da boneca, com direito a franja e um laço na cabeça.

- Vai ser o máximo! – vibrou, ainda de olhos fechados. Sentiu um vento soprar ao redor do seu corpo, que formigou dos pés à cabeça.

Quando ela abriu os olhos, a surpresa.

- Estou linda! – saltitou de alegria. - Drake, estou demais! Não estou mesmo?

O dragão bufou um ar quente em resposta. Na certa que concordou. Até mesmo a sua cicatriz no joelho ficava charmosa agora que vestia uma roupa toda diferente.

Ela ergueu os braços em movimentos leves, juntou as mãos e ficou na ponta dos pés. Girou o corpo como se estivesse em um palco, dançando *O Lago dos Cisnes*, seu balé favorito.

Foi quando Nic teve um calafrio. Sem entender o significado, parou e olhou para o castelo; sentia uma presença naquela direção. Mas não havia ninguém na grande janela que dava vista para o jardim.

De repente, tudo ficou branco, como se nada mais existisse.

Nesse momento, Kírios voltava a si. Ele já não era mais Nicole, não via mais o castelo pelo lado de fora. Agora, ele estava do outro lado do vidro. Ele a via, mas ela não podia vê-lo. E inspirou profundamente.

Nic continuava olhando para a janela do castelo, como se desconfiasse que alguém lá dentro a observava escondido.

Tão bela, porém inocente.

Kírios nunca havia experimentado a liberdade antes e pôde sentir isso em Nicole. As sensações que vinham dela eram muito diferentes daquilo que ele imaginava. Vivenciar o lado humano através dela o deixava

mais vivo e mais forte. Mas ele desconfiava de que, por um momento, Nic realmente sentiu a sua presença, já que não havia ninguém mais além deles na Ilha.

Da próxima vez, deveria tomar mais cuidado. Nicole não podia desconfiar dos seus planos. Kírios até poderia vigiá-la todo instante se quisesse, mas confiava em Drake, seu dragão mutante. Caso surgissem problemas, Drake daria conta, protegeria Nicole com a própria vida se necessário.

No tempo em que Kírios esteve na mente dela, entendeu que, naquele momento, Nic precisava ficar sozinha. Ela precisava se acostumar àquele lugar tão diferente e mágico. A menininha aparentemente frágil, já era uma juvenzinha e isso deveria ser respeitado.

Enquanto ela se divertia com Drake, ele prepararia um delicioso café da manhã para ela, muito melhor que os piqueniques em família com os quais ela devia estar acostumada.

Nicole ficará bastante surpresa com uma mesa de doces.

Se ela não quisesse, prepararia outra coisa depois. Tudo valeria a pena para que, aos poucos, ela se esquecesse da sua mãe e do seu irmão implicante.

- Aguarde, moleque... – disse Kírios, pensando em Will. – Assim como Alina, sua hora está chegando.

No instante seguinte, pelo reflexo da vidraça, viu o seu corpo ser

envolvido mais uma vez por uma nuvem branca, que em seguida desapareceu com ele em pleno ar.

>>> X <<<

No Exílio, Will continuava seguindo Alina pelo interior da caverna.

Sentia-se exausto. A caverna era longa demais, escura demais, fria demais.

Apenas uma luz dourada que vinha lá do fundo indicava que estavam perto.

Costas retas, arqueadas, nada adiantava. Nenhuma posição diferente diminuía a dor dos cortes, que já parecia ter tomado o corpo todo.

Se demorar muito pra chegar nessa câmara eu. .

- Chegamos! – disse Alina – Will, você precisa confiar um pouco mais. Existe sempre uma luz em meio á escuridão. Lembre-se sempre disso

- E correu em direção ao ponto onde a luz dourada se intensificava.

- Confiar? Sei – disse ele. - Podiam ter escolhido um lugar melhor pra guardar essa pia.

O clima frio lá de fora dava lugar a um calor incomum, aconchegante. Então se deparou com um objeto estranho do outro lado da câmara, que lembrava muito a pia batismal da igreja onde Nicole, quando criança, foi quase afogada. O padre disse que era para lavar a alma. Mas Nic foi quem tomou um belo banho. Só que a pia diante dos seus olhos era toda dourada, a coluna dela repleta de espirais, tão diferente. Os brilhos dourados ao redor pareciam minúsculos pisca-piscas. Lembrou-se do

último Natal, onde divertiu-se a beça com seu pai. Pena Nic ter ficado doente nesse dia. Perdeu a diversão.

- Vem logo, não enrola – disse Alina, aproximando-se da coluna. -

Não era você quem estava com pressa?

Will se fez de indiferente, nem a olhou nos olhos. Caminhou até o

meio da câmara. No chão havia uma fenda com quase o seu tamanho em

largura. Pelo visto precisariam atravessá-la. Isso seria mais fácil se fosse uma aventura na tela da TV e ele estivesse com um controle nas mãos.

Controlar as ações dos personagens de seus jogos era muito mais fácil do que as suas próprias.

Nela passava um córrego. A água vinha de um buraco na parede e

descia pela fenda até o outro lado, onde havia outro buraco. Na certa era essa água que abastecia o pântano.

- Vai ficar aí mesmo? – disse Alina, já do outro lado.

Ele nem a viu saltar. Talvez devesse imaginar menos bobagens e prestar mais atenção.

- Precisa de ajuda pra saltar, Will? – disse Alina, toda sorridente.

- Eu me viro – disse ele, a mesma resposta que ela lhe deu quando estavam no pântano.

Respirou fundo. Depois de tomar distância, correu e saltou para o

outro lado da fenda. Seu pé tocou a borda, mas não conseguiu se equilibrar.

Seu corpo cairia de costas para o riacho não fosse Alina segurá-lo pelo colete.

- Que tal tomar mais cuidado, hein, senhor desastre? – puxou-o para a segurança da terra firme. Nessa hora o susto foi maior do que qualquer dor.

Alina caminhou até a tal pia dourada. Um fio de ouro escorria do teto da caverna até ela. Parecia toda feita de pó. E mais poeira flutuava ao redor dela, conferindo-lhe uma aura dourada. Só não entendia como se mantinha em pé. Seria por mágica? As formas, os desenhos retorcidos e espirais davam àquela coisa uma beleza incrível; despertava em Will um desejo de possuí-la, como se ele fosse um pirata em busca de seu tesouro perdido mais precioso.

Um estalar de dedos.

- Acorda! – disse Alina. Para de ficar imaginando coisas. A gente veio aqui por outro motivo, ou esqueceu? Deixa pra sonhar acordado depois de encontrar sua irmã.

Os dois se encararam, mas, desta vez, Will foi o primeiro a desviar o olhar.

Ela estava certa. Imaturo era ele. Precisava colaborar, controlar a ansiedade, a desconfiança. Mas não era fácil falar com Alina. Cada vez que conversavam, ela parecia não querer ser gentil, amigável, ficava sempre na defensiva. Tudo bem, ele tinha catorze anos e ela deveria ter seus vinte e cinco ou mais. E daí? Ele não era grande o suficiente para ser levado a sério? E pensar que antes de entrarem na caverna ela estava sendo simpática. *Simpática*. . fungou. *Conversa fiada*.

- Vem aqui – ela chamou. – O nome dessa coluna é Amparo. Ela só revela o que precisamos saber. Mesmo se olharmos juntos, ela vai mostrar coisas diferentes para nós dois. Então se concentre no que você quer.

Entendeu, ou preciso repetir?

Claro que ele havia entendido. Era grande o suficiente para entender algo sério. Uma das coisas que mais o irritava era ser chamado de criança, mesmo de forma indireta. De criança em sua vida bastava Nicole e já era muito para ele aguentar.

- Só tenho uma pergunta antes de olhar aí dentro. Quem trouxe essa pia aqui e pra quê?

Will percebeu o olhar incomodado de Alina. Aqueles olhos meio fechados e a aquela torcida na boca não negavam. Ele podia apostar que ela diria qualquer coisa para humilhá-lo, mas de jeito nenhum responderia o que ele queria saber.

- O nome é Amparo... – ela repetiu - Você disse que faria uma pergunta e acabou fazendo duas. Então, vou responder só uma delas – Ela abaixou-se e retirou da bota um pequeno frasco. Destampou-o, levou-o até o pó de ouro. As partículas pareciam saltar para dentro do frasco tal qual um Ímã atraindo ferro. – O Amparo é formado pelos raios do Sol que são filtrados pelas rochas acima de nós. Depois de filtrados os raios escorrem do teto nesse fio de pó dourado – apontou para o fio que deslizava do teto até a coluna, - se depositando aqui, na forma de uma... pia – tapou o frasco e

guardou-o de novo na bota. - Chega de perguntas e vê se olha logo pra dentro dele.

Está certo que ela não respondeu tudo o que Will queria saber. Ele já desconfiava que ela o enrolaria *de novo* com argumentos sem pé nem cabeça.

- Tá, tá. Vamos acabar logo com isso – disse ele.

Alina suspirou, talvez em alívio, ou quem sabe para manter a calma.

Will ficou de um lado do amparo, ela do outro.

- Está pronto?

Ele fez que sim.

Nesse momento, Will colocou as mãos na borda da relíquia. Para sua surpresa, elas afundaram no pó de ouro e o atravessaram.

- Não põe a mão! – Alina gritou e puxou seus braços. – O amparo é pra se olhar, não tocar.

- Desculpa, foi mal! – ele respondeu arqueando as sobrancelhas. Os olhos dela o atravessavam. – Foi sem querer! - insistiu.

Em seguida, os dois levaram as cabeças para frente, os olhos mirados para o interior do amparo, onde uma espécie de redemoinho fazia o pó de ouro girar lá dentro, de um lado para o outro, num círculo sem fim. Luzes douradas por todos os lados. Will não sabia se estava ficando doido ou não. Piscou para ter certeza de que enxergava bem. Mas ia além da sua

compreensão. Quanto mais o pó de ouro girava, mais para dentro dele Will parecia ir, como se mergulhasse no meio de uma tempestade de areia.

Tentou desviar o olhar, voltar atrás. Queria retirar a cabeça dali, mas todo aquele pó envolveu sua visão tão rápido que mal pôde acompanhar; girava ao seu redor, levava-o para outro lugar, bem longe.

Estaria sendo levado ao mesmo lugar onde está sua irmã?

CAPÍTULO 11

VISÕES DO PÓ DOURADO

Se ao menos o sonho fosse seu, Will poderia achar um jeito de sair dessa encrenca.

Deserto, ventania. Ele mal conseguia respirar. Tentou se proteger levando as mãos ao rosto, mas não foi o suficiente. O pó dourado girava por todos os lados e ele bem no centro do redemoinho.

De repente, o pó se assentou. Toda a dor que sentia foi embora. Em segundos um novo cenário surgiu ao redor. Outra caverna.

Sob seus pés, um amontoado de cobras, todas com asas, iguais à que viu morta na Floresta Cinzenta. Dezenas, tantas que mal conseguia

contar. Era um ninho de cobras, mas elas não o viam, não sentiam sua presença, serpenteavam tranquilas pela terra escura.

Até que, mais ao fundo, avistou uma mancha rosada.

Não pode ser. Parece ser o. .

Precisou chegar mais perto para acreditar no que via. Ao caminhar, transpassava as cobras como se fossem pura ilusão. Diante do objeto, não teve mais dúvidas.

- O diário da Nic!

A capa rosa e branca, um pouco suja, meio enrugada. Quais outros cadernos rosa existiriam por aí, perdidos em mundos estranhos e em meio a ninhos de cobra?

Esticou o braço para pegá-lo. Entretanto, tal qual as cobras, sua mão transpassou o caderno. Decepção.

Todos os seus desejos naquele lugar nada significavam. Tudo acontecia ao contrário do que ele esperava.

- Droga. – Olhou para cima. - É pra isso que me trouxe aqui, seu pó idiota? Se não para pegar o diário, pra que então?

Foi quando um som grave e grotesco ecoou por todos os lados. A caverna toda estremeceu. As cobras se agitaram, ergueram as asas. Muitas voaram para fora da caverna. Fugiam sabe-se lá do que.

Silêncio.

Ao olhar novamente o diário, uma sombra o cobriu. De repente, dois olhos imensos se abriram à sua frente. Esses sim pareciam vê-lo.

Sentiu um nó na garganta, deu dois passos para trás, as mãos suavam o corpo tremia.

Nesse momento, aquela coisa urrou. Will levou as mãos aos ouvidos, caiu de joelhos. Houve um novo tremor. Tudo tremia. A caverna desmoronava.

Os pedaços de rocha que caíam viravam pó antes de tocar o chão.

As paredes de pedra começaram a se desfazer. O urro permanecia, alto, grave, destruidor.

Enquanto tudo ao redor se desfragmentava e as partículas resultantes voltaram a girar num novo redemoinho, o urro ecoava. Will apertou os olhos, não queria ver, queria sair o quanto antes.

Quando o urro cessou, os olhos de Will se abriram quase que instantaneamente.

Ufa!

Via-se diante de um novo cenário. O pó se assentava, se misturava ao chão.

Ele olhou em volta, ofegante. Respirou fundo. Estava agora sobre uma rocha estreita; só cabiam seus pés. Tudo mais era um oceano de fumaça, ele no meio, solitário. Se estivesse num show, diria que não passava de efeito do gelo seco sobre o chão. Mas estava longe de ser um local de diversão.

Ao redor, nada além do ar. Sobre a sua cabeça, o forro de nuvens de energia, se embolando, agitadas, eletrizantes, os incontáveis raios vermelhos fazendo-as mortais. Se levantasse os braços conseguiria tocá-las,

de tão próximas que estavam.

Suas mãos seguravam uma pedra, vermelha como os raios acima, toda deformada, cheia de cascalho, suja, como se tivesse acabado de ser minerada. O interior da rocha rubra brilhava intensamente. Até que, para sua surpresa, um raio de sol, o único que conseguiu transpassar as nuvens

densas, iluminou-a. Seria um sinal de que as coisas começariam a dar certo?

Seria um sinal da Nic?

Houve então um grande estampido. As nuvens trovejaram seus raios em direção à pedra vermelha.

Tudo ao redor voltava a girar. A fumaça subia ao céu num redemoinho. A rocha sob seus pés tremeu e começava se desfragmentar. De repente, a pedra em suas mãos não mais existia, como se desaparecesse num passe de mágicas.

Então Will afundou em meio ao nada. Caía em um buraco gigante, escuro, ao centro de um imenso cone de nuvens de raios e poeira dourada a girar, assoprando-o para baixo.

- Socorro! – gritava, mas quem o ajudaria?

De repente, o cone de poeira explodiu na sua cara e a nuvem de pó dourado o envolveu.

- Will, acorda!

Um tapa acertou seu rosto.

- Para, para! – ele gritava – Está maluca? – colocou a mão ao rosto.

Os dedos de Alina deviam estar estampados em sua bochecha.

- Enfim acordou – disse ela. Estendeu-lhe a mão. – Anda, levanta.

- Primeiro me estapeia, depois quer me ajudar?

- Não reclama.

Aceitou a ajuda e ficou em pé. Para a sua surpresa, sem qualquer vestígio dourado em seu corpo, pelo que pode comprovar ao esfregar o rosto com as mãos.

- O que aconteceu? – ele perguntou. A dor nas costas havia desaparecido por completo. Achou estranho.

- Eu é que te pergunto. Você gritou do nada ainda com o rosto lá dentro do Amparo. De repente, caiu de costas no chão, como se tivesse sido empurrado. O que você viu?

Will deslizou a mão da bochecha até a testa. A cabeça tamborilava.

- Ah, sei lá. Eu vi o diário da minha irmã numa caverna cheia de cobras com asas, iguais àquela que morreu depois que eu caí no Exílio.

- O ninho das aves-serpente... – Alina completou. – Interessante. E depois?

- Ninho do quê?!

- E depois?! – ela insistia.

- Depois o caderno sumiu no escuro e do nada escutei um urro ensurdecador. Tinha um monstro lá dentro!

Os olhos de Alina pareciam brilhar.

- Uma criatura grande e assustadora? – ela disse.

Assustador na certa aquela era.

- Não vi o bicho. Só ouvi o urro dele.

- Úzolv – disse ela, o olhar distante.

- Quem?

- Úzolv. Uma espécie de *defensor mutualista*.

- O quê?

- Ele se abriga em qualquer lugar, junto a um grupo de animais. Ele protege o grupo, o grupo lhe dá comida. Quando ele se cansa do local, vai embora. O que viu foi só isso?

Só isso? Como se tivesse sido pouco. Ela realmente não bate bem da cabeça.

Will franziu a cenho e prosseguiu.

- Bom, depois eu apareci num lugar estranho, todo cheio de fumaça, as nuvens de energia tão perto da minha cabeça que eu me senti quase um para-raios. Tinha também a pedra vermelha que precisei erguer.

- Pedra vermelha? – disse ela. Olhava para o chão, pensativa.

- É. E você... o que viu?

Como num estalar de dedos, ela despertou dos pensamentos.

Encarou-o, o olhar desafiador, a boca torcida.

- Não é da sua conta – disse ela e caminhou até a fenda, onde se

agachou; tentava lavar as mãos.

- Espera – Will esbravejou. – O que quer dizer com *não é da minha*

conta? Você me dá um tapa e, como se nada tivesse acontecido, me pergunta o que *eu* vi. Depois, quando eu quero saber o que *você* viu, você simplesmente me ignora? Que espécie de...

- De... o quê? – disse ela, ao se levantar e colocar as mãos na cintura.

- Que espécie de pessoa é você. – continuou, sem que fizesse da frase uma pergunta, e sim uma afirmação. Abaixou a cabeça, caminhou também até a fenda – Quer saber, dane-se. Vamos embora.

Will sentia o olhar avaliativo de Alina acompanhando-o a cada

passo, mas não se importava. Ela não ligava a mínima para ele ou para qualquer coisa que fizesse. Se ele morresse a qualquer hora, azar o dele, não o dela. Alina sabia se virar, deixou claro que conhecia aquele mundo bizarro como a palma da sua mão. Mulher independente, forte, estranha –

muito estranha por sinal -. Bonitinha também. Pelo menos via beleza no pouco do rosto dela que aparecia por trás da máscara dourada.

Ele tomou impulso e pulou para o outro lado da fenda. Olhou para

Alina, esperava que ela também pulasse, mas não, continuou parada,

olhando-o. Na certa havia se cansado dele. Afinal, Will já havia feito o que ela pediu: enfiar a cabeça numa pia cheia de pó, depois contar para ela tudo o que viu.

- Will, espera... - Ele esperava por desculpas na verdade. - Deixe de ser criança, garoto. Relaxe.

Desculpas que não vieram.

- É muito fácil me pedir isso, não acha?

Alina saltou pela fenda e veio até seu lado. Hesitou um instante e disse:

- Vamos em frente. Já sei onde o diário está e precisamos chegar lá o quanto antes – depois passou por ele, dando-lhe as costas, e caminhou pelo túnel.

Às vezes Alina parecia ser de confiança. Mas Will não conseguia deixar de pensar que estava sendo passado para trás. Quando saíssem do Exílio, quem garantiria que ele não seria descartado como papel higiênico usado?

Dali em diante, andaram em silêncio até a saída.

Chegando lá, Alina parou, ele em seguida.

- Espero que goste de cavernas – disse ela. - Vamos partir para o primeiro lugar que viu lá dentro, o ninho das aves-serpente. Mas antes preciso passar em casa e pegar algumas coisas. - Então ela segurou-o pelo braço e afastou-o da entrada. - Como estão suas costas?

- Não sei... depois que eu olhei dentro do Amparo, elas pararam de doer.

De sua bota, ela retirou outra bolinha de metal.

- Perfeito. A magia do Amparo deve ter aliviado a sua dor. Mas é provisório. Precisamos curá-lo. - Em seguida, jogou-a para cima e a bolinha abriu-se em inúmeras espirais metálicas, ficando do tamanho de uma bola

de tênis. O centro dela brilhava como uma nova estrela.

Alina segurou firme a esfera, mirou no alto da entrada da caverna e arremessou. Enquanto os ouvidos de Will zuniam com a explosão, toneladas de pedras desabaram, bloqueando a passagem.

Em poucos segundos a caverna tornou-se oculta novamente.

- Hei, você não disse que tinha trazido só *uma* dessas?

Alina pôs uma mão na cintura, olhou-o com seus olhos verdes enigmáticos e em seguida sorriu com o canto dos lábios.

- Eu menti.

Will sentiu-se um idiota. Sobre o que mais ela estaria mentindo?

Depois de tanto correr pelo jardim do castelo, Nicole precisou parar para tomar fôlego. Brincou com Drake durante um bom tempo e, apesar disso, não sentia sono. Ainda bem, pois aproveitaria muito mais o lindo jardim.

Num piscar de olhos, Drake, que corria em sua direção, desta vez com a aparência de um *husky siberiano* totalmente branco, saltou como se quisesse derrubá-la no chão, mas, antes que fizesse isso, em pleno ar, transformou-se num belo passarinho branco e voou por cima dela. Cruzou o jardim até pousar no galho de um dos Ipês que tapavam os muros.

Cantarolava uma musiquinha muito agradável.

Nic sempre quis liberdade, como a do passarinho. Por isso sonhou com esse mundo todo diferente.

Então a melodia doce de Drake embalou seus pensamentos e desejos. Imaginou se conseguiria dar uma escapadinha rápida para conhecer melhor a Ilha sem que Kírios percebesse. Estava um dia tão lindo e não podia, de jeito nenhum, perder a chance de passear mais um pouco. Havia perdido a vontade de criar bonecas novas. Era muito mais divertido transformar a si mesma numa boneca do que segurar uma na mão.

Foi quando teve uma brilhante ideia.

Acho que Kírios não vai se importar se eu pegar Drake emprestado só um pouquinho.

Fechou os olhos, desejou que Drake viesse ao seu encontro.

Imaginou-o na sua frente, pronto para ajudá-la com o seu plano.

Abriu os olhos e sorriu ao ver o belo passarinho branco batendo asas à sua frente. Não demorou um segundo e Drake transformou-se. Suas asas cresceram, assim como o seu corpo. Voltava a ser o grande dragão branco. Os mesmos olhos azuis a encará-la, como se esperassem ansiosos para saber o que Nicole iria dizer.

Ela olhou-o por instantes, desconfiada. Perguntou em seguida:

- Você não consegue ler mentes, não é?

Drake torceu o pescoço. Nic quase conseguiu ver um ponto de interrogação gigante sobre a cabeça dele.

Claro que ele não pode ler mentes, sua burra. É um Dragão. Dragões voam e soltam fogo – imaginou Will dizendo.

Em seguida, levou a mão ao canto da boca e cochichou.

- Drake, eu queria dar uma voltinha lá fora. Não é nada de mais, só que eu não quero que o Kírios fique sabendo, entendeu? – o dragão não expressava reação alguma. Apesar disso, ela continuou - Já que esses muros são muito grandes e todas essas árvores estão na frente, o que acha de sairmos voando daqui?

Drake bufou seu ar quente sobre Nic, bagunçando seus cabelos.

Logo em seguida, soltou um rosnado.

Ela não sabia o que aquilo queria dizer, mas estava apavorada só de pensar que Kírios poderia escutá-lo e estragar o seu plano de sair às escondidas.

- Shhh! – levou o dedo na boca em sinal de silêncio - Fique quieto, por favor! - Olhava para o castelo.

Tomara que ele não tenha ouvido.

- Silêncio! – insistiu muito brava desta vez.

A testa franzida e as mãos na cintura foi o que pareceu intimidar o dragão, que se calou no mesmo instante. – Quer me dedurar? Isso é muito feio, sabia? – ela tinha certeza de que Drake podia entendê-la, só que ele não falava nada. - Presta atenção. Quero que você me leve para o outro lado do muro. Será que pode fazer isso? – Drake não se mexeu. – Por favor?

Nada.

Ele a encarava como se ela fosse feita de vidro e a visão dele a atravessasse. Tudo bem que ela queria sair escondida do castelo, mas era só uma saidinha rápida.

- Qual é... Vamos! Vai ser rapidinho. O Kírios nem vai perceber. E, se você não me levar, eu acho que posso desejar um outro dragão. Aposto que ele me levaria.

Drake fechou levemente os olhos, parecia concordar enfim. Levou sua cabeça até Nic e abaixou um dos joelhos, como se quisesse que ela subisse em sua sela.

Ela vibrou de alegria. Sentiu-se tão aliviada que mal soube como agradecer. Escolheu a frase mais simples de todas.

- Obrigada, Drake!

Feliz da vida, deu-lhe um beijo no que talvez fosse a sua bochecha.

Sentiu a pele quente e áspera em seus lábios, muito diferente da pelúcia macia do seu bichinho, que fazia cócegas em seu nariz. A princípio,

estranhou aquela sensação. Tirando o ogro do Will, Nic nunca havia beijado outro animal.

Em seguida, usou o joelho de Drake como degrau para subir.

Procurou ficar em uma posição confortável lá em cima. Mas seus ombros estavam leves demais.

- Minha mochila! – pensou em voz alta e vasculhou o jardim com os

olhos.

Nem sinal.

Mas, pra que descer e procurar, se eu posso desejar que ela esteja comigo? – revirou os olhos – *Burra ao quadrado* – diria Will, mal educado.

Tinha que ser a mesma, já que nela estavam suas coisas.

Uma luz dourada surgiu entre as mãos de Nic. Os contornos

brilhantes começaram a desenhar sua mochila jeans favorita.

Já conseguia sentir o peso real da mochila quando o brilho dourado desapareceu.

Pronto.

Abriu o zíper e conferiu o conteúdo. Lanterna, pacote de bolachas,

sua escova de cabelos de madeira e o relógio, rosa, de plástico, que ganhou

do seu pai, os ponteiros parados. Estranho. Deu umas batidinhas no visor,

mas ele nem se mexeu. Enfim, tudo em ordem. Fechou o zíper e jogou a mochila nas costas.

- Pronto, Drake. Vamos por ali – apontou para onde achava que

seria a direção certa. Pelo que ela lembrava, o rio cruzava a ilha toda até desaparecer em uma cachoeira.

- Espera! – disse ela.

O dragão, que já abria as asas, pronto para alçar voo, perdeu o

equilíbrio e cambaleou até recuperá-lo.

- Ai, Drake, desculpa! É que me esqueci de fazer mais uma coisinha.

– E fechou os olhos.

Eu desejo. .

Nic sorriu pela artimanha que acabava de colocar em prática.

Numa olhadela para trás antes de partir, constatou que havia dado certo. Já tinha feito e pronto. Jurou a si mesma que guardaria segredo. Nem mesmo Kírios desconfiaria, ao menos por enquanto.

Mal via a hora de passear pela Ilha e realizar os desejos que tinha em mente.

CAPÍTULO 12

BEM MAIS QUE UM SONHO PERFEITO

- Eu devia ter tomado a porcaria daquele chá – disse Will, ao tropeçar de novo enquanto voltava à casa de Alina. Mal conseguia enxergá-la logo à frente. A visão embaçada o fez pensar por duas vezes que a havia perdido de vista. Era melhor ela não saber da sua semi-cegueira senão as implicações só aumentariam. Na certa zombaria “como um garoto cego vai conseguir salvar a irmã se não consegue enxergar nada meio metro à frente?”.

- Mas não tomou – disse Alina. – Poderia ter evitado que fossem atrás de você. E não faltam plócaras por aqui. Em todo caso, antes de partirmos, é bom que beba pelo menos um pouco do chá que restou. Não custa nada. Teimoso. Se tivesse me escutado antes, não passaria por essa situação. Uma cheirada que dessem em você e na mesma hora desistiriam de te perseguir.

Moça xarope. Malditos sandersais – pensou ele.

De repente, Will sentiu uma pressão no peito. Talvez a mão de Alina.

- O que foi? – disse ele, assustado, mal conseguindo identificar se havia perigo à frente. Consequia ver apenas o que achava serem os cabelos brancos da Alina.

- Problemas – disse ela. – É melhor ficar quieto.

Com medo de fazer alguma burrada agora que não enxergava, preferiu obedecer, mas não porque ela mandou e sim porque ele quis. Além do mais, ao longe, tudo mais parecia uma tela cheia de borrões. Não seria inteligente bancar o herói.

Mas ao menos gostaria de saber o que estava acontecendo. Todo esse suspense o deixava impaciente demais.

Então, como em um estalar de dedos, sua visão voltou ao normal.

Como era possível? Sua visão perfeita, havia se tornado totalmente inútil.

Agora, normal de novo. Piscou várias vezes para ter certeza de que não imaginava coisas. Talvez não devesse comemorar muito. Afinal, a qualquer momento a visão poderia falhar outra vez.

Will entendeu o motivo de Alina ter pedido para que ele ficasse em silêncio. A porta de entrada da casa dela estava aberta e nem sinal de Flique. Uma luz amarelada parecia se agitar lá dentro, como se o invasor ainda estivesse lá.

- Você estava esperando alguém? – disse Will.

- Shhh! – Alina o repreendeu, levando o indicador aos lábios.

Depois se agachou.

Will cochichou:

- Sério que aqui existem ladrões? Será que eles sabem sobre a Nicole?

Alina pareceu nem ligar para suas perguntas. Apenas voltou a caminhar em direção à porta.

Ele a seguiu na ponta dos pés.

Ao chegarem, ela posicionou-se de um lado, Will do outro.

Esperaram um instante. Ela levou dois dedos aos olhos, fazendo a ele um sinal como se indicasse para ficar em alerta.

Com o balançar de cabeça de Alina, entraram, prontos para acabar com qualquer invasor ou o que quer que fosse.

Will mal acreditou no que via.

Próximas ao fogão destruído, as cuias com o chá de plócara que haviam deixado para trás estavam jogadas no chão de madeira. Abaixo delas, as manchas molhadas se estendiam até os poucos móveis da casa, espalhados pelo chão, quebrados, revirados.

Pendurado atrás da coluna de madeira, o lampião aceso balançava, aparecendo e desaparecendo. A luz ia e voltava, incidindo num canto do cômodo, iluminando o amontoado de penas azuis que se mexia por detrás

do armário.

Alina correu para lá e afastou o móvel.

- Flique, você está bem? – disse ela. Ele estava todo amarrado e

vendado por uma corda grossa que parecia viva. Will já tinha visto algo parecido na TV, uma serpente se enrolar em sua vítima. Ela se contorcia, parecendo apertar cada vez mais o corpo do coitado do Flique. – Estiveram

aqui há pouco tempo.

Flique gemeu. Aqueles olhos grandes e brilhantes pareciam

implorar por liberdade.

As mãos de Will foram direto para o bico da ave, preso por uma das

pontas da corda. Precisava ajudar Flique, libertá-lo. Mas, quando tentou agarrar a maldita corda, ela mudou de posição, como se desviasse de

propósito. Tentou mais uma vez, e de novo. Mas a corda desviou de seus dedos. Mais três tentativas e nada.

- Essa corda estúpida não tem um nó ou um laço sequer – Fez mais

quatro tentativas seguidas para pegá-la, enquanto continuava a falar – E

não... me deixa ... colocar... a mão. – suspirou. – Desisto. Tenta você.

Alina deslizou a mão até as asas amarradas de Flique. No mesmo

instante, a corda se afastou sozinha, liberando uma asa.

- A corda está encantada – disse ela.

- Isso é magia?

- É... bem isso. Uma corda mágica – Em seguida ela levou a adaga

para cortar a corda. Porém, como uma serpente a fugir do fogo, a corda desviou

da lâmina - Mas que droga! – tentou mais uma vez. E de novo a corda desviou. – Calma, Flique. Vamos tirar você daí.

- Já sei! – disse Will, arqueando as sobrancelhas. Chegou mais perto

de Alina. – É o seguinte. Nós dois vamos colocar as mãos no corpo do Flique, mais ou menos no meio dele. Em seguida, você vai deslizar a sua mão pela esquerda e eu faço o mesmo, só que pela direita. Vamos fazer isso

juntos. Se der certo, a corda sempre vai ficar longe das nossas mãos e vai se desenrolar até deixar o Flique livre!

- Bem, a ideia não é das piores – disse Alina. - Pode funcionar.

Will deu um sorriso pelo reconhecimento e ficou bem ao lado dela.

No momento em que Alina repousou a mão no corpo de Flique, a

corda se afastou alguns centímetros. Quando Will colocou a mão no corpo

da ave, encostou sem querer nos dedos de Alina e a corda se afastou um pouco mais. O toque frio e macio fez o corpo de Will tremer. Mas foi tão rápido que, ao se dar conta, ela já havia começado a deslizar a mão para a

esquerda. Imediatamente Will deslizou os dedos para o outro lado, as penas de Flique fazendo cócegas.

Tudo pareceu funcionar bem. A corda se desenrolava aos poucos.

Em instantes, Flique estava livre. A corda, caída no chão bagunçado, se contorcia, feito minhoca.

- Deu certo! – Will vibrou. Deu um pulo, entrelaçando os braços no pescoço de Flique. A ave levantou-se deixando-o pendurado.

Alina sorriu. Pela primeira vez parecia feliz por uma coisa que ele havia feito. Já era hora.

- Muito bem, acho que é melhor nos prepararmos para partir -

disse ela, ao tentar pegar a corda do chão, sem sucesso. – Quero dar o fora

daqui o quanto antes. Primeiro preciso achar o meu cinto. Isso se não o levaram. Olha só o que fizeram com a minha casa!

A velha Alina estava de volta, ranzinza, mal humorada.

- Vai ficar aí me olhando que nem besta? Vamos, me ajuda a pegar essa corda!

Will a imitou com voz fina:

- Me ajuda a pegar a corda... – e avançou pelo chão dando uma de caçador. - Você não deve ter muitos amigos, não é? Sabe quem pode ter invadido a casa?

Ela quase escorregou ao tentar pisar na corda mágica, que desviou do seu pé.

- Não tenho amigos. Mas sei quem pode ter feito essa bagunça. Este foi só um aviso. Vem coisa pior por aí.

Will achou estranho. Aviso de que seria? Perderam alguns minutos até conseguirem dominar a corda mágica e enrolá-la.

Alina rogou pragas até achar o cinto. Ao menos melhorou de humor ao encontrá-lo jogado num dos cantos. O prendeu na cintura e encaixou nele a corda mágica. Na verdade, se o cinto realmente tivesse valor, já teria sido roubado. Will se lembrava de ter visto algo parecido em uma de suas histórias em quadrinhos, mas achou melhor não falar nada

para não levar bronca.

De um dos compartimentos do cinto, Alina retirou uma bolinha de vidro, virou-se para Will e disse:

- Pegue isto, para o caso de precisar. – Essa Will jurava ser uma bolinha de gude. – É uma ampola de luz. Não é necessário jogá-la, ela não explode. Pelo contrário, dentro dela existe uma essência de luz muito poderosa. Se estiver em perigo, é só... apontar, está bem?

- Acha que vou mesmo precisar?

Alina torceu os lábios.

- Tudo bem. Não precisa responder – disse ele.

Em seguida, ela retirou ainda várias bolinhas de metal, estas um pouco maiores. Pegou da bota o frasco com o pó dourado do Amparo e, uma por uma, Alina abria as esferas metálicas e colocava através das espirais uma pequena porção de pó dourado em seu interior. No instante em que começavam a brilhar como estrelas, ela as fechava e guardava de volta em outro compartimento do cinto.

- Então é assim que se faz bombas por aqui?

Ela o olhou de lado. Quem sabe devesse fazer uma pergunta melhor.

- Bem... Levaram alguma coisa?

- Parece que nada – fechou a última bolinha e a guardou.

Antes que Alina saísse porta a fora, ele tornou:

- Estranho. Mas você desconfia do que vieram procurar?

Ela olhou-o de novo, hesitante, abriu de leve os lábios como se fosse revelar um segredo. Em seguida, ergueu o rosto, arrogante, suspirou e

deu-lhe as costas.

- É. Talvez.

Depois de criar uma bela mesa de guloseimas na sacada do castelo,

a boca de Kírios salivava diante de tantos doces que Nicole gostava.

Cortou um pedaço gigante de bolo de chocolate com chantilly e

colocou-o num prato.

Vários pássaros coloridos faziam festa acima da mesa, cantavam

sem parar. Aquela melodia relaxante da natureza o fez se esquecer por instantes do fedelho que invadiu o Exílio.

A sacada oferecia uma visão privilegiada da floresta. Nicole

adoraria conhecê-la.

Mesa posta, hora de chama-la para comer, ela devia estar faminta.

Ele podia sentir sua presença e de Drake no jardim.

Tinha medo de perder Nicole para seu irmão intrometido e para o

mundo real, o lugar onde ela teve que nascer e crescer, cheio de pessoas egoístas. Isso o enfurecia. Não podia correr o risco de perder Nic, de deixá-

la voltar.

Antes de chamá-la, decidiu entrar mais uma vez na mente dela.

Precisava saber o que Nicole esperava para o futuro. Precisava absorver mais alguns de seus pensamentos.

Concentrou-se. A visão transpassou as paredes do castelo e alcançou o jardim. Lá estava, linda, os cabelos ao vento, balançando com os rasantes do magnífico cavalo branco em que estava montada, Dake. O cavalo planou até o gramado do jardim e bateu as asas, pousando em segurança.

A visão de Kírios avançou até Nicole. Mas, para a sua surpresa, no momento em que suas mentes se uniriam e ele teria total acesso aos pensamentos dela, nada aconteceu.

Surpreso, fristou a testa. Concentrou-se ainda mais e tentou pela segunda vez. Mas a visão transpassou a imagem de Nicole novamente, como se ela não existisse, como se fosse um mero espelho d'água, que se desfaz ao ser tocado.

Ela é só uma criança. Mal aprendeu a desejar um barco de papel!

Como pôde criar uma ilusão?

Nicole e Drake *estavam* lá, podia vê-los, senti-los.

- Falsos. Imagens falsas, feitas para me enganar. Como ela pôde?

No mesmo instante, sua visão retornou à sacada, seus olhos fixaram-se na grande mesa de doces.

O coração de Kírios palpitava mais forte, sua respiração parecia não ser o suficiente para suprir-lhe o ar.

- Traidora! – esbravejou com um soco na mesa. – Não admito que

me façam de idiota.

O que pode ter saído errado? Será que ela desconfiou dos meus planos? Não. Isso não está certo.

A cabeça começava a doer, a latejar em pontadas. Nada mais fazia sentido. As sensações voltavam. Tristeza, loucura, dor. Dor por achar que a perderia, por saber que o mundo cruel a faria sofrer novamente, por tirar dela a liberdade de ser feliz.

Dor. A maldita dor retornava depois de tanto tempo.

Ódio. De tudo, de todos.

O único lugar seguro é aqui. . – dizia a si mesmo – comigo. Pra mim.

A imagem de Will vinha à sua mente como que atraída por um ímã.

O moleque e Alina não eram mais os seus únicos problemas. Agora havia mais alguém a enfrentar. Sim, alguém em quem até então ele confiava,

amava. Alguém que agora também poderia estragar tudo. Precisava impedi-la o mais depressa possível.

- Nicole – murmurou.

Mais dor.

Mais ódio.

Kírios ergueu as mãos.

- DEBURACS! – sentiu uma pontada no peito e arqueou o corpo.

Mesmo assim continuou – Invoco o *Eclipse das Sombras*. Tragam Nicole até

mim! – ofegou - Terá o seu pior pesadelo, menina. Terá até o primeiro pôr-do-sol para voltar ao castelo. Você é minha! O seu sonho é meu!

A mão de Kírios buscou a cadeira mais próxima, mas esbarrou em pratos e copos. Em um segundo, ouviu a louça estilhaçar no chão. Noutro, sua visão escureceu.

O cheiro da grama e das árvores fascinava Nic, enquanto voava pelo longo corredor de eucaliptos farfalhando em uma sinfonia linda.

Adorava sentir o cheiro refrescante das folhas trazido pelo vento.

Poderia descer um pouco para aproveitar a paisagem. Gabava-se pela ideia excelente de criar uma ilusão de que ela e Drake, em forma de cavalo branco, brincavam no jardim do castelo.

Mas agora, voava no cavalo de verdade, tão divertido quanto voar de dragão.

Tomara que o Kírios não fique muito zangado quando descobrir – pensou.

- Drake, vamos descer um pouquinho? Juro que depois vamos voltar – e acariciou a crina do cavalo voador.

Em seguida, Drake relinchou de um jeito tão engraçado que ela não segurou o riso, era como se ele quisesse dizer *tudo bem, tudo bem, você me convenceu*.

Os dois planaram até pousarem próximo à curva do rio.

Nic arremessou a mochila ao chão e saltou. Deitou de costas, os braços abertos na grama macia como tapete.

Logo acima, os raios de sol brilhavam entre as folhas dos eucaliptos. O dia era tão lindo, que o sol poderia brilhar para sempre.

Estava tudo perfeito. Ela se lembraria desses momentos para o resto da vida.

Um ronco. Seu estômago.

- Ai que fome! – disse ela, forçando os braços para se sentar. Drake pareceu revirar os olhos, como se achasse bobagem tudo isso. Nic nem ligou. Com tanta grama ao redor, por que iria querer outra coisa?

Ela mal havia jantado na noite anterior. Deixou quase todo o macarrão no prato. *Culpa do Will.*

Então se lembrou do pacote de bolachas na mochila. Foi até lá, desesperada a dar as primeiras mordidas. Já podia sentir o recheio de chocolate derretendo na boca.

Delícia.

Mas antes de abrir o zíper, notou a sombra da mochila estremecer no chão. Arregalou os olhos. Sim, jurava tê-la visto se mover sob o sol.

Olhou rápido para Drake, mais adiante, bebendo água no rio. Nem notou que ele havia se afastado tanto.

Tudo bem, talvez estivesse ficando maluca.

Foi quando a sombra tremeu novamente.

Assustada, agarrou a mochila e levantou-se para correr até Drake.

Mas antes que conseguisse dar as primeiras passadas, gritou. Não conseguia sair do lugar. Alguma coisa gelada segurava o seu tornozelo. Aos poucos aquele gelo começou a subir em espirais por sua perna.

- *Aimeudeus*, Drake, socorro! – a voz mal saía, seu corpo tremia. Os olhos começaram a lacrimejar. Não conteve os soluços assim que viu a sombra deslizar por sua pele e envolver seu corpo. Então apertou a mochila contra o peito.

Assim que Drake pareceu ver o perigo, empinou o corpo e relinchou como se desafiasse a sombra.

De repente, dois tentáculos escuros brotaram da mancha negra que envolvia Nicole, transformaram-se em asas grandes, escuras e pontiagudas.

- DRAKE! – ela gritou, segundos antes de sua boca ser tapada por uma mão fria e sinistra.

Um sopro gelado soou à sua orelha:

- Ordens do mestre!

As lágrimas escorreram. Nada vinha em mente. Como fugir? Onde se esconder? O que era essa coisa afinal e o que queria?

Medo. Tremia. Não conseguia pensar em nenhum desejo para tornar realidade, mal conseguia manter os olhos abertos. Precisava de

Drake mais do que nunca. Por que ele não fazia nada? - *DRAKE* - queria gritar, mas não conseguia. O grito só vinha em pensamento.

As asas escuras começaram a bater e os pés de Nicole a deixar o chão. Para onde a estariam levando?

Nesse momento, Drake abriu as asas. O seu corpo brilhou intensamente.

Nicole fechou os olhos para não ver a luz ofuscante.

Logo depois, um urro ensurdecedor partiu da criatura que a segurava. Em seguida foi jogada ao chão.

Então a luz própria de Drake se apagou. Mas não só ele como todo o céu parecia escurecer.

Nic não conseguia parar de se perguntar o que era aquela coisa e, pior, o que queria com ela.

CAPÍTULO 13

FUGINDO DE SOMBRAS

Nicole odiava-se por ter fugido, por ter sido irresponsável e enganado Kírios. Precisava dele e não sabia como pedir ajuda.

Em meio a soluços e lágrimas, forçou-se a olhar para cima, para o céu a escurecer.

Não deveria ser dia todo o tempo? Kírios falou que seria.

Um eclipse encobria o Sol. Nic se lembrava de ter visto uma cena

igual a essa apenas uma vez. Foi um dos piores dias da sua vida. Will a fez acreditar que o mundo estava acabando.

Não. Não podia estar acontecendo isso de novo. O lugar com que sempre havia sonhado era perfeito e não podia acabar.

- O mestre ordenou! – gritou outra voz grave e rouca vinda das árvores. Nic olhou para lá, mas não havia nada.

- O mestre... – dizia uma terceira voz, vinda do rio.

Nic novamente olhou na direção de onde vinha, mas também não encontrou nada. Até que algo úmido e quente deslizou em seu rosto. Ela desabou em gritos.

Quando se deu conta de que era apenas Drake a lamber sua bochecha, novas lágrimas rolaram, mas essas de alívio.

Drake encostou a cabeça pesada em seu ombro e empurrou-a, como se quisesse encorajá-la a seguir em frente.

- Drake, me tira daqui, por favor – disse ao se levantar.

Nesse momento, um vento forte varreu as folhas do chão e jogou-as contra o rosto de Nicole. Não ficaria ali mais nenhum segundo sequer.

Colocou a mochila nas costas e montou em Drake.

- Vamos sair daqui, por favor – sentiu um novo calafrio. Do corredor de eucaliptos, dois grandes vultos vinham em sua direção.

- O mestre... ordenou! – disseram as vozes.

Nic não sabia o que fazer a não ser gritar, gritar muito.

- Drake, corre, corre! – o cavalo deu meia volta e disparou pela margem do rio.

- Nicole! – chamavam as sombras, as vozes ecoavam por toda parte.

Misturadas à penumbra, as sombras pareciam chamá-la de lugares diferentes.

Corpos negros deslizavam pelo ar em sua direção, deixando para trás um rastro de fumaça. Chegavam cada vez mais perto. O coração de Nic mais parecia um relógio que tiquetaqueava sem sair do lugar. Por mais rápido que Drake corresse, não parecia ser o bastante.

Quando uma das sombras avançou pela sua esquerda, Nic enxergou a sua verdadeira forma. Um animal horrível. Meio humano, meio morcego, a pele escura e enrugada, as garras e os dentes pontiagudos vieram ao seu encontro.

- DRAAAKE!

Nesse momento, ao redor de Drake, surgiu uma nova aura de luz, que brilhou intensa.

Quando a luz tocou aquele animal maligno, seu rosto macabro se desfigurou como se recebesse um soco do campo protetor, arremessando-o para longe.

Escaparam por pouco.

Drake alcançava o fim da Ilha e alçava voo. O rio e a cachoeira ficavam para trás, as nuvens abaixo dela, antes brancas como algodão, agora tão escuras quanto o sol encoberto.

De repente, uma esfera imensa, repleta de olhos brilhantes surgiu a poucos metros, como se o Eclipse a enviasse para capturá-la.

- O que é aquilo? – Nic perguntou a Drake, sem esperança que ele a respondesse. Pareciam inúmeras sombras se embolando numa nuvem gigante e tenebrosa, uma escuridão cheia de olhos se mexendo para cima e para baixo vindo rápido em sua direção.

- Volta, Drake, volta! – Nic puxou tão forte a crina do cavalo que pensou tê-lo machucado. - Kírios, socorro! – seu grito ecoou pelo céu, na esperança de que ele pudesse ouvi-la de onde quer que estivesse.

Então Drake mergulhou no ar. Desceu em rasante até as nuvens logo abaixo, enquanto as sombras os perseguiam. Mas antes que pudessem atravessar as nuvens, em questão de segundos foram engolidos pela esfera de sombras, Como se um grande cobertor negro fosse lançado sobre suas cabeças. Tudo era escuridão. Nem mesmo a aura luminosa de Drake conseguia clarear o caminho.

Foram os monstros que apagaram as luzes, Nicole. Todos eles vão te

caçar onde você estiver – dizia Will nas noites em que acabava a energia. Ela sempre morria de medo de um dia isso se tornar realidade.

Agora as sombras soltavam gritos, silvos, urros. Chamavam o seu

nome. Tentavam a qualquer custo adentrar no campo luminoso que Drake emitia. Apenas seus rostos desfigurados apareciam de repente, dando-lhe sustos e mais sustos. Nic se agarrava forte ao amigo como se a sua vida dependesse disso.

Queria ser resgatada e nunca mais fugiria. Talvez Kírios ainda nem desconfiasse da sua fuga. Como a encontraria desse jeito?

- Drake, me protege. Por favor... A gente vai morrer.

Por mais que Drake brilhasse, batesse as asas e espantasse aqueles monstros para longe, eles se mantinham sempre unidos. Os dois pareciam presos dentro da esfera de sombras, que se movia e os empurrava para algum lugar.

- O mestre ordenou... – grunhiu o coro de vozes.

Como saio daqui? Como saio? – Nic se perguntava, enquanto as lágrimas salgavam sua boca – *Quem é esse mestre, afinal?*

Só havia uma saída. Fechou os olhos. Mas concentrar-se seria bem difícil com aquele monte de criaturas das trevas tentando agarrá-los, como verdadeiros demônios. – *Vamos, vamos. . Eu desejo. . eu desejo. .* – franzia a testa em desespero. Não conseguia visualizar o que queria que acontecesse.

Como poderia desejar desse jeito?...Impossível. Até que... – *Eu desejo. .* - a imagem se formou.

Luz!

Nic abriu os olhos e os braços. Uma grande explosão de luz dourada partiu de seu corpo. A luz preencheu todo aquele espaço de

escuridão, arremessando os demônios para longe, afastando-os à força, libertando a si mesma e Drake.

Exausta, desfaleceu sobre ele. Escaparam, por enquanto.

Mas bastou poucos segundos para os inúmeros demônios voadores se reagruparem e mais uma vez, voltarem a persegui-los.

- *Aimeudeus, aimeudeus*, Drake!

Os demônios voavam tão rápidos quanto uma nuvem de insetos, cada vez mais perto.

Nesse instante, o corpo de Drake mudou de forma. Voltava a ser o grande e imponente dragão branco.

Antes que o grupo de sombras caísse novamente sobre suas cabeças, o dragão mergulhou nuvens abaixo.

- DRAKE NÃÃÃO...! - Mas já era tarde demais. Adentraram rápido na camada de nuvens e desceram.

Desciam cada vez mais. Mais e mais fundo. O ar ficava cada vez mais frio. Nic sentia o estômago revirar. Aos poucos pareceu ouvir sons de trovões, que se intensificavam à medida que desciam. Ao longe, surgiam manchas vermelhas indecifráveis. Quanto mais desciam, mais manchas apareciam, semelhantes a...

- RAIOS! – Nic ficou apavorada ao perceber uma rede de raios vermelhos logo à frente. – Não, Drake, volta!

Inútil pedir, o dragão descia cada vez mais.

Era a coisa mais louca que já havia feito, um pesadelo. Seriam fritos. Fritos de verdade!

O vento gelado cortava seu rosto, parecia congelar as lágrimas que insistiam em sair.

Nesse momento, Drake transformou-se novamente. O corpo do dragão pareceu envolvê-la; as asas formaram o que talvez fossem duas portas que se fechavam sobre Nicole.

Drake certamente a protegeria. Não permitiria que ela se ferisse quando passassem pelos raios.

Mas, Drake ficaria bem? Será que suportaria passar por lá sem se machucar?

Antes que as portas se fechassem totalmente, Nic olhou para o caminho que haviam percorrido. Via inúmeros olhos vermelhos com expressão de ódio; caíam feito uma chuva luminosa em sua direção.

De repente, um par daqueles olhos assustadores desceu em maior velocidade. O corpo da criatura ficou visível, as asas pontudas batiam rápido, as mãos esqueléticas apontavam as garras para Nic. Então abriu a bocarra como se fosse grande o suficiente para engolir ela e Drake.

- Kírios... – Nic sussurrou – me ajuda...

E as portas se fecharam.

Flique voava rápido para a montanha das aves-serpente. Alina o guiava pelos ares como se conduzir aves voadoras fosse seu *hobby*.

Apesar de Will se sentir seguro tendo Alina à sua frente como guia aérea, suas pálpebras permaneciam quase coladas umas nas outras, tão grande era o medo de olhar para baixo. Seu corpo tremia; os assobios do vento só aumentavam o desespero, a ansiedade de chegar logo na tal montanha. Que viessem centenas de sandersais, ele pouco se importava.

Mas, voar?

- Vai demorar muito? – a voz dele quase não saiu.

- Ai, ia, ai. Eu não acredito que você vai começar de novo com essa história! – Alina o repreendeu, quase gritando por cima do ombro. - Por que você não faz um favor a si mesmo e abre os olhos? Vai ficar a vida inteira como covarde? Ah, me poupe.

- Hei, você nem sabe como é...

- Não sei o quê? Se liga, Will! Quem é o coitadinho que tem medo de altura? Eu é que não sou. Qual é! Você já deixou de ser criança há muito tempo. Vê se enfrenta o medo. Cresça, garoto.

Quem ela pensa que é pra falar comigo desse jeito? Nem a minha mãe fala comigo assim!

Sentiu-se desafiado, decidido a provar que poderia superar o medo de altura. Bastava abrir os olhos. Só isso. Qual a grande dificuldade? Nenhuma, ora!

Nervoso, porém determinado, abriu levemente os olhos. Quando se deu conta do cenário em que estava, segurou no cinto de Alina, como se fosse a coisa mais segura que havia pela frente. Seus dedos tocaram a corda mágica que, no mesmo instante, repeliu, escorregando para longe.

Alina disse devagar, a voz séria:

- Para o seu bem, é melhor tirar as mãos daí agora.

Will soltou o cinto e segurou firme nas penas de Flique.

Estavam muito próximos às nuvens de energia. E, naquela altura, via que em diversos pontos do Exílio os raios vermelhos caíam como chuva. Em outros, nenhum deles atingia o chão. Nunca imaginou um lugar como aquele, uma terra completamente destruída. Havia diversas clareiras em meio à Floresta Cinzenta. Estava mais para uma floresta morta, com todas aquelas árvores queimadas.

Não muito distante, onde fumaça saía da terra, um grupo de animais parecia se alimentar. Seriam sandersais? Will achou estranho.

Tudo que era vivo no Exílio parecia ter asas.

- Lugar horrível – disse ele ao ver, logo abaixo, um bando do que seriam morcegos, diferentes, meio transparentes, voando sem direção aparente – Minha irmã não poderia ter sonhado com isso.

Alina deu uma risada.

- Eu sabia que você não iria resistir às belezas do Exílio. Pois é.

Horrível não descreve nem a metade deste lugar.

Will não entendia como era possível uma Ilha magnífica flutuar

acima das nuvens, enquanto abaixo dela só havia destruição.

- Mas o que aconteceu neste lugar afinal?

- Bem... há muito tempo atrás, este mundo era uma coisa só. Belas

árvores, cachoeiras... Existia vida de verdade aqui. Depois que uma parte da

terra foi enfeitiçada para flutuar no céu, as nuvens formaram uma barreira e a isolaram desta parte do mundo. Então, uma fagulha de magia lançada nas nuvens fez com que se formasse uma tempestade de raios, que acabou

com quase toda a vida deste lado do mundo – Alina ficou em silêncio um instante, depois continuou. – Na época em que isso aconteceu, tentei fugir,

me esconder dos raios de energia. Tentei até mesmo voltar para a Ilha junto com Flique. Mas fui atingida pela chuva de raios. O responsável por isso, meu caro, é apenas um. E você já ouviu falar dele.

- Kírios?

- Bingo!

- Mas a Nicole está lá com ele, não é? Quer dizer que ele sequestrou a minha irmã?

- Calado – disse Alina, de repente.

- Mas o que foi que eu...

- Shhh. Olhe lá – apontou ao longe. Em um determinado ponto do

céu, as nuvens de energia pareciam desabar. Era como se algo muito

pesado atravessasse a rede de raios, levando consigo toda a camada de vapor d'água. Logo em seguida, no mesmo local, uma chuva de sombras

desabou do céu. Desceram até colidir com o solo num estrondo. Tudo ao redor daquele local que foi tocado pelas sombras tornou-se completamente

escuro e sombrio.

As entidades que caíram tornaram a subir ao céu, mas desta vez

girando em espirais, parecendo urubus cercando a refeição.

- O que é aquilo? – disse Will, numa mistura de susto e surpresa.

Alina hesitou um momento.

- Espíritos ruins, sombras malignas, demônios. Enfim... são chamados deburacs. Centenas deles – balançou a cabeça. Não conseguia disfarçar o tom de preocupação na voz. – Droga. Não deveriam ser tantos, nem estar aqui. Isso não é nada bom.

- Deburacs? - Will ergueu uma sobrancelha. – O que eles fazem?

Nesse momento, após o último deburac adentrar no Exílio, no lugar da abertura no forro de nuvens surgiu uma espécie de redemoinho, que preencheu o buraco com uma nova camada de vapor d'água. Em seguida, os raios vermelhos voltaram eletrizar o local. As nuvens de energia estavam reconstituídas.

- Os deburacs levam a escuridão até ao lugar mais puro. Estão onde o medo está.

- E como vão embora?

- Uma quantidade tão grande como essa só pode ter sido invocada.

O único jeito de acabar com todos eles é destruir aquele que os invocou... -

Ela fez uma pausa estranha - Relaxe. Não devemos nos preocupar com eles, pelo menos por enquanto – ela tornou a olhar para frente. – Está vendo?

Apontava para uma montanha. Ao redor dela, começando pela sua metade e se estendendo até o topo, havia uma camada densa de neblina.

- O que tem lá? – disse Will, evitando abusar da sorte em olhar para baixo; tentava controlar a respiração acelerada.

- É onde moram as aves-serpente. Espero que esteja pronto para ver o ninho.

- NINHO???

>>> X <<<

Kírios. . me ajuda.

O fio de voz soava aos ouvidos de Kírios. Onde ele estaria? Sua cabeça latejava de dor. Quando seus olhos se abriram, percebeu seu rosto colado no chão. O peito já não doía mais. Respirou fundo. Levantou-se devagar, zozzo, mal conseguia ficar em pé.

Foi quando notou que tudo estava escuro demais para um dia ensolarado. Olhou os contornos do grande sol no horizonte, coberto por uma esfera negra.

Deburacs.

Kírios. . me ajuda. . – a voz ecoou mais uma vez em sua mente.

Ele levou as mãos à cabeça. Mais dor. Cada chamado, cada pedido de socorro, pareciam lanças entrando em sua cabeça.

- O que eu fiz?

Na tentativa de resgatar Nicole, Kírios não teve escolha a não ser convocar os piores deburacs para o seu sonho. Não mediu as consequências. A maldita raiva o dominava.

Proteção. Precisava protegê-la.

- Eu deveria ter controlado esse sentimento dentro de mim! – deu um soco na mesa ao seu lado, fazendo a louça tremer.

Antes que os deburacs encontrassem Nicole, ele precisava acessar a mente dela apenas mais uma vez e assim descobrir em que local ela se encontrava. Isso se já não fosse tarde demais.

Dor. A cabeça parecia tiquetaquear, como uma bomba prestes a explodir. Estava acontecendo. Podia sentir seu corpo se transformar. Mas ainda havia algum tempo antes de a transformação ocorrer por completo.

Depois de tanto tempo, o monstro dentro de mim despertou.

Inflou os pulmões. Uma nuvem branca o envolveu e, em segundos, não viu mais a sacada do castelo. Seu corpo físico havia desaparecido.

Rápido como o vento, o espectro de Kírios voou por entre os cômodos, atravessava móveis e paredes em direção ao jardim. Quase que instantaneamente ganhou o céu escuro, acima da fonte central e desceu ao chão, próximo a ela.

Kírios pôde ver as suas mãos e o seu corpo reaparecer em meio à névoa.

A falsa Nicole, logo à frente, galopava num cavalo branco, o falso Drake.

Pareciam não vê-lo.

- Cópias malfeitas – disse ele revoltado. – Tem muito o que aprender, menina. – Pela primeira vez Kírios se referia à Nic com desprezo.

A raiva tornava-se maior.

Kírios aproximou-se da imagem do cavalo e estendeu a mão até ele.

Seus dedos atravessaram a cabeça do animal como se não existisse.

Um ódio sem igual apoderou-se de Kírios. Tudo estava saindo muito diferente do que ele previu quando decidiu trazer Dinai ao seu mundo de sonhos.

- Maldita hora em que deixei a menina sozinha! – gritou, os punhos fechados, prontos a explodir num soco. Seus olhos ardendo em fúria

encaravam a imagem de Drake – Confiei a segurança dela a você, logo a você, animal ingrato! Ingratos, os dois! – Foi quando as mãos de Kírios atravessaram também a imagem de Nicole. Agitou os braços desfazendo as

duas figuras no mesmo instante. – Quis me enganar com uma ilusão,

menina? Eu ensinei você a desejar. EU! – bateu no peito. A própria culpa por ensiná-la como realizar desejos o consumia, o fazia sentir ódio de si mesmo, dela, de Drake, o traidor.

Kírios não conseguia mais conter aquela dor. Não. Não queria mais contê-la, iria libertá-la. Assumiria as consequências.

Dor. Ódio.

Nicole. .

Então, como um *flash*, a sua visão atravessou a barreira de árvores do jardim. Vasculhou cada canto da Ilha. Árvores, bosques, rochas, o rio, tudo. Nic não estava lá. Seguiu o curso do rio até a cachoeira, sua visão ganhou o céu até encontrar o sol encoberto pelas sombras.

Arrependeu-se por um momento. Maldita hora em que convocou os deburacs para encontrar a menina. As consequências estavam diante dele. Agora, o tempo que teria para trazê-la de volta e formar a Tríade era apenas o pôr-do-sol.

- O Eclipse das Sombras foi invocado. O pesadelo eterno está a caminho. - Sua visão voltava ao jardim. Nunca imaginou que seus planos tivessem que seguir o caminho mais difícil.

Poderia deixar os estúpidos deburacs trazerem Nicole com ou sem vida, ou ele mesmo poderia resgatá-la. A resposta era apenas uma. Uma dor aguda em sua cabeça arrancou-lhe um grito. A dor consumia a sua paciência, consumia a sua razão.

Nesse momento, os olhos de Kírios ficaram estáticos. A visão que aparecia diante dele não eram mais as árvores do jardim. Uma única imagem surgia à frente, como se fosse real: vários deburacs; os demônios do sonho cercavam uma espécie de casulo branco, caído num chão de cinzas. Por mais que tentassem, não conseguiam ultrapassar a extensa camada de luz que o envolvia. Voavam ao redor dele, pareciam esperar surgir a menor brecha possível na camada luminosa, para então

conseguirem entrar.

Em poucos segundos a visão se desfez. Kírios voltava a enxergar o jardim.

- O Exílio – disse ele. – estão no Exílio - semicerrou os olhos.

A dor em sua cabeça chegou ao limite. Não conseguiu mais suportar. Assim como o medo de Nicole, a sua raiva crescia. Curvou o corpo, seu coração ardia, como se chamas o consumissem por dentro.

Numa velocidade voraz, a chama se alastrou até os braços e pernas. A sua pele explodiu em chamas escuras, derretendo em meio ao fogo negro.

Kírios gritava, gemia. Apesar disso, sentia-se cada vez mais forte.

De repente, as suas costas rasgaram em dor. Urrou pelo prazer em saber que duas grandes asas nasciam atrás de si.

- NICOLE! – gritou para o céu. A nova voz, grave e sombria, ecoou por todos os lados.

A encontraria aonde quer que estivesse e a traria de volta.

CAPÍTULO 14

O NINHO DAS AVES-SERPENTE

Will mal via o momento de segurar novamente o diário da irmã. Só de saber que nele havia a informação de que precisavam para sair do Exílio, seu corpo estremecia de ansiedade.

Logo que pousaram na montanha das aves-serpente, Alina saltou

de Flique. Em seguida, começou a andar em meio à neblina.

Will resistia a descer. Como veria as serpentes desse jeito? Alina só podia ter enlouquecido.

- Vem logo – ela sussurrou, gesticulando para que a seguisse.

Ele girou o corpo e desceu ao chão. Mal sabia o que fazer. E se as aves-serpente aparecessem? Alina tinha as tais bombas, mas e ele? Só tinha uma espécie de bolinha de gude ridícula que ela lhe deu, mais nada.

Algo o empurrou. Era Flique. Desde que o grandalhão foi salvo lá na casa de Alina, não desgrudava de Will por um momento sequer.

- Não precisa encostar em mim. Já descemos – empurrou-o de volta, afastando-o de suas costas machucadas. Se bem que a dor não mais o incomodava tanto. - Se não se importa, podemos caminhar separados, tá bom?

Pareceu ter falado para o vento. Flique nem deu bola e continuou ao seu lado.

- Dá pra fechar essa boca? – Alina o repreendeu em voz baixa e voltou o rosto para algo à frente, invisível aos olhos de Will.

Ele deu de ombros.

- E aí, o que faremos? – disse ele.

Ela olhou-o novamente.

- O plano é simples, prático, objetivo. Eu vou chamar a atenção das

aves-serpente. Quando todas elas forem atrás de mim, você corre lá pra dentro, encontra o diário e volta, entendeu? E cuidado com Úzolv. Ele é um tanto... hostil.

- Nossa, como você me anima – disse Will debochado. - Tá, mas e se tiverem mais dessas cobras por lá?

Alina respondeu de pronto.

- Serpentes, garoto, não cobras. Ora, você dá um jeito nelas – revirou os olhos.

- Mas que droga. Que diferença faz se são cobras ou serpentes? – Will protestou.

- Cala a boca. Quer estragar tudo? Deixa que eu digo como a coisa funciona por aqui. Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, entendeu? Se eu entrar com você, as chances das serpentes entrarem junto e nos fazerem em pedaços são muito maiores. Vê se entende, pela última vez. Eu distraio as serpentes, você entra na caverna...

- Pego o diário e tomo cuidado com o tal monstro. Sim, senhora.

Não precisa repetir – mas se a intenção dela era deixá-lo em pânico, então parabéns, pois conseguiu.

- Muito bem. Mas não se preocupe com Úzolv. Pense na sua irmã, no quanto é importante salvá-la para você voltar pra casa. – bateu de leve em seu ombro. - Sei que isso vai te motivar.

Claro. Um motivo a mais para sobreviver e poder esganar Nicole

por tudo o que estava fazendo ele passar.

- Olhe – Alina apontou para o local onde a neblina se dissipava; revelava a entrada do que parecia ser a tal caverna, guardada por dezenas de serpentes com asas e duas cabeças. Lambiam-se, se esfregavam umas nas outras, embolavam-se feito nós. – Espera aqui, Will. Flique vai te dar cobertura até chegar lá dentro. Aguardem o meu sinal.

- Que sinal? Não combinamos nada de sinal! – disse ele preocupado.

Alina ergueu as sobrancelhas e revirou os olhos.

- Faz assim, Will – ela fez que pensava. - Quando eu disser *vai*, então você simplesmente... vai. Pode ser, ou achou pouco dramático? –

estalou os dedos.

Alina era outra que merecia ser esganada.

- *Vai...* que palavra linda, Está ótima pra mim – Will deu de ombros novamente.

- Excelente. Flique, assim que Will entrar, você me dá cobertura, certo? – A ave abaixou a cabeça, como se concordasse. – Muito bem. Vamos nessa. Deu-lhes as costas e caminhou na direção dos répteis.

Enquanto ela se distanciava, Will sussurrou para si mesmo, tentando imitá-la com voz fina:

- Quando eu disser vai, então você simplesmente... vai! Pode ser? – semicerrou os olhos. – Quem ela pensa que é? Se acha muito esperta

mesmo. Mulheres...

Um barulho atrás de Will chamou-lhe a atenção. Ao se virar,

pareceu ter visto um vulto. Alina avisou que as aves-serpente eram sorrateiras. Se fosse uma delas, estaria perdido. Não conseguia enxergar nada além da névoa. Talvez não fosse nada de mais.

Ao voltar a atenção para Alina viu em meio à parca neblina uma cena que não parecia real. Ela andava tranquila próxima às serpentes, acenando, como se fossem as suas melhores amigas.

- Ei, coisinhas fofas - ela dizia, - tenho uma surpresinha pra vocês.

Querem saber o que é?

Foi quando todas as serpentes ficaram em alerta, começaram a rastejar ao seu redor, formavam um círculo de répteis a chacoalharem seus guizos, como se anunciassem o ataque em massa.

Alina levou a mão até o cinto. Finalmente ele descobriria o que ela havia colocado lá dentro. A corda mágica se afastou no instante em que os dedos de Alina se aproximaram.

Em posição de combate, ela girava ao redor de si mesma,

mantendo o olhar nas serpentes. Retirou do cinto um pequeno bastão de madeira, que Will jurava ser idêntico a um dos puxadores de cortina da sua

mãe, todo enfeitado. - O que ela faria com um puxador? - Alina segurou-o com as duas mãos. Um segundo depois, do bastão se estendeu uma grande lâmina prateada e reluzente.

- Uau! Você viu isso – disse Will a Flique, que apenas olhou-o, indiferente. – Ah, deixa pra lá.

- Quem será a primeira a brincar comigo? – disse ela.

Nesse instante, todas as cobras soltaram silvos, abriram as asas e, uma a uma, saltaram.

Quando a primeira serpente estava prestes a cravar as presas em Alina, a lâmina da espada cortou-lhe as duas cabeças. No mesmo instante a serpente virou pó. O mesmo aconteceu ao avançarem a segunda, a terceira e a quarta serpente. À medida que saltavam, Alina desviava de seus botes e arrancava suas cabeças. A lâmina deslizava pelo ar e pelo corpo escamoso das inimigas como se cortasse água

Foi quando Alina agarrou a cauda de uma das serpentes da qual acabava de desviar. Antes que o réptil pudesse se contorcer e reagir, ela girou-o em círculos. Enquanto girava, golpeava as que tentavam se aproximar, lançando todas para longe.

Em seguida, Alina soltou-a, arremessando-a para o meio do emaranhado de serpentes que bloqueavam a entrada da caverna. Como uma bala de canhão, o réptil acertou em cheio suas companheiras, jogando-as a metros de distância, abrindo caminho para a passagem de Will.

O segredo no diário estava cada vez mais próximo. Faltava pouco para resgatá-lo.

- Vai, Will! – disse Alina, antes de avançar na direção do grupo de

serpentes com a espada em riste.

Era a vez de ele entrar em ação. Ainda se perguntava se essa era mesmo a coisa certa a fazer, arriscar a vida por causa de um diário. O pior de tudo era que não havia mais volta. E se o diário fosse a única chance de encontrar Nicole, o risco talvez valesse a pena.

- Anda logo!

- Já vou, já vou!

Respirou fundo e disparou em direção à caverna.

Depois dos primeiros passos lá dentro se deu conta de que não havia considerado a possibilidade de a caverna ser tão escura. Não encontraria o diário assim. Mas também seria idiotice pensar que haveria uma lâmpada acesa junto a um ventilador de teto.

Pisou em algo mole. Seria cocô de serpente? Não parecia ser o chão, isso era certo.

Foi quando se lembrou da Ampola, a bolinha de vidro que Alina lhe deu. Tirou-a do bolso e a ergueu diante do rosto.

Como faço isso funcionar?

Lembrou-se de quando Alina disse para apenas apontar na direção dos deburacs. Será que ela resolveria o problema do escuro também? Bom, não custava nada tentar. Levantou-a e cruzou os dedos da outra mão.

Precisava funcionar.

Então a bolinha brilhou e iluminou toda a caverna, do mesmo modo que uma vela acesa iluminaria um quarto.

- Caramba! – disse ele, ao ver o que estava sob seus pés. Mudas e mais mudas de pele de serpente, espalhadas por todo o chão. – Sinistro. Nicole morreria de medo.

E avançou por aquele emaranhado de peles esbranquiçadas, cada passo amortecido por todas aquelas camadas macias.

Andou mais alguns metros até avistar, não muito distante, o caderno rosa e... branco, ou marrom. Enfim, depois de cair no rio e ser roubado por cobras, mal importava a cor. Largado no chão, mas inteiro.

Will não sabia se ria ou se chorava de felicidade.

– Nem acredito! Essas cobras malditas me pagam.

Então estendeu a mão até ele, mas não chegou a tocá-lo. Sua mão parou de avançar no instante que uma coisa escura passou à frente do caderno. Will deu um salto para trás. Pareceu já ter visto aquela cena antes,

logo que foi tragado pela tempestade de pó dourado. Será que o tal Amparo lhe mostrou mesmo o futuro?

Resolveu aproximar a ampola do local onde o diário estava, mas a luz não conseguia iluminar aquela coisa escura, que parecia absorver toda a claridade.

O Amparo não havia previsto isso.

Nesse momento, dois grandes olhos luminosos maiores que a sua

cabeça abriram-se à sua frente. Pareciam zangados. Não, furiosos.

Em seguida, um poderoso urro irrompeu tão forte que a caverna toda estremeceu. Em reflexo, Will levou as mãos às orelhas e, sem querer, deixou a bolinha de luz cair a seus pés e se apagar. A escuridão tomou conta mais uma vez.

Com o chão tremendo, Will se desequilibrou.

- Merda! – lembrou-se da cena vista no Amparo, o momento em que a caverna se desfragmentava em meio a um redemoinho. Mas agora era real. Precisava encontrar um meio de se livrar desse monstro.

O urro ensurdecedor não parava mais. Os ouvidos de Will começavam a doer.

- Fecha a boca! – gritou, ao se lembrar de todas as vezes na vida em que gritou com Nicole por fazer birra.

Para a sua surpresa, o urro cessou. Seus ouvidos agradeceram, mas um zumbido parecia ter ficado em sua cabeça.

Então um rosnado fez-se ouvir na escuridão. Will não via mais nada, nem mesmo os olhos do bicho. Abaixou-se rápido para pegar novamente a ampola. Se havia mesmo um animal grande nesse lugar, precisava dar um jeito de pegar o diário e cair fora o quanto antes. Tateou e pressionou um objeto pequeno e redondo, mas que saltou para longe.

Droga. Seria a bolinha? Tateou os centímetros ao redor, na esperança de

encontrá-la.

Saco! Ela deve ter rolado pra longe. Esse bicho só pode estar de olhos fechados. Se estivessem abertos, aquele brilho todo não passaria despercebido em lugar nenhum.

De repente, ouviu um som estranho. *Lambidas?* Logo depois, o som de algo sendo sugado. Em seguida, um arroto.

Não! Lá se foi a minha luz.

Foi quando se abriram bem à sua frente dois grandes olhos azulados. Paralisado, Will só conseguia vê-los como enormes faróis de neon. Piscavam, fazendo a luz se acender e apagar várias vezes. Dava para ver bem o rosto da criatura; rosnava e o encarava, como da vez que Will deu de cara com o primeiro sandersal. Mas este bicho era muito maior.

Lembrava mais um jacaré gigante, todo enrugado, a boca entreaberta babando tanto, como se verter saliva fosse o seu jeito de respirar. Por um momento, Will podia jurar ter visto naquela pele brilhosa e cheia de buracos uma larva saltar de um buraco para outro.

- Você que é o tal Úzolv? – os grandes olhos da criatura quase se fecharam. Will engoliu em seco, apavorado – Cara... eu nem te conheço. Não vim te perturbar, nem quero arrumar confusão. – o bicho voltou a arregalar os olhos. Disse mesmo a palavra *confusão*? – Bom, e-eu só quero o Diário da minha irmã. Só isso, entendeu? Eu pego ele, depois vou embora. Simples assim. Combinado? – silêncio. - Com...binado?

Nesse momento, a pata gigante de Úzolv zumbiu como se cortasse o ar até bater em Will. A força foi tão grande que o jogou contra a parede da caverna.

Atordoadado com a pancada, Will levou a mão à cabeça. Sentiu um líquido quente escorrer por seus dedos.

- Ai... seu filho da...

Levantou-se com dificuldade. Apoiou-se na parede para não cair.

Seus olhos, sua visão... tudo ficou embaçado mais uma vez, quase uma escuridão completa, não sabia se era por causa da pancada ou do veneno de sandersal que corria em seu corpo.

Segundos depois enxergava de novo. A cegueira momentânea começava a se tornar frequente e a encher o saco.

Úzolv mal cabia na caverna. Além de grande, parecia pesado

demaís para conseguir se mover com rapidez. Mas, pelo visto, sabia bem como abrir a boca, pois fazia isso neste instante.

- Droga! – disse Will, encurralado, prestes a virar lanche de monstro.

Notou a capa rosada no chão. Havia caído próximo ao diário. Se estendesse o braço só mais um pouco...

Foi quando a bocarra de Úzolv desceu por cima de Will, e o encobriu totalmente. Seu rosto colou na língua áspera do bicho. Will mal podia respirar direito. Se abrisse a boca, corria o risco de engolir a baba

nojenta. Prendeu a respiração.

A língua de Úzlov puxava Will cada vez mais para dentro. O fez

deslizar por um tipo de tubo gelatinoso, estreito demais por sinal. Foi espremido, empurrado, engolido.

Mergulhou num buraco cheio de líquido. Custou a sentar e a

colocar a cabeça para fora. Respirou fundo para recuperar o fôlego. Que arrependimento. Antes tivesse morrido por falta de ar. Aquele lugar fedia

mais que a sua chuteira depois de um jogo de futebol. Ele até taparia o nariz, se suas mãos não estivessem atoladas naquela gosma. Isso era cem vezes pior do que o dia em que o cano de esgoto havia estourado em sua

antiga casa.

- Merda! – sim, era o que parecia ser.

Um arroto soou abafado lá dentro.

- Merda, de novo.

Na verdade, *ferrado* era a palavra ideal. Por sorte, o bicho nem tinha se dado ao trabalho de tentar mastigá-lo.

Vou ter que esperar até o animal sentir vontade de. .? - Não. Will seria digerido antes mesmo de tentar escapar pelo...

- ALINA!... FLIQUE!

O chamado saía tão abafado quanto o arroto de Úzlov. Seria impossível o escutarem pelo lado de fora.

Nesse momento, seus dedos tatearam uma pequena esfera.

Ela quis escorregar, mas agarrou-a firme. Não escaparia por nada.

De repente, tudo ali dentro começou a balançar. Úzlov só podia

estar se movimentando. Até que ouviu uma voz longínqua chamar o seu nome.

- Will! – ela dizia. Seria Alina? Como ela saberia que ele foi engolido? Como escapar dali?

Sua ansiedade em respirar ar de verdade só aumentava. A Ampola deveria servir pra mais alguma coisa. Era o momento de descobrir.

Determinado a sair, esticou o braço para cima da cabeça e gritou:

- Morre, seu bicho idiota! – uma luz intensa brilhou da ampola em sua mão, deixando tudo claro demais para que Will conseguisse enxergar os efeitos.

A piscina de gosma em que estava tremeu tanto que, num escorregão, ele mergulhou de cabeça no caldo fedorento.

Lá debaixo ouviu o som de um estouro. Logo, todo aquele caldo foi lançado para longe. A bolinha em sua mão se desmanchou, como se desaparecesse. Devia ter esgotado toda a sua energia. Will arrepiou-se ao

sentir o ar gelado tocar seu rosto. Ao abrir os olhos melecados, viu o teto rochoso, o corpo esticado no chão da caverna. Levantou a cabeça. Havia diversos pedaços de pele com gosma espalhados ao redor. Seu estômago

revirou. Um gosto azedo veio em sua boca. Enjoo. Ele tremia, começava a suar frio. Até que a barriga se contraiu. Então se curvou para frente e um

jato amargo saltou pela garganta, empoçando ainda mais o chão da caverna.

- Will – chamou de novo a mesma voz, o tom de preocupação. –

Will, você tá legal?

Tirando o mal-estar, sobreviveria. Viu Alina se aproximar, parecia bem, pelo menos bem melhor que ele.

- Nossa! – disse ela – Você está péssimo.

E mantinha o humor de sempre.

- Me diz uma coisa que eu não saiba – ele respondeu.

Ela não disse nada e foi até o fundo da caverna.

Em seguida, voltou o rosto para Will, deu-lhe um sorriso e levou a mão até o diário. – Então é isto que procuramos?

Will se levantou, limpou os olhos.

- É... é ele.

- Muito bem. Antes de lê-lo, vamos lá pra fora. Essa sujeira toda e

esse cheiro... – pôs a mão no nariz - estão me dando enjoo, credo. – Will ficou indignado com tanta frieza. Ela já caminhava em direção à saída quando parou. - Você vem ou não?

Will bufou de raiva.

Depois de se levantar e a acompanhar até o lado de fora, levou a mão às costas. Tocou a pele com os dedos, parecia uma esponja. Imaginou o aspecto da ferida. Mas toda a frustração foi embora com a cena surpreendente que viu adiante. Um amontoado de cobras amarradas feito um buquê de flores. No caso delas, um buquê de répteis.

- Você usou a corda mágica – disse ele.

- É o que parece – Alina respondeu. – Nem foi tão difícil amarrar

todas elas. Tenho certeza que o seu encontro com Úzolv foi muito mais emocionante – sorriu.

Flique fazia guarda bem ao lado daquele monte de serpentes, ameaçava dar bicadas nas mais agitadas. Quase um cão de guarda.

Alina estendeu o diário para Will.

- Toma. Vamos ver quais segredos a sua *irmãzinha* revelou aí.

Will não gostou do jeito como Alina disse *irmãzinha*. Só ele tinha o direito de chamá-la assim, em tom depreciativo. Ele olhou para as mãos grudentas, depois para o diário estendido.

– Vamos, garoto! A sua irmã nem vai ligar se você sujar o caderno dela com... um pouquinho de muco do Úzolv. Relaxe. A vida dela vale mais do que isso. Vamos, leia logo.

Tudo bem que o diário já estava todo molhado, a capa enrugada e suja de terra, mas Will estava imundo e aquela meleca toda fedia.

Se bem que, qual o problema em sujar o diário mais um pouco? E

outra, se Nicole quisesse, a sua mãe poderia comprar outro caderno para ela, igualzinho, como já fez tantas e tantas vezes com seus brinquedos e roupas.

- Tá legal – disse ele. E pegou o diário.

Mais uma vez tinha o caderno de sua irmã. Parecia reviver o momento em que o encontrou debaixo do travesseiro, lá no quarto dela.

Finalmente descobriria o segredo que o ajudaria a encontrá-la.

É disso que preciso para que tudo comece a dar certo nesse mundo

idiota.

CAPÍTULO 15

QUERIDO DIÁRIO

Mexendo a mão para a direita e para a esquerda, impaciente Alina quase arrancava o cordão do pescoço.

- Abre logo! – disse ela.

- Blá, blá, blá – disse Will irritado. Ela só sabia mandar. O trabalho sujo, e bota sujo nisso, Úzolv que o diga, era ele quem tinha que fazer. Folgada.

Ele abriu o caderno. À medida que virava as folhas, lia algumas linhas para ter certeza que não pularia nada importante.

Passou pelo trecho em que Nic descreveu a última manhã. Esse ele já havia lido. Seguiu até mais uma página e meia à frente.

- Nossa, garoto, como você enrola!

- E você só sabe cobrar. Quer que eu leia em voz alta, dona Alina?

- Caso não se importe, ainda estou esperando você começar – ela cruzou os braços.

Que exagero. Ele estava com o diário nas mãos não fazia nem três minutos. Respirou fundo para não explodir de raiva. Depois pigarreou e começou a ler em voz alta aquela página cheia de letras borradas:

Ah, diário, Deixa eu te contar! O Kírios me levou pra conhecer um rio

lindo! Ele nascia no castelo e ia até o fim da ilha. A água dele era toda transparente; dava pra ver um montão de peixes cor-de-laranja nadando lá

no fundo. Eles eram cheios de listras brancas e pretas. Tinha tanto, mas tanto peixe, que eu até perdi a conta!

- Pode parar. Pula essa parte, vai.

Will não acreditou no que ouviu.

- Mas me interessa – respondeu. - Topei com um peixe desses quando cheguei...

- Não importa. Não é um peixinho colorido que vai te ajudar a salvar a sua irmã. Acorda pra vida, garoto. Olha ao redor! As únicas cores pra se ver neste lugar são cinza, preto e vermelho. Vamos, procure aí uma página que realmente seja útil.

- É o que estou tentando fazer, se não percebeu – disse ele.

- Você não entende, não é mesmo? Esse é um diário de uma criança. Tudo aí deve estar misturado. O que precisamos saber não são as coisas evidentes, mas sim o que talvez não faça sentido. E tudo o que você está lendo não passa de frescura, nada importante.

Por pouco Will não deu com o diário na máscara dourada de Alina.

Sorte dela que ele tinha o mínimo de bons modos.

Assim que achou rabiscos mais interessantes, continuou a ler:

A gente resolveu fazer um piquenique bem ali. Kírios estendeu uma toalha xadrez na grama e, do nada, um monte de comida começou a brotar

da toalha! Diário, eu nem acreditei. Mas juro que é verdade!

E tinha tudo o que eu gostava, até o meu bolo de chocolate favorito,

cheio de chatili chanti. . Ah, aquele creme gostoso! A gente comeu tanto. .

quase explodi! E depois de toda essa comida gostosa, ele começou a contar uma história.

Olha, diário, eu vou escrever a história. Mas é supersecreto. Não

conta pra ninguém, entendeu?

Era uma vez um menino e uma menina. Os dois viviam num castelo

enorme. Num dia, enquanto os dois corriam estavam brincando de pega-pega no jardim do castelo, o menino começou a gritar e a reclamar de uma dor muito forte na cabeça.

Mas ele não aceitou a ajuda da garota. Não queria que ela chegasse

perto. Ao mesmo tempo em que ele sentia dor ele sentia muita raiva. Mandou a garota se afastar e ir embora. Como ela não obedeceu, ele ficou super zangado. A raiva que ele sentia fazia ele pensar coisas horríveis muito feias.

Nossa, e a menina ficou tão, mas tão assustada. Mas ela sabia que só tinha um jeito de ajudar. . através de uma pedra mágica. Mas antes que ela pudesse usar a pedra, o menino roubou a pedra dela e se transformou num bicho grande e feio, depois transformou a sombra da menina num monstro horrível! (acabei de procurar essa palavra no dicionário). O monstro levou a menina pra bem longe do castelo. E o menino escondeu a pedra num lugar secreto. Desse dia em diante, ele viveu sozinho.

Eu disse pro Kírios que a história era triste demais. Mas ele falou que a menina era mais forte do que parecia. Insisti tanto pra saber onde a pedra foi parar, mas o Kírios só disse que se alguém retirasse a pedra do lugar onde ela está, todas as lembranças que protegem a pedra seriam destruídas.

Acredita que depois ele não quis me contar mais nada? Nossa, diário, como ODEIO ficar curiosa.

Nesse momento, Alina arrancou o diário das mãos de Will, fechou-o com força, depois devolveu a ele.

- Toma – disse ela. - Não precisamos mais disso. Sua irmã escreveu tanta asneira e não disse quase nada sobre o Coração de Pedra.

- Coração de quê? - não entendeu a reação de Alina. Pareceu irritada demais só por conta de uma historinha. - Pra que isso? Está brava com uma história de criança? Fala sério... – começou a desconfiar. – Por acaso

essa história é verdadeira? Tem a ver com você?

- Ah, por favor, me poupe. Esse diário já teve serventia. Não precisamos mais dele. Largue por aí. Outros devem estar atrás dele assim como nós estávamos. Presta atenção: se lembra da pedra vermelha que você viu no amparo? Acho que já sei onde ela está.

- Espera. Não foge do assunto. Vai me explicar isso direito. Você tem tudo a ver com essa história do diário, não tem? Você era a garotinha, não era? E aquele garoto só pode ser...

- Calado, Will – Alina o interrompeu. – Ouça apenas o que eu digo e chegaremos ao nosso objetivo.

Esse foi o maior absurdo que ele tinha ouvido de Alina. Egoísta. Ele poderia gritar até perder a voz e ela nem ligaria. Mas, se *ela* precisasse falar alguma coisa, daí o mundo todo deveria parar para ouvi-la.

- Calada você! – disse ele. – Você deve estar maluca. Dane-se o seu objetivo. Igual ao meu garanto que não é. Em primeiro lugar, o sacrifício pra encontrar este negócio – balançou o diário - foi tão grande que a gente quase morreu! – Alina gargalhou – Pode ser engraçado pra você, mas pelo menos *eu* quase morri! Em segundo lugar, você me manda prestar atenção no que *você* diz, sem nem mesmo ligar para o que *eu* falo? Ei! Não dê as costas pra mim... Do nada, você vem me dizer que já sabe onde está uma pedra idiota e nem quer que eu pergunte nada? - apontou-lhe o dedo. –

Você é a garota da história sim. Você quer se vingar do Kírios porque ele é o tal garoto que te expulsou da Ilha. – Então Will olhou para os próprios pés,

em seguida para os pés de Alina, reparando em algo que até então não havia chamado a atenção. – E você, diferente de mim... não tem sombra –

concluiu. - Minta melhor da próxima vez.

Alina pareceu surpresa com conclusões. Mas não havia qualquer

dúvida. Ela escondeu a verdadeira história, que agora estava em suas mãos, nas letras borradas da Nicole.

Alina revirava os olhos, como sempre. Will sabia bem o que

significava. Tudo o que disse a ela entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

E tudo o que ela fazia era apertar aquele olho idiota do cordão.

Até que um som de passos pareceu vir da névoa próxima.

- O que foi isso? – disse Will.

Flique afastou-se das serpentes e juntou-se aos dois.

Alina virou-se para a direção do barulho, depois ergueu a mão até a altura do ombro. Sinalizava para Will esperar.

- Alguém nos ouvia. Vamos dar o fora daqui – disse ela. Virou-se para Will e estendeu-lhe a mão. – Me dá esse caderno. Ficamos tempo demais aqui e não estamos seguros. Principalmente depois de todas as coisas que você acabou de dizer.

Will recuou, manteve o diário junto ao corpo.

- Nem morto você tira ele de mim. É da minha irmã e eu fico com ele. Pouco me importa se você não precisa mais dele.

- Moleque, não é hora pra pirraça.

Foi quando um grande tentáculo negro saltou da névoa e se esticou até Will. Tudo foi tão rápido que ele mal viu aquela coisa agarrar o diário na sua mão e arrancá-lo à força.

- Will, cuidado! – disse Alina, antes de se jogar contra o corpo dele.

Um vulto escuro passou por trás dela um segundo depois que se jogou por cima de Will. Por pouco o salvou.

Agora se estatelavam no chão.

Borrões. A visão de Will embaçava novamente acompanhada de uma dor lancinante em suas costas.

- Não consigo ver nada! Alina! Não vejo nada!

Jogou as mãos para o lado. Ela havia sumido. Tateou o chão ao redor, tentou localizá-la. Nem sinal.

- Will...! – a voz o chamava ao longe. Seria Alina?

Um grunhido, talvez de Flique, o deixava mais apreensivo.

De repente, agarraram-lhe o pescoço e ergueram-no com tanta força, que seus pés deixaram o chão.

- Nham, nham. Então, você é o moleque de que o Mestre falou – disse uma voz rouca e grave.

- Q-quem é você? - disse Will, conseguia ver apenas um borrão escuro um pouco abaixo de si. Talvez fosse a cabeça daquela criatura. Ela pareceu sorrir por um momento, depois o sorriso passou a uma gargalhada

assustadora. - Não sei do que está rindo – revidou Will. No mesmo instante a criatura calou-se.

- Nham, nham. Você se acha muito esperto, não? – disse a criatura, enquanto o chacoalhava – Espero que tenha aproveitado os últimos instantes neste mundo. Todo o seu esforço foi em vão, garoto. – lentamente, a visão de Will voltava ao normal - chore, morra de medo, menino desprezível! Curve-se diante de...

- Dígrafo! – soou a voz de Alina.

Enfim Will pôde ver aquele ser. A cabeça da criatura virada para trás, para Alina e Flique ao longe, seguros por diversos bichos grotescos, iguais aos demônios que Will já enfrentou em seus jogos de videogame. O cordão no pescoço de Alina, agora quase oculto por suas roupas.

As asas gigantes do monstro que o mantinha erguido pareciam as de um grande sandersal; Apenas uma das mãos da criatura o segurava. Na outra, o diário da Nicole. O braço forte preso ao corpo fino do animal mantinha Will imóvel. O bicho não tinha pés. No lugar deles, o corpo terminava numa ondulação esfumaçada e escura.

- Nham, nham. Você, Alina, sempre se metendo em assuntos que não lhe dizem respeito – dizia o monstro. - Eu já sabia que viriam aqui. É tudo muito óbvio. Você não sabe esconder as suas intenções. Achou que esse moleque idiota a levaria até Kírios? – gargalhou. Em seguida, virou para Will o seu rosto esticado, seus dois olhos gigantes a encará-lo. Entre

eles uma cicatriz em forma de cruz – Nham, nham. Sabia, traste, que ela está usando você para chegar lá em cima? – apontou o diário para as nuvens de energia. – É tudo o que ela quer, voltar para a Ilha. Pouco importa você ou a

menina. Para Alina, a sua irmãzinha poderia até morrer, pois nem ligaria – a voz daquele ser lhe dava arrepios. Esse era o som mais assustador que já havia escutado.

Alina torceu os lábios e semicerrou os olhos.

- Não dê ouvidos ao que ele diz, Will. Dígrafo, por acaso quer

perder outro olho? Aposto que deixar de ver o presente e enxergar só o passado seria muito triste, não é mesmo? Seu olho direito ficaria lindo na

minha coleção. Quer de volta o olho que arrancamos de você? Estou com ele bem aqui. É só soltar o garoto. Ah... A propósito, depois mande seus deburacs arrumarem a bagunça que fizeram na minha casa.

- Nham, nham. Eu acompanho os seus passos Alina... sempre. Este

moleque – apontou o diário para Will, – está com as horas contadas. Posso

sentir a morte dele se aproximar... posso... – encostou o diário junto ao peito - *ver!*

- Você já pegou o diário, não pegou? – disse Alina. – Então vá logo entregá-lo ao Kírios. Vai embora. Anda, cai fora daqui.

- Nham, nham. Nós, deburacs, estamos em maioria. Podemos

acabar com vocês aqui mesmo.

Ele estava certo, havia pelo menos dez demônios semelhantes a ele.

- Duvido muito, Dígrafo. – Mesmo que você tentasse me fazer mal,

não conseguiria. Você não pode me ferir. Mas eu sim, posso acabar com você.

Nesse momento, Dígrafo jogou Will no chão, fazendo-o cair de

costas sobre os cotovelos. O seu gemido só não foi maior do que a dor nos braços. De tão intensa, pareceu saltar direto ao cérebro.

O pior de tudo era que, por mais que Will soubesse que Alina o estava usando, até então isso não parecia tão ruim. Encontraria Nic, depois Alina cuidaria da própria vida. Mas, agora, a história vinda da boca imunda daquele animal tomava um sentido diferente, fazia com que Alina parecesse pior do que Kírios, capaz de qualquer coisa para voltar à Ilha.

- Nham, nham. Como você é burra, Alina! Não conseguirá voltar à Ilha. Você é fraca demais, boazinha demais... Não sabe o que te espera, não é? O Mestre não deixará que vivam. – ele sorria – Você, garoto, tem algo que eu quero. – aproximou-se de Will, que se arrastou pelo chão, afastando-se cada vez mais daquele bicho.

- Deixe ele em paz, Dígrafo – Alina insistiu. - Eu já te avisei.

Nesse momento, as asas do monstro se abriram e a mão dele agarrou o pescoço de Will muito mais forte, desta vez sufocando-o, erguendo-o novamente. Aquela mão áspera esfolava sua pele.

- Nham, nham. O Mestre mandou... matar você!

Will não conseguia mais ver Alina. A imagem dela se escondia atrás da cabeça medonha de Dígrafo.

Assim terminaria sua história. A última cena que veria antes de morrer seria a de diversos demônios voando no céu, iguais àqueles que

mantinham Alina e Flique presos. Talvez ver demônios fosse comum antes da morte. Will devia mesmo ter se comportado muito mal com Nicole para ter esse fim.

- A-li-na – disse ele com dificuldade.

- Nham, nham. Morra, *pirralho*... – disse Dígrafo. - não era assim que costumava chamar a sua irmã, hein?... De pirralha?

- WILL! – Alina gritou ao longe. A cabeça grande de Dígrafo

impedia que Will pudesse vê-la. Mas ouviu o som de uma lâmina retinir.

Talvez o mesmo de quando ela lutou contra as aves-serpente. Então feixes de luz surgiram atrás de Dígrafo e subiram ao céu.

Gritos, ganidos, explosões de fumaça.

Will não entendia o que estava acontecendo. Apenas o seu corpo

foi lançado para longe mais uma vez. Ele rolou pelo chão até bater numa rocha. Tossiu, respirou fundo. Estava vivo.

Seus olhos viram Flique voar na sua direção pela esquerda,

enquanto pela direita, viu a espada de Alina apontar para o pescoço de Dígrafo. A lâmina emitia uma luz prateada tão forte que parecia fazê-lo se

contorcer de dor, como se a luz cortasse sua carne em pedaços.

Ao redor de Alina, os demônios que ela ainda não havia

exterminado ficaram parados, sem ter como ajudar Dígrafo. Havia deburacs

sem braços, outros sem asas. Com certeza foi obra dela e de sua espada.

Talvez fosse o castigo por mexerem com uma moça tão impaciente.

- Me dá o caderno. – disse ela, quase enfiando a espada no pescoço

de Dígrafo.

- Nham, nham. Isto? – ele mostrava o diário. – Só passando por cima do meu cadáver. – lançou-o para um dos demônios que voavam no céu. – Se quiser, vai lá pegar – gargalhou, seguido pelo coro de vozes sombrias dos deburacs a zombar de Alina.

Flique cutucava a cabeça de Will e lhe dava empurrões, como se quisesse ajudá-lo a se levantar.

- Estou legal – disse Will para a ave, ficando em pé, mas todo dolorido.

- Eu poderia acabar com você aqui mesmo – continuou Alina. - Mas não vou fazer isso. Diga ao seu mestre idiota que me aguarde. E é bom que ele prepare uma boa recepção, pois quando chegarmos lá, meu bem, a festa vai ser de arrasar.

Os olhos meio fechados de Dígrafo e seu sorriso macabro significavam qualquer coisa, menos que engoliria essa provocação. Porém, seu corpo escuro se contorceu em uma espiral e desapareceu como fumaça. O mesmo fizeram todos os outros deburacs; um por um desapareceram em explosões de fumaça negra, levando consigo o diário.

Alina cravou a espada no chão, abaixou a cabeça um instante, depois disse:

- Precisamos achar a o Coração de Pedra, entendeu? – retirou a

espada do chão, a lâmina reduziu de tamanho até desaparecer junto ao bastão. - Flique, vamos em frente.

- Mas que droga, Alina! Como pôde deixar que eles levassem o diário da minha irmã? E tudo o que aquele bicho disse sobre você...

Ela o encarou.

- Relaxe, Will. Depois eu lhe conto tudo. Prometo.

- Relaxe, Will? Fácil falar.

- Hei, não é apenas uma historinha de piquenique, garoto. O que leu no diário é uma versão infantil e distorcida da história de verdade. Mas isso não importa. Estamos sem tempo. Não sei o que o Kírios está tramando, mas foi ele quem mandou Dígrafo atrás do diário e de você. Quanto ao diário, não se preocupe, não passa de um monte de papel. Nós temos que ir

para a Montanha do Fogo encontrar a pedra mágica. É o único jeito de sairmos do Exílio – apontou para Flique. – Agora suba, depressa.

Surpreendeu-se com essa Alina toda calma e paciente.

- Acha que Dígrafo pode voltar?

Ela assentiu.

- O bichinho de estimação de Kírios não se dá por vencido tão fácil.

Não é só o diário que o Dígrafo quer. Você ouviu ele dizer que recebeu uma

missão. Quer te matar. – Alina levou a mão ao peito, onde guardava seu pingente por baixo da roupa. - Além do mais, ele precisa do terceiro olho para formar a Tríade. E, por algum motivo, ele ainda não tentou arrancá-lo

de mim.

CAPÍTULO 16

SOBREVIVENDO AO EXÍLIO

Após a queda do casulo, algum tempo se passou sem que Nicole visse ou ouvisse nada lá de dentro. Quem dera pudesse escutar mais uma vez a voz tranquila de Kírios.

Até que luzes avermelhadas surgiram em meio à escuridão. À medida que o casulo se abria, apareciam muito distantes vários raios vermelhos no que talvez fosse o céu. Mas, vez ou outra, vultos escuros cruzavam a sua visão, aparecendo e desaparecendo lá fora.

Seria esse o tal Exílio sobre o qual Kírios falou?

Com o casulo a se abrir cada vez mais, Nicole enfim teve certeza da encrenca em que ela e Drake haviam se metido. Percebeu que estavam no centro de um grande redemoinho de criaturas malignas com asas, girando lá fora em vigília, fazendo ronda como guardas.

O casulo não era mais o abrigo ideal para ela. Também não poderia expor Drake àquelas criaturas por tanto tempo apenas para se sentir protegida. Não era justo. Precisava voltar ao castelo. Para isso, precisaria mais uma vez da ajuda de Drake. Afinal, se ele a levou para lá, ele também deveria saber o caminho de volta.

Nesse instante, um dos demônios voadores saiu do meio do redemoinho de monstros e avançou em sua direção. Apavorada, Nic tateou o espaço ao seu lado, sentiu a alça da mochila, puxou-a junto ao corpo, franziu a

testa e torceu para que nada de ruim lhe acontecesse.

A criatura caiu do céu num mergulho ágil, parecendo ficar maior à medida que se aproximava. O demônio esticou os braços, pronto para capturá-la.

Nic tremia, arfava. Não havia para onde se esquivar. O casulo, que antes a protegia, estava prestes a se tornar o seu caixão, um caixão que ela nunca desejou. *Feche as portas*, quis gritar, mas apenas uma palavra saiu da sua boca:

- DRAKE! – apertou os olhos.

Um estampido.

Seu coração tamborilava, o corpo tremia. Não morreu, nem parecia ter sido arrancada à força do casulo. O que houve afinal? Devagar abriu os olhos.

O demônio deslizava pelo ar em cambalhotas de volta para o amontoado de vultos, deixava pelo caminho um rastro de luz misturado a fumaça negra. Drake a salvou de novo, com outro choque de energia do escudo luminoso.

Mas, por quando tempo Drake aguentaria protegê-la? Devia estar cansado de manter aquela aura brilhante. Já fez muito por ela, não poderia se sacrificar dessa maneira, não. Eles não poderiam viver escondidos, de jeito nenhum.

Esse é o meu sonho, eu posso fazer qualquer coisa nele.

Decidida a encontrar um jeito de fugir e voltar à Ilha, Nic fixou o seu olhar no redemoinho de sombras e disse:

- Drake, espero que esteja me ouvindo. Olha, a gente vai sair daqui sem esses monstros saberem, tá legal? Quando eu contar até três, eu quero que você se transforme num animal bem, mas bem rápido. Vamos precisar correr muito, entendeu?

Não houve resposta, mas ela esperava que Drake a tivesse escutado. Seu plano dependia disso. Apertou mais forte a mochila contra o corpo.

Desejou, visualizou, acreditou.

- Agora!

No mesmo instante o casulo pareceu encolher, Drake diminuía de tamanho, deixava de existir, parecia tornar-se translúcido. O plano estava funcionando.

Segundos depois, Nic não via mais Drake; sentiu um chacoalhar em suas costas. Começavam a se mover.

Deixavam para trás o redemoinho de criaturas malignas. Não pareceram notar a saída dos dois. Seria assim por um bom tempo, pelo menos até que a nova ilusão criada neste instante continuasse funcionando.

No lugar onde estiveram, ficava apenas uma imagem falsa de

Nicole e Drake, para enganar os demônios, enquanto a Nicole e o Drake reais fugiam, invisíveis.

Só que o Drake verdadeiro balançava muito, parecia correr e saltar

de um jeito tão desengonçado. Nic, de costas para ele, quase deitada, mal conseguia se equilibrar.

Mas em que ele se transformou dessa vez?

Então virou o corpo para segurar no que seria o pescoço daquele bicho misterioso e, com dificuldade, ajeitou a mochila nos ombros. O problema é que não conseguia ver nada. Não conseguia enxergar nem ela mesma. Via apenas a terra, vários centímetros abaixo dela. Parecia estar flutuando. Pelo menos o desejo funcionou. Ela e Drake, totalmente invisíveis, avançavam em meio a uma floresta carbonizada.

De tanto que Drake balançou, correu e pulou, a concentração de Nic não se manteve. Nesse instante, a invisibilidade dos dois deixou de existir. Levou um susto ao ver que estava montada num enorme avestruz de penas brancas. O bicho corria e saltava em meio às inúmeras raízes que trançavam o chão.

- E-eu tinha pe-pe-di-do algo rá-rá-pi-do, D-Drake! Ma-mas isso é de-dema-mais!

Ele nem parecia se importar com as dezenas de árvores mortas à frente; desviava de todas. Nic chacoalhava em cima dele, tentava de todo jeito não cair.

Até que viu um buraco gigantesco metros a frente. Pôde imaginar a profundidade. Se caíssem, morreriam os dois.

- D-DRAKE, PÁ-PÁRA!

Na mesma hora avestruz parou. Nic mal teve tempo de se segurar.

Quando deu por si, havia sido arremessada para frente, em direção à fenda.

Os olhos arregalados, os braços se agitando no ar. No instante seguinte, mergulhava num abismo.

- SOCORRO! – o grito ecoava na escuridão.

De tão rápido que caía, seu corpo pareceu pesar muito mais do que imaginava.

Levou um susto quando parou de cair; pendurada por uma perna, a outra solta no ar. Sua mão agarrou a alça da mochila antes que a perdesse; era como se todo o seu sangue fosse parar na cabeça.

Indo e vindo, ela balançava feito um pêndulo, e para cima e para baixo, como uma mola; o tornozelo preso por alguma coisa áspera, a coisa que a salvou.

Então arriscou olhar para cima. Viu um grande dragão branco batendo asas. A cauda dele presa ao seu tornozelo.

- Drake! - sorriu – Ufa! Bem na hora.

O topo da fenda estava longe, ela havia caído bastante; precisariam subir depressa.

- Tem como me tirar daqui?

O dragão ganiu em resposta. Talvez quisesse dizer *sim*.

Quando ele iniciou batidas mais fortes de asas, Nic, ainda

pendurada, reparou que, em meio à escuridão do abismo, surgiam diversos pontos azuis luminosos. Eles pareciam se multiplicar muito rápido. Aos poucos, pareceram aumentar de tamanho, como se viessem em sua direção.

- O-ou. Drake, olha! – apontou para as luzes.

Nesse momento, dezenas de animais, que mais pareciam lobos voadores, surgiram da penumbra do abismo. Os olhos azuis fitavam Nicole, aqueles dentes horríveis avançavam aos pares, chegavam cada vez mais perto.

- Voa! Rápido, rápido!

Um dos lobos voadores chegou tão perto que estava prestes a abocanhar a cabeça de Nicole.

- Aaahhh!

Então Drake mergulhou em pleno ar para dentro do abismo. Nicole foi arrastada só por uma perna para cada vez mais fundo; os braços largados ao ar, a mochila quase a escorregar por seus dedos, os olhos vidrados naquela multidão de lobos a persegui-los. Enormes e magros, a pele escura e brilhante como o céu noturno estrelado, ficavam para trás.

- Drake! – gritou - Foram embora!

Nesse momento, centenas de pontos azuis surgiram por todos os lados na escuridão do abismo.

- Não, Drake! Pra cima, pra cima! Rápido! - e o dragão obedeceu;

Nicole subiu novamente, acompanhando o ritmo da cauda do amigo -

AAAHHH!

Então Drake girou a cauda para cima e lançou Nicole em pleno ar.

A mochila voou acima da sua cabeça.

- DRAKE! – desesperada ela agora batia mãos e pés. Não podia voar como Drake. Mas não demorou a cair sobre as costas do dragão, em seguida a mochila caiu à sua frente. Tratou de coloca-la nas costas. Estava sã, salva e tremendo de medo.

Drake continuou a voar em direção à saída do abismo. Se mantivessem aquela velocidade, logo estariam bem longe.

Foi então que aquele primeiro grupo de lobos voadores vieram ao encontro dos dois. Seria possível que os tivessem esperado todo esse tempo?

Se Drake continuasse a subir, iriam direto para a morte. Olhou para baixo, mais lobos voavam de lá para pegá-los.

- Drake, eles estão vindo de todos os lados! O que vamos fazer?

Não havia tempo de fugirem.

- Aimeudeus!

Nesse momento, Drake abriu a bocarra. Um dos lobos vinha na sua direção. Quando Nic teve a certeza de que Drake o engoliria numa só

mordida, da boca do dragão saiu um jato de fogo. O jato foi tão forte e rápido que não só atingiu o lobo em cheio, mas também pareceu atravessar

o céu até atingir as nuvens de energia.

Quando que o fogo cessou, não só aquele lobo virou carvão, mas todo o bando que o acompanhava se desintegrou e sumiu como cinzas ao vento.

Então Nic segurou firme em seu amigo e os dois voaram para fora do abismo, do lado oposto àquele de onde ela havia caído.

- Conseguimos, Drake! Conseguimos!

Mas ganidos estranhos muito próximos diziam o contrário. Ao olhar para trás, viu três lobos agarrados à cauda de Drake, subindo por ela como numa corda, escalando cada vez mais o seu corpo. Suas asas abertas deixavam-nos muito maiores e assustadores.

Como o ajudaria? À medida que os lobos se aproximavam, perfuravam o pobre dragão com as suas garras, manchando de sangue a sua pele branca.

Ao ver o sangue, Nic paralisou-se. Quanto mais ferido Drake ficava, mais os lobos uivavam e ganiam, parecendo mais furiosos. Mas o estômago de Nic embrulhava.

Tudo, menos sangue! - ela pressentia que iria desmaiar. Se isso acontecesse e ela caísse, aí sim estaria em apuros.

Drake voava baixo em meio às árvores e arbustos do outro lado do abismo. Nic precisou se segurar firme enquanto ele desviava de todos

aqueles galhos com espinhos. De muitos não conseguia desviar, quebrando-os em diversos pedaços, ficando com espinhos cravados na cauda.

Mesmo abatida, Nic insistia em olhar para trás. Precisava se manter firme. Por um momento, achou estranho um dos lobos cheirar o ar.

Além do cheiro de queimado do local, ela não sentia mais nenhum.

Enquanto isso, Drake batia a cauda nos galhos espinhentos e secos

dos arbustos; quem sabe seria uma tentativa de fazer os lobos

desgrudarem dele. Então um deles pareceu engasgar, tossir; suas garras

soltaram de Drake e ele ficou para trás; mal conseguiu continuar voando, até cair ao longe.

Não demorou para que outro lobo também demonstrasse sentir

um cheiro estranho no ar. Depois começou a tossir e parecer ter engasgado, assim como o anterior. Enquanto suas garras se soltavam de Drake e ele também ficava para trás, o terceiro lobo continuava preso ao seu amigo. Nic

não conseguia imaginar a dor que o pobre Drake devia estar sentindo

naquele instante.

De repente arrepiou-se, a mesma sensação que teve no jardim,

quando achou que era observada.

Nicole. .

Tentou se concentrar para descobrir o que estava causando aquela

sensação, mas não conseguia, uma dor forte em sua cabeça tirou-lhe toda a atenção.

Nesse instante, uma das patas de Drake agarrou-a e tirou-a das costas segundos antes do terceiro lobo estalar a mandíbula bem no lugar onde Nic estava; uma dentada que poderia ter tirado sua vida. Foi por pouco.

Com as patas dianteiras Drake a segurou logo abaixo de si, protegendo-a. Voava tão próximo ao chão que, por um momento, Nicole pensou que seria jogada por ali mesmo. Pensamento bobo. Ela confiava no amigo. Drake nunca faria isso. Nunca.

Aproximavam-se de uma grande montanha, parecida com um dos vulcões das ilustrações em seus livros de estante. Talvez fosse um lugar seguro para pousarem, para Drake se livrar daqueles lobos.

Nicole. .

As vozes não se calavam. Ela suava frio, o arrepio em seu corpo continuava, a cabeça latejava. Mal via a hora de tudo acabar.

O último lobo não daria trégua para Drake. O pobrezinho parecia não ter mais opções para protegê-la.

Sobrevoavam agora um grande lago. Não faltaria muito para chegarem até a montanha.

Susto.

De repente o corpo de Nic ficou leve. Ela já não sentia mais a pata de Drake a segurá-la, apenas a pressão da mochila em suas costas empurrando-a para baixo.

- DRAKE! – surpresa, viu seu amigo voar adiante enquanto ela

mesma ficava para trás, sozinha. Caía; o lago abaixo de si. - NÃÃÃO!

Esticou os braços, chamava o amigo de volta. Queria tê-lo por perto para protegê-la, para ajudá-la a sair daquele lugar. Só ele podia levá-la de volta, só Drake. Mas ele a deixou, a deixou cair.

Tão rápido quanto o próprio vento, Kírios avançava pela Ilha. Suas asas flamejantes cortavam o ar impulsionando-o para longe do castelo, ultrapassando centenas, senão milhares de deburacs a vagar no céu.

O Eclipse das Sombras descia lento em direção ao horizonte. Havia tempo. Kírios aproximava-se dos limites da Ilha. A energia de todo o planeta corria em suas veias, nelas podia sentir correr a energia de cada ser desprezível daquele mundo de sonhos, menos da pessoa que ele queria encontrar:

- Nicole...

Nesse momento, uma energia diferente tocou seu corpo. A mente de Kírios localizava uma nova vibração. Sim, *ela*, finalmente voltava a ver e compreender tudo o que Nic vivia naquele momento. Solidão, medo. A sentia apavorada. Através dos olhos dela a viu cair, a ouviu gritar por socorro até mergulhar na água gelada.

Ao emergir, uma única palavra vinda de Nic soou aos ouvidos de Kírios.

SOCORRO! – o grito de desespero ecoou em sua cabeça como se ele próprio tivesse gritado. Mas era ela e ele sabia disso, pois estava dentro da

mente da pobrezinha.

De repente, os pensamentos de Nicole se afastaram de Kírios, como se uma parede de rochas surgisse entre eles. Uma espécie de bloqueio mental o impedia de aproximar-se dela. Ela se isolava, se protegia do seu próprio sonho.

Onde estaria Drake, o responsável pela segurança de Nicole? Se a vida dela se perdesse, então todo o sacrifício, todo o plano iria por água abaixo. Kírios acabava de ultrapassar a cachoeira e seguia sobrevoando o vasto tapete de nuvens. As mesmas nuvens que um dia criou para distanciar-se do Exílio seriam a porta de entrada para que adentrasse lá mais uma vez.

Então mergulhou no céu. O ar frio em meio ao vapor d'água invadia seus pulmões, mas não seria o suficiente para apagar o calor da sua raiva, que queimava seu corpo por dentro e por fora em forma de chamas.

Depois de tanto tempo, finalmente retornaria ao Exílio, aquele antro de perdição. Se pudesse, o faria arder no fogo novamente até que Alina e todo o resto de vida naquele lugar torrassem até virarem cinzas.

Já se faziam ouvir os trovões das nuvens de energia, numa sinfonia desarranjada. O som da vitória, da dominação que ele exercia sobre o mundo inferior.

O seu corpo em chamas eletrizava, como se os raios vermelhos muito próximos fossem filetes de sangue a saltar de volta ao seu corpo, suprindo-o de mais e mais energia.

Nesse instante, um flash de luz surgiu diante de seus olhos. A mente de algum ser ligava-se à sua. Podia ver, ouvir e sentir o mesmo que essa criatura.

Através dos olhos dela, Kírios via uma ave azulada voar logo à frente, no céu vermelho do Exílio. Em cima dela, um moleque e uma moça pareciam conversar. O moleque, desengonçado, quase caía de cima da ave. Eles seguiam na direção de uma montanha imensa. Em seu topo ela expelia um gás tão negro quanto um deburac, que subia ao céu até misturar-se às nuvens de energia.

- Nham, nham. A Montanha do Fogo – grunhiu para si mesma a voz grave e rouca da criatura, sabendo que a sua mente estava sendo compartilhada com Kírios. – Lá vão eles, Mestre. Estou de olho neles para o senhor. Estou invisível aos olhos deles. Não podem me ver.

- Ficar com os olhos atentos não é o seu ponto forte, Dígrafo! –

Disse a voz de Kírios para a mente do deburac. Espero que já tenha pegado o diário da menina. Não deixe que encontrem a pedra, entendeu?

- Nham, nham. Ma-mas, Mestre, o local onde a pedra está é traiçoeiro.

- Calado! Como ousa me contradizer?

- Mas...

- Faça o que eu mandei – continuou Kírios, mal aguentava

compartilhar da energia do deburac. Sentia-se impregnado pelos pensamentos desprezíveis e nojentos da criatura. – Não se esqueça do principal, Dígrafo. Mate o moleque, entendeu? Mate-o.

- Nham, nham. Como o quiser mestre. A propósito... Sim, estou com o diário. Mal vejo a hora de entregá-lo ao senhor.

Ao menos o Dígrafo havia cumprido a tarefa. Restava saber se daria conta de acabar com a vida do pivete.

- Mantenha o diário seguro. Estou a caminho.

Nesse instante, a mente de Kírios desligou-se de Dígrafo. Voltava a si, aliviado por livrar-se do deburac.

- O Exílio – disse ele, dando-se conta de que havia ultrapassado os raios vermelhos. Mais uma vez via diante de si o mundo inferior.

Há tempos não adentrava naquele cenário deprimente, lugar dos infelizes, dos desgraçados. Sentia nojo do lugar que ele mesmo havia criado. Ninguém poderia colocar-se em seu caminho a partir de agora.

Então concentrou parte de sua energia nos pulmões e, urrou de modo que sua voz percorresse todo o Exílio.

Anunciava a sua chegada.

CAPÍTULO 17

UMA MONTANHA DE LEMBRANÇAS

Flique acabava de pousar na Montanha do Fogo, próximo a

inúmeros arbustos de espinhos.

Já Will, de saco cheio daquele pesadelo onde foi parar, mais propenso a tomar um bom banho para tirar de si os vestígios de Úzolv que já haviam secado em seu corpo, reclamaria da péssima viagem se, ao descer do pássaro as primeiras palavras não fossem interrompidas por um som aterrorizante.

- Você ouviu isso? – disse ele assustado. O som parecia ecoar por todo o céu do Exílio. – Que coisa é essa?

Alina olhou para o alto, parecendo surpresa.

- Não... Não pode ser ele... – ela balançou a cabeça. – Flique, se esconda agora e fique atento.

Então o corpo de Flique diminuiu de tamanho, convertendo-se novamente em um passarinho azul, que voou para o meio dos arbustos espinhentos.

Sem entender nada, Will ergueu uma sobrancelha.

- O que houve?

- Não se preocupe com isso. Precisamos ser rápidos. Coração de

Pedra... esse é o nome da pedra mágica – e apontou na direção de uma abertura na montanha - Ele só pode estar ali, na Câmara da Lembrança.

- Outra caverna? Só pode ser piada.

- O diário estava certo, Will. Não se lembra? A pedra mágica só

pode estar em meio às lembranças. E a Montanha do Fogo abriga todas as lembranças da Nicole. Você só precisa entrar lá e...

- Espera um pouco – ele interrompeu, desconfiado. – Como assim só preciso entrar lá? Sem sandersais? Sem serpentes? Sem outro Úzolv? Depois dele não sei se estou a fim de passar por mais dessas enrascadas.

Alina colocou as mãos na cintura. Viria bronca na certa.

- Qual é, garoto? Até parece que você não aprendeu nada com esse lugar! Olha tudo o que já passamos! – estalou os dedos – Acorda! Você não está a passeio aqui não. Entrar e pegar – deu um risinho debochado – Não pense que será fácil. Você não faz ideia do que tem lá dentro.

- Ah, tá. E quer que eu entre, não é? Quer saber, vá você. Eu não vou.

Silêncio.

Alina deu-lhe as costas e pôs as mãos na cabeça.

- Kírios está vindo – disse ela e virou-se para ele novamente. – Você ouviu aquele urro? É ele. Espero que se lembre da história no diário, do monstro em que ele é capaz de se transformar.

- Mas você disse que era só uma historinha de...

- Eu sei o que eu disse. Mas se você quer sobreviver, é melhor ir logo. Eu fico e dou cobertura.

- Você só me mete em enrascada – disse ele.

Alina revirou os olhos e torceu os lábios. Mais bronca.

- Será que eu ouvi direito? – ela respondeu - Eu meto você em

enrascada? Olha, garoto, é melhor a gente ir logo, antes que eu perca a minha paciência – e cruzou a frente dele, dando-lhe as costas, caminhando

em direção ao topo. Segundos depois ela parou.

- Qual o problema? Parou por quê? – disse Will.

- Fica quieto, moleque! Quer chamar a atenção?

Ele lembrou-se das vezes em que brigou com a Nicole para que

ficasse quieta. Nunca adiantava. Agora agia igual.

- NÃO FICO! – ele protestou, sem se importar se seria ouvido. -

Você se acha muito esperta, não é? Mas quer saber, você não é nada! Só sabe mandar, só sabe me encher o saco. Estou fora! Acabou. Fique aí com a

sua pedra ridícula! Vou achar outra pessoa que me ajude. Você morreu pra mim.

- Se eu fosse você, eu não faria isso, Will. Não há mais como voltar atrás. Se tentar seguir sozinho, não vai sobreviver por muito tempo. Isso eu garanto.

- O problema é meu – disse ele. - Aquela coisa feia com asas, o tal Dígrafo. Ele sim tinha razão. Você só está me usando.

- Para de ser criança, Will. Se você quer tanto ser tratado como adulto, aja como um! Não fique aí se lamentando, achando que sou injusta. Injusto é você estar aqui e ter que salvar a sua irmã, enquanto deveria estar na sua casa. Este não é seu mundo, entendeu?

Will fez que sim com a cabeça.

- Exatamente, não é o meu mundo. Por isso vou dar o fora daqui.

Logo que Will deu-lhe as costas, viu-se diante de uma explosão de fumaça.

- Nham, nham. Ora, ora, um desertor. – a fumaça se dissipava e

revelava o ser monstruoso. - Foi só Alina afrouxar a rédea pra que o cordeirinho escapasse – então ele aproximou de Will a sua cara esticada. -

não é mesmo... moleque?

- Afaste-se dele, Dígrafo – disse Alina.

Surpreso, Will tentou dar meia volta. Mas, antes que pudesse sair correndo para se proteger, outras explosões de fumaça irromperam à sua frente. Delas, inúmeros deburacs apareceram, formando uma barreira tenebrosa em seu caminho.

- Por que não me enfrenta, Dígrafo? – disse Alina, ao desembainhar a espada, o metal retiniu do outro lado da fila de monstros que a separava de Will. – Vamos, lute comigo, seu covarde.

Nesse momento, Dígrafo puxou Will pelo braço, deixando-o de costas para si e apontou para o pescoço dele suas garras gigantes. Will nunca imaginaria morrer nas garras de um monstro, ainda mais dentro de um sonho.

Logo depois os deburacs desfizeram a barreira. Desta vez colocaram-se em nova formação. De cada lado agruparam-se ombro a

ombro, ou asa a asa, formando um corredor. Will e Dígrafo em uma extremidade, Alina e a espada na outra.

- Nham, nham. Sejam justos – disse o deburac. – O moleque em troca do meu olho. A cada palavra o peito de Dígrafo vibrava nas costas de Will.

- Acha o seu olho valioso? – disse ela. E retirou o amuleto de dentro da roupa. - Sabendo que posso destruí-lo, você não se atreveria a me atacar, não é mesmo, Dígrafo? Também não se atreveria a machucar o garoto. Vamos fazer assim... Primeiro você o solta, depois te entrego o olho.

- Nham, nham. Esqueça. Primeiro você me dá o olho. É pegar ou largar – as garras de Dígrafo cresceram ainda mais e brilharam, revelando um gume afiado na direção da garganta de Will.

- Se o matar, poderá dizer adeus a isto aqui – disse Alina, ao arrancar o cordão do pescoço e ameaçar esmagar o olho com a mão.

- Nham, nham. Você mente, eu sei. É uma pena que a pequena Nicole não possa ver o irmãozinho morrer. – disse Dígrafo, apertando ainda mais o corpo de Will contra o seu.

Os deburacs começavam a desfazer a última formação e a fechar um círculo ao redor de Alina, pareciam prever que reagiria.

Droga, Flique. Aonde você se enfiou? - Will se indignava com a situação.

– Nham, nham. Diga adeus ao jovem herói, Alina.

- DIGRAFO, SEGURE! – disse ela de repente e jogou o amuleto para o alto. Na mesa hora Alina juntou os dedos à boca e soltou um assobio agudo.

O olho de Dígrafo cruzou o ar em sua direção. Nesse momento, o deburac largou Will e esticou as duas mãos para agarrar o seu bem tão precioso.

Pouco antes das mãos de Dígrafo receberem o amuleto, Um

passarinho azul surgiu dos arbustos, como que em resposta ao sinal de Alina. Ao voar, seu corpo se transformou no grande pássaro quadrúpede, que voou por cima da cabeça do monstro e, com o bico, fisgou o olho ainda

no ar.

Com o corpo liberto, Will não podia deixar escapar a única chance

de salvar sua vida. Saltou e agarrou-se a uma das patas de Flique. A ave ganhava altura e se distanciava do deburac.

- Nham, nham. Meu olho! – Dígrafo dizia lá de baixo. - Atrás deles!

Tragam a ave maldita e recuperem o meu olho!

Ao ouvir isso, Will ignorou seu medo de altura e olhou para baixo.

Desta vez não sentiu calafrios.

Alina posicionava-se frente a frente com Dígrafo enquanto os deburacs ao redor dela alçavam voo na mesma direção em que Flique seguia. Mal deixaram o chão e, de repente, um por um explodiram em fumaça negra, desaparecendo de vista.

Mau sinal - pensou Will. Da mesma forma que desapareceram, poderiam também reaparecer.

Dito e feito. Em questão e segundos surgiram ao redor dele e de

Flique novas explosões de fumaça. A partir delas, reapareciam os horrorosos deburacs, batendo as asas enormes. Tentariam a todo custo impedi-lo de chegar à caverna.

Com o susto que levou, as mãos de Will agarradas à pata do pássaro afrouxaram. O corpo pareceu ficar mais pesado e as mãos começaram a deslizar.

- Flique, estou escorregando! – disse Will, prevendo o momento em que suas mãos não mais conseguiriam sustentá-lo.

Nesse momento, Flique voou para cima num giro e, com a pata, lançou Will para o alto.

- AAAHHH...!

Assim que seu corpo deixou de subir e começou a pesar, novas explosões de fumaça irromperam ao redor.

Mais deburacs. Abriam os braços como se quisessem agarrá-lo.

Mas, antes que fosse pego, seu corpo iniciou a descida, bem a tempo de escapar do abraço fatal.

Will tombou sobre as costas de Flique e a ave mergulhou no céu.

Escaparam por um triz.

- Azulão, espero que você saiba o que está fazendo! – disse Will.

Suava frio; o coração só faltava sair pela boca, ou talvez fosse o resultado do enjoo avançando pela garganta depois de tantas piruetas.

Aproximavam-se mais uma vez do local onde Alina e Dígrafo se enfrentavam. Dígrafo avançou as garras sobre ela, como se fosse rasgá-la ao meio. Mas ela se esquivou bem a tempo, rolando no chão. Em seguida, mantendo-se agachada, esticou a perna e girou-a, passando nele uma rasteira, fazendo que com Dígrafo caísse de costas, estatelado na terra.

- Dá-lhe, amazona do exílio! – Will vibrou.

A caverna estava próxima. Em segundos Flique o deixaria na entrada.

Ao olhar o cordão do amuleto balançando junto à cabeça do pássaro. Will admirou-se com a esperteza e agilidade do amigo em interceptá-lo, antes de Kírios se apoderasse dele. Então estendeu a mão e segurou o cordão.

- Pode deixar, amigão. Eu fico com isso. Bom trabalho – Flique abriu o bico, liberando o olho. Depois Will guardou-o num dos bolsos do colete.

Olhou para trás para ter certeza de que os deburacs não os alcançariam. Para seu espanto, não havia um só deburac atrás dele, pois não desistiriam de persegui-lo assim tão fácil. Foi quando, ao voltar o rosto para frente, dezenas de novas explosões de fumaça irromperam a poucos metros de distância. Os deburacs apareciam mais uma vez, materializavam-se entre Will e a caverna.

- Flique, a gente não vai conseguir despistar esses bichos! Estamos fritos!

Nesse instante a ave parou no céu. Batia as asas, flutuando, mas sem sair do lugar. Enquanto isso, os deburacs novamente avançaram em sua direção.

Sem entender o que Flique pretendia, Will apenas observou-o abrir o bico e soltar aquele mesmo som agudo que antes o havia salvo dos

sandersais. Como ondas de energia, o som deslizou pelo ar até atingir os deburacs.

Em questão de segundos, todos eles ficaram estáticos. Um após o outro caíam até o chão. À medida que os corpos das criaturas atingiam a terra, se estilhaçavam feito vidro.

Will deu um soco no ar em comemoração pela vitória.

- Isso, amigão. Muito bom!

Afagou o pescoço de Flique. Então desceram, girando em espirais até a entrada da caverna.

- Nham, nham. Não vou permitir que você entre nessa caverna, pirralho! – disse uma voz ao longe.

Will virou o rosto e viu Dígrafo dar um soco na cabeça de Alina, derrubando-a no chão.

Num salto, Will desceu de Flique. Precisava ajudá-la. Mas, no momento em que correria até ela, ficou preso pelo colete.

Ao olhar para trás, reparou que o bico do pássaro o impedia de prosseguir.

- Me solta!

Não era justo. Alina se sacrificava naquele momento, não apenas por ele, mas também por Nicole. Ele queria ajudá-la, mas compreendia que não poderia perder mais tempo. De nada valeria o esforço de Alina se ele não fizesse a sua parte e pegasse logo o Coração de Pedra.

De longe, Dígrafo direcionava seu olhar maligno. Em seguida abriu as asas e, num impulso, voou na sua direção.

- Droga! – disse Will. - Esse aí não desiste.

Entretanto, Dígrafo parou no ar. Por mais que suas asas batessem, ele parecia estar preso. A cara do deburac demonstrava ódio e surpresa ao mesmo tempo. Impossibilitado de seguir em frente, ele urrou como uma fera selvagem acuada até ser puxado para trás e arremessado para longe numa velocidade incrível.

Alina o puxava pela cauda e o lançava para o lado contrário ao da caverna.

- Will, entra logo e encontre a pedra!

Com a bronca, ele não pensou duas vezes para seguir em frente.

- Flique, me espere aqui e não deixe ninguém entrar.

Então correu para dentro da caverna, sem saber o que o aguardaria. Enquanto adentrava, um cansaço incomum tomou seu corpo. Talvez não fosse nada, apenas sono. Por outro lado, talvez fosse um aviso.

Continuaria a qualquer custo.

Depois que a pouca luminosidade da entrada já havia ficado para trás, mal conseguiu enxergar direito o caminho que deveria seguir. Pela lógica, talvez devesse andar sempre em frente.

- Essa é a Câmara da Lembrança? – disse Will, a voz ecoava pelo desconhecido. - Mal vejo a hora de pegar logo essa pedra e dar o fora. Chega de cavernas... Bem que poderia ter luz aqui dentro! Será que a Nic nunca ouviu falar em tochas, para poder sonhar com alguma?

De repente, como se a própria Câmara pudesse ouvir os seus pensamentos, diversos pontos cor-de-rosa brilhantes apareceram ao redor, revelando grandes paredes rochosas salpicadas de luz. A caverna ficou parecendo uma árvore de natal para garotas, cheia de luzes rosadas piscantes.

- Meu... Mas que ridículo!

Custava a acreditar que havia se enfiado num lugar daqueles. Via toda a extensão da caverna, um corredor gigante. O Coração de Pedra não deveria estar muito longe.

Ao dar mais três ou quatro passos adiante, algo naquelas luzes brilhantes chamou-lhe a atenção.

De uma delas saltou um feixe luminoso, como se o convidasse a se aproximar.

Como sempre, dar ouvidos à curiosidade seria inevitável. A luz

rosada saía de um tipo de pedra preciosa. A pedrinha devia ter menos uns cinco centímetros, presa à rocha, como se há anos estivesse ali. Linda, porém, rosa.

- Nada é perfeito – sorriu.

Fixou o olhar no interior daquela joia para entender o que possuía de tão especial.

De repente a luz rosada piscou tão forte a ponto de preencher todo espaço ao redor. Os olhos de Will lacrimejaram. Não via mais nada. Seria o veneno dos sandersais em seu corpo causando mais uma vez a cegueira momentânea?

Não demorou e uma alegria muito grande invadiu seu corpo. Em poucos segundos sua visão voltou.

A caverna havia desaparecido.

De repente, como que por milagre, Will estava novamente em casa.

Reconheceu o sofá da sua mãe e o tapete bege da sala, com aquela mesma mancha, da vez em que derramou geleia sem querer. Foi castigado, claro.

Além do que a sua mãe se recusou a comprar outro tapete. Por fim, a mancha combinou com a mobília mogno. Como seu pai sempre dizia, dona

Veridiana sabia bem como tornar parte da decoração até mesmo os rabiscos de giz-de-cera na parede, feitos pela Nic.

Quando a porta da sala se abriu. Will ficou estático. Quem seria?

Para sua surpresa, Nic disparou pela porta. Ele não conteve o

sorriso. Não pensou duas vezes e partiu logo para dar-lhe um abraço de urso, daqueles de quase quebrar os ossos, desta vez seria tão apertado a ponto de sentir o coração dela bater junto a seu peito.

- Pirralha! Não acredito que está de volta! – disse de braços abertos.

No instante em que Will praticamente cairia por cima de Nic, envolvendo-a em seus braços, seu corpo transpassou o dela, como se ela fosse um mero fantasma.

Will cambaleou e por pouco não caiu no chão. Acabou indo parar bem em frente à porta. A sua mãe entrava nessa hora; mantinha as costas arqueadas, carregava um baú de madeira todo decorado, com flores e laços. Passou por ele como se não o visse.

- Mãe? – disse Will. Mas ela pareceu não ouvi-lo também.

Mas o mais surpreendente aconteceu em seguida. Logo depois dela, ele mesmo, Will, entrava pela porta carregando sacolas e mais sacolas de presentes. Seria possível? Will não tinha um irmão gêmeo! Como dois *Wills* poderiam estar no mesmo lugar?

A sua mãe colocou o baú em cima do sofá e Nic foi logo abrindo a tampa. Sem dúvida o largo sorriso não negava que aquele era o momento mais feliz da vida dela.

Brinquedos e mais brinquedos, dúzias de bonecas, as mais lindas que encontraram. Tudo isso saía de dentro do baú decorado.

- Feliz Aniversário, filha! – disse a sua mãe.

Nesse instante a cena fez sentido para Will. Como não havia percebido antes?

- Mas que droga! – levou mão à testa. - Eu estou *dentro* de uma lembrança da Nicole!

CAPÍTULO 18

TÃO PERTO, MAS TÃO LONGE

- Mãe! Nic! Podem me ouvir? – Mas nada adiantou. Por mais que Will as chamasse, continuaria a ser ignorado. O que tudo isso significava? Em silêncio, observou aquele Will da lembrança de Nic, tão parecido consigo mesmo, todo emburrado. A cara dele estampava todo o ciúme que sentia da irmã.

Afinal, grande coisa ela fazer aniversário e ganhar dúzias de presentes. Nicole sempre foi mimada, fosse seu aniversário ou não. Já Will, por ser mais velho que ela, precisava ser o irmão responsável, o irmão exemplar, o irmão bonzinho. Quanta lorota. Desde que Nicole nasceu, ele teve que dividir parte dos seus direitos a presentes e mimos. Uma divisão muito injusta por sinal.

Lembrava-se que horas antes de chegarem em casa com o baú de brinquedos, enquanto sua mãe comprava os milhares de outras coisas para ela no shopping, Will admirava na vitrine uma simples bola de futebol. Pediu que sua mãe a comprasse, mas ela nem deu importância. Pelo contrário, disse que ele só ganharia o presente se fosse bem comportado e

tirasse boas notas. Injustiça! Se não tirasse boas notas, seria castigado, mas Nicole, que ainda nem fazia provas, era entupida de presentes.

Se o seu pai estivesse lá, ele lhe daria a bola de presente. Mesmo o vendo pouco, ao menos nos finais de semana os dois saíam juntos e compensavam o tempo perdido, mesmo que Nic estivesse com eles e quisesse roubar a atenção do pai só para ela.

No sofá, o baú regurgitava bonecas loiras, morenas, ruivas, que diziam “mamãe”, “papai”, “estou com fome” e “fiz cocô” - *quanta frescura*.

A lembrança mostrava a época em que a família de Will morava no

Rio de Janeiro. Naquela tarde de sexta, o seu pai viria direto do trabalho para a festa de aniversário da Nic. Bem que poderia ter chegado logo, já que era o único que compreendia Will de verdade. Como fazia falta...

Tudo bem... sua irmã estava fazendo oito anos e blá, blá, blá... Mas, grande coisa. Ele só queria uma bola de futebol. E nem era tão cara.

Nic nem parecia se importar com o olhar emburrado de Will.

Talvez ele nunca a tivesse visto sorrir tanto quanto esse dia.

Até que, num estalar de dedos, aquela lembrança se desfez diante dos seus olhos. Via novamente os brilhos rosados e o longo corredor.

Voltava à caverna.

Cansaço. A mesma sensação de quanto havia entrado ali.

- Que loucura...

Toda aquela alegria de Nic, que há um minuto contagiava Will e

fazia dele a pessoa mais feliz do mundo, desapareceu. Por um breve instante, sentiu o mesmo que sua irmã, alegria, mimo, felicidade para toda a vida.

Levou a mão à cabeça.

Poxa, ela é só uma garotinha.

Não valia a pena brigarem tanto. Ele já estava bem grandinho para bancar o ciumento. Pelo menos era o que o seu pai lhe diria.

Mesmo Nicole sendo a caçula e recebendo uma maior atenção da sua mãe, ela era a sua irmã. Por mais que ele ficasse constrangido, precisava admitir... A amava, muito.

- Me sentir culpado não resolve o problema. – enxugou as lágrimas que escapavam dos olhos - E outra... Nic, você não morreu e eu vou te achar, sua pirralha!

Tentou entender o significado da lembrança. Será que ela queria dizer algo sobre o paradeiro da Nicole? Ou seria apenas um jeito de fazê-lo entender o porquê de ela às vezes ser tão irritante?

Todas aquelas pedras preciosas da caverna eram lembranças?

Nada fazia sentido.

Nicole. . Lembranças, Coração de Pedra. .

- Droga! Como monto esse quebra-cabeça?

Os minutos seguintes não foram suficientes para Will compreender

o sentido do que estava acontecendo. Acabou se esquecendo do verdadeiro objetivo, o Coração de Pedra.

Deu novos passos à frente. O corpo exausto relutava em seguir em frente, como se tivesse corrido quilômetros sem parar.

Então um novo feixe de luz rosada saltou da parede da caverna.

Desta vez, cruzava seu caminho. Impossível não olhar. Impossível não ser atraído pela nova sensação, pelo arrepio que ia dos pés à cabeça. A luz de novo parecia chamá-lo. A pedra preciosa o convidava a olhar o seu interior.

Uma nova lembrança.

Não faria mal olhar só mais uma vez.

Aproximou-se. Tocou naquela joia tão perfeita quanto a anterior.

Seus olhos fixaram-se naquela luz que de novo preenchia todo o espaço ao redor.

Fechou os olhos.

Ao abri-los, percebeu que estava no interior de um avião. Via a si mesmo, de longe, sentado ao lado da janela. Junto a ele, Nicole, na poltrona do meio, girando seu pingente entre os dedos. Na poltrona do corredor, a sua mãe. Lembrava-se bem daquele dia. Foi a primeira vez que sentiu medo de altura em sua vida depois do incidente que fez a sua mãe decidir que mudariam de cidade.

Voavam do Rio de Janeiro para São Paulo. Era o fim da tarde do

sábado seguinte ao aniversário da Nic. A morte do seu pai já havia completado uma semana. Belo aniversário ela teve. Ao invés de irem para a festa, os convidados todos foram para o velório. Depois do enterro a sua mãe achou melhor recomeçar a vida em outro lugar. Tudo bem. Apesar de contrariado, Will não tinha como desobedecer a Dona Veri. Sua vida nunca mais seria a mesma. O peso de tudo o que aconteceu parecia um elefante em suas costas. Odiava se sentir responsável pelo que ocorreu na semana anterior, por ter ligado no celular do seu pai pouco antes da festa da Nicole, para pedir que se apressasse. Ele estava atrasado, como sempre. Will achou que, se ligasse, o faria largar o trabalho e ir para lá mais rápido, já que os convidados já estavam para chegar.

Se pudesse voltar atrás. Impossível. As últimas palavras do seu pai, do outro lado da linha, ainda martelavam na sua cabeça: “Oi filho, já estou a caminho...” E o telefone ficou mudo. Depois veio a notícia. Um caminhão havia batido no carro do seu pai. Perto do veículo, os bombeiros encontraram um pacotinho, dentro dele um pingente de coração, junto a um cartão meio queimado, onde ainda podia-se ler “Para a querida Nic. Com amor, papai”.

Então o Will da lembrança olhou pela janela do avião e arregalou os olhos ao ver o quanto estavam alto. Ele a fechou numa batida tão forte que chamou a atenção de muita gente.

Foi só Nicole percebê-lo ofegando e se encolhendo na poltrona que

foi logo zombar, cantando uma musiquinha irritante.

- *O Will tem medo de altura, lá, lá, lá, lá, lá. .*

Ela parecia a única a ter superado o acidente. Mesmo tão mesquinha agora, zombando o Will da lembrança, o Will de verdade via nela uma menina inocente.

Na época em que seus pais se separaram ela tinha apenas dois anos de idade e Will oito. As visitas de seu pai aos finais de semana duravam tão rápido que ela mal o via. Talvez ele achasse que os presentes eram uma forma de compensar a ausência. Bobagem.

Foi quando o Will da lembrança deu em Nic um beliscão tão forte que arrancou dela um berro, alto o suficiente para que até o piloto do avião escutasse.

- Por que não aprende a ficar de boca fechada? – ele disse.

A fama de Will já não estava muito boa mesmo diante da sua mãe, que o culpava pela morte do pai. Agora então, tudo foi por água abaixo.

No momento em que a Dona Veri o repreenderia, mais uma vez todo aquele cenário da lembrança se desfez.

Enquanto tudo se desfragmentava, um sentimento de tristeza apoderou-se de Will, como se toda a mágoa que Nic havia sentido naquele avião, depois do beliscão, acabasse de ser transferida para ele.

Quando se deu conta, estava de volta à caverna.

As pernas amoleceram, o brilho rosado na parede se distanciava.

Will caía de costas no chão.

Depois de se estatelar e o corpo todo estremecer, mal teve forças para se mover. Fez um sacrifício imenso para soltar um... – Ai!

Will enxergava o teto, as paredes, as luzes rosadas. Tudo brilhava.

Todas aquelas pedras preciosas eram na verdade memórias, as memórias da infância de Nicole, incrustadas nas paredes.

Ele queria poder ver todas, para conhecer de verdade a sua irmã, para saber o que ela pensava dele. Precisava saber quais vezes a fez sorrir, para tentar alegrá-la mais daqui para frente. Também precisava saber quando a fez chorar, para depois se desculpar por cada atitude idiota.

- Preciso... a pedra mágica...

Por mais que Will estivesse em um local tão diferente, talvez o mais bonito do Exílio, tinha um dever a cumprir. Nicole dependia dele, Alina também.

Nesse instante, Will juntou todas as forças que pôde. Impulsionou o corpo do chão e ficou em pé.

Cambaleou tanto que quase caiu novamente.

Saco. Tomara que a pedra esteja perto.

Caminhou poucos metros até que, num tropeço, caiu de cara no chão. Isso só fez aumentar a sua raiva.

Queria esmurrar o chão idiota, mas precisava economizar forças para se levantar. Então ergueu a cabeça e gritou:

- Por que eu tenho que passar por tudo isso, hein? Que droga!

Logo em seguida, dezenas de feixes de luz rosada saltaram das paredes e do teto da câmara.

Toda aquela luminosidade preencheu os espaços ao redor dele.

Quantas lembranças mais estavam por vir? Talvez não restasse em Will força suficiente para suportá-las.

Não muito longe, Nic acordou num susto, como se despertasse de um pesadelo. Até que se deu conta de que o pesadelo era real e que precisava arranjar um jeito de sair dele.

Arrastou as pernas para fora da água gelada. Frio. Mal conseguia dobrar os dedos. Rangia os dentes em meio à fumaça da própria respiração.

Para onde olhasse não via Drake.

Ele não pode ter feito isso comigo. Não pode ter me deixado aqui, sozinha.

Decepcionada. Aquele não era o seu mundo dos sonhos, o queria de volta.

Desejou aquecer-se e que suas roupas secassem. Em questão de segundos suas roupas secaram e um calor aconchegante envolveu seu corpo.

Ao ouvir um barulho estranho, notou que perto dela um bichinho

parecido com um lagarto mastigava algo muito familiar.

- A minha mochila!

Ajoelhou-se na areia úmida, apoiou-se em um dos pés para se levantar. Em seguida, correu até lá, tirando os cabelos do rosto.

- Xô! Xô! Bicho feio! Sai daqui! – abanou as mãos, espantando o pequeno lagarto, que fugiu.

Em seguida, um estranho barulho pareceu vir do lago. Nic olhou rápido, mas não havia nada.

Por pouco a mochila não virava comida de bicho. Puxou-a pela alça.

Toda suja e encharcada.

Foi logo abrindo o zíper, torcendo para que todas as suas coisas estivessem lá.

Sim, estavam. Todas molhadas.

Lanterna, escova de cabelos, retrato da família, relógio e, graçasadeus, o pacote de biscoitos, ensopado.

Nic sentou-se ali mesmo na areia e foi logo atacando os biscoitos, que se desmanchavam em seus dedos. Como era ótimo ir ao supermercado com sua mãe e implor para que ela abastecesse o estoque de biscoitos recheados da despensa. Sempre saía de lá com dúzias de pacotes de biscoitos diferentes.

Agora, morrendo de fome do jeito que estava, aquela meleca era

um banquete.

Enquanto lambia os dedos, com a outra mão pegou o relógio cor-de-rosa. O ponteiro se mexia de novo. Da última vez que o viu ele havia parado. Devolveu-o à mochila e pegou o porta-retratos com a foto da família. Ela com a sua mãe, o seu pai, e o enxerido do Will. Todos juntos na quadra de tênis do Iate Clube. Por instantes, olhou o horizonte vermelho, a saudade bateu forte. Ela nunca ficou tão longe de casa. Será que sua mãe notou sua ausência e sentia sua falta?

Está certo que às vezes ela ia dormir na casa das amigas, mas a casa delas ficava na vizinhança. Ou seja, estaria sempre por perto.

O lugar onde estava agora era todo estranho e muito mais distante do que seria a casa delas. E Drake, que até então parecia ser o seu mais novo amigo, não a protegeria mais.

Nic já havia engolido meio pacote de biscoitos derretidos quando ouviu outro barulho estranho.

O que foi isso?

Virou o rosto para o lago, como se algo tivesse mergulhado nele. A água tremulava em reflexos avermelhados.

Lentamente, guardou o porta-retratos e o pacote de biscoitos de volta na mochila, fechou o zíper com cuidado, colocou uma das alças no ombro e terminou de engolir o que mastigava.

Depois quase parou de respirar, só para não fazer barulho. Desse

jeito conseguiria ouvir qualquer outra coisa que não fosse o som da sua respiração.

Em silêncio, levantou-se. Decidiu sair de mansinho enquanto era tempo.

Ao dar o primeiro passo, ouviu o som de um borbulhar na água. Em seguida, surgiu outro conjunto de bolhas, e mais um e mais outro. Em instantes, todo o lago parecia um imenso caldeirão fervente.

Foi quando uma das bolhas saltou ao ar e estourou, revelando em seu interior uma coisa escura e ao mesmo tempo translúcida, como se feita de vidro. Aquilo que mais parecia um morcego abriu as asas e começou a batê-las sem sair do lugar. Nic odiava morcegos, odiava saber que justo um deles estava bem na frente dela, o morcego mais horrível que já viu na vida. Não era igual aos que via na televisão. Este era muito mais assustador e, pior, era real.

- *Aimeudeus...* – disse baixinho. Arrependendo-se por nunca ter deixado o castelo.

Nesse momento, outras regiões do lago começaram a cuspir bolhas para o alto, saltando de dentro da água como se o lago as vomitasse. E todas elas estouraram, revelando vários outros morcegos.

Nic não esperaria para ver o que fariam. Correu pela margem e gritou por socorro.

Subiu por um barranco, correu entre árvores e iniciou a subida do

que julgou ser a montanha para onde Drake havia voado. Se ela conseguisse encontrá-lo a tempo, Drake a protegeria, lançaria um jato de fogo que transformaria os morcegos em vidro derretido. Mas não houve tempo de procurá-lo.

Nesse exato momento os morcegos a alcançaram. Puxavam seus cabelos, suas roupas, batiam as asas em seu corpo.

- Saiam daqui! - Nic abriu a mochila e retirou a escova de cabelos. -

Me deixem em paz! – apontou o lado de madeira para um deles, imaginou-o como uma grande bola de tênis e bateu com força.

Ouviu o som da cabeça do bicho se espatifar na madeira, como se fosse uma bola de vidro oca e frágil se estilhaçando no ar em pontuações brilhantes. Fez o mesmo com outros que se aproximavam. Não via mais morcegos, os via apenas como bolas de tênis em sua direção e o seu objetivo era rebater todas, para qualquer direção.

Apesar disso, continuavam a atacá-la. Parecia Will brincando com ela de saco de pancadas, a brincadeira que ela mais detestava.

Já não aguentava mais. Deixou a escova cair e, chorando, correu gritando por ajuda, enquanto os morcegos a perseguiam.

Mal conseguia enxergar o caminho. Os morcegos ao redor tapavam sua visão. Sentiu puxarem a sua mochila, como se quisessem arrancá-la, roubá-la. Nic lutava para manter uma das alças presa em seu ombro até que puxaram seu cabelo mais uma vez.

- Aaai! Vão embora!

No momento em que tentou espantá-los com as mãos, a alça da mochila deslizou por seu ombro e foi arrancada do braço.

- NÃO! Devolvam isso!

Mas já era tarde. A deixaram em paz, porém carregavam seus pertences montanha acima.

Não posso, não posso ir atrás deles – brigava consigo mesma - Mas ela é minha, é minha! É MINHA!

Por mais que o medo a impedisse, sua determinação era muito maior. Precisaria ser muito rápida para alcançá-los, pois voavam depressa.

Desejos. . Foi a palavra que veio em mente.

Ela nem mesmo precisou fechar os olhos para desejar. Estufou o peito e disse em voz alta:

- Quero correr o mais rápido que eu puder e esses morcegos não vão me machucar!

Imediatamente sentiu-se forte, disposta, cheia de energia. Seu desejo tornava-se real de forma muito mais rápida do que nas outras vezes.

Disparou a correr em direção aos morcegos. As árvores ficavam para trás como borrões no ar. Não demorou para o seu corpo, agora leve e ágil, alcançar os morcegos ladrões, que voavam a poucos metros do chão.

Nesse instante, Nic tomou impulso e, num salto, agarrou a alça da

mochila. Mas, ao invés de resgatá-la e cair de volta ao chão, ficou pendurada. Seus pés balançavam acima do solo cinza da montanha. O chão passava rápido abaixo de seus pés. Ganhavam altura. Se caísse poderia se machucar muito. Por isso seguraria firme a alça da mochila.

- Soltem logo. Isso é meu!

Talvez nem conseguissem entender o que ela dizia.

Bando de morcegos cruéis, surdos e burros.

Então teve uma ideia. Seria o seu único jeito de escapar. Precisava arriscar.

Segurou firme a alça da mochila com uma das mãos e, com a outra, puxou o zíper já um pouco aberto até o fim. Enfiou a mão lá dentro e achou o que precisava.

Segurando firme a lanterna, apertou o botão de ligar.

A luz emitida parecia um poderoso farol. Nunca viu a sua pequena lanterna de bolso iluminar tanto assim. Direcionou o fecho de luz nos morcegos, fazendo seus corpos de vidro cintilarem e refletirem a luz para todos os lados. Quase na mesma hora os eles soltaram a mochila e partiram, deixando Nic cair.

- Aaahhh!

Como uma pedra em direção ao chão, mais uma vez ela se viu diante da morte.

Apenas um nome passou pela sua cabeça naquele instante, o único que poderia ajudá-la.

- DRAKEEE! - e desejou ser salva.

Em questão de segundos, Nic caiu sentada em algo fofo. Não era o chão. Mas o impacto foi tão forte que a alça da mochila escapou por completo de seus dedos.

- NÃO!

Depois de todo o esforço, a mochila continuou a cair. Junto com ela, desaparecia para sempre a única recordação da sua casa, o retrato da família.

Salva, ela voava por cima das árvores mortas da montanha. Abaixo dela um grande animal branco, quase rosado, por causa do efeito da penumbra vermelha das nuvens de energia; de pelo macio e grandes asas.

A juba esvoaçante deixava claro ser um leão voador. Seria o seu amigo a coisa fofa que a havia salvado?

Agarrou-se à juba macia do leão e deitou a cabeça naquele travesseiro felpudo. Seus dedos escorregaram até tocarem numa pequena ferida aberta.

- Oh, Drake – sentiu um calafrio ao ver de novo o sangue. Limpou os dedos no pelo do leão. – É você mesmo. Pobrezinho. – a ferida parecia se fechar muito lentamente. Ao menos o seu amigo ficaria bom logo. Numa olhada rápida, não encontrou qualquer outro ferimento. Talvez aquele

fosse o único restante.

O leão não lhe respondeu nada, nem precisava. Nicole estava certa de que era sim o seu amigo, que lutou bravamente para salvá-la.

Compreendeu o sacrifício de Drake, a escolha que precisou fazer para salvá-la. Por mais magoada que ela tenha ficado por ele tê-la deixado cair no lago, ela se sentia feliz por estarem juntos mais uma vez.

Ela abraçou-o forte, depois olhou para o céu. Um rastro de fogo não muito longe descia em direção à montanha.

Seria um cometa? Talvez não, já que o céu de verdade, aquele céu azul que Nicole viu quando chegou à Ilha, ficava muito longe, acima das nuvens de raios vermelhos.

Drake contornava a montanha e abaixo deles havia uma clareira.

Nic Podia jurar que via duas pessoas lá embaixo. Mas Drake voava rápido e cada vez mais baixo, até que as duas pessoas saíram de vista.

- Drake, eu vi gente lá embaixo. É pra lá que você está me levando?

Eles podem nos ajudar a voltar ao castelo.

Mais uma vez o leão nada disse. Valeria a pena insistir em falar com ele, apesar de nunca responder suas perguntas?

Depois de pousarem, Drake caminhou até um amontoado de arbustos ressecados. À frente deles havia várias árvores. Pareciam seguros atrás da vegetação.

Nicole desceu ao chão e observou o que se passava adiante. Uma

moça mascarada estava frente-a-frente a um grande monstro com asas, igual àqueles das histórias assustadoras que Will fazia questão de lhe contar antes de dormir.

- Esteja certo de uma coisa, Dígrafo – dizia a moça, - o Exílio que você conhece, nunca mais vai ser o mesmo. Pode apostar outro de seus olhos nisso.

Nic engoliu em seco e Drake soltou um grunhido. Na mesma hora, ela virou-se para ele e levou o dedo à boca.

- Shhh!

CAPÍTULO 19

ENCONTROS PRÁ LÁ DE PERIGOSOS

Com o corpo em chamas, Kírios descia rápido pelo céu do Exílio para encontrar-se com Dígrafo. A sua vingança se aproximava; acabaria com Alina e com o moleque, aonde quer que estivessem antes que encontrassem Nicole.

Ao cair sobre a montanha. O solo tremeu, tamanha a força do impacto. Suas asas vibraram e as chamas do seu corpo se apagaram.

- Nham, nham. Mestre? – disse a voz amedrontada inconfundível de Dígrafo, numa mistura de satisfação e espanto.

Próxima a ele, Alina mantinha a espada em riste; seus olhos demonstravam surpresa ao vê-lo, em carne e osso. Flique, não muito longe, mantinha-se estático junto à entrada da caverna, como se fosse forte o suficiente para impedir que alguém entrasse lá dentro.

- Espero que esteja com o diário – respondeu Kírios a Dígrafo.

O deburac enterrou a mão no próprio peito e abriu nele um buraco, como se fosse arrancar de si o coração. Em meio ao líquido escuro que começou a escorrer da ferida recente, Dígrafo retirou o diário de Nicole.

- Nham, nham. Aqui está. – O buraco aberto no peito se fechou, sem deixar marcas. Um fogo negro surgiu na mão de Dígrafo e envolveu o diário, consumindo em instantes todo o sangue que o impregnava. Depois se apagou, deixando o caderno intacto.

Então Kírios Ignorou Dígrafo e olhou para Alina, acuada, solitária, indefesa.

- Depois de tanto tempo, finalmente nos reencontramos, Alina. – disse ele. - Gostou do meu novo *eu*? Você teve tanto medo de que a minha transformação acontecesse, não é verdade? E agora... cá estou. Vim até o Exílio com minhas próprias forças. – Estufou o peito, orgulhoso, embora estar no Exílio não fosse motivo de prazer, mas de desgosto. Por ele, esse covil de bestas arderia em chamas outra vez.

- Pelo que vejo você se transformou em um dos seus deburacs, Kírios – disse ela. – Deixou que a raiva tomasse conta de você e virou um monstro. Se tivesse confiado em mim antes, eu com certeza te ajudaria.

A ousadia de Alina havia ido longe demais. Esse seria o momento de dar a ela uma lição da qual nunca se esqueceria. Então caminhou em direção a ela. Enquanto andava, tomou o diário da mão de Dígrafo, que estava parado, com o braço estendido, feito um idiota.

- Esse é o problema, Alina – disse Kírios. Os dois ficaram frente-a-frente, com a espada dela reluzindo entre eles. – Você se preocupa demais e se mete onde não é chamada. Você escolheu ajudar o moleque. Saiba que por mim ele já teria morrido. Não serei bonzinho desta vez. Aliás, onde ele está? Quero dar a ele as boas vindas.

- Não se atreva! – Alina avançou a espada, como se aquele rele pedação de metal fosse o suficiente para impedi-lo de se aproximar. Tarde demais. No momento em que a espada o atingiria, Kírios utilizou o diário para bloquear a lâmina. Depois, com um soco no rosto, jogou Alina no chão e a espada girou no ar até parar aos pés de Flique.

Alina gemeu com a mão ao ombro. Os olhos dela se encheram de lágrimas.

- Além de intrometida, é uma fraca! – disse Kírios. – Você está mesmo louca se acha que pode ajudar aquele pivete a salvar a irmãzinha em apuros. Mesmo que ele encontre o Coração de Pedra, de nada vai adiantar. Quando você e o moleque morrerem, tudo estará acabado.

Alina suspirou. Forçou o outro braço para sentar-se. Em seguida, disse em meio a um sorriso desafiador misterioso:

- Mal posso esperar pra ver o que você é capaz de fazer, seu monstro egoísta.

Kírios gargalhou.

- Você e essa sua boca suja, Alina. Quem te ouve pensa que não

aprendeu bons modos. Veja isto! Não é lindo?

Ele colocou o diário na altura dos olhos dela. Fazia questão que ela visse o que faria com todas as anotações da menina. Abriu-o e folheou-o. Observou aqueles garranchos, a letra borrada. Registros de lamentações e mágoas de uma garota mimada, desprezada pelo próprio irmão. Todos os sentimentos magníficos que lhe deram origem e que o fizeram capaz de construir um mundo que Nicole pudesse manter, mas onde *ele* fosse o rei.

- São apenas recordações inocentes de uma garotinha, Kírios. Para a garota, isso é muito valioso.

Então, ele fechou o diário e bateu-o na cara de Alina.

– Para mim, isto não passa de um monte de porcaria! O passado

não interessa mais. O futuro é o próximo passo. – Uma chama vermelha envolveu o diário cor-de-rosa e em segundos o consumiu por completo,

transformando-o em cinzas. – Por enquanto foi apenas o diário. Logo, será a vez do pivete. - Bateu as mãos uma na outra para retirar as cinzas.

- Quero ver se vai continuar sorrindo quando for a sua vez de

sofrer, Kírios. E, quer saber... você não se atreveria a me matar. Se fizer isso, nunca poderá formar a Tríade. – Então ela olhou para Dígrafo. - Se eu morrer, seu covarde, você também morre.

- Nham, nham. Mestre... o que ela diz é verdade? A minha existência está ligada à vida dela?

- Calados! – disse Kírios. A conversa havia ido longe demais. –

Parece que Dígrafo ainda não aprendeu que não podemos confiar em

traidores. Permita-me te ajudar, Alina.

Nesse instante, Kírios estendeu-lhe o braço. A sua poderosa mão envolveu o pescoço dela, em seguida a ergueu até a altura de seus olhos. Os pés de Alina desprenderam-se do chão. O som dos engasgos e da busca por ar só fizeram-no apertar mais forte.

Kírios continuou:

– Você, Alina, e aquela ave maldita arrancaram de Dígrafo o Olho do Destino! – Ele aproximou o seu rosto do dela a ponto de quase se encostarem. A sua outra mão passou a alisar a máscara dourada, a única e fina barreira entre as duas faces. Se quisesse, poderia afundar-lhe um soco no rosto e destruir a máscara ridícula. Ao invés disso falou: – Devolva o olho.

Alina tentou cuspir algumas palavras.

- Fli... Fli... que.

- A sua dor não se compara à dor de um olho arrancado, Alina. Só eu sei o quanto tive que aguentar as lamentações de Dígrafo, implorando para ter o olho de volta – ele abriu a boca. Então a língua gigante de Kírios saltou até a máscara de Alina e escorregou em direção aos olhos dela.

Nesse instante, seguido de um barulho metálico, a adaga de Alina surgiu entre seus rostos. Ela encostou a lâmina gelada na língua de Kírios e pressionou-a, pronta para o primeiro corte.

Ele havia se esquecido dos truques baratos de Alina. Poderia continuar a apertar-lhe o pescoço e correr o risco de ter a língua cortada,

ou soltá-la de uma vez.

A lâmina pressionou um pouco mais a carne e Kírios apertou-lhe ainda mais o pescoço. Mesmo não podendo matá-la por enquanto, não se curvaria nem mesmo na dor para essa atrevida.

Sem ter mais como evitar, o objeto deslizou rápido por sua língua, arrancando-lhe de vez um pedaço. O grito que ele deu ecoou pela montanha, talvez por todo o Exílio.

Desespero. Dor.

- Nham, nham. Me-me-mestre! – Dígrafo veio em auxílio.

Kírios levou as mãos à boca, enquanto Alina se afastava com o pedaço da sua língua nas mãos.

Ele cuspiu, a voz abafada, palavras mal pronunciadas. Resmungou em sua mente o que sua boca diria:

Vá pegá-la!

- Nham, nham. O que disse, Mestre? Não consigo entender.

Kírios agarrou o pescoço de Dígrafo, adentrou na mente dele e, enquanto seu corpo físico cuspiu sangue no rosto do deburac, disse-lhe fazendo a voz mental ecoar em sua cabeça.

ATRÁS DELA! – E largou-o.

- Nham, nham. Co-como quiser, Mestre.

Logo depois Alina o advertiu:

- Nunca mais se atreva a soltar em mim esse bafo fedorento, seu animal imundo.

Quando Dígrafo se aproximou de Alina, ela balançou a língua acima da cabeça, como se erguesse um troféu precioso conquistado em batalha.

- Está vendo isto? – disse ela. – Se quiser de volta, mostrengo, vá buscar!

E jogou o pedaço de carne para o alto. No momento em que Dígrafo pulou para agarrá-lo, ela deu-lhe um chute forte o suficiente para lançá-lo longe.

Kírios não conseguia entender como Dígrafo era capaz de ser tão idiota. Tentou esbravejar seu ódio, mas a dor tornou-se tão forte que nenhuma palavra saía.

- O quê? – disse Alina. – Você está falando comigo, Kírios? Olha...

Infelizmente não estou conseguindo entender nada. Faça o seguinte: corra atrás da sua língua e depois volte pra gente bater um papo, certo? – Ela deu-lhe as costas, seguindo na direção da caverna, onde Flique permanecia parado à sua espera, com a espada no bico.

Kírios a seguiu. Engolia todo o sangue de sua boca, da mesma forma como engoliria Alina assim que a fizesse em pedaços.

Alina recebeu de Flique a espada, virou-se para Kírios e apontou-lhe, dizendo:

- É melhor não se aproximar mais. É o meu último aviso.

Sem se importar, ele abriu a boca. Pôs para fora a parte que restou

da língua e em instantes ela se regenerou por completo. O corpo de Kírios voltava ao normal. Observou suas mãos deixarem a aparência monstruosa e voltarem à forma humana. Fechou os olhos. Sentiu as asas retornarem às costas.

- Kírios! – disse ao longe a voz de uma criança

Então Semicerrou os olhos.

- Por fim, a pequena Nicole estava muito mais perto do que eu imaginava.

- Nicole... – disse Alina. – Aqui?

Nesse momento, antes que Alina pudesse reagir, Kírios lançou dois raios de luz vermelha na direção dela e de Flique, Atingiu-os em cheio, arremessando-os para longe.

- Dígrafo – disse ele, – Não sinto em Alina a presença do Olho do Destino. O que sabe a respeito?

- Nham, nham. Mestre, o olho está com o moleque. Ele entrou na caverna. Eu vi!

- Muito bem. Procure atrás dos arbustos. A jovem Nicole decidiu brincar de esconder. Encontre-a.

- Nham, nham. e o que fará com esses dois?

- Darei um jeito neles antes de entrar na caverna. Depois vou atrás do moleque. Resgatarei o Olho e destruirei de uma vez por todas o Coração de Pedra.

Dentro da caverna, novas lembranças inundavam a mente de Will.

- Mais forte, Will! – dizia a voz longínqua. Os ecos chegavam por todos os lados. Momentos atrás Will via luzes cor-de-rosa na caverna, agora já não sabia mais onde se encontrava.

Nicole. . O Coração de Pedra. . A caverna.

- Mais forte...! – a voz continuava.

O chamado tão familiar parecia a voz da... *Nicole!* Será que ela havia achado uma maneira de se comunicar com ele? Precisava vê-la, saber se estava bem.

- Will, me empurra mais forte! – ela dizia. - Olha papai, eu posso voar!

Nesse momento, como uma ilusão diante de seus olhos, Will pôde ver Nicole se divertindo num balanço. Ele via a si mesmo logo atrás dela empurrando-a cada vez mais forte, enquanto ela sorria como nunca.

Mas a cena durou poucos segundos e se desfez feito poeira no ar.

Logo em seguida, outra cena se formou na sua frente. Nesta, viu sua família reunida no parque. Todos sentados em uma grande toalha xadrez, num belo piquenique. Claro que a sua mãe havia levado o bolo de chocolate com chantilly que a Nic adorava, além da torta de frango que Will gostava muito.

- Mamãe, papai, eu amo vocês! – disse ela. - Ai, mal vejo a hora de fazermos outro piquenique. Este está perfeito!

Porém, logo a cena se desfez novamente.

Neste instante, Will abria os olhos. Tomou um susto ao ver-se de volta à caverna.

Teria sido uma alucinação, ou outra lembrança? Qual o significado disso?

Nicole, desse jeito você me mata.

Por mais que Will ainda não a tivesse visto naquele mundo doido, se mantivesse a esperança e continuasse firme no seu objetivo, a encontraria, com certeza.

Até então, não sabia dizer se valeria a pena seguir em frente e encontrar a pedra mágica. Mas, ao se deparar com essa última lembrança, teve a resposta.

Respirou fundo. Reuniu todas as forças que pôde e levantou-se.

Nada mais o impediria de seguir em frente.

Foi quando uma dor lancinante em suas costas o fez cair de joelhos.

- Mais que droga! – gemeu. E levou a mão no local da dor. A ferida ardia como nunca e um líquido quente escorreu por seus dedos. Na mesma hora teve falta de ar e tudo o que via passou a ser como borrões.

- Ah, não. Agora não...

Tentou manter a calma, respirar fundo. Aquela sensação não podia durar muito tempo.

Em poucos segundos voltou a enxergar. A dor amenizou e já podia

respirar melhor. Dessa vez os sintomas passaram rápido. Precisava encontrar logo o Coração de Pedra, ou não viveria tempo suficiente para resgatar Nicole.

De repente ouviu um pulsar, semelhante ao de um coração. As batidas vinham de um único sentido. Ao olhar adiante, uma luz avermelhada destacava-se em meio às cor-de-rosa. Piscava conforme o ritmo da pulsação. Seria esse o Coração de Pedra?

Do lado de fora da caverna, escondida atrás dos arbustos, Nicole repreendia a si mesma. *Burra, burra!*

Tremia de medo só de pensar em ser descoberta pelo tal monstro chamado Dígrafo. Onde estava com a cabeça quando foi falar em voz alta o nome do Kírios? Agora Dígrafo voava em meio às árvores e arbustos à sua procura e a última coisa que poderia acontecer seria ele encontrá-la.

Como acharam o meu diário? Não acredito que ele queimou. . Ele queimou o meu diário!

E, ainda escondida, continuou a observar Kírios, que como num passe de mágicas fez surgir em suas mãos uma corda. Logo depois, usou-a para amarrar a moça mascarada ao grande pássaro azul.

Em seguida, Nicole olhou para o leão branco ao seu lado e sussurrou-lhe à orelha:

- Drake, com esse seu tamanho enorme, você vai chamar muito a

atenção. Diminua.

Logo em seguida, o corpo do leão encolheu, transformando-se num lindo gatinho branco.

- Isso – disse ela, feliz por ter sido ouvida. – Agora, precisamos sair daqui.

Não precisou dizer duas vezes. Num instante, Drake saltitou para longe. Fácil para um gato sair por aí correndo e pulando sem ser visto. O problema era que Nicole estava longe de ser uma gata. Por mais que Will a chamasse de tampinha, ela não se considerava tão pequena assim. Seria vista na certa.

Drake já estava há alguns metros dali. O gatinho parou atrás de uma árvore chamuscada e olhou em sua direção, como se a esperasse.

- Não posso – Nic sussurrou, torcendo para que Drake a ouvisse, mesmo de longe.

Nesse momento o monstruoso Dígrafo começava a vasculhar os arbustos próximos a ela.

Nic se encolheu o máximo que pôde. Então desejou do fundo do coração que não fosse vista, desejou ser transparente, invisível.

Foi quando Dígrafo se aproximou do arbusto que a escondia e arrancou-o inteiro do chão, jogando para o ar um monte de terra e cinzas.

Depois o lançou para longe.

Nic prendeu a respiração. O corpanzil monstruoso e as asas pontiagudas do bicho deixaram-na paralisada. Ele a encontrou. Seu desejo não havia dado certo. Aquele rosto esticado a encarava, mostrava os dentes terríveis. A coisa mais horrível que já viu na vida.

Dígrafo abriu a boca num urro assustador, deixando à mostra os dentes pontiagudos, como que pronto para devorá-la.

Porém, misteriosamente Dígrafo bateu as asas e voou para longe, levantando mais terra e cinzas, deixando Nic para trás.

Surpresa por vê-lo ir embora, quando ela foi levar as mãos ao rosto para enxugar as lágrimas, levou um susto. Suas mãos haviam desaparecido.

Braços, pernas, tudo havia sumido.

O meu desejo. . Mas. . o monstro. . Estava olhando pra mim. Por que não me atacou?

Nesse instante, o som de um miado veio de muito perto. Seria Drake?

Outro miado soou, seguido de mais dois.

Nic correu os olhos ao redor e viu Drake, o gatinho branco, sentado no mesmo lugar que ela.

Então se lembrou que desejou que duas coisas acontecessem ao mesmo tempo antes de Dígrafo aparecer. Desejou ser transparente e também desejou ser invisível. Funcionou. O seu corpo desapareceu

totalmente, como se ela não existisse.

Não foi ela quem Dígrafo viu, foi Drake. Logo depois que Nicole desejou desaparecer, de algum modo Drake apareceu no seu lugar.

Dígrafo devia ter ficado tão furioso quando viu apenas o gatinho branco que, ao abrir a bocal num urro, quase o devorou. Por sorte, talvez gatos não fizessem parte do seu cardápio.

Nic afagou a cabeça do gato e sussurrou:

- Obrigada.

Dígrafo já havia sumido de vista. Seria a chance de escapar. Mas, sozinha, não conseguiria fugir para muito longe.

Talvez, se conseguisse ajuda, teria mais chances de fugir em segurança. Quem sabe aquela moça, a tal Alina, e o pássaro azul pudessem ajudá-la.

- Drake, vem comigo – disse, ainda invisível.

Drake não respondeu, nem mesmo com um miado. Mas ela não se importou. Determinada, correu na direção de Alina e Flique. Enquanto corria, aos poucos, notou que o seu corpo voltava a aparecer.

- Menina, o que está fazendo aqui? – disse Alina, com o olhar de surpresa, talvez por vê-la surgir do nada. – Não sabe o perigo que está correndo.

Nicole pouco se importava com isso. Se salvasse os dois, quem sabe retribuiriam o favor e a ajudariam a voltar para o castelo. Precisava arriscar.

- Não se preocupem. Vou ajudar vocês a saírem daí. – A corda devia ter a largura do seu braço, como Kírios conseguiu dar um nó naquilo?

Ao tentar tocá-la, a corda mudou de posição.

- Desista. A corda é mágica – disse Alina.

Um Rosnado soou bem perto.

- Está bem, menina. Se vai me tirar daqui, que seja depressa. Acho que ouviu o mesmo que eu. Dígrafo deve voltar logo.

Nicole se concentrou. Bastava um desejo.

Desejo que a corda vire pó.

Imediatamente a corda se desintegrou em poeira, que em seguida foi levada pelo vento.

- Garota teimosa. Gostei de ver – disse Alina, ajeitando o cinto. O

pássaro azulado se sacudia. Talvez estivesse feliz por poder abrir as asas novamente - Obrigada por nos soltar. O seu irmão adoraria te ver... Mas receio que este não seja o momento.

- Meu irmão? Do que você está falando?

- Esqueça, garota. Você precisa dar o fora daqui.

- Mas eu me perdi. Achei que vocês poderiam me ajudar a voltar lá

pra cima – apontou para as nuvens, tentando indicar a direção da Ilha –

depois abaixou a cabeça. - O Kírios está tão diferente... Eu vi quando ele queimou o meu diário. Vi o que ele te fez. Não estou entendendo nada do que está acontecendo. Eu só quero voltar lá pra cima. Só isso.

Alina olhava em seus olhos, parecia indiferente a cada palavra.

Soou um novo rosnado, desta vez mais perto.

- Por favor – Nicole insistiu - me ajuda. Aquele monstro está atrás

de mim e eu nem fiz nada! – lembrou-se das últimas ações inconsequentes.

– Tá, eu fugi do castelo, mas era pra ser só um passeio. Não foi minha intenção causar tantos problemas.

O gatinho roçou os pelos na sua perna, ronronava o que talvez fossem palavras de consolo.

- Garota, eu vou te falar uma coisa... – disse Alina - Por sua causa eu estou passando um dos piores momentos da minha vida. Mas tudo bem.

Acalme-se. Não precisa chorar, está bem?

Nic levantou o rosto.

- Seu nome é Alina, não é? Eu ouvi o Kírios te chamar assim – o gatinho branco saltou em seus braços – O meu é Nicole.

Alina encarou-a. Nic não sabia explicar muito bem, mas havia uma expressão misteriosa nos olhos daquela moça.

Será que poderia confiar mesmo nela?

CAPÍTULO 20

LADRÕES DE LEMBRANÇAS

Ao menos parecia que ninguém o havia seguido para dentro da

caverna. Sem desconfiar do que se passava do lado de fora, Will queria sentir em seus dedos o Coração de Pedra, flutuando logo à frente. Apesar do corpo

cansado e da respiração ofegante, tentou correr, mas as pernas bambas mal sustentavam o peso do corpo. Cambaleou como se fosse um

bêbado em direção ao poste mais próximo.

Nesse momento mais e mais feixes de luz rosada vindos das

pedrinhas nas paredes cruzaram o seu caminho; trançaram uma teia de

cima a baixo e de um lado a outro da caverna, bloqueando a passagem.

Corria o risco de ficar preso naquela teia de lembranças, numa

sequência interminável de recordações. Se a cada uma delas mais energia

fosse roubada do seu corpo, em breve não conseguiria dar mais um passo

sequer.

Dane-se! – pensou. Iria até o fim por Nicole.

– Chega de lembranças! – disse para as paredes, sem esperar que o

ouvissem.

Prestes a esbarrar no emaranhado de luzes, fechou os olhos e

cruzou os braços frente ao rosto.

De um jeito inexplicável sentiu os feixes de luz atravessarem seu

corpo. Pareciam lhe roubar muito mais energia vital. Talvez fossem lâminas

ceifadoras de vida.

Em seguida, abriu os olhos. Não havia mais feixes de luz, nem

pedras rosadas. Apenas ele, fraco, trançando as pernas, avançando para

cima de uma grande pedra vermelha reluzente e flutuante ao fundo da

caverna, sem colunas para sustentá-la, nem cordas. Pura mágica. Próxima, muito próxima, vinha em sua direção. Ou seria o contrário? Na verdade, era Will que se atirava sobre a pedra; desabou por cima dela, levando-a consigo até o chão, num grande *Ploft*.

- Ai... Droga.

Demorou para retirar a cara do chão. As mãos formigavam ao contato com a pedra. O formigamento percorreu-lhe os braços até preencher todo o corpo. Força. Parecia que voltava para si toda a energia roubada pelos feixes de luzes rosadas.

Do Coração de Pedra partia toda a vibração que agora eletrizava seu corpo.

Sentou-se, depois ergueu a pedra na altura dos olhos. Brilhante, devia ter o tamanho do seu punho fechado. Um pesado pedaço de rocha, um cristal bruto, avermelhado, reluzente. De todas as coisas que Will poderia dizer, a única que veio à mente foi – Uau!

Girou-a para analisar cada detalhe, cada deformidade e beleza ao mesmo tempo. Mal podia acreditar que em suas mãos estava...

- O Coração de Pedra – a voz grave ecoou pela caverna. - Enfim nos encontramos... William.

A não ser Alina, quem mais sabia o nome dele? Hora ou outra o cintilar das luzes rosadas nas paredes permitiam que Will visse *flashes* daquela pessoa que se aproximava.

- Dígrafo?

Soou uma gargalhada. Novos ecos assustadores.

– Não me confunda com aquele traste, moleque.

Nesse momento, o rosto do homem se iluminou com a luz avermelhada da pedra mágica.

- Meu nome é Kírios – ele disse e estalou os dedos. Então todas as

luzes rosadas da caverna se apagaram. Diante da escuridão, Will segurou com força o Coração de Pedra junto ao peito.

Ao som de outro estalar de dedos, diversas chamas surgiram junto

às paredes, mas não havia tochas, apenas línguas de fogo flutuando junto às paredes, ao longo de toda a caverna.

Pela terceira vez, Kírios estalou os dedos. Então as chamas

cuspiram porções de fogo ao chão. Delas, cresceram monstruosos deburacs, de asas escuras e pontiagudas, semelhantes a Dígrafo.

Kírios ordenou:

- Deburacs, levem daqui todas as memórias da garota. Não deixem nada para trás.

Enquanto eles disputavam uns com os outros as lembranças da parede da caverna, Kírios deu um largo sorriso.

- Você chegou muito longe, garoto. Quem poderia imaginar que nos encontraríamos? Presumo que você já deva ter ouvido falar de mim antes,

não é?

- Apenas coisas ruins – disse Will, tentando parecer corajoso, mas por dentro tremia de medo.

- Alina deve ter lido contato muitas coisas a meu respeito. Isso não me importa. Quando eu soube da sua presença neste mundo, confesso que quis matá-lo, queimá-lo, fazer você desaparecer de uma vez por todas da vida da sua irmã – ele intensificou o tom da voz. - Não vou permitir que a leve de volta para que sofra mais.

Kírios deu um passo à frente. Will deu um passo para trás. Mas não foi o suficiente para impedir que o bruxo o agarrasse pela camiseta.

Apertou a pedra mágica junto ao peito; não a largaria por nada.

Por trás dos ombros de Kírios, via os deburacs arrancarem da rocha as memórias de Nicole. Uma por uma as garras imundas daquelas criaturas furtavam as pedrinhas e as enterravam no próprio corpo.

- Desde que você apareceu por aqui, seu fedelho, não tenho feito outra coisa a não ser tentar afastá-lo de Nicole. Eu mal via a hora de colocar as mãos em você.

- Ei, calma – disse Will. – Até parece que você não entende. Por mais que eu brigue com a Nic, ela é minha irmã. De onde tirou a ideia de que eu quero a infelicidade dela?

- Sua irmã está sã e salva comigo. E continuará vivendo aqui até quando *eu* quiser. Quanto você, moleque, não é e nunca será bem-vindo por aqui.

As mãos do bruxo afrouxaram até soltá-lo.

- Tenho uma proposta a te fazer, moleque – Kírios continuou. -

Você tem duas coisas que me pertencem, o Coração de Pedra e o Olho do Destino. Entregue-os a mim e poupe sua vida. Estará livre para voltar para sua casa.

- Senão...?

Kírios sorriu.

- Senão você, Alina e a ave idiota servirão de comida aos deburacs.

Encrencado não seria a melhor palavra para definir a situação de Will. Foi tão difícil chegar até o Coração de Pedra e um idiota qualquer queria levá-lo embora?

Em todo caso, Will ganhou a chance de voltar para casa. Com sorte, se retornasse, não teria a surpresa desagradável de encontrar sua mãe com o batalhão de policiais à sua procura também. Porque, com uma filha e um filho desaparecidos, a dona Veri com certeza não iria sossegar até encontrá-los.

Kírios mantinha os olhos fixos nele, parecendo aguardar uma decisão que nem deveria ser tão difícil de tomar. Poderia voltar para casa em segurança e deixar Nicole nesse mundo - com esse homem doido que parecia ter saído das profundezas do inferno, - ou encarar de vez o mago de araque e mostrar para ele com quem estava se metendo – como se Will levasse mesmo muita vantagem em território inimigo.

Talvez, se render e ir para casa fosse a melhor opção; ao menos era a mais fácil.

- Diga logo, moleque. O meu tempo é precioso demais para gastar com você.

Se ao menos Alina estivesse por perto, ela saberia o que fazer. Will agiria por pura emoção, pois a razão ele já havia largado do outro lado do portal dourado.

Espero estar fazendo a coisa certa.

- Eu volto – respondeu. – Espero que a Nic entenda. Ela quis tanto viver longe de casa que até sonhou com todo esse lugar. Então... que fique aqui.

Kírios sorriu e disse:

- Decisão sábia para um moleque.

Mas se Kírios achava que se daria bem com essa proposta, estava muito enganado.

- Só tenho duas perguntas pra te fazer – emendou Will.

Kírios lançou-lhe o olhar desconfiado.

- E o que mais você quer?

- Primeiro quero que me diga como me curar dos cortes que os sandersais fizeram nas minhas costas.

Kírios gargalhou de mãos na barriga. Will não entendeu o motivo

do riso. Afinal, quem era o palhaço daquele lugar? Irritado, não segurou o primeiro comentário grosseiro que lhe veio à mente.

- Tudo bem, engraçadinho, fala logo qual foi a piada, porque eu também quero rir – cruzou os braços.

Kírios disse:

- Só o sangue de um dragão pode curar a ferida – seu rosto iluminou-se de repente, como se uma chama invisível se aproxima-se dele. -

Lamento dizer, mas nunca irá consegui-lo. E o que mais você quer?

Como Kírios podia estar tão certo disso?

- O que eu faço pra dar logo o fora deste lugar?

Kírios estendeu-lhe a mão.

- É só me entregar o que me pertence e poderá ir embora.

Ganhar tempo não parecia fácil, principalmente quando querem te matar. Em algum momento teria que ceder.

Para toda escolha, uma consequência.

Will enfiou a mão no bolso da calça e retirou o cordão com o olho pendurado. Indo e voltando os olhos de Kírios acompanhavam o movimento do amuleto.

- É isso que você quer? – disse Will, estendendo o cordão.

Imediatamente, Kírios agarrou o amuleto e tomou-o para si. Levou o olho próximo às chamas na parede e contemplou-o por um instante.

- Já era hora. Está se saindo muito bem, meu jovem – disse ele. -

Mas temos pouco tempo. – e estendeu para Will a outra mão - Me dê a pedra.

Will enrugou a testa:

- Nada feito até eu ir embora. Você já tem o olho. Enquanto isso ela fica comigo. É a minha garantia de que você não vai trapacear.

Então Kírios estufou o peito e sua voz preencheu toda a caverna:

- ENTREGUE A PEDRA! – ao som das palavras o chão tremeu. Por pouco Will não deixou escapar o Coração de Pedra, que quicou de uma mão para outra.

Ainda segurando o amuleto, Kírios abriu os braços. Em seguida, o fogo das tochas nas paredes saltou em sua direção, deixando no ar um rastro luminoso. O fogo desceu até os pés do mago e, em espirais, subiu por seu corpo, envolvendo-o até se reunirem na altura do seu pescoço, fornando entre ele e Will uma esfera incandescente flutuante.

- Diga, moleque, vai ou não me entregar a pedra?

Mesmo em desvantagem Will precisava levar o seu plano adiante.

- Não! Vai ter que passar por mim primeiro.

A cara de poucos amigos de Kírios anunciava que algo ruim aconteceria. Will e sua boca grande emudeceram quando Kírios urrou feito uma fera, agarrou do ar a bola de fogo flutuante e lançou-a em sua direção. A única coisa em que Will pensou naquela hora foi fazer do

Coração de Pedra o seu escudo. Como se a sua vida se agarrasse àquela única esperança, colocou-o frente ao rosto para tentar se proteger.

No momento em que o jato de fogo o atingiria, a pedra mágica brilhou e se abriu em um largo escudo translúcido, bloqueando toda a chama que avançava. Nem mesmo o calor conseguia chegar até Will, totalmente protegido atrás da barreira luminosa.

Por mais que a intensidade das chamas aumentasse, o escudo resistia. De repente, o Coração de Pedra brilhou tão forte que uma grande explosão luminosa saltou dele na direção de Kírios.

Will não compreendeu como foi possível, mas, assim que a luz atingiu o bruxo, as chamas se apagaram e a energia saída da pedra lançou-o para trás, deixando-o inconsciente.

- Caramba! – disse Will, seus olhos surpresos fitavam o escudo, que diminuía de tamanho e voltava a ser a pedra mágica.

Era hora de dar o fora.

Nesse momento, a caverna toda estremeceu; surgiam nas paredes inúmeras rachaduras. Fumaça quente começou a brotar do chão; o cheiro lembrava o odor do pântano onde estiveram.

Enxofre. .

- Droga. Isto aqui é um vulcão!

Sem tempo a perder, Will colocou a pedra debaixo do braço e

correu em direção à saída. Pulou por cima do mago desacordado e torceu para que o vulcão não explodisse antes que conseguisse sair. Foi quando se deparou com cinco deburacs bloqueando o caminho; retiravam das paredes as pedrinhas rosadas e enterravam-nas em seus corpos negros. Logo surgiam como enfeites coloridos a brilhar sob a pele.

Todos rosnaram e mostraram-lhe os dentes pontiagudos. Na

mesma hora Will parou de correr. Malditos ladrões. O Coração de Pedra bem que poderia ajudá-lo de novo. Mas, como fazê-lo funcionar? De magia

Will não entendia nada.

Só havia um jeito.

Disparou pelo corredor da caverna na direção dos deburacs. Sem

desviar a atenção do seu objetivo, gritou feito um guerreiro de seus jogos

de videogame, como se no controle remoto apertasse o botão de correr e depois o de gritar contra o inimigo num campo de batalha.

- AAAHHH!

Fez a careta mais feia que conseguiu, como das vezes em que

assustava Nicole no dia das bruxas.

Os deburacs soltaram ganidos, trombaram uns nos outros sem

saber para onde correr; bateram asas, como morcegos fugindo da luz, mas

não conseguiam subir além do teto da caverna. Em instantes, explodiram em fumaça escura e desapareceram com as memórias.

Will esperou. Queria ter certeza de que foram embora. Mal

acreditava no que havia feito. Botou *mesmo* os deburacs para correr.

Demônios de araque.

Nas paredes, vários buracos onde as memórias deveriam estar.

Aqueles canalhas. .

A fumaça do vulcão começava a se alastrar pelo corredor da caverna. Foi quando, em meio à fumaça, um solitário feixe de luz rosada se destacou num dos cantos da parede.

Seria um tipo de sinal ou, mais uma vez o passado de Nicole o chamava para lhe pregar uma peça?

Will certificou-se de que o Coração de Pedra estava bem seguro em seus braços, fechou os olhos e aproximou-se do feixe de luz. Tateou a parede até identificar a pedrinha e puxou-a com força.

- Vamos, vamos...

Nesse momento, tremor mais forte sacudiu a caverna. Ao abrir os olhos, viu inúmeros pedaços de rocha se desprenderem do teto. Acima da sua cabeça um bloco de pedra ameaçava cair.

- Anda logo! - disse à parede, como se ela pudesse lhe ouvir, mas não quisesse colaborar.

No momento em que o bloco se desprende e caiu, a memória se soltou. Will afastou-se a tempo de a pedra cair bem à sua frente, num grande “Bum”. Respirou em alívio.

Embaixo do braço esquerdo, o Coração de Pedra. Na mão direita, a

memória da Nicole.

Foi só Will retornar à entrada da caverna e os tremores pararam.

Quase riu por estar de volta à penumbra avermelhada do Exílio, em segurança.

Enfim, ar puro. . ou quase puro. - Fechou os olhos, aliviado e continuou andando. – Mal vejo a hora de dar o fora dessa montanha.

De repente, tropeçou num buraco no chão e caiu de bruços. O

Coração de Pedra escapou-lhe, quicando à frente.

- Will? – disse uma voz familiar.

Seria possível? Aquela parecia a voz da... – levantou a cabeça.

- NICOLE!

Alina a segurava pelo braço. Sua irmã o olhava, surpresa. Com uma das mãos afagava o pombo branco em seu ombro.

Por que ela não vinha abraçá-lo, beijá-lo, enfim, todas aquelas

coisas que são feitas quando se está com saudades? A menos que ela não estivesse com saudades.

Flique, junto a elas, esboçava um olhar assustado, perdido. O que teria acontecido com eles?

Silêncio.

Seria uma emboscada?

Will apoiou as mãos no chão. Impulsionando o corpo para frente, ficou de joelhos. Esticou-se um pouco e pegou a pedra de volta.

- Nic...

- Will... O que... o que você está fazendo aqui? – ela disse.

Que pergunta mais ridícula.

- Eu vim te encontrar, sua ingrata. Vou te levar pra casa.

- Eu não quero voltar pra casa com você! – ela protestou. Em seguida abraçou Alina – Vai embora daqui.

- Nicole, você ficou doida? – disse Will, sem entender a estranha cumplicidade entre as duas. Tudo muito suspeito. – Eu sei que pisei na bola com você, mas para e pensa na burrada que você fez. A mamãe até chamou a polícia por causa da sua criancice.

- Will, calma – Alina interferiu. - Você não está ajudando em nada.

Não coloque tudo a perder. Depois vocês trocam os elogios que quiserem. O vulcão acordou e logo este lugar vai virar um rio de lava. Precisamos sair daqui, entendeu?

Quem era ela pra saber o que ele deveria ou não dizer para Nicole?

- Ô Alina, não se mete no que não é da sua conta.

Alina levou a mão á frente.

– WILL...!

Mulheres. . Só sabem fazer drama.

A sombra avermelhada de Will projetada no chão aumentava de tamanho. De repente, dela surgiram duas asas.

A menos que ele estivesse se transformando em um deburac, alguém ou alguma coisa aproximava-se atrás dele.

CAPÍTULO 21

PRESTES A EXPLODIR

Will mal teve tempo de virar o rosto. O que estava atrás de si agarrou-o pelas costas e arrancou-o do chão.

Então, girou o pescoço e conseguiu identificar a cara esticada do deburac.

- Nham, nham. Você perdeu - disse Dígrafo, antes de soltar uma gargalhada. - Tarde demais, moleque. – Este é o fim da linha. – E arrancou das mãos de Will a pedra mágica.

A pobre Nicole mantinha o olhar assustado. Não deveria presenciar aquela situação.

- Não o mate, Dígrafo... ainda – disse outra voz familiar. O deburac virou Will na direção da caverna no instante em que Kírios saía. - Ora, ora...

O garotinho corajoso foi dominado antes que pudesse usar o Coração de Pedra. E olhem quem mais nós temos aqui, Nicole, a ovelha desgarrada. É uma pena que esta reunião durará pouquíssimo tempo.

O tremor da montanha bem que poderia ter sido forte o suficiente para soterrar Kírios lá dentro. Infelizmente Will não teve essa sorte.

- Grande coisa – disse Will. Mas o que ele queria mesmo dizer era

vá se ferrar, otário.

- Não me faça perder a paciência, pivete – disse Kírios, de fisionomia nada amistosa.

Flique soltou um grunhido, parecendo inquieto. Parecia pressentir que algo muito ruim estava prestes a acontecer.

- Calma, Flique – disse Alina. - Não se preocupe, está tudo bem.

A atenção de Will foi chamada na mesma hora, Dígrafo o chacoalhava com tanta força que, se tivesse comido algo, na certa vomitaria ali mesmo.

- Nham, nham. Mestre, o que faço com esse traste?

- Boa pergunta – disse Kírios e virou o rosto para Alina. - O que me diz, Alina? O que devemos fazer com um garoto que rouba uma pedra tão poderosa quando esta? – tomou o Coração de Pedra da mão de Dígrafo.

- Ah! Me poupe do seu papo furado, Kírios – disse Alina. - Você fala muito e faz pouco. Chega de baboseiras. Que tal fazermos um trato? Eu te entrego a garota e você e o seu criado idiota soltam o moleque depois vão embora daqui para o seu castelo maravilhoso. Que tal?

- NÃO! – Will protestou - Você ficou maluca? Nicole, você não pode voltar com eles.

Na mesma hora a pata fedorenta de Dígrafo tapou a boca de Will.

- Nham, Nham. Ninguém perguntou sua opinião, moleque enxerido

—Aqueles dedos ásperos apertavam tão forte o seu rosto que Will jurou para si mesmo fazê-lo pagar caro pelas maldades que fazia.

- E então, Kírios? É pegar ou largar – Alina insistiu.

Não Alina, não deixe a Nicole ir com ele! – Will implorava em pensamento, já que a pata de Dígrafo em sua boca não lhe permitia gritar.

Nicole parecia confusa. Não era justo usá-la como objeto de troca.

- Muito bem – disse Kírios. – Solte a garota e libertaremos o pivete.

- Trato feito. – Os olhos de Alina quase se fecharam. Ela abaixou-se,

ficando da altura de Nicole, depois disse a ela: - Vai lá, lindinha. Vai logo com o tio Kírios. Fique tranquila que ele não está bravo por você ter fugido.

Não é mesmo, Kírios? – Como ela era péssima para disfarçar... Will não acreditava que Alina era capaz de fazer aquela encenação. - Seja feliz, garota. Viva a sua vida. – Alina a soltou. Calada, Nicole demorou a dar os primeiros passos até Kírios; a insegurança estampada em seu rosto.

Traidora. Como Alina teve a coragem de despachar a Nico desse jeito? Chegamos tão perto. .

Nicole caminhou até Kírios. Em seguida, ela o abraçou e disse:

- O que vai fazer com o meu irmão?

- Oh, querida Nicole – ele respondeu, – o seu irmão tem um destino incerto. O que você deseja para ele?

Will olhou-a, atento para a resposta. O que a sua irmã sentia? O que desejaria? Qualquer coisa que ela pedisse aquele mago fajuto iria atender.

Se ao menos Nic soubesse que ele estava arrependido. Na única chance que ele teve para falar com ela, ao sair da caverna despejou sobre a pobrezinha

suas reclamações, frustrações. Tarde demais.

- O que eu... desejo? – ela disse.

- Sim - Kírios insistia. – diga o que quer para ele. Pense em tudo o que ele lhe fez. É o momento de retribuir todos os momentos de angústia e humilhação que esse moleque ingrato fez você passar. Basta dizer, querida Nicole, o que gostaria que eu fizesse com ele?

Nicole virou-se para Will e respondeu:

- Quero que você deixe o meu irmão aqui. Ele sempre se achou adulto mesmo. Quero ver se ele vai achar o caminho de casa sozinho. Não pedi pra ele vir. Não quero ver a cara dele nunca mais. – então disse para Will – Vai embora. Sai daqui. Esquece que eu existo.

As lágrimas de Will escorreram até a pata de Dígrafo. As palavras da irmã o acertaram como pedras. Mas a dor era maior, mais profunda. Kírios revirou os olhos. Na certa esperava um desejo muito pior vindo de uma garotinha irritada.

Esse bruxo velho me paga – pensou Will.

- Se é o que quer, Nicole – disse Kírios. - Dígrafo, largue o moleque por aí. Temos que ser rápidos. O pôr-do-sol se aproxima. - Drake, é hora de voltarmos.

Nesse momento, o pombo voou do ombro de Nicole até o chão. Em seguida, seu corpo brilhou intensamente e ele se transformou em um

grande dragão branco. Nicole havia escrito sobre um dragão em seu sonho.

Seria esse?

- Vamos, Nicole, suba – disse Kírios.

Ela virou-se para Will uma última vez. O desprezo da irmã fez com que ele não contivesse novas lágrimas.

Mãe, me desculpa por eu perder a Nicole. . pela segunda vez. Sinto muito.

Antes de partir, Dígrafo soltou Will. Deixou-o cair de joelhos e rolar

pela terra, indo parar aos pés de Flique. Alina correu na sua direção enquanto o deburac voava para junto de seu mestre. Se ela queria ajudá-lo,

perdia tempo, pois não precisava de caridade, principalmente de alguém covarde feito ela, capaz de entregar sua irmã para o maldito bruxo.

- Me deixa! – disse ele.

- Will, você não entende – Alina respondeu.

- Claro que eu entendo. Você está deixando a minha irmã ir embora.

- Você é um cabeça dura, Will – ela disse enquanto retirava algo do cinto. Em seguida, jogou nas direções de Kírios e de Dígrafo o que pareciam ser duas esferas brilhantes.

- Flique, recupere a pedra! – ela ordenou.

Ao dizer isso, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Em pleno ar, as esferas lançadas por Alina se abriram em várias

espirais metálicas. Antes mesmo que elas tocassem em Kírios e Dígrafo, explodiram, criando uma nuvem de fumaça diante deles.

Enquanto isso, Flique voava na direção do bruxo. A ave adentrou na fumaça da explosão e, em instantes, saiu de lá com o Coração de Pedra

no bico.

Will tentou avistar Nicole enquanto o vento levava a fumaça

embora, mas apenas a voz de Kírios irrompeu de lá.

- Dígrafo, não deixe o pássaro escapar!

Então o deburac surgiu em meio à fumaça e avançou pelo céu atrás de Flique.

Logo que a fumaça se dissipou, o dragão branco reapareceu no céu.

Atrás de Nicole, Kírios sorria por uma vitória que ainda não era dele.

- Isso Alina, fique com o moleque – ele dizia. - Aproveitem o Exílio

enquanto ele existe. Quando eu formar a Tríade e desfizer o Eclipse das Sombras, este será o primeiro lugar que vou destruir. Deem adeus ao

mundo inferior. Nem mesmo o Coração de Pedra poderá ajudá-los quando todo este lugar desaparecer.

Indignado, Will correu na mesma direção para onde Kírios levava a sua irmã. Mesmo vendo o dragão se distanciar rumo às nuvens de energia e mesmo sabendo que era impossível alcançá-los sem ter asas, precisava impedi-lo de fugir. Tinha que proteger Nicole por mais que ela o odiasse.

- NIC! – gritou várias vezes. Traria ela de volta a qualquer custo.

Mas ela se foi.

Então Will levou as mãos à cabeça e virou-se para Alina, que se

adiantou:

- Will, eu sei que é difícil, mas...

- TRAIIDORA! – apontava-lhe o indicador. Se pudesse, afundaria um soco naquela máscara dourada e a racharia ao meio. Sim, era isso mesmo o que iria fazer, descontaria toda a sua raiva.

No mesmo instante aproximou-se dela e mirou-lhe o punho na

altura do nariz. Mas quando desferiu o golpe, ela agarrou tão rápido sua mão e torceu-lhe o braço para trás das costas que ele mal teve tempo de desviar. Em seguida, ela segurou também seu outro braço, imobilizando-o.

- Me larga!

- Fica quieto, garoto idiota.

- Você sabia que encontrar a Nic era importante pra mim! Sabia que era o que eu mais queria. Como pode me sacanear desse jeito?

Nada mais importava. A melhor chance que teve de encontrar a irmã e voltar para casa havia escapado de suas mãos.

- Se você calar a boca e me ouvir, vai entender que estou do seu lado, seu... fedelho. Antes de querer me espancar, me escute. Tudo faz parte do plano, entendeu? Primeiro ouça e depois você escolhe o que fazer – então soltou-o.

Sim, Will precisava mesmo de distância. Alina lhe dava mais nojo do que as entranhas de Úzolv.

- Plano... – disse ele, indignado - Você só pode estar pirando! Que

plano idiota é esse? Até onde eu sei você não me incluiu nele.

- Dá pra calar a boca e me escutar? Confie em mim.

- Você não me dá motivos! Toda hora você me faz de idiota. Se liga,

Alina, se você não tiver uma boa explicação por ter deixado a Nicole ir embora, vai ter que conviver com a sua consciência te acusando de traição.

Porque é isso mesmo o que você fez.

Alina cruzou os braços e encarou-o com toda a indiferença que conseguia demonstrar.

- Já acabou? – disse ela. – Porque se você quiser falar mais um pouco, vai em frente. Aproveita que eu estou exercendo a minha pouca paciência, o que é muito raro de acontecer. E, claro, temos tanto tempo pra desperdiçar com conversa fiada...

Ele odiava admitir, mas precisava da ajuda dela. Por mais canalha que ela tenha sido, ao menos uma explicação ela deveria dar. Plano, plano...

Era muito simples ela dizer que havia um plano. Mas, por que ele sempre ficava de fora? E pior, por que sempre acabava concordando em fazer tudo do jeito dela? O que seria mais importante do que ter salvado Nicole naquele momento?

- Anda, fala – agora era ele quem cruzava os braços.

Alina aproximou-se e, desta vez, foi ela quem apontou o indicador.

- Naquele momento, Will, a *sua* vida era mais importante.

Ele emudeceu.

Nunca imaginaria que Alina pudesse preocupar-se com a sua segurança.

- O quê?

- Foi o que ouviu.

Silêncio.

- Alina, me... Me desculpa. Eu não...

- Não importa mais, Will. Já passou. Vê se de agora em diante você presta mais atenção e mantém boca fechada um pouco - Seus olhos verdes e desafiadores o encaravam, punindo-o por ter sido injusto. – Temos que pensar em ajudar a Nicole. Ouviu o que o Kírios disse sobre o Sol? Pois bem, neste mundo o Sol *nunca* se põe, ao menos não deveria. Pelo que entendi, ele invocou o Eclipse das Sombras, o pôr-do-sol eterno. O Eclipse é poderoso o suficiente para transformar o dia em noite para sempre, espalhando deburacs por todos os lugares. Por algum motivo a sua irmã saiu do castelo sem Kírios saber. Ele deve ter ficado tão furioso que mandou os deburacs atrás dela. E é na sombra onde eles ficam mais fortes.

É pra isso que serve o Eclipse.

- Entendi – na verdade Will não entendia tanto assim o que estava acontecendo. Havia inúmeras perguntas brotando em sua cabeça, prontas para serem feitas, mas antes parecer um idiota inteligente do que um inteligente idiota. - E como todo esse pesadelo acaba? É impossível ver qualquer eclipse aqui debaixo.

- Só existem duas maneiras: destruir quem invocou o Eclipse, ou

apagar deste sonho o momento em que o Eclipse foi invocado. Imagine qual das opções Kírios vai escolher? Se não fizermos nada, a escuridão eterna reinará para sempre e, com o tempo, todos os deburacs ficarão incontroláveis. Vão espalhar terror e medo por toda parte. Se isso acontecer, Will, o sonho da sua irmã será um pesadelo para sempre.

- Tudo bem, mas o que a Tríade tem a ver com isso?

- Coloca a sua cabeça para pensar, garoto. A Nicole é a chave para a Tríade. Você acha que o Kírios vai destruir a si mesmo só pra o Eclipse ser desfeito? É claro que não. A Tríade terá o poder de alterar o passado deste sonho. Quando Dígrafo puser seus três olhos na Nicole, o presente, o passado e o futuro deste mundo que ela criou estarão totalmente nas mãos do Kírios.

- E o que a gente pode fazer? – disse ele.

Ela riu.

– Nós vamos até a Ilha, ora! O Kírios não vai se livrar de mim tão fácil. Se ele pensa que um monte de terra flutuante vai afastá-los de nós, está muito enganado. Só que temos outro problema e dos grandes.

- Outro? – disse Will, de sobrancelhas arqueadas. - Seria a falta de transporte? Não sei se notou, mas Flique desapareceu e ele está com o Coração de Pedra.

Alina balançou a cabeça.

- Eu confio no Flique e sei que ele vai dar um jeito de despistar

Dígrafo. O problema a que me refiro é mais sério e está relacionado à sua irmã.

- Nicole? O que foi desta vez?

- Você deve ter visto o que tem lá dentro da caverna. São memórias preciosas de toda a vida da Nicole – Will não sabia se falava ou não para ela sobre o roubo das memórias dentro da caverna e que havia guardado uma delas consigo. Enfiou a mão no bolso para retirá-la, mas hesitou assim que Alina continuou a falar. - Se o vulcão explodir e as memórias forem destruídas, a sua irmã poderá não se lembrar mais de você ou mesmo de que tinha uma vida de verdade fora deste mundo.

- Quer dizer que...

- Quero dizer que se todas as lembranças se perderem com a explosão, a Nicole pode nunca mais se lembrar de você, da sua mãe, ou de qualquer momento da vida dela.

- E se elas fossem retiradas daqui? – perguntou, esperançoso.

- Nem brinque com isso, Will. Não se mexe nas lembranças de ninguém. Por mais perigo que elas corram. Só nos resta esperar que o Flique retorne o quanto antes com o Coração de Pedra. Will, precisamos sair logo daqui e salvar a Nicole, ou tudo estará perdido.

Nesse momento, as pernas de Will tremeram, mas não de insegurança pelas informações que escondia de Alina, mas sim pelo o novo tremor da montanha.

Pelo visto restava pouco tempo até que o vulcão explodisse e a lava

os queimasse vivos.

CAPÍTULO 22

A GRANDE NUVEM CINZENTA

Após deixar Will e Alina no vulcão prestes a explodir, Kírios e

Nicole voavam em direção à Ilha. Cada vez mais distante do Exílio, Drake atravessava porções e mais porções de nuvens de energia. Ansioso pelo

grande momento, Kírios mal via a hora de chegar ao castelo para que pudesse formar a Tríade.

À sua frente, Nicole não disse uma só palavra desde que partiram do Exílio. Talvez estivesse cansada ou quem sabe sentindo-se culpada pela

decisão de deixar o irmão para trás. Infelizmente não conseguia invadir os pensamentos dela para acabar de uma vez por todas com a dúvida. Neste momento, a mente de Nicole era o mais bem protegido forte, onde nem a força de vontade de Kírios conseguiria adentrar.

Uma redoma luminosa girava ao redor de Drake, protegendo-os tanto dos raios de energia das nuvens, quanto de possíveis ataques de deburacs. Ao pensar nos demônios das sombras, Kírios lembrou-se na demora de Dígrafo em trazer-lhe a pedra.

Dígrafo, seu traste, onde está? - Kírios concentrava-se para tentar localizá-lo. Em poucos segundos encontrou a mente confusa e vulnerável.

Os olhos de Kírios já não viam mais as nuvens de energia. Podia enxergar agora tudo o que Dígrafo via nesse momento.

O deburac perseguia Flike pelo céu do Exílio. O pássaro azul ainda mantinha o Coração de Pedra no bico; voava rápido por um desfiladeiro, muito perto das rochas.

A ave dava cambalhotas e girava em espirais, mas o Dígrafo mantinha-se firme na caçada. Por diversas vezes o deburac desapareceu em explosões de fumaça e em meio a novas explosões reapareceu próximo ao pássaro, mas em nenhuma delas conseguiu capturá-lo. Ao esticar as garras numa outra tentativa, por pouco não conseguiu agarrar a cauda de Flike. Foi quando Dígrafo gerou em sua mão uma porção de fumaça negra e lançou-a em direção à ave, deixando pelo caminho o rastro

esfumaçado. Para onde Flique voasse a magia o acompanhava, ligeira e silenciosa, até que o acertou em cheio na cabeça.

No mesmo instante, Flique deixou cair a pedra em seu bico.

Mas antes que ela atingisse o chão e se quebrasse, Dígrafo mergulhou para agarrá-la.

Prestes capturar o Coração de Pedra, sua cauda ficou presa, impedindo-o de prosseguir. Girou a cabeça para saber o que havia de errado. O bico de Flique o segurava. Em seguida a ave puxou-o e arremessou-o contra o rochedo.

Nesse instante, Kírios abandonou a mente do deburac, antes que ele mesmo sentisse a dor do impacto contra a rocha.

Deburac Imprestável!

Para sua surpresa, um dos raios vermelhos atingiu o escudo luminoso de Drake e Nicole deu um salto para trás. Pobre garota. Tão indefesa e ao mesmo tempo cercada por uma barreira invisível que o impedia de se aproximar dos seus pensamentos.

- Você está bem? – disse Kírios.

- Estou... bem.

Deixá-la selar o destino do irmão foi uma tática inteligente. Mas o moleque já havia chegado longe demais e não parecia querer desistir.

- Kírios, será que a minha mãe está mesmo preocupada comigo?

Ele tomou um susto com a pergunta repentina. Ela estava

pensando na mãe? Não era possível. Até então Nicole não queria voltar para casa, mas sim viver na Ilha, no *seu* castelo, no *seu* jardim e com todos os *seus* desejos maravilhosos. Essa preocupação só pode ter sido colocada em sua mente pelo irmão intrometido.

- Impossível, Nicole. Sua mãe deve ter milhares de coisas para fazer ao invés de preocupar-se com você - torceu para que o seu argumento fosse forte o suficiente para tirar a ideia da cabeça dela. Para que existir todo um reino maravilhoso se ela mesma não puder aproveitá-lo? Nicole não trocaria o seu mundo ideal por um mundo chato, onde se tem que cumprir deveres e regras da sociedade. Afinal, o que pode ser mais divertido do que criar as próprias regras e desejos? – Esqueça isso, minha querida. Estamos quase chegando.

Nesse momento, Drake emergia das nuvens e iniciava o voo acima delas. O Exílio ficava para trás e um novo cenário se revelava à frente. O eclipse se aproximava cada vez mais do horizonte.

- Kírios... Eu nunca sonhei com isso! – disse Nicole ao apontar para o céu, na direção dos milhares de deburacs espalhados por lá.

- São deburacs, querida Nicole. Não fique com medo. Estou aqui.

Ela levou as mãos ao rosto. Entretanto, isso não a impediria de ouvi-los tentando quebrar o escudo luminoso de Drake. A cada tentativa, um estampido. As mãos de Kírios vibravam nos ombros dela a cada vez que os deburacs esbarravam no escudo.

Então Kírios estendeu a mão na direção deles e disse:

- Desapareçam!

Seus dedos dispararam diversos raios luminosos e transformou-os em pó. No lugar deles, restaram rastros de luz roxa, que logo desapareceram ao vento.

Para a surpresa de Kírios, Nicole balançou a cabeça e de repente ergueu os braços.

- Não aguento mais! - ela disse - Quero o meu sonho de volta!

Nesse instante, dois deburacs que se aproximavam iluminaram-se como poderosos holofotes. Em poucos segundos, seus corpos grandes e escuros diminuíram de tamanho. Transformaram-se em pássaros, de penas brancas e brilhantes. As aves branquinhas suavizavam o efeito sombrio que a chegada da noite eterna proporcionava. O Sol coberto pendia no horizonte, caindo lentamente, como que puxado contra a vontade por uma corda invisível.

- Querida Nicole, você não pode controlar essas criaturas. – disse Kírios, preocupado com os efeitos colaterais de desejos sobre os deburacs.

- Posso sim, Kírios. Viu o que eu fiz? – seus lábios finalmente esboçavam um belo sorriso - Transformei todos em passarinhos! – Nic estendeu o braço até um deles. - Vem passarinho. O escudo não vai te fazer mal. Vem aqui, vem.

Seria possível ela também ter desejado que o escudo fosse

inofensivo a todos eles?

Então, como se a ave pudesse realmente entender o que Nicole

dizia, ela ultrapassou aura luminosa. Kírios pressentia o perigo como se uma luz vermelha se acendesse à sua frente, piscando em alerta, para que

ele não permitisse que o deburac a tocasse. Por um segundo imaginou ter visto os olhos do pássaro se apertarem expressando maldade.

Quando a ave estava prestes a pousar as garras no bracinho da

Nicole, Kírios formou em sua mão uma esfera de luz roxa.

- Afaste-se dela! – disse e lançou a magia contra a ave.

- NÃO! - Nic intercedeu, tentando impedi-lo de disparar o encanto.

Mas a magia explodiu sobre o peito do pássaro, lançando-o para

trás. Em seguida, toda aquela aparência inofensiva da ave se desfez. As penas brancas tornaram-se pele negra e as asas voltaram a ser grandes e pontiagudas. Os deburacs voltavam à sua forma monstruosa.

O desejo de Nicole durou pouco. Nem mesmo ela, a criadora

daquele mundo, teria poder suficiente para controlar as manifestações de um pesadelo.

Kírios a abraçou e disse:

- Está vendo, querida Nicole? É inevitável tudo o que está por vir.

Para que você possa viver novamente em um paraíso, precisamos voltar ao castelo. É o local mais seguro para ficarmos neste momento. Lá formaremos a Tríade e alteraremos tudo de ruim que já lhe aconteceu.

Do outro lado das nuvens de energia, Will e Alina já estavam

impacientes com a demora de Flique. Ele insistia em perguntar se a ave teria perdido o Coração de Pedra para Dígrafo. E Alina insistia em afirmar a sua total confiança no amigo pássaro.

Mas o vulcão poderia explodir a qualquer momento e não havia sinal de Flique. Seria impossível chegar ao topo da montanha a pé.

Cansado de esperar, sentou-se em uma pedra. Colocou a mão no bolso da calça, segurou a pedrinha mais uma vez. Seria idiotice mostrá-la para Alina só agora. Retirou a mão vazia.

- Por acaso você teria aí no seu cinto de utilidades uma revista em quadrinhos do Batman, garota prodígio? - Sabe... pra eu ler enquanto a lava do vulcão não sai dessa montanha e derrete nossos corpos.

Alina andava em círculos, de mãos na cintura, tão impaciente como só ela conseguia ser. E pensar que minutos atrás pedia que *ele* tivesse calma. Ela parou no mesmo instante e olhou-o.

- Por que você não fecha essa boca e faz de conta que eu não existo?

- Sim, senhora. Não estou com pressa mesmo. Quem aqui está? Você? Acho que também não.

Alina olhou para o alto.

- Mereço isso?

De repente, um grito dela o fez cair para trás. Saltitava feito uma maluca.

- Você pirou de vez ou o cheiro do enxofre está afetando o seu cérebro? – disse Will.

- Olha pra lá, seu pirralho – apontou para uma mancha azul no céu.

Parecia Flique voando na direção deles.

Assim que a ave se aproximou e pousou, Will sentiu-se aliviado ao ver a pedra vermelha presa em seu bico. Alina deu-lhe um abraço tão forte

no pescoço que parecia querer sufocar o pobre animal.

- Já podemos ir? – resmungou Will. - Quero dar o fora o quanto antes.

Alina olhou-o de canto e não respondeu. Muito tranquila, como se

nem tivesse escutado, pegou o Coração de Pedra do bico do pássaro, em seguida montou nele.

- Vai subir logo ou ficar olhando, seu reclamão? – disse ela.

Nesse momento a terra tremeu mais uma vez, dessa vez o tremor foi muito mais forte e demorado.

- Anda logo, Will! Temos pouco tempo.

De repente, uma explosão. No cume, grande quantidade de fumaça avançava pelo ar como fogos de artifício acinzentados, expandindo-se, aumentando de tamanho a cada segundo. O vulcão finalmente despertava.

Na mesma hora, sob os protestos de Will, Alina agarrou-lhe o punho e ordenou a Flique que voasse o mais alto e rápido que pudesse.

Antes que Will pudesse saltar por conta própria no lombo do

pássaro, alçaram voo, deixando-o suspenso no ar.

- Para! Para! Me ajuda a subir! – as reclamações de nada adiantavam.

A cada vez que batiam, as asas de Flique acertavam em cheio o rosto de Will. Mas, antes que ele pudesse berrar um grande palavrão, Alina puxou-o para cima.

- Muito engraçado você me deixar pendurado. Olha só como eu estou rindo.

- Pelo menos, enquanto reclama de mim, você para de falar daquele seu medo idiota de altura.

Will abriu a boca para responder, mas achou melhor fechá-la. Era verdade, ele já não sentia mais calafrios enquanto estava longe do chão.

Depois de quase morrer ao cair de uma cachoeira, voar em um pássaro azul gigante e ser perseguido por um bando de deburacs, o medo de altura já não significava nada. Claro que não diria isso para Alina.

Neste momento, Flique começava a voar em torno da Montanha.

- É uma nuvem de cinzas – disse Alina.

- Como a gente vai chegar no centro do vulcão agora?

- A gente não. Você vai – disse ela.

- Como disse?

Enquanto Flique chegava cada vez mais perto da porção de cinzas,

Will identificou em meio a ela manchas escuras se movendo. Ao chegarem mais perto Will as reconheceu.

- Olha lá, Alina – apontou.

- Deburacs – disse ela. – Vamos, Flique, volte.

A ave deu meia volta e mergulhou.

Com medo ou sem medo, Will quase se borrou inteiro. O frio na barriga subiu até a cabeça. Mas ao olhar rápido para trás, não viu nada além das cinzas do vulcão e do céu vermelho das nuvens de energia.

- Sumiram! – disse ele.

- Aposto que não.

De repente, logo à frente deles, cinco explosões de fumaça negra deram origem a um grupo de deburacs no meio do caminho. Seria alucinação ou seus corpos emitiam diversos brilhos rosados?

- As memórias, as memórias da minha irmã!

- Segura isto - disse Alina, passando por cima do ombro o Coração de Pedra, pouco se importando com o que ele havia acabado de dizer. Em seguida ela retirou do cinto uma de suas esferas metálicas. Will não entendeu o que ela pretendia, mas o que quer que fosse, precisava dar certo.

Ao pressionar a pequena esfera com um dos dedos, o objeto dobrou de tamanho e se abriu em diversas espirais metálicas com um núcleo brilhante.

Faltando poucos segundos para colidirem com os deburacs, Alina mirou e disse:

- Voltem para o inferno! – e arremessou.
- Espera! - Will segurou o braço dela, na tentativa de salvar as memórias. Mas já era tarde. A arma de luz cruzava o céu, brilhando como uma estrela cadente.

Então a esfera explodiu em uma luz dourada, desintegrando os deburacs ao redor.

- NÃO! – disse Will, por saber o quanto as memórias significavam para que Nicole pudesse voltar para casa. Além do mais teve certeza de ver apenas quatro deburacs serem exterminados com a explosão.

Onde estaria o outro?

- O que deu em você? – Alina o chacoalhou com o cotovelo enquanto mudavam o curso em direção ao topo do vulcão. - Se eu perdesse a oportunidade de exterminar aqueles deburacs por causa das suas esquisitices, poderíamos estar mortos agora.

Will não sabia como explicar. Alina não havia entrado com ele na caverna; ela não sabia do roubo das memórias.

Tomou coragem, tirou do bolso a pedrinha cor-de-rosa de Nicole e esticou o braço sobre o ombro de Alina.

- Várias iguais a esta estavam com os deburacs que você acabou de

matar. Eles roubaram da caverna. São as memórias da Nicole.

- Droga, Will! Por que não me disse antes?

Ele balançou a cabeça. Não adiantava mais discutir.

- Quer saber, esqueça! – guardou a memória de volta no bolso.

Seria impossível conversar com ela agora.

- Hei, Will, relaxe, está bem? Como eu iria adivinhar que havia memórias com eles? Embora você não devesse estar com uma delas, foi importante você ter salvado ao menos uma. Vai dar tudo certo... Escute. Nós vamos entrar na nuvem de cinzas. - Quando pousarmos, você só vai ter que descer e levantar a pedra para o alto.

Ela ainda estava com essa ideia maluca? A nuvem mais parecia um monstro cinzento gigante vindo na direção deles.

- Alina, você por acaso sabe o que vai fazer? Aquela fumaça é tóxica! E tem mais, como eu vou enxergar lá dentro? É suicídio. Não... Esqueça. Eu não vou. Pode arrumar outro jeito. Com esse plano eu não concordo. Flique, dê meia-volta!

- Não, Flique, continue! Will, Não tem outro jeito, meu querido. Ou você entra lá e encara o seu destino ou vai daqui para o chão, pois comigo não voa nenhum covarde.

Will não sabia o que dizer. Foi vencido pela insistência e por pura pressão.

- Você se preocupa demais – disse ela.

- Mas e se não funcionar?

- Se quiser ver a sua irmã de novo, torça pra que funcione. Seja

otimista. Agora feche a boca se não quiser engolir fumaça. Não sei o que mais pode ter lá dentro.

Só faltava ter mais deburacs.

Will prendeu a respiração, fechou os olhos e segurou firme o

Coração de Pedra.

Assim que a nuvem de cinzas chocou-se com o seu rosto, sentiu

como se grãos de areia lixassem sua pele; lembrou-se da tempestade de pó

de ouro onde viu o futuro. A sensação foi quase a mesma.

Ele não sabia explicar o que sentiu nesse instante. Da mesma forma

que previu seu encontro com Úzolv, sabia o que deveria fazer com a pedra

mágica quando chegasse lá no topo.

À medida que adentravam naquela massa cinzenta, a fúria do

vulcão pareceu se acalmar.

Com tantas cinzas, abrir os olhos seria perigoso, mas ele precisava

saber o que estava acontecendo. Decidiu arriscar.

Surpreendeu-se. Por dentro de toda a camada crescente de cinzas

havia um grande espaço oco e vazio. Ao centro, a cratera gigantesca do vulcão, tão próxima às nuvens de energia que estas descarregavam lá

dentro inúmeros raios vermelhos, fazendo da cratera um enorme para-

raios. O vulcão já não expelia mais cinzas. Isso só podia ter um significado.

Logo a montanha vomitaria toda a lava que pudesse.

- Olha só pra isso! - Will cutucou Alina.

- Mas que garoto chato! – disse ela – Estou vendo. Agora para de me cutucar!

- Não é isso - esticou o braço acima do ombro dela, apontando o dedo para que pudesse observar ao redor da cratera a porção mais alta da montanha.

- Está vendo aquele lugar? Parece o melhor para pousar. É lá que precisamos descer.

- Desde quando você virou guia no Exílio, hein, garoto?

Ele sorriu em resposta.

Ao descerem, Alina permaneceu montada em Flique e Will saltou

ao chão. Respirou fundo e olhou para o interior do vulcão. Uma lufada de ar quente tocou-lhe o rosto. O calor parecia vir de muito fundo. Olhou para cima. Muito próximas, as nuvens de energia se embolavam, umas sobre as

outras. Toda aquela dança gerava as faíscas gigantes em forma de raios vermelhos que descarregavam sua fúria na cratera.

- Precisa dissipar as nuvens, Will – disse Alina. – E tem que ser agora. Sem falar que não estou nem um pouco a fim de ser atingida por um desses raios. Não tenho a menor vocação para servir de condutor de eletricidade.

- Eu sei. Estou pronto.

Mas, de tão nervoso, sem querer quase deixou a pedra cair no vulcão – deixou-a escorregar de uma mão à outra até segurá-la firme.

- Cuidado! – Alina o repreendeu.

- Tá bom, tá bom!

Nesse instante, Will levantou-a acima da cabeça.

O Coração de Pedra começava a brilhar mais uma vez. O momento tão esperado enfim chegava.

Enquanto Will a olhava e esperava ansioso o que aconteceria, logo acima de si houve uma explosão de fumaça negra; surgiu um grande deburac; em seu corpo inúmeras pontuações rosadas brilhantes. O animal soltou um ganido e tomou-lhe a pedra.

- Will, saia daí – disse Alina!

Mas a atenção de Will voltou-se apenas para o deburac ladrão.

- Devolva! – ele gritou. Logo depois, de mãos levantadas deu um salto na tentativa de reaver a pedra, ou de ao menos agarrar o deburac e impedi-lo de fugir, mas agarrou apenas o ar e caiu no chão de mãos vazias.

Em seguida, o deburac se distanciou, voando para o centro do vulcão.

CAPÍTULO 23

UM JARDIM BEM EXÓTICO

- Volte aqui! – dizia Will, deixando de lado de uma vez por todas o

medo de altura, desejando poder voar atrás do deburac ladrão com suas próprias forças e reaver o Coração de Pedra.

- Espera, Will - disse Alina, enquanto Flique abria as asas. – Não

vou deixar que aquele bicho miserável fuja com a pedra. Fique aqui.

Rapidamente ela subiu em Flique e ele saltou da borda do vulcão

para dentro da cratera. Com o mergulho, ganharam impulso e voaram em

direção ao deburac. Em seguida, o bico de Flique se abriu e liberou um canto tão estridente que, mesmo longe, Will precisou tapar as orelhas. O ar

vibrou em visíveis ondas sonoras até atingir o inimigo, paralisando-o.

Antes que ele pudesse cair para dentro do vulcão, Alina sacou a

espada e saltou de Flique em sua direção. No momento em que o metal reluzente deceparia a cabeça da criatura, um dos raios de energia desceu sobre ela, transformando o deburac em pó.

Com isso, Alina e o Coração de Pedra caíram para o interior do

vulcão em meio à chuva de estilhaços das pedrinhas cor-de-rosa vítimas do raio.

Flique mergulhou na mesma direção em que caíam, como se

tentasse salvá-la da morte.

- ALINAAA! – Will chamava, mas não conseguia mais vê-la, nem a

Flique. Como sobreviveriam àquele calor infernal?

Um novo tremor de terra sacudiu o corpo de Will, fazendo-o cair de joelhos.

Levou ao rosto as mãos sujas de cinzas e começou a imaginar tudo o que havia acontecido até aquele momento. Lembrou-se da sua chegada à Ilha, do encontro com Flique e depois com Alina, das implicações dela com o seu medo de altura e do encontro com Nicole na montanha, tão assustada, frágil e solitária, dominada por Kírios. Que ao menos ele cuide dela com dignidade e lhe dê todo o amor e carinho que Will nunca mais poderia dar.

Enquanto o tremor parava, as lágrimas escorreram até seus lábios.

O gosto amargo das cinzas não era afinal tão amargo quanto a dor do fracasso.

- É impressão minha ou você está chorando? – disse uma voz muito familiar.

Ao virar o rosto, deparou-se com Alina pendurada pelo cinto às garras de Flique, que descia mais uma vez sobre a montanha.

Em uma das mãos, ela segurava a espada, na outra o Coração de Pedra.

- Will, eu não sabia que você era tão sentimental.

- O enxofre pode causar irritação nos olhos, sabia? – disse ele, sem pensar numa desculpa mais convincente. – é o que está no meu livro de ciências.

- Aham, eu acredito. É muito mais fácil o enxofre arrancar lágrimas dos seus olhos do que você se emocionar, não é? – ele não sabia onde enfiar a cara, principalmente quando ela abriu um sorriso. – Vamos sair daqui ou não? Segure isto e manda a ver - jogou a pedra para ele.

Tão logo recebeu de Alina o Coração de Pedra, não pensou duas

vezes, apontou-o mais uma vez para as nuvens de energia.

Vamos lá, pedra mágica, faça o seu show.

Então, um novo brilho surgiu no interior da pedra. Nesse instante os raios vermelhos deixaram de ser descarregados na cratera para fazerem da pedra o seu alvo, como se ela sugasse toda a energia, fúria e perigo das nuvens, liberando o Exílio das grades que o transformavam em prisão.

Quando a rede de raios vermelhos se extinguiu por completo, o Coração de Pedra emitiu um intenso raio de luz em direção ao céu, atravessando as nuvens, abrindo nelas um grande buraco, que aumentava cada vez mais.

- Está funcionando – disse Alina, sem esconder a satisfação por ver as nuvens se dissiparem, revelando acima delas um céu escuro.

Aquele era o momento tão esperado. Não havia mais barreiras para que chegassem até a Ilha.

Enquanto as últimas porções de nuvens aos poucos deixavam de existir, o raio de luz retornou à pedra e ela parou de brilhar.

- Depressa, Will! – disse Alina, ao saltar nas costas de Flique. Ele agarrou-se à mão dela, saltou sobre o pássaro e colocou o Coração de Pedra

no bolso interno do colete, na altura do peito. Por instantes, a pedra palpitou como se fosse um coração vivo, as batidas se alternavam com as do seu próprio coração, num ritmo perfeito.

Outro tremor. Flique já batia asas e, num salto, voou. Will virou o

rosto a tempo de ver uma nova explosão no topo do vulcão, seguida de jatos de lava.

Escapavam por muito pouco.

Deixavam para trás a Montanha do Fogo, onde as maiores lembranças da Nicole se perdiam para sempre, destruídas pela ira do Exílio.

- Se está pensando nas memórias da sua irmã, relaxe, Will. Vamos resgatá-las. Confie em mim. - Ele suspirou. Só restava acreditar. Ela apontou ao longe para uma porção de terra flutuante. - Aquele é o nosso destino. Ele não via apenas a Ilha em meio ao céu negro repleto de deburacs. via também a esperança de salvar Nicole. O sol encoberto, muito próximo de tocar o horizonte, avisava que precisavam se apressar. Seguiam ao encontro de mais um desafio, sobreviver a todo esse pesadelo e enfrentar o pior dele, Kírios.

Bem longe do Exílio, Drake sobrevoava a Ilha mais uma vez; aproximavam-se do castelo. Nicole não se acostumava com a escuridão. Ao menos as primeiras estrelas surgiam no céu, mesmo a noite de verdade não tendo chegado. Pareciam luzes de um teatro sendo preparado para uma de suas apresentações de balé. Só que, ao invés de bailarinos, um bando de demônios dançava abaixo delas. Além das estrelas, o castelo, já próximo, era a única coisa iluminada, como se tivesse luz própria.

Exausta, Nic bocejou como se não dormisse há dias. Era estranho,

mas não conseguia se lembrar quem era o garoto com quem havia conversado na montanha, apesar de seu rosto ser bastante familiar.

Não devia ser normal de repente se esquecer de lugares por onde passou e de pessoas com quem falou. Talvez apenas precisasse de tempo até se lembrar de tudo.

Nesse instante, os deburacs, agitavam-se próximo ao castelo.

- Kírios, como vamos nos livrar desses monstros? São tantos!

- A Tríade dará conta disso, Nicole. Não se preocupe. Esqueça seus medos. Eu vou te proteger. Ninguém lhe fará mal.

Então, Kírios passou o braço dele por debaixo do seu e segurou-lhe a mão. Como num passe de mágicas, fez surgir entre seus dedos uma semente.

- Pra que isso? – ela disse, frisando a testa.

- Jogue-a lá embaixo e espere.

Nicole olhou mais uma vez para a semente, depois inclinou um pouco o corpo para saber em quais possíveis lugares ela cairia, já que o corpo de Drake ficava na frente. Mesmo assim viu as árvores passarem

rápido abaixo deles. Se soltasse a semente, na certa a perderia de vista. Ao menos não parecia haver deburacs lá embaixo para impedi-la de chegar ao chão.

Então estendeu a mão e soltou-a. A semente rolou pelas escamas de Drake até ir direção à terra.

Nicole observou, observou. Quanto tempo esperaria? Talvez a semente precisasse de muito dele para germinar.

Não demorou muito e um movimento estranho lá em baixo chamou-lhe a atenção.

As árvores não deveriam ficar paradas?

Galhos enormes avançavam por todos os lados da floresta como se tivessem vida própria. Se continuassem naquela velocidade, logo cobririam toda a Ilha.

- Mas que coisa é essa? – ela perguntou.

- Uma roseira gigante – disse Kírios – Veja como a sementinha cresce rápido. Só tome cuidado com aquilo – Kírios apontou para os galhos.

- São acúleos. Podem machucar.

Mais pareciam espinhos. Com certeza ela tomaria cuidado. Além de crescer para os lados, os galhos subiam, gerando grandes folhas com bordas serrilhadas.

Nesse momento, um galho imenso surgiu bem na frente de Drake.

- CUIDADO! - Nicole alertou.

Na mesma hora o dragão girou o corpo para a esquerda e depois voltou para a direita, contornando o galho.

- Uau! Você viu isso Kírios?

- Se vi? – a voz trêmula de Kírios não negava o susto. - Sim, querida

Nicole, eu vi.

Próximos aos muros do castelo, os galhos que avançavam pelos ares agarravam diversos deburacs que voavam por perto. Ao agarrá-los, giravam em torno deles parecendo espremê-los. Os gritos graves dos monstregos só se calavam quando os galhos os apertavam o suficiente para fazê-los virarem pó. Outros ainda arremessavam-nos para o horizonte. Os gritos podiam ser ouvidos até desaparecerem ao longe.

De repente, de um grande galho que surgia à direita nasceu uma folha tão grande quanto a própria Nicole.

- Olha só o tamanho daquela folha! – ela disse. – Parece um cobertor! Ganhei um de presente da minha... da... Ué... Não me lembro da pessoa que meu deu o cobertor.

- Tenho certeza que foi um belíssimo presente – tornou Kírios, dando-lhe um abraço, que a aqueceu muito mais do que o cobertor de que se lembrava. – Estamos chegando, princesinha.

Apenas lembranças vagas vinham à mente de Nicole. Nada além de poucos objetos e lugares. Com exceção de Kírios e Drake, não se lembrava de mais ninguém.

Com tantos monstros percorrendo o céu feito urubus, ao menos agora se sentia segura.

Enquanto se aproximavam do castelo, olhou para a roseira; gerava

os primeiros botões, de pétalas vermelhas. Poderia muito bem tê-la desejado se quisesse. Criar coisas diferentes não deveria ser tão difícil.

De repente, logo à frente, uma explosão de fumaça negra interrompeu seus pensamentos. Dela, surgiu um enorme deburac.

O dragão soltou um urro; remexeu as asas como se tentasse espantar o monstro. Até mesmo o escudo luminoso se desfez, talvez devido ao susto que levou.

- Calma, Drake! – disse Kírios.

Nicole se desequilibrou com o movimento do dragão e seu corpo escorregou para fora da cela.

- Kírios, socorro!

Ele agarrou-lhe a mão a tempo de impedir que caísse, mantendo-a pendurada na sela.

Foi quando o deburac avançou sobre Drake e puxou-o pelo pescoço. Com Drake a se balançar, a mão de Nicole soltou a de Kírios.

- NÃÃÃO! – ela gritou enquanto caía.

- NICOLE!

Em poucos segundos Nicole não conseguia mais vê-lo. Caiu em meio a diversos galhos e folhas, o corpo batia e se cortava nos acúleos da roseira.

Diante do medo, da dor e de tantas imagens confusas, não soube se

era alucinação ou não, mas pensou ter visto vultos se aproximarem.

Até que um golpe na cabeça fez com que tudo se apagasse.

A viagem de Will poderia ter sido melhor. Ele e Alina já estavam

próximos à Ilha quando deixou escapar seu pequeno segredo, que acabou com a paz entre eles.

- Cego? – Alina esbravejou. – Por que só agora me contou?

Will se arrependeu por ter decidido abrir a boca. Depois que a sua visão embaçou novamente, não sabia dizer se faltava muito até pousarem no castelo. Mal via a própria mão.

- Eu só perguntei se já estávamos chegando, só isso! – justificou-se.

- Sim, claro! E depois me vem com essa história de “nossa... a minha visão embaçou de novo e não volta ao normal como das outras vezes”. Qual é Will? Você devia ter me contado sobre isso... Mas que droga! Já não é a primeira vez que você me esconde alguma coisa.

Maldita hora em que ele abriu a boca para perguntar. Antes tivesse ficado quieto e esperado a visão voltar ao normal. Se arrependimento matasse, com certeza ele já estaria morto e enterrado.

- Vai com calma, Alina. É comigo que isso está acontecendo, não com você. Não sei por que ficou tão brava. Até onde sei, você está enxergando muito bem.

- A questão não é essa, garoto. Você está vulnerável. Enquanto estiver cego, não posso te largar sozinho. Olha pro céu. Veja quantos deburacs

tem por aí. Vou ter que bancar a babá do garotinho, era só o que me faltava.

Egoísta filha da mãe.

- Obrigado pela preocupação. Fiquei comovido.

- Me poupe da sua ironia, garoto.

Tudo o que ela havia dito só reforçava o que Will já sabia, Alina era uma interesseira, oportunista. Ele se perguntava o motivo de ainda seguir em frente com ela. Grande coisa ela conhecer tudo por ali, ser mais corajosa do que o próprio Quebra Ossos parecia ser, ter um sorriso bonito, olhos verdes e...

Para de pensar bobagens, seu tonto.

- Ficou quieto por quê?

Seria bom arrumar um assunto que realmente valesse a pena discutir.

- Lá na caverna o Kírios falou que a única coisa que poderia me curar era sangue de dragão... Eu vi que ele tem um dragão, então pensei...

Alina gargalhava. Will via o borrão que seria a cabeça dela inclinar para trás, rindo para o céu. Onde estava a graça?

- Garoto, Drake é o único dragão por aqui. Você acha que vai ser simples conseguir retirar sangue dele? Pelo visto você não tem medo de morrer, não é? Se ao invés de ser envenenado pelos sandersais você preferir morrer queimado pelo fogo do dragão, vai em frente, sozinho... -

Will permaneceu em silêncio. Esperava que a consciência dela dissesse o contrário. – Droga, por que tenho a ligeira impressão que *eu* vou ter que arranjar sangue de dragão pra você hein? Era só o que me faltava... – ele podia imaginar Alina revirando os olhos e torcendo a boca nesse exato momento. - Bom, eu sugiro o seguinte...

Antes que ela pudesse terminar a frase, Um forte impacto fez Will

tombar sobre ela. Os dois borrões azuis que seriam as asas de Flique pararam de se mexer.

- Alina, o que está acontecendo?

- WILL!

Os borrões apenas se misturavam mais. Flique balançava tanto que

Will não conseguia mais se equilibrar.

Sentiu garras envolverem seus braços e o puxarem para longe do

pássaro. Um borrão escuro apareceu à sua frente e, antes que Will abrisse a

boca para perguntar mais uma vez o que estava acontecendo, levou uma

pancada no rosto e outra no peito. Sua visão voltou na mesma hora.

Deparou-se com o sorriso macabro do grande deburac, antes que ele o soltasse.

Enquanto Will caía de costas, avistou no céu um bando de deburacs

arrastando Flique pelas asas e pela cauda. Alina havia desaparecido.

Até que algo macio amorteceu sua queda. Uma grande folha o

amparava. Em seguida, um galho fino e esverdeado surgiu à sua frente. Mal

notou de onde vinha, até avançasse em sua direção e enrolasse em sua cintura.

- Me solta!

Não bastou ser espremido pelo galho. Outra folha imensa desceu sobre sua cabeça. Se fosse uma planta carnívora, a próxima refeição já estaria garantida. Sanduíche de Will. Tomara que tivesse uma indigestão.

- Alinaaaa!

Momentos depois, na altura de seus olhos, um buraco surgiu na folha. Num corte vertical, o objeto que Will jurava ser a adaga de Alina permitiu que ele enxergasse através de um fio de luz a sombra dela do outro lado.

Mal podia acreditar. De tantas coisas que poderia falar, só conseguiu dizer:

- Nossa... Demorou, hein! Me tira logo daqui.

Nessa hora duas mãos escuras, esqueléticas e com garras do tamanho de adagas entraram pela abertura e escancararam a folha como se abrissem uma janela.

Longe de ser Alina, aquilo só podia ter saído de um circo de horrores. Um deburac.

Ele agarrou Will pelo colete e abriu a boca revelando os dentes pontiagudos.

Mau hálito dos infernos!

Torceu para que não virasse comida de monstro.

- Alina onde você foi parar? – disse entre dentes.

De repente, num movimento em “Z”, um fecho de luz deslizou pelo

ar, decepando o braço e a cabeça do deburac, fazendo-o virar pó.

Will reconheceu a espada reluzente de Alina e depois a máscara dourada.

- Está vendo? – disse ela - Não posso te deixar sozinho um minuto que você já arruma encrenca.

Will já precisou de ajuda outras vezes, mas, agora, tão perto de chegarem ao castelo e resgatar Nicole, a vida parecia ter mais valor. Alina podia dizer o que quisesse, xingá-lo, brigar com ele. Will apenas sorria, grato pela ajuda.

- Você está muito mal acostumado, garoto. Presta atenção. Quando eu terminar de cortar o cipó que está te prendendo, quero que você se agarre em mim. Seremos arremessados no ar.

- Só pode estar de brincadeira. E eu reclamando por quase morrer nas mãos de um deburac. Se eu vomitar, espero que não se importe.

- Olha Will, a nossa conversa é simples e direta. Olhe para sol – apontou o horizonte. O sol encoberto começava a se esconder. - O que me diz? Vai fazer o que eu mandar, ou não?

Havia escolha? Ela sempre arrumava um jeito de convencê-lo a fazer o que ela queria.

- Vai, fala logo – concordou contrariado. – essa planta idiota está me apertando.

- Bom garoto... Antes de qualquer coisa, fique com isto – ela retirou

da bota a outra adaga e lhe deu.

- Por que está me dando isso? Eu já estou com o Coração de Pedra.

Devo me acostumar a ganhar presentes?

- Idiota. Estamos indo para o castelo enfrentar Kírios e um bando

de deburacs. Além do mais, você está sofrendo os efeitos do veneno do sandersal. Por que motivo eu deixaria tudo isso com você? Presta atenção.

Plano A: vamos invadir o castelo. Enquanto eu crio a distração, você tenta

se aproximar da sua irmã e fazer com que ela veja a memória que está com você. É a chance de fazê-la se lembrar de todas as outras que foram destruídas no vulcão.

- E como sabe que vai dar certo? – respirava fundo enquanto suas entranhas continuavam a ser pressionadas pelo vegetal enrolado na cintura.

- Vai dar certo. Confie em mim.

- Mas... E se eu não conseguir entregar pra ela?

- Como você é pessimista, garoto! Relaxa. Em todo caso, eu tenho um *Plano B*.

- Que raio de plano é esse? – pelo visto ele ficou de fora mais uma vez.

- Se precisarmos dele, vai saber.

- Enquanto isso, vamos deixar o Dígrafo formar a Tríade?

Alina suspirou.

- Não temos como impedir. Mas vou tentar acabar com ele antes que possa apagar o passado da Nicole. É um risco que temos que correr.

Will balançou a cabeça. Quem garantiria que não seriam mortos logo que pisassem no castelo? E se não conseguissem impedir a Tríade, todo o sacrifício dele e de Alina teria sido em vão. Pobre Nicole, nunca mais voltaria para casa. Além do mais...

Alina estalou os dedos.

- Acorda! Preciso cortar o galho. Se você não se encolher logo eu enfio a minha espada no seu pescoço... E duvido que vire pó, do mesmo jeito que os deburacs.

Will deu de ombros e encaixou a adaga em um dos bolsos externos do colete. Não adiantaria nada contar a ela o que sentia. Ela iria ignorá-lo mais uma vez.

Com uma mão, Alina segurou o galho que o prendia e com a outra girou a espada, mirou no local que deveria cortar e deslizou a lâmina pelo vegetal. Will agarrou-se a ela um segundo antes do galho os arremessar para o alto.

Se ele tivesse asas como um deburac, este seria um momento ótimo para usá-las.

- Aaahhh!

- Se você não fechar a boca, garoto, eu enfio esta espada na sua garganta! – berrou Alina, enquanto iam de encontro a um grupo de

deburacs voadores.

Em seguida, a lâmina da espada se encolheu e Alina soltou um assovio tão alto e demorado que, ao terminar, um zumbido permaneceu na cabeça de Will por alguns segundos.

Flique apareceu no céu logo à frente deles, balançando o que restava da sua cauda, tão depenada quanto as asas, na certa danificadas pelos deburacs.

– Se segura! – disse Alina.

Will recebeu dela um forte abraço e ambos caíram sobre o pássaro.

Logo depois Flique voou em direção oposta aos deburacs.

Enquanto desviava dos que se aproximavam, Will e Alina abaixavam as cabeças para não serem atingidos pelas porções de fumaça negra que eles lançavam.

Além dos monstrenhos, a roseira sobre a qual voavam, arremessava contra eles seus galhos. Por vezes escaparam, deixando que atingissem somente os deburacs.

Foi quando dois imensos galhos avançaram diante deles; nas pontas, botões de rosa gigantes; desciam como chicotes sobre suas cabeças.

- Flique cuidado! – disse ele.

E a ave mergulhou em direção ao chão. Lá embaixo parecia haver um verdadeiro ninho vivo de inúmeros outros galhos a se contorcer.

Prestes a serem chicoteados pelos botões de rosa, Flique girou o corpo para

a direita, saindo da mira da planta. E um dos galhos se estatelou sobre todos os outros, espalhando ao redor uma chuva de pétalas vermelhas.

- Uau! Essa foi por pouco. – disse Will, enquanto Flique subia novamente. O grande castelo já podia ser visto adiante.

- Falta pouco – disse Alina.

- É melhor mesmo – disse ele e apontou para trás - Porque aquele outro botão de rosa continua perseguindo a gente.

CAPÍTULO 24

SERIA SÓ PLANO MALUCO?

Do outro lado dos muros do castelo, desmaiada e com parte da memória perdida, Nicole encontrava-se vulnerável aos planos de Kírios. Ela não conseguia abrir os olhos, pareciam grudados. Além disso, sua cabeça latejava numa dor terrível, como se todo o sangue do seu corpo pulsasse para lá, enchendo-a igual a um balão. Sua cama nunca havia sido tão gelada e dura desse jeito.

Gritos próximos soavam tão fortes quanto trovões. Quem seria o dono da voz e por que gritava tanto? Se ele soubesse da dor que ela sentia, com certeza não gritaria mais.

Tentou abrir os olhos novamente, mas foi inútil.

Sons parecendo de socos ecoavam abafados; davam a impressão de que muita gente esmurrava sem parar alguma parede ou muro.

- A sua incompetência me dá nojo! – dizia a voz. – Eles estão com o Coração de Pedra e você só sabe implorar por perdão? Esteja certo, Dígrafo que se você não fosse necessário para formar a Tríade, eu já o teria transformado em um monte de pó! Pegue isto e coloque logo nessa cara imunda.

Enfim Nicole conseguiu abrir um pouco as pálpebras. Um homem alto, de roupas brancas, entregava para uma criatura escura e de asas enormes um cordão com uma bolota pendurada.

- Nham, nham. Obrigado, mestre... E sinto muito – disse o monstro, tomando para si o cordão.

O som das batidas continuava e a dor parecia piorar.

- Fique calado e faça o que precisa ser feito. Por sorte, Drake conseguiu botar todos os deburacs para correr até que eu pudesse criar um escudo em volta do castelo. Já perdemos tempo demais. Ninguém entra ou sai daqui – o homem apontou o dedo para cima.

Uma barreira esbranquiçada, mas transparente, cobria todo o local onde estavam, como se fosse uma grande redoma de vidro a iluminar o ambiente. Seria essa a proteção que ele havia falado? Do outro lado da redoma, diversos monstros com asas pareciam querer entrar, esmurrando sem parar o vidro.

- Debu... Deb...

- Deburacs – o homem completou, a voz agora mais próxima.

Nicole suspirou, apoiou as mãos naquele encosto gélido e ergueu o

corpo para sentar-se. Com o movimento, a dor piorou. Se continuasse desse jeito, sua cabeça explodiria. Sentava em um banco de pedra.

Ao redor do banco, diversas árvores de flores amarelas, arbustos, um verdadeiro jardim. Ao centro, uma fonte com estátuas de anjos, onde se mantinha o pescoço esticado de um dragão, parecendo tomar água.

Tudo estava confuso demais. Sentia-se sozinha naquele lugar estranho.

De repente, flashes de luz ofuscaram sua visão, mas não vinham do jardim, pareciam surgir de dentro da sua cabeça. Depois de cada flash, uma imagem se formava muito rápido à frente e desaparecia. Primeiro, viu um grande lobo negro com asas, depois morcegos, um dragão branco, um pássaro azul, uma máscara dourada, o rosto de um garoto e o rosto de um homem. Este homem permaneceu à sua frente, encarando-a, com aqueles olhos azuis, o rosto sério, de cavanhaque escuro...

- Não se assuste - disse ele.

Nicole piscou várias vezes até se dar conta de que a imagem do homem era real. Ele permanecia à sua frente. Não era apenas sua mente lhe pregando peças.

- Como está se sentindo?

- A minha cabeça... está doendo muito... Kírios, é você?

Ele demorou a responder.

- Pelo visto, Nicole, suas memórias foram destruídas com a explosão do vulcão. Mas de algum modo este mundo que criou ainda persiste, pois tornou-se algo maior do que nem mesmo você esperava. Capaz de sobreviver sozinho, talvez para protegê-la, igual ao meu objetivo aqui. Quando estávamos chegando ao castelo, você caiu de cima de Drake, o nosso dragão, e bateu a cabeça com muita força, por isso desmaiou. Antes que os deburacs te alcançassem, eu a resgatei e a trouxe para cá. Não se preocupe, minha querida. Quando um vulcão explode, muitos cristais novos de memória são lançados para fora junto com a lava. Aos poucos você se recordará de muitas coisas. E providenciarei para que não se recorde de outras. – estendeu-lhe a mão. – Venha.

Nic não entendeu o que ele quis dizer. Mas sentia que precisava de ajuda e acompanhou-o. Aproximaram-se do monstro com quem Kírios havia se enfurecido. De olhos fechados, o bicho dizia palavras sem sentido, numa linguagem diferente; segurava ao alto um cordão com um olho pendurado.

- O que isso? – disse Nicole.

- Apenas observe. - Kírios pôs a mão em seu ombro.

Esse tal Kírios agia como se a conhecesse desde que nasceu. E aquele monstro, porque murmurava tanto? Se ao menos toda a dor de cabeça se convertesse em uma pontinha de lembrança.

Nesse momento, o monstro urrou tão alto que, assustada, Nicole

deu um passo para trás. O monstro arrancou do olho o cordão e virou-se para ela. Com mesmo, Nic agarrou-se em Kírios o mais forte que pôde.

Nesse momento, a cicatriz na testa do monstro começou a se abrir, deixando escorrer um líquido negro e brilhante pelo rosto esticado.

O estômago de Nicole revirou, um calafrio percorreu-lhe o corpo, as pernas bambearam. Desmaiaria de novo se Kírios não a segurasse. Fraca, observava o monstro depositar com muito cuidado o olho na ferida recém-aberta. Ao fazer isso, uma luz roxa brilhou daquele local, como se aconchegasse novamente um olho que nunca deveria ter saído dali. Então a luz se apagou. Os três olhos piscaram, seguidos por uma gargalhada escandalosa.

- Nham, nham. Sim – dizia ele, virando o rosto para Nicole – Sim, a

Tríade está completa! Agora, garotinha, eu sou o passado, o presente e o futuro, sou o teu sonho e o teu pesadelo.

O monstro virou os três olhos para cima. De cada um deles saiu um facho de luz, projetando lá em cima três telões com imagens em movimento.

Em um dos telões, Nicole conversava com um velho de barba escura, idêntico a Kírios. Ele fazia vários truques mágicos e sorria a todo instante. No outro, uma mulher com uma coroa prateada e um vestido esvoaçante, voava pelo céu em um dragão branco. Nicole não conseguia ver o rosto dela, que brilhava tanto quanto o próprio sol ao fundo da imagem.

Talvez fosse a si própria, só que mais velha, ou quem sabe outra pessoa. No terceiro, Nicole via a si mesma, assustada, como se olhasse para um espelho.

Dor. Batidas cada vez mais fortes no escudo do jardim.

Então levou as mãos à cabeça e gritou:

- PAREM!

A dor parou como num estalar de dedos.

Silêncio. Alívio.

Os lábios de Kírios se moviam, mas nenhum som lhe chegava aos ouvidos. As batidas de todos aqueles demônios do outro lado da redoma não ecoavam mais. Apenas via os movimentos de todos eles golpeando o escudo.

Aos poucos voltava a ouvir os sons vindos da boca de Kírios. Até que conseguiu entender uma frase completa dita por ele.

- Dígrafo, apague o passado da menina. Elimine o momento em que convoco o Eclipse das Sombras.

- Nham, nham. Mestre, o tempo é curto. Talvez não consigamos...

- Calado! – disse Kírios.

O monstro se encolheu.

- Nham, nham. Como quiser, Mestre. Terei que começar pelas primeiras lembranças até chegar ao momento desejado.

- Então não perca mais tempo.

Passado? Que passado? Nicole mal se lembrava do que aconteceu

minutos atrás antes de acordar em um banco de jardim.

Foi quando o grande telão com a cena de Nicole no gramado

deslizou do alto até o corredor onde estavam. Em seguida, a Nicole do telão

saiu correndo da tela, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Correu

pelas lajotas até o gramado, depois em volta da fonte central. Brincava, ria,

até sua imagem desaparecer, como em uma televisão mal sintonizada.

Depois, uma nova cena surgiu no telão, mostrando o momento em que ela

subiu no parapeito da janela do castelo até subir num dragão branco,

acompanhada de Kírios. Tudo se repetiu. Saíram da tela, o dragão voou pelo

jardim e todos desapareceram. Depois outra cena e mais outra

desapareceram.

Antes que Nicole pudesse se questionar sobre o significado disso,

novos flashes de luz invadiram sua mente. Nas imagens que agora saltavam

aos olhos, uma mulher linda acariciava o seu rosto, enquanto um homem jovem e sorridente colocava um cobertor aveludado sobre seu corpo.

Depois os dois beijaram-lhe a testa. Ela os conhecia, mas não se lembrava

de onde.

Um vento refrescante tocou-lhe o rosto. Desta vez causava-lhe um

formigamento na pele. Aos poucos essa sensação desceu pelo pescoço,

braços e mãos, até que os pés também formigassem. Talvez fosse alucinação, mas pareceu ouvir o leve som da sua respiração e do sangue correndo em suas veias. Ouviu o balançar dos galhos das árvores, até então ocultos pela algazarra dos deburacs do outro lado do escudo.

Agora compreendia.

A dor que havia sentido e o ar que a tocava, só podiam significar que todo aquele lugar tentava se comunicar com ela. O *seu* sonho falava consigo. Podia senti-lo através do ar, em todo o seu corpo; podia respirá-lo, transformá-lo no que quisesse; fazer o que tivesse vontade.

Então um som estridente de vidro chamou-lhe a atenção. Um galho enorme arrebentava a redoma de proteção ao redor do castelo, descendo sobre o jardim, destruindo o muro. Ao se partir em inúmeros pedaços, os cacos brilharam como se fosse a chuva de todas as estrelas do céu escuro logo acima. Enquanto Kírios gritava palavras sem sentido para os deburacs que invadiam o castelo, disparava contra eles diversos raios de luz roxa saídos da sua mão.

No momento em que o galho tombou sobre a fonte central, pedaços das estátuas de anjos voaram pelos ares e a chuva brilhante deu lugar a pétalas vermelhas a se espalharem por todos os lados.

Mas a linda imagem durou poucos segundos, pois Kírios disparou um poderoso raio de luz contra o vegetal, fazendo galho e pétalas virarem pó. Logo que o galho desapareceu, um pássaro azul gigante surgiu a voar por cima do muro. Nicole jurava ver alguém sobre o pássaro apontar na sua

direção. Então a ave mudou de curso. Vinha agora ao seu encontro.

- Drake, não fique aí parado, impeça a ave de se aproximar! – disse Kírios.

Imediatamente o dragão bateu asas e partiu em direção ao pássaro azul.

Desejos. . – ecoou uma voz ao ouvido de Nicole. Ela procurou ao redor, mas não havia ninguém além de deburacs fazendo uma algazarra no céu e Kírios lançando contra eles mais e mais raios de luz.

Desejos. . – ouviu novamente.

Algo se mexia no chão. O vento assoprava pelos ladrilhos o que parecia ser um barquinho de papel. Ele passou próximo a seus pés e continuou navegando até desaparecer em um arbusto.

Desejos. .

Sim. Lembrou-se da primeira vez que materializou um desejo. Era isso que deveria fazer, desejar. Mas, desejar o quê? Por mais que seus pensamentos quisessem, Nic não conseguia agir por vontade própria.

Sentia-se confusa. Precisava de Kírios, apenas ele poderia guiá-la, dizer o certo e o errado. Caminhou até ele e segurou seu braço buscando proteção.

Há poucos metros de Nicole, depois de tantas piruetas e manobras

para escapar dos ataques, Will lutava para manter o equilíbrio e não cair de cima de Flike. Já Alina, à sua frente, não parecia fazer o menor esforço, nem mesmo no momento em que quase foram atingidos pelo galho da

roseira. Por sorte conseguiram desviar a tempo.

- Droga – disse Alina, com o rosto virado para o horizonte, onde mais da metade do sol encoberto já havia desaparecido. Dentro de instantes o Pôr-do-Sol das Sombras estaria completo. – Will, a Tríade está formada. E olha só, Drake está nos seguindo. Precisamos nos separar.

- O que você vai fazer? – disse ele.

Alina girou um pouco a cabeça para trás, deixando visível metade da máscara.

- Estou improvisando. Temos pouquíssimo tempo. Vou tentar chegar até Dígrafo. Observe e aprenda, meu caro – em seguida ela disse: - Para cima, Flique.

Nesse momento, Drake, abriu a bocarra e soltou um jato de fogo na direção deles.

Enquanto Will ficava cada vez mais apreensivo e prendia a respiração, Flique subiu a tempo de escapar do fogo, que deslizou abaixo deles, emanando uma escaldante lufada de vento.

Com isso, Will e Alina precisaram se encolher para não esbarrar em vários deburacs, quase atropelados por Flique, que subia cada vez mais e inclinava o corpo para trás, como se iniciasse o desenho de um arco no céu. Ao perceber que viravam de cabeça para baixo, Will segurou mais forte as penas do pássaro.

- Alinaaaa! – o sangue do seu corpo parecia seguir todo para a cabeça.

- Segura firme, Will – disse ela. – Não se esqueça, você tem que salvar a sua irmã!

Antes que ele pudesse respondê-la, ela soltou-se de Flique e caiu de ponta cabeça.

- NÃO! – mesmo que quisesse, não havia como impedi-la. Apenas a observou. Alina deu uma cambalhota no ar e caiu em cima das costas do dragão, que voava abaixo deles.

Os dedos de Will doíam de tanto repuxar as penas do pássaro, deslizando a todo momento. Desse jeito terminaria de depenar o coitado. - Flique, eu estou caindo!

Então Flique girou o corpo mais uma vez. Will ficou aliviado ao sentir o sangue retornando para os braços e pernas.

- Amigão, não sabe como fiquei contente por não cair agora pouco.

Respirou fundo. Deveria seguir o *Plano A* e salvar Nicole.

Enquanto Flique descia outra vez, porções de fumaça vieram em sua direção. Desviou delas por pouco. Passar por todos aqueles deburacs daria trabalho, mas não havia mais volta.

Muito perto, os três telões mostravam cenas que Will não conseguia identificar muito bem. Mas com a aproximação de Flique, as projeções tornaram-se inconfundíveis. Eram cenas que a sua irmã teria vivenciado, como se o passado, o presente e o futuro inteiros dela fossem mostrados em filmes. Um dos telões mostrava Kírios, em uma sacada,

erguendo as mãos para o céu. Seria esse o momento do sonho em que ele invocou o Eclipse, e que deveria ser apagado?

Will não poderia permitir. Se o passado do sonho fosse alterado, quem garantiria que ele teria outra oportunidade de encontrar sua irmã?

Lá embaixo, raios de luz disparados por Kírios transformavam inúmeros deburacs em pó. Nenhum deles conseguia se aproximar o bastante de Nicole.

Restava apenas um leve contorno do Sol a desaparecer no horizonte então a imagem de Kírios no telão congelou. Aos poucos começou a se desfazer, como se uma borracha invisível tentasse apagar aquele momento para sempre. Mas a borracha tinha nome, Dígrafo. Se Alina não conseguisse impedi-lo, só restaria uma alternativa, Will mesmo faria isso.

O problema era que Alina se afastava cada vez mais de Dígrafo.

Quando ela arremessou uma de suas esferas metálicas na direção dele, acabou por atingir um outro deburac, que apareceu de repente à sua frente, perdendo talvez a única chance.

- Flique, mudança de planos – disse Will. Voe até Dígrafo o mais rápido que puder!

Na mesma hora, a ave mergulhou e seguiu veloz em direção a Nicole. Não importava se o plano era maluco ou não. Ao menos era simples. Ele faria o mesmo que Alina, improvisaria.

Foi quando repentinas explosões de fumaça surgiram à sua frente.

Flique não conseguiu desviar a tempo e uma porção negra esfumaçada acertou Will no peito. Seu corpo estremeceu como se uma descarga elétrica o invadisse. Sentiu suas costas arderem novamente. Então Will e Flique foram atropelados pelos deburacs como uma manada de Quebra Ossos enfurecida.

Flique! – Will gritava em pensamento. Mas seu amigo havia desaparecido junto com os deburacs.

Will foi arremessado até o chão. Ao menos algo macio havia amortecido sua queda. Com o corpo inteiro dolorido, custou a levantar-se. Cambaleou, fraco, sensação de febre. As pernas quase não aguentavam o peso do corpo, que eletrizava ainda sob o efeito da fumaça negra. Sons indecifráveis chegavam aos seus ouvidos; uma algazarra de gritos.

Mas tudo permanecia ali. O sonho não parecia ter sido alterado. E, no horizonte, o eclipse havia se escondido totalmente. Restava apenas o céu estrelado a iluminar o jardim. O tempo havia se esgotado e nada aconteceu.

Will observou que a seus pés havia um bicho enorme caído,

Dígrafo. Talvez inconsciente; seus três olhos fechados. Que ficasse assim por um bom tempo.

Lá no alto permaneciam os deburacs, ganindo, urrando. Pareciam ainda mais furiosos.

Não havia sinal de Flique, apenas de Alina, que mantinha-se firme sobre o dragão. Este girava no ar e soltava jatos e jatos de fogo. Mas as únicas coisas que conseguia atingir eram os deburacs ao redor, transformando-os em cinzas.

Então Alina lançou sobre ele uma de suas esferas brilhantes, atingindo-o na cabeça. Ao acertá-lo, uma explosão.

Logo em seguida o dragão caiu até o chão do jardim. Pouco antes de ele tombar em meio ao corredor de arbustos, Alina saltou.

- Will! – disse ela – Vai atrás da sua irmã. Vou pegar sangue do dragão.

Mas Will não conseguia sequer sair do lugar. Tentou mexer os dedos das mãos e dos pés, estavam dormentes. Aquele tipo de feitiço do deburac devia ter acelerado o efeito do veneno do sandersal. Ao tentar dar um passo em direção à sua irmã, mal sentiu o chão.

- Nic... – murmurou, sem conseguir continuar.

A última imagem que viu foi a de Kírios, ao lado de Nicole, com um sorriso no rosto. Então perdeu a consciência.

CAPÍTULO 25

CORAGEM POR TODA PARTE

Logo que o corpo de Will tocou o chão, Kírios suspirou de satisfação ao vê-lo sucumbir. Talvez o moleque estivesse apenas desmaiado. Com sorte teria morrido. Seria o preço a pagar por impedir que

a Tríade terminasse de apagar o passado de Nicole. Com isso, o sol se pôs e não brilharia nunca mais.

Maldito moleque. Maldita hora em que pisou nesse mundo.

Kirios afagou a cabeça de Nicole, que se mantinha agarrada à sua cintura; o rosto dela virado na direção do irmão desacordado. Ele curvou-se para ter certeza de que ela não demonstrava qualquer sinal de afeto. Foi como esperado, nem mesmo uma lágrima.

Os laços afetivos que os uniram simplesmente não existiam mais. A

explosão no vulcão devia ter sido poderosa o suficiente para acabar com todas as memórias do mundo real.

Então Kírios fez surgir em suas mãos uma esfera luminosa. A fez se expandir por todos os lados e empurrar à força os deburacs para o mais distante possível de Nicole. Gritos, uivos, assobios. Todos eles apunhalavam a nova redoma que acabava de se formar ao redor do jardim, na tentativa de quebrá-la.

De repente, um grito. A poucos metros, Alina se arrastava pelo jardim, afastava-se de Drake. Talvez numa tentativa desesperada, preparava-se para lançar contra ele outra de suas bombas.

Kírios achou a cena curiosa. O dragão não seria um grande rival para Alina, a menos que...

Só o sangue de um dragão pode curar a ferida. A frase que momentos atrás havia dito ao moleque lhe veio à mente.

Olhou-a com todo o desprezo que pôde juntar. Mas o sangue não passava de um mero detalhe para curar Will. O maior desafio era outro. E esse Alina nunca descobriria.

Todos mereciam morrer. Ela, o moleque, Dígrafo! E Nicole era a pessoa certa para cuidar disso.

Então Kírios aproximou-se do ouvido de Nicole e disse:

- Deseje mais uma vez, querida Nicole. Escute a minha voz e deseje.

Você está em perigo. Alina quer te matar. Mate-a primeiro. Mate Alina...

Mate Alina – e fez com que sua voz continuasse a ecoar na mente dela, deixando-a sob o efeito do feitiço.

Em seguida, Nicole virou-se para Alina e estendeu os braços na sua direção.

Drake se afastou momentos antes de uma grande jaula transparente levantar-se do chão e prender Alina em seu interior.

Mate Alina. .

Dentro da jaula, diversos brilhos dourados surgiram no ar e desenharam os contornos das criaturas que acabariam de uma vez por todas com a vida da moça. Em segundos, um grupo de sandersais surgiu ao redor dela. Rosnavam, latiam, uivavam.

Mate. .

Um deles saltou na direção de Alina.

Ela esquivou-se e rolou no chão, escapando do ataque. Então sacou a espada.

- Kírios, seu miserável – disse ela. E usou a espada para golpear as barras da jaula. Mas as barras se mantiveram firmes - Logo que eu me livrar desses sandersais e conseguir sair daqui, você vai se arrepender.

- Boa sorte – ele disse. Alina nunca escaparia com vida, isso era certo. - E olhou para o dragão – Drake, encontre a ave azulada e acabe com ela.

Enquanto Drake alçava voo, Kírios virou-se para Will, que despertava nesse instante.

- Ora, Ora. Então é você que também quer raptar a jovem Nicole, não é? – disse Kírios.

- O quê? Ficou louco? – Will respondeu - Nic, não acredite no que esse cara está falando! - Will arriscou uma tentativa ridícula de se levantar, mas mal conseguiu ficar de joelhos.

- Quem é você? – disse Nicole, a voz distante. – Por que está querendo me levar?

- Nicole, sou eu, Will! – ele insistia. – Ela não se lembra de mim e é tudo culpa sua, seu desgraçado! - disse para Kírios.

Kírios estava adorando vê-lo engatinhar na tentativa de alcançar a irmã. Simplesmente patético.

- Minha culpa? Ora, moleque, Nicole está apenas decidindo o próprio futuro. E, como pode ver, será bem longe de você.

- É o que você pensa - Will retirou do bolso uma pedrinha cor-de-rosa. – Sabe o que é isso?

Não podia ser verdade. Por algum motivo uma maldita lembrança de Nicole estava nas mãos dele. E precisava ser destruída.

- É bom você se preparar Kírios, porque a Nicole *não vai* ficar com você. E isto aqui – balançou a pedrinha – prova que você perdeu!

Kírios não admitia que um moleque lhe dissesse o que fazer.

Aproximou os lábios da orelha de Nicole e sussurrou.

- Nicole, esse moleque quer roubá-la de mim e te levar para longe.

Foi ele quem chamou todos estes monstros no céu – apontou para os deburacs. – Foi ele quem escondeu o sol – virou o rosto de Nicole para o horizonte escuro, onde umas poucas estrelas brilhavam – Ignore cada palavra que ele disser e afaste-o daqui. Precisa mandá-lo para longe antes que ele nos separe.

- Nic não dê ouvidos a ele!

Kírios se afastou. A sua princesinha já havia sido influenciada o suficiente.

Aos poucos, a brisa que passava pelo jardim deu lugar a um vento forte, que em segundos tornou-se um vendaval.

- Nicole, o que está fazendo? – gritou Will, enquanto quase era arrastado pela ventania.

- Ela está assumindo o controle do próprio sonho, meu jovem! -

Kírios respondeu. - Não há mais lembranças que a impeçam de viver sozinha em seu próprio sonho, nem de torná-lo perfeito. Foram todas destruídas, assim como também será essa que está com você.

- NICOLE!

Poderia gritar o quanto quisesse. Era hora de botar um fim na vida dele. As mãos de Kírios vibraram, geraram faíscas. Então lançaram sobre Dígrafo inúmeros raios vermelhos.

- Levante o traseiro desse chão e acabe com o moleque! Destrua a pedra rosada que ele tem nas mãos!

Por mais que o vendaval arrastasse tudo ao redor, nenhum mal fazia a Kírios e Nicole, mas avançava por todo o jardim; puxava Will pelas mãos e pés como se tivesse vida própria, arrastando-o pelo chão.

Will guardou a pedrinha rosada no bolso e tentou se segurar às fendas das lajotas. Mas seus dedos esfolavam no chão áspero e mesmo assim continuava a se afastar da irmã.

Precisava sair dali e entregar à irmã a pedra cor-de-rosa.

De repente, duas garras seguraram seu colete e levantaram-no do chão.

Três olhos semiabertos encararam-no. A bocarra entreaberta soltava mais uma vez na sua cara aquele bafo fedorento.

O deburac levantou as garras e apontou-as para Will.

- De novo não. Me deixa em paz, bicho feio.

- Nham, nham. Fique tranquilo. Este será o nosso último encontro, moleque.

Sim, aqueles três olhos nojentos veriam mesmo o seu rosto pela última vez. Se por acaso Dígrafo estivesse pensando em usar as garras para deixá-lo tão furado quanto um queijo suíço, estava muito enganado.

Foi quando a imagem de Dígrafo à frente virou um grande borrão.

A visão de Will falhava novamente.

Nesse instante, os uivos dos deburacs em algazarra do outro lado da redoma confundiam-se com os ruídos do vendaval. A força do vento era tanta que não seria difícil os dois serem arrastados a qualquer momento.

- Nham, nham. Depois de matar você, vou triturar seus ossos e devorá-los. Então destruirei a última pedrinha rosada.

Não se Will agisse primeiro. Nesse momento, o Coração de Pedra começou a pulsar descompassado junto a seu peito, seguia mesmo ritmo dos golpes dos deburacs na redoma. Seria um alerta?

Mas ele havia chegado no castelo com um objetivo e iria até o fim.

Dane-se a cegueira, dane-se Dígrafo.

- Nham, nham. Hora de dar adeus à sua irmãzinha – disse o deburac.

Decidido a arriscar o último fio de esperança, Will retirou a adaga presa ao colete e segurou-a firme acima da cabeça.

- Dê você um adeus ao panaca do Kírios, seu bicho fedorento – Tão rápido quanto um estalar de dedos, sua visão voltou, em tempo de comprovar suas mãos afundarem a adaga no olho central de Dígrafo, que urrou ensandecido, enquanto um líquido escuro escorria por sua cara horrorosa e deslizava até a boca aberta. Ao mesmo tempo o deburac apertava Will com tanta força como se quisesse espremê-lo.

- NÃO! – vibrou de longe a voz grave de Kírios.

Então Dígrafo explodiu em uma nuvem de fumaça, restando apenas o cair de Will e da adaga até o chão.

Will tentou ficar em pé, as pernas moles ameaçavam fazê-lo cair mais uma vez. Ao se levantar, enfiou a mão no bolso e retirou novamente a pequena memória em formato de pedra preciosa. Já que não conseguiria chegar mais perto de Nicole, só havia uma coisa a fazer:

Mirou e, prestes a lançá-la, Kírios disparou contra ele um feixe de luz roxa. Mas Will arremessou a memória na direção da irmã antes que fosse atingido. Com o impacto, foi lançado para trás, caindo de costas.

Tudo girava ao redor. Sabia apenas que estava vivo. Até pensou ter ouvido as rajadas de fogo de Drake. Talvez fosse loucura. Tudo parecia muito confuso. Sonho. Pesadelo. Não poderia desistir. Lutava para manter-se

consciente.

Abriu os olhos. Em questão de segundos, caiu junto dele um corpo azulado, de penas chamuscadas. Flique.

Queria gritar o nome do amigo, perguntar o que fizeram com ele, mas a voz não saía.

Então Will virou o rosto para a irmã em buscando forças para dizer as últimas palavras, finalmente conseguiu:

- Nic... Te amo.

E tudo escureceu.

Te amo. .

O vento cessou. As palavras que saíram de Will e deslizaram até os ouvidos de Nicole ecoavam na mente dela enquanto o observava, poucos metros à frente.

Até que um objeto caiu do céu a seus pés, espatifando-se no chão em inúmeros cacos cor-de-rosa.

Nicole se lembrou de ter visto essa pedrinha rosada na mão do garoto momentos antes do vendaval começar. Por que ele queria tanto entregá-la? E agora, como descobriria o que a pedrinha significava, se o que restou foram apenas cacos?

Te amo. .

Um pombinho branco cruzou o ar e pousou no ombro de Kírios,

que o acariciou em recompensa pelo bom trabalho ao transformar o pássaro azul em carne queimada. O seu dragão mutante realmente nunca o decepcionava.

Kírios admirou-se ao se deparar com Nicole olhando para os cacos no chão, balançando a cabeça. Por mais que tentasse acessar a mente dela, não conseguia. Sentia mais forte do que nunca a presença da barreira invisível que o impedia de acessar e absorver-lhe os pensamentos. Ela teria visto alguma cena do seu passado antes que a memória roubada se quebrasse?

- WILL! FLIQUE! – gritou Alina de dentro da jaula - Kírios, seu desgraçado, o que fez com eles? - ela retirava a espada cravada na cabeça de um sandersal. Os outros três estavam desacordados.

Em seguida, Alina cravou a lâmina da espada em uma das patas do bicho que havia acabado de matar e ergueu-a na altura dos ombros, como se fosse um troféu.

Logo depois, usou as garras do animal para cortar as grades, já que momentos antes a lâmina de sua espada havia se mostrado inútil para isso.

- Não se atreva a sair daí! – disse Kírios.

- Tente me impedir - ela respondeu.

Antes que Alina pudesse escapar, Kírios levou as duas mãos à frente do peito. Um brilho dourado surgiu próximo a elas, contornou o ar e

criou em suas mãos um arco e uma flecha de prata. Ele mirou a flecha no peito de Alina e puxou-a, esticando o arco.

No momento em que a moça preparava-se para sair da jaula, disparou. Na mesma hora, Alina pulou através do buraco nas grades, mas a flecha atingiu o seu ombro momentos antes de cair. Seu grito abafado foi a alegria do atirador. Não demorou a levantar-se e arrancar a flecha do ombro. Como areia, a flecha se desfez em sua mão, escorregando em fragmentos por seus dedos. Enquanto o sangue da ferida escorria pelo braço, Alina mantinha em Kírios o olhar firme e desafiador.

- Não sairá viva deste jardim, Alina – disse ele. E preparou o arco para fazer um novo disparo. Desta vez seria fatal.

- É só o que tem pra mim, Kírios? – ela disse, as mãos mexiam no cinto, parecendo retirar dele um objeto. - Pensei que você tivesse uma pontaria muito melhor do que essa.

A raiva de Kírios apenas aumentava. Sentia as veias da testa pulsarem e o corpo esquentar, como se uma chama se acendesse em seu interior, mais uma vez.

Esticou mais o arco. Ofegava, buscava o momento certo. Não erraria.

Então Alina correu na direção do garoto. Kírios acompanhou seus movimentos.

Se ela pensa que vai conseguir salvar o moleque, está muito

enganada. Primeiro, terá que chegar viva até ele.

Foi quando ela saltou com as mãos em direção ao chão, onde recuperou a adaga usada por Will para eliminar Dígrafo e deu uma cambalhota.

Na mira.

- Não basta conseguir o sangue, Alina – disse Kírios. - É preciso também vencer o medo dele.

Disparou. A flecha avançou pelo ar e dividiu-se em duas setas prateadas. Ao mesmo tempo, Alina arremessou em direção a Nicole um objeto brilhante. E enquanto uma flecha atingiu-lhe a máscara dourada na altura da testa, a outra atingiu-lhe o peito.

Já o objeto arremessado por Alina cruzou o ar e misteriosamente parou a centímetros do rosto de Nicole, onde permaneceu flutuando diante de seus olhos.

CAPÍTULO 26

MEU BRILHANTE CRISTAL ROSADO

Frente a frente com o pequeno cristal rosado, Nicole se surpreendeu por tê-lo visto se aproximar a tempo de pará-lo no ar, antes que atingisse seu rosto. Por que aquela moça arremessou-lhe a pedrinha?

A cor daquele lindo e misterioso objeto era a mesma do que havia se quebrado a seus pés, minutos atrás. Finalmente saberia o que ele

guardava de tão especial. Quem sabe fosse um segredo, capaz de transformar seu sonho de volta ao que era antes.

- NICOLE, NÃO OLHE PRA ISSO! – a voz de Kírios ecoou por toda a redoma.

Mas, no momento em que Nicole viraria o rosto para Kírios, o pequeno cristal emitiu uma luz intensa, fazendo com que tudo ao seu redor desaparecesse em meio a raios cor-de-rosa.

Aos poucos os raios deram lugar a um cenário maravilhoso, talvez fosse um parque... isso mesmo. Um parque cheio de árvores, pessoas rindo e pássaros cantando.

Acima, um céu azul sem nuvens permitia ao Sol compartilhar seu calor tão aconchegante... Ao mesmo tempo o vento refrescava-lhe o rosto e balançava seus cabelos.

Nicole pedalava contra o vento. Seguia um caminho no chão próprio para bicicletas.

- Toma cuidado pra não sair da ciclovia – disse a voz de um menino logo atrás de si.

Ao virar o rosto para olhá-lo, perdeu o controle.

- Nic! Cuidado! – disse ele.

De repente, a bicicleta saiu da ciclovia e foram todos para o chão em meio à grama. Em segundos a bicicleta tombou por cima dela e o garoto

caiu ao seu lado.

O joelho ardia, uma dor que nunca sentiu na vida. Não conseguia

tirar de cima de si a bicicleta de dois lugares. Seus olhos se encheram de lágrimas. Era para ser um passeio divertido.

Até que tiraram a bicicleta de cima de si e a colocaram de lado.

- Droga. Eu falei pra você tomar cuidado. Se a mamãe souber que

eu deixei você guiar a bicicleta, vou ficar de castigo por... Droga, você cortou o joelho – disse ele fazendo cara feia. Então desencaixou da bicicleta uma

garrafinha e abriu a tampa. – Ei, não chora. Eu sei que você não gosta de ver

sangue. Vou lavar isso pra você. Não precisa olhar se não quiser. – em seguida ele se abaixou e derramou água no joelho machucado. – Vai

melhorar logo, fica tranquila. Só vou ter que pensar no que falo pra mamãe... Sei lá, posso dizer que um ciclista vinha de frente e esbarrou na gente e nós todos caímos, o que acha? Será que ela vai acreditar?

Nicole olhou-o sem dizer absolutamente nada. Apenas enxugou as

lágrimas que escorriam por seu rosto.

- Tá, não precisa me olhar com essa cara. A gente conta a verdade

pra ela. A culpa foi minha mesmo. Irmão mais velho é pra essas coisas, levar

bronca. Já estou até imaginando o que mamãe vai dizer – e afinou a voz. -

Will, como você pôde ser tão irresponsável? Vai ficar de castigo. . Sem videogame por uma semana!

- Will... – disse Nicole, no mesmo instante em que ouviu o nome dele.

- O que foi? Você consegue se levantar?... Tudo bem, eu te ajudo... –

e guardou a garrafa de água na bicicleta. - Me dá a mão – esticou o braço em sua direção.

Nesse instante, o sol brilhou tão forte que tudo ao redor de Nicole foi tomado por raios de luz. O cenário do parque desapareceu.

Aos poucos, os raios luminosos diminuía a intensidade, revelando mais uma vez o jardim do castelo.

A pedrinha cor-de-rosa diminuía cada vez mais de tamanho. Seus raios de luz incidiam em Nicole como se toda a essência dele fosse atraída e absorvida por ela, até desaparecer por completo.

Bem ao lado da fonte destruída, viu ao chão um pássaro azul imóvel. Ao lado dele, desacordado, o mesmo garoto que havia acabado de ver no parque e que lavou o seu machucado; o mesmo que havia tentado lhe entregar o cristal cor-de-rosa; Era ele, caído agora à sua frente... O

garoto que momentos atrás disse “Sinto muito... Te amo”... O seu irmão.

Então uma avalanche de lembranças invadiu sua mente.

Inexplicavelmente lembrou-se de tudo. Tudo.

- Will – disse em seguida e caminhou na direção dele. Mas foi agarrada pelo braço.

Ao ver de quem era mão que a segurava, Nicole disse:

- Kírios! Você... Você mentiu pra mim.

Ele arregalou os olhos.

- Como pode me acusar, Nicole? – sua voz, que se mantinha suave e inocente, dizia que era ela quem estava errada. - Estou tentando impedir que sequestrarem você. Matei Alina só por você, para que possa viver como

uma princesa num sonho encantado... – Mas de repente a voz dele tornou-se grave e assustadora - É assim que me agradece, menina?!

- Me larga! - Nicole puxou o braço com força, livrando-se de Kírios.

Quando ele tentou aproximar-se de novo, o pombo branco sobre seu ombro

desceu rápido ao chão e transformou-se num tigre albino, que colocou-se entre Nicole e Kírios, rosnando para o mago.

Kírios afastou-se.

- Nicole, como tem coragem de colocar Drake contra mim?

- Não precisei fazer nada. Ele escolheu ficar do meu lado.

Então ela ergueu a mão na direção de Kírios.

- Sinto muito por eu ter que fazer isso.

Nesse momento, uma jaula levantou-se ao redor dele, prendendo-o, do mesmo jeito que havia feito com Alina.

- Nicole! - Kírios agarrou as barras transparentes da jaula, seus olhos aos poucos se tornavam avermelhados. – Não pense que esses truques baratos irão me prender por muito tempo.

Mas Nicole sabia que não conseguiria detê-lo sem ajuda. Por isso correu até seu irmão; precisava dele mais do que nunca.

Antes de cair de joelhos junto a ele, pareceu ouvir ao longe os

deburacs chamarem seu nome. Diziam palavras horríveis, de ameaça.

Kírios os teria provocado? Como ele pôde dizer que todo aquele sonho era melhor para ela do que a vida real? Não, nunca seria.

- Will, Will, acorda! Por favor, preciso de ajuda – disse logo que seu corpo tocou o do irmão. – Aimeudeus! – disse e levou as mãos à boca. Havia um buraco no colete do irmão, na altura do coração. Em seguida, pensou ter visto algo brilhar ali, até que ouviu uma voz rouca dizer:

- O sangue...

A poucos metros de distância de onde estavam, Alina, a moça que havia encontrado na montanha, se levantava.

Ao ficar em pé, tossiu algumas vezes e deu os primeiros passos em sua direção. Por todo o corpo dela havia manchas de sangue, além do que escorria de sua boca até o queixo.

Nicole arrepiou-se.

- Aimeudeus. Sangue não...

Alina balançou a cabeça, e junto com ela a máscara dourada, trincada na altura dos olhos, como se estivesse a ponto de cair.

- Não, garota. O Will foi envenenado pelas garras de um sandersal.

Só o sangue de um dragão pode curá-lo – e caiu prostrada diante de Nicole.

- Aimeudeus, aimeudeus! – Nic desesperou-se.

Queria ajudá-la, mas sentia pavor, nojo, ânsia ao ver todo aquele

sangue. O seu irmão desacordado, Alina morrendo à sua frente e Kírios se transformando num bicho horrível. A situação não havia como ficar pior.

- Mas, o que você quer que eu faça? – disse Nicole, enquanto os gritos e xingamentos de Kírios só aumentavam o seu desespero.

Alina tossiu novamente e cuspiu sangue no chão. Em seguida olhou-a de novo.

- Precisamos de um pouco de sangue de dragão pra curar seu irmão. Se não fizermos isso, ele vai morrer. Drake é um dragão mutante, Nicole. Precisamos do sangue dele. Na forma de dragão perfurar as escamas é muito difícil, ainda mais para uma menina. Mas na forma de outro animal isso se torna mais fácil.

Nic olhou o tigre branco, que a encarava como se tivesse entendido tudo o que Alina disse. Os olhos tristes de Drake apenas aumentavam suas incertezas.

- Isso! Matem o dragão! – disse Kírios, de dentro da jaula. - Matem para salvar o moleque!

- Matar? – disse Nicole, quase num sussurro. E levou as mãos à cabeça sem acreditar que precisariam fazer isso. Não podia. Drake era seu amigo... Matá-lo, mesmo que fosse para ajudar o Will seria cruel e impensável.

- Não podemos fazer, não podemos!

Nesse instante, Alina agarrou o seu braço, num toque gelado, a mão

suja de sangue. Ela virou o rosto para tossir mais uma vez. Mais sangue saiu da sua boca. A primeira reação de Nicole foi de puxar o braço o mais forte que pôde. Nojo. Queria ir embora, fugir, pra que não tivesse que matar ninguém. Mas Alina não a soltou.

- Me larga, me solta. Não vou fazer isso, não vou!

- Nicole, me escuta...

A voz de Kírios pareceu ecoar em sua cabeça:

Mate. .

- Não! – Nicole dizia - Cale a boca!

- Não dê ouvidos a ele, Nicole. Drake não precisa morrer.

Mate. .

- Não importa. Não vou machucá-lo!

- Garota, presta atenção – Alina olhou-a nos olhos. - Só o sangue

não basta. Não entende? É preciso superar o medo dele. Kírios mesmo disse isso. Nicole, só você pode salvar a vida do Will.

- NÃO! – a voz repetitiva em sua mente e todo o barulho dos

deburacs a deixavam confusa. Queria ir embora, sair daqui para qualquer outro lugar.

- Nicole, se o seu irmão morrer a culpa será sua, entendeu? SUA! –

os olhos de Alina quase saltaram para fora. Depois virou-se de novo para cuspir mais sangue. O Estômago de Nicole revirava. Mas Alina continuou, ofegante. - Não pense apenas no que você está sentindo. O seu irmão veio

até aqui só pra te procurar, venceu o medo de altura só pra estar junto com

você. E está morrendo por *sua* causa! A chance de salvá-lo está em suas mãos, Nicole. Entenda isso. Coragem. Confie em você mesma. Não deixe o medo tomar conta de você.

Uma lágrima escorreu dos olhos de Alina, passou por detrás da máscara quebrada e escorreu até a boca.

- Seja forte, garota. Mostre para o Will que o amor que você sente por ele é mais forte do que qualquer medo – e soltou-lhe o braço. – Esta é a adaga que eu havia deixado com Will – colocou-a em sua mão. - Lembre-se: só você pode fazer isso. Use o amor que tem pelo seu irmão para vencer.

Nicole suspirou, olhou Will caído e depois para Drake.

Mantendo o olhar firme no amigo, perguntou:

- De quanto sangue a gente vai precisar pra salvar o Will?
- O suficiente para derramar sobre a ferida nas costas dele.
- Aimeudeus.

Nicole enxugou os olhos com uma das mãos e respirou fundo. O

tigre branco aproximou-se dela e esfregou a cabeça em sua perna, talvez não se importasse em ajudar. O pelo macio fez cócegas. Ela gostaria de Will

também pudesse ter essa sensação.

Então abaixou-se e deu nele um abraço apertado, tomando o cuidado de afastar a lâmina para não feri-lo antes da hora.

- Vamos precisar de um pouquinho só do seu sangue, Drake. Tá bom?

A dificuldade com que Alina se movia parecia tanta, que Nicole se perguntava o motivo daquela moça mascarada ter se sacrificado tanto para ajudar seu irmão. Quem era ela afinal?

Alina puxou Will para junto de si e o virou de costas para cima.

Kírios continuava a se debater dentro da jaula e a pronunciar palavras sem sentido, quem sabe um feitiço, ou apenas estivesse ficando louco.

- Nicole, Temos pouco tempo.

Alina levantou o colete das costas de Will. A pele dele estava escura; os rasgos em sua carne pareciam profundos. Nic franziu a testa, seu estômago ainda revirava como se quisesse subir pela garganta.

Segurou firme a adaga. Era a coisa certa a fazer.

Sem que ela pedisse, Drake levantou a pata e posicionou-a um pouco acima das costas de Will.

Mate. . – a voz de Kírios insistia.

Não deixe o medo vencer. . – Alina parecia lhe dizer em pensamento.

Os dedos de Nicole afrouxaram. Se não fosse Alina segurar sua mão nesse instante, teria deixado a adaga cair e desistido de tudo.

- Você não está sozinha, Nicole. Nunca vai estar. Não deixe o medo vencer.

Nic segurou firme a adaga e pressionou-a contra a pata de Drake.

Fez um pequeno corte, o suficiente para arrancar dele um gemido que a

entristeceu por tê-lo ferido. Drake, tão corajoso, mantinha a pata imóvel enquanto um líquido vermelho brilhante e quase transparente escorria dela. Nem sangue parecia ser, mas sim um líquido mágico, que manchou os pelos brancos do tigre até derramar-se pelas costas de Will. Nicole lavava o machucado do irmão do mesmo jeito que ele havia cuidado do seu joelho, quando caiu da bicicleta.

Alina tossiu mais uma vez.

- Já está bom, Nicole – disse ela e afastou a pata do tigre. - Você foi uma boa menina, uma boa irmã... E você, Drake, foi muito corajoso.

Então o tigre transformou-se novamente num pombo e voou. Na

certa a ferida na pata do pombo sangraria menos do que no tigre. Com o poder de cura de Drake, logo ele estaria bem mais uma vez.

- O que a gente faz agora? – disse Nicole.

- Observe.

Como mágica, a pele das costas de Will começou a clarear e os

cortes a se fechar. Em instantes, o machucado cicatrizou, como se nunca tivesse sido feito.

Podia ser mentira, mas por um momento Nic pensou ter visto os dedos de Will se mexerem. Seria alucinação?

Alina virou-o mais uma vez, deixando-o agora de costas para o chão.

- Ele vai ficar bem – disse ela e pensou por um momento antes de continuar. - Assim que o seu irmão acordar, diga a ele que... – tossiu novamente,

desta vez de forma bem mais demorada – Diga que existe sempre uma luz em meio à escuridão. Ele vai saber o que fazer.

Em seguida, Alina se arrastou para longe, depois deitou, mantendo os olhos abertos.

Nic nem mesmo teve tempo de lhe dizer obrigado.

CAPÍTULO 27

DIANTE DO INIMIGO

Sem saber o que havia se passado enquanto esteve inconsciente, aos poucos Will voltava a si.

Ainda de olhos fechados, ouviu o choro de alguém. Ao abrir os olhos, a primeira imagem com a qual se deparou mais parecia ser um grande borrão, que, aos poucos, dava lugar a um rosto.

- Nic! – sua voz quase não saiu.

Ela abraçou seu pescoço apertando-o tão forte a ponto de quase enforcá-lo. Soluçava palavras e mais palavras que Will mal entendia. Mas sentia-se feliz por tê-la novamente consigo.

- Ai Will, nem acredito que você está vivo. Desculpa... por tudo, me desculpa por...

- Ei, ei, ei... Calma! - engasgou - Estou ficando sem ar aqui.

Nic soltou-o, enfim.

Suas costas já não doíam mais; conseguia sentir as pernas, os

dedos e...

- Que barulho infernal é esse? – disse ele, incomodado com tantos urros e gemidos. Por um momento pensou ter ouvido o som de vidro se quebrar.

- Ai não... a jaula! – disse Nicole – prendi o Kírios numa jaula encantada.

- Kírios?

Will levantou-se para vê-lo. O corpo de Kírios pegava fogo, mas a chama era negra, diferente de tudo que havia visto antes. Parecia aumentar de tamanho cada vez mais. Logo a jaula se tornaria pequena demais para detê-lo. Kírios se transformava em um demônio gigante, um imenso deburac. Aproximava-se lentamente.

Parte da jaula havia se quebrado, outra parte derretido, restando entre ela e o prisioneiro fugitivo apenas rastros de chamas.

- Will! – Nicole pendurou-se em seu braço, aparentando mais medo do que ele mesmo. – Alina me pediu que te desse um recado importante.

- Nic, não é hora pra isso. Fique longe.

- Mas...

- Ora, ora... – dizia Kírios. – Então você conseguiu mesmo colocar Nicole contra mim. Justo eu, que sempre quis fazê-la a princesa deste mundo, agora sou rejeitado. Esteja certo de uma coisa, moleque, a Nicole pode não ficar comigo, mas também não ficará com ninguém. Jamais

permitirei que saiam vivos daqui.

- Will – Nicole puxava seu colete.

- Nic, se afasta, agora!

- Oh, minha princesinha – disse Kírios. – Você ainda pode vir

comigo, se quiser... E juntos veremos seu irmão choramingar e implorar para continuar vivo – e soltou uma gargalhada.

- Não! – disse ela e puxou novamente o braço de Will. – Will, escuta.

A Alina pediu pra te dizer que “existe sempre uma luz em meio à escuridão”!

Luz. . Escuridão. .

A frase de Alina não fazia sentido. O que ela estaria tentando dizer?

O Coração de Pedra voltou a bater junto ao peito de Will. O seu corpo todo vibrou no mesmo ritmo.

Luz. . LUZ! – então compreendeu. Sabia o que devia fazer. Só precisava agir na hora certa.

- Acabou, Kírios. Você não vai se dar bem. Não sei exatamente o que você é, mas estou certo de que fez tudo pra que controlar o sonho da Nic. Desde o início você soube que eu era o único que estragaria seu plano de mantê-la como prisioneira, não é? Queria a todo custo me manter afastado.

- Ora, cale a boca - disse Kírios, e apontou o dedo em sua direção, aproximando-se cada vez mais, já a poucos metros de distância. Will, ao contrário, se afastava, precisava ganhar tempo até revelar todo o plano do bruxo. – Vou acabar com você da mesma forma que acabei com Alina.

- Você a traiu – Will continuou. - Você era o tal garotinho da história. – virou-se para Nicole. - Lembra Nic? A história que ele te contou durante o piquenique, sobre os dois irmãos que brincavam no jardim. Tudo se encaixa. Kírios roubou o coração da Alina e o transformou em pedra. Depois a largou no Exílio pra morrer.

- É verdade, Kírios? – Nicole perguntou, de sobrancelhas franzidas.

- Fala para ela, Kírios, se estou mentindo... Eu li o diário muito antes de você queimá-lo. E não foi difícil encaixar as peças do quebra-cabeça.

- Você, moleque, é quem nunca quis aceitar Nicole em sua vida...

Somos iguais, William... Sim, eu expulsei a Alina. Criei o Exílio como castigo, para que ela nunca mais se intrometesse nos planos que eu tinha para Nicole. Fiz isso enquanto você isolava Nicole do seu mundo, sempre a magoando e machucando. Enquanto você a desprezava, eu ficava mais forte.

- Egoísta – Will revidou e parou ali mesmo, pois não havia mais como se afastar, ou tropeçaria em Alina, enquanto isso Kírios continuava a se aproximar. – Ficou contente quando a Nicole veio para a Ilha, não é mesmo? Se ela ficasse sob controle, este sonho nunca terminaria e você poderia viver aqui para sempre, mantendo a minha irmã como prisioneira, como um fantoche. Seria um plano perfeito, se não fosse por mim – bateu no peito, – se não fosse por este moleque idiota te atrapalhar! – Calado! - Kírios esbravejou, agora a um braço de distância de

Will. O calor escaldante que as chamas emitiam não o intimidava. –

Prepare-se, pois vou queimá-lo igual fiz com o Diário da sua irmã.

As chamas de Kírios se intensificaram. Então ele esticou o braço para Will e agarrou-o pelos cabelos. Will não entendeu a princípio o motivo de não estar sendo queimado vivo nesse instante. Mas em seguida viu sua irmã concentrada. Na certa ela desejava que ele não fosse ferido pelo calor do inimigo. Mesmo assim o calor começava a tornar-se insuportável, como se a magia de Kírios fosse forte o suficiente para combater os desejos da sua irmã, ou ao menos forte o suficiente para resistir a eles. Podia sentir sua pele queimar como se marcada a ferro em brasa.

– Alina já está morta, moleque. Sem você para me atrapalhar,

Nicole não terá escolha, viverá comigo para sempre.

- Não! Will! – A voz de Nicole o chamava.

Kírios gargalhava, como se a vitória já fosse dele. Mas não seria.

Não se dependesse de Will.

Existe sempre uma luz em meio à escuridão.

- Você já era, moleque – disse Kírios.

- Não neste sonho, seu imbecil – Will retirou do colete o Coração de Pedra. Assim que a joia brilhou diante dos olhos de Kírios, ele urrou como uma besta enfurecida. Will aproveitou esse momento e enfiou-a na bocarra do bruxo.

A luz da pedra se intensificou, parecia rasgá-lo inteiro. Aos poucos

a pele de Kírios se desfez. A cabeça deformou-se até se desintegrar. Em segundos, seu corpo virou pó e a pedra mágica caiu ao chão, intacta.

Nesse momento, a redoma que afastava deburacs do jardim rachou por completo e estourou em uma nova chuva de estilhaços, permitindo que os milhares de deburacs adentrassem. Desciam sobre eles como caçadores famintos.

Mas, antes mesmo que os deburacs os alcançassem, um por um os demônios explodiram em fumaça negra e desapareceram por completo.

Para a sorte de Will, com a morte do invocador dos deburacs, todos eles deixaram de existir. Mas será que tudo o que Kírios criou dentro do sonho também voltaria ao que era antes? A dor de suas queimaduras dizia o contrário.

Então abaixou-se e pegou de volta o Coração de Pedra. Em seguida, Nic correu em sua direção e lhe deu um abraço apertado, seguido de muitos beijos. Beijos doces que ele nunca havia recebido. Beijos de uma irmãzinha que deixava de lado as mágoas e a dor do passado, e que agora mantinha as boas lembranças como a principal fonte da sua felicidade.

Dor? A dor nada significava diante desse momento. Por mais que ele tentasse não chorar na frente dela, não resistiu. Deixou saltar dos olhos toda a emoção guardada.

- Acabou, Nic. Eu nem acredito, mas acabou. Agora é questão de tempo para o Sol voltar a brilhar... Alina! – lembrou-se de repente da pessoa que

o ajudou a chegar ali e correu ajudá-la.

Ajoelhou-se ao lado dela. Talvez fossem os últimos momentos em que poderia lhe dizer alguma coisa.

- Alina, consegue me escutar? - perguntou, mesmo sabendo que a resposta poderia não vir.

- O *Plano B*... funcionou – ela murmurava. Viva, estava viva.

- Mas, você não me contou qual era.

- Eu não podia – continuou, com a voz pausada, fraca. - Foi no topo do vulcão, assim que matei o deburac... peguei dele essa última memória... por precaução.

Will não sabia o que dizer, não sabia como agradecer por toda a ajuda. Apenas uma palavra veio á cabeça, talvez a única que faria sentido.

- Obrigado.

- Não agradeça. Foi isso que eu vi no Amparo – ela disse.

- Mas... – Will olhou para Nicole, depois de novo para Alina. - O que exatamente você viu?

– Eu vi... – tossiu. O sangue saltava para o ar em gotículas, que retornavam nela mesma. – Eu vi sua irmã observando uma das pedrinhas que flutuava diante do rosto dela. E, assim que a viu, se lembrou de tudo... Eu só não sabia quem a teria jogado, se você ou eu. Então... – tossiu de novo
- quando a sua tentativa não deu certo, eu já sabia o que deveria fazer.

Obrigada... por tudo. – devagar, fechou os olhos, como se entrasse num sono profundo. Então seu peito, que subia e descia de acordo com a respiração, parou de se mexer.

- Ah, não... não. Por favor, Alina, olha pra mim. Ei, por favor, você não pode... não pode... – era difícil dizer - morrer. Droga! Olha pra mim... –

Mas Alina não mais respondia. - ACORDA! - berrou, inconformado. - Você veio comigo e não foi só pra me ajudar, sua interesseira, egoísta! Acorda!

Abaixou a cabeça. As lágrimas caíram assim como a cachoeira que o levou ao Exílio, o local onde a conheceu.

- Você não terminou o que veio fazer aqui... Não terminou – e deu um soco no chão. - ALINA! Tem que continuar viva!

Chacoalhou o corpo inerte, em vão. Somente a máscara dourada se desprende do rosto dela, restando apenas o barulho do metal batendo no chão.

Will deslizou com cuidado os dedos pela máscara enquanto via aquele rosto meigo, com uma cicatriz no lado esquerdo, que cruzava a bochecha até o olho. Os belos olhos verdes de Alina, que há pouco tempo o encaravam, agora ocultos pelas pálpebras que nunca mais se abririam.

Depois, ele colocou a pedra mágica sobre o peito da amiga, abaixou-se para dar-lhe um abraço de despedida e apertou o seu corpo contra o dela, sentindo entre eles as batidas do Coração de Pedra.

Enquanto Will se segurava para não permitir que novas lágrimas

vertessem dos seus olhos, sentiu um toque quente em seu ombro. Ao virar o rosto, viu Nicole.

- Me deixa tentar ajudar, Will – ela murmurou, demonstrando estar tão triste e preocupada quanto ele mesmo.

Continuou a olhá-la, sem entender o motivo daquela atitude. O que Nicole sabia sobre a morte, afinal? A única com a qual teve contato foi a do seu pai. Na época em que ele morreu, ela se trancou no próprio quarto sem querer comer nem ver TV. Até parece que não aprendeu que não há como reviver ninguém.

Will suspirou, levantou-se e tentou parecer responsável o suficiente para não iludi-la.

- Nic, não sei todas as coisas que você pode fazer no seu sonho. Mas vai, tenta o que quiser. Pra mim, não podemos fazer mais nada.

Nicole aproximou-se de Alina, abaixou-se e tocou o Coração de Pedra.

- Essa pedra... – levou a mão ao pescoço, como quisesse mexer no seu pingente desaparecido – é linda. Igual ao presente que ganhei do papai.

- fechou os olhos por alguns segundos. Ao abri-los, desceu os lábios sobre a cicatriz naquele rosto pálido e delicado, num beijo suave, doce, tão inocente quanto ela mesma.

- Eu sei que a gente não pode trazer de volta quem já morreu... no

nosso mundo, Will. Mas aqui... é diferente. Não sei explicar. Só sei que, se eu quisesse de verdade, aqui as coisas acontecem. Por isso eu desejo que ela viva de novo.

Ela levantou-se em seguida, voltou para perto dele e abraçou-o na cintura.

O que dizer naquele momento? O abraço apertado de Nicole o deixava sem jeito. Talvez ele precisasse ser como a irmã. Ver a vida de um modo mais simples, inocente. Se tivesse um pouco mais de esperança e acreditasse que era possível, quem sabe...

Bobagem. Ela se foi pra sempre. Flique também.

De repente, um pombinho branco planou à frente deles, sobrevoou o corpo de Alina e pousou sobre o Coração de Pedra.

Nesse momento a pedra brilhou intensamente, tão forte quanto da vez em que Will usou-a para dissipar as nuvens de energia. E o passarinho branco abriu as asas, enquanto feixes de luz se erguiam logo abaixo dele.

- Drake! – Nicole chamou o pombo, e correria até ele se Will não a puxasse de volta.

Um estranho brilho dourado surgiu no peito de Alina, logo abaixo da pedra mágica, como se o corpo dela se abrisse para receber de volta o coração. O pombo voou no instante em que o brilho sugou a pedra para dentro do corpo.

Boquiabertos, Will e Nicole suspiraram quase que ao mesmo tempo.

Quando o corpo de Alina absorveu o último raio de luz, o brilho dourado em seu peito se apagou. Segundos depois, a cicatriz de seu rosto desapareceu por completo, como se nunca tivesse existido.

Will imaginou estar louco ao ver os olhos de Alina piscarem e o peito voltar a se mexer em ritmo de respiração. Nicole estaria certa?

Bastava apenas acreditar?

- Alina, você está... – Will não sabia se ria ou se chorava, se corria para abraçá-la, beijá-la, ou se despejava de uma só vez sobre ela todas as perguntas que brotavam na sua cabeça.

E pensar que, momentos atrás, chorava pela perda de alguém que, em pouco tempo, se tornou tão especial para ele.

Nesse instante, Alina flutuou e seu corpo pôs-se em pé. Sobre sua cabeça surgiu um novo brilho dourado, como uma coroa, mas que desceu devagar sobre seu corpo como se ela tomasse um banho de magia. O rastro dourado limpava seu rosto e seus cabelos, retirando todo o sangue que a cobria. O cabelo de Alina voltou ao seu branco meio cinza brilhante. Suas roupas transformaram-se num vestido prateado que, ao toque do vento, esvoaçava em movimentos suaves e angelicais.

Assim que a magia dourada desceu sobre seus pés e tocou o chão, todo o jardim começou a brilhar. Como num estalar de dedos, Finalmente o

céu negro salpicado de estrelas deu lugar ao nascer de um novo Sol,
desfazendo para sempre o Eclipse das Sombras.

Na fonte, as esculturas quebradas ganharam contornos dourados,
fazendo com que as estátuas de anjos ganhassem novas asas. Logo que a fonte
foi reconstituída, os seres celestiais mais uma vez esguicharam água
por suas mãos, dando nova vida ao jardim.

Ao lado dela, sobre o corpo de Flique, que permanecia inerte sobre
as lajotas, também surgiu um belo contorno dourado. Will abriu um sorriso
ao ver as penas queimadas brilharem e se reconstituírem, além de novas penas
surgirem no corpo do pássaro, repondo todas as que haviam sido
arrancadas pelos deburacs. Então a cauda pareceu se mexer. Poderia ter sido
apenas o vento, mas Will sabia que Flique também estava vivo.

Correu dar-lhe um abraço. Quando se debruçou no pássaro
lembrou-se que ainda estava cheio de queimaduras. Tarde demais. Já havia
abraçado Flique, que se levantou, deixando Will pendurado em seu
pescoço. Will não conteve as risadas. A felicidade era maior do que
qualquer dor. Nunca pensou que ficaria feliz por tê-lo por perto. Parecia um
cão ao rever o dono. Quem diria que ele e esse bicho com penas seriam amigos?
Já os olhos arregalados de Nicole deixavam claro que ela parecia
assustada com o pássaro.

De repente, o olhar de Will cruzou com o de Alina. Ele não sabia o
que dizer a ela. Parecia uma verdadeira princesa. Linda. Nesse instante ela

colocava as mãos na cintura, revirava os olhos e... torcia os lábios. Mau sinal

- Não me olha com essa cara de espanto, Will. Credo! Até parece que eu morri.

Ele achou melhor não responder.

- E da próxima vez não chegue tão perto do fogo – disse ela.

Dito isso a dor das queimaduras de Will aos poucos desapareceu.

Em seus braços nem sinal de machucados. Tocou o rosto e tudo parecia em ordem.

Nicole continuava com o olhar perdido, assustado. O sonho já não era mais o mesmo. Talvez ela não tivesse imaginado um fim para ele, apenas um começo.

Alina aproximou-se dela.

- Nicole, parabéns por ter sido tão corajosa, a ponto de demonstrar um sentimento verdadeiro de amor pelo seu irmão. Com a ajuda do Will, você venceu seus medos e sua mágoa.

- Não foi nada – ela respondeu; usava a mão para esconder o rosto do sol. - Se não fosse por você, o meu irmão não teria me achado e talvez nem estivesse vivo. Mas está na hora da gente ir embora, não é?

- Mais do que na hora – disse Alina.

- E o que vai acontecer com este lugar?

- Ao contrário do que o Kírios havia imaginado, este mundo que

você sonhou nunca vai deixar de existir. Ele estará sempre vivo – Alina levou o dedo até a testa de Nicole - bem aqui. Basta desejar sonhar de novo, para passear durante uma noite inteira com este mundo onde o sol sempre brilha.

Will abaixou a cabeça. Com ele seria bem diferente. Nunca mais voltaria ao sonho da irmã. Nunca mais veria pessoa que não o deixou desistir daquilo que mais queria. Nunca mais veria Alina.

CAPÍTULO 28

REALIDADE OU IMAGINAÇÃO?

Envergonhado, Will aproximou-se de Alina. Tantas dúvidas pipocavam na sua cabeça. Como dizer o que queria, o que sentia?

- Que bom que você está bem – disse ele. - Fiquei com mais medo ao pensar que você poderia morrer do que de enfrentar Kírios. Mas, o que aconteceu com o Coração de Pedra?

Ela sorriu e não respondeu na mesma hora. Caminhou até Flike; os panos de sua roupa balançando com o seu andar suave e gracioso. Ela Acariciou o pescoço do pássaro e disse:

- Will, você manteve o meu coração seguro desde o momento em que o encontrou na caverna. Obrigada por isso.

- Mas como é que ele foi...

- Como ele foi retirado do meu corpo?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Quem pode responder isso a você, Will, é a própria Nicole.

Na mesma hora ele direcionou o olhar para a irmã.

- A Nic pode responder? Eu li no diário toda a história e nele não falava nada sobre isso.

- Will, só pra você saber, eu vou contar pra mamãe que você pegou

o meu diário pra ler! – Nicole cruzou os braços. – Além do mais, *não* leu a parte onde eu falava mais da pedra.

- Parte?

- Falava sim – ela colocou a mão na cintura e virou o rosto para o

lado oposto. – No meu sonho, a menininha da história tirou o próprio coração pra poder ajudar o menino, mas ela não conseguiu usar o coração a

tempo. O menino já tinha se transformado em monstro. Ele tomou o coração dela e nunca mais devolveu.

Então o pombo voou do ombro de Nicole e desceu ao chão, onde

cresceu até transformar-se em uma lebre. Quando Nic tentou pegá-la, a

lebre saltitou pelo jardim. Nic não fez questão de continuar a história e correu atrás do bichinho.

Alina pôs a mão no ombro de Will e disse.

- Este sonho foi criado há muito tempo atrás e foi mantido a cada

dia da vida de Nicole. Kírios teve bastante tempo para fazer tudo o que quis neste mundo. Criou nuvens cheias de raios elétricos para separar a parte linda e perfeita, que é a Ilha, da parte feia e perigosa, o Exílio, onde me deixou. Cada briga, mágoa e lágrima derramada por Nicole em seu mundo,

distanciava cada vez mais a Ilha do Exílio. Os monstros que você viu no Exílio

eram nada mais do que sentimentos ruins transformados em pesadelos.

- Como assim? – por mais que Will tentasse entender, não conseguia. – E os momentos felizes, as lembranças?

- Cada momento feliz foi uma árvore plantada na Ilha, ou um novo raio de sol. Mesmo sem saber, através de Kírios a Nicole fez da Ilha a sua única proteção. Will, este sonho reflete o que sua irmã vive no seu mundo.

A vida tem momentos bons e ruins, perfeições e pesadelos. Kírios foi o refúgio dela. Ele foi tudo o que ela queria num amigo, num irmão. Ele a entendia, apoiava, admirava e a protegia de qualquer coisa que pudesse ameaçá-la. Ele representava o medo que Nicole sentia do mundo real. Um

medo que crescia cada vez mais e que representava um perigo para ela mesma. Quanto mais medo ela sentia de viver naquele mundo, mais

próxima ela ficava de Kírios. Quando você a resgatou e o derrotou, assumiu

o papel de protetor. Por isso não há mais motivos para ela sentir medo, nem para Kírios existir neste sonho.

- Se você sabia de tudo, porque não me falou nada? O que é você, afinal?

- Foi a Alina te trouxe até o meu sonho – disse a voz de Nicole, logo atrás de si. Will virou-se. Toda desengonçada a irmã segurava a lebre, que insistia em escorregar de seus braços. – Ela não deixou você desistir de me achar.

- Isso foi um teste? – ele disse para Alina – Precisava saber se eu seria capaz de ir até o fim pra encontrar minha irmã?

Ela apenas sorriu. Will percebeu que, no fundo, Nicole queria ser encontrada. Havia uma parte dela muito triste por estar longe de casa e da família e que queria voltar. Por mais irritada que ela estivesse, essa esperança acabou sendo forte o suficiente para achá-lo e guiá-lo pela escuridão do Exílio, a pior parte da vida de Nicole, mostrando a todo o momento que valeria a pena encontrá-la. Que as dificuldades poderiam ser superadas se ele realmente acreditasse que poderiam.

Will abaixou a cabeça.

- Acho que entendi. Nossa... Depois de tudo isso, eu quero a minha cama, o meu travesseiro e o meu videogame – disse, feliz por poder voltar. -

E você Nic, animada pra voltar pra casa?... Nic? Ei, você está legal?

Nicole agachava-se e acariciava a lebre, parecia evitar olhá-lo.

- Acho que a sua irmã está precisando te contar uma coisa Will – disse Alina.

Ele manteve o olhar na irmã, esperava ouvir “mal vejo a hora de voltar”, ou “estou morrendo de saudades da mamãe”.

- Não sei se quero voltar pra casa – ela disse.

Will arregalou os olhos. Ele gostaria de ter nas mãos o Coração de Pedra nesse momento, mas para chantageá-la. “Ou muda de ideia ou arremesso isso em você”. E disse bem devagar:

- Como é que é?

Nicole soltou a lebre, levantou-se, abriu os braços e começou a

girar, como se estivesse em um espetáculo.

- Ah, eu sempre quis morar em um castelo, ser uma linda princesa e viver um sonho incrível... Eu nem aproveitei esse sonho. Eu queria tanto ficar.

Inspira, expira, Will. Onde eu encontro uma pedra por aqui?

Alina segurou-lhe o braço e cochichou ao seu ouvido. *Paciência*

com ela, disse. Já se tornava pior que sua mãe. Por que Alina sempre sabia o que fazer?

Ele suspirou e foi até Nicole, que parou de girar e olhou-o nos olhos.

- Hei, pirralha, a gente precisa voltar. Este não é o nosso mundo. O nosso mundo é lá em casa, com a mamãe. Ela está sentindo muito a sua falta. Até eu senti... E olha que pra isso acontecer...

- Will! – Alina o repreendeu.

- Bom... o que eu estava dizendo é o seguinte... Por que acha que eu vim pra cá? Com certeza não foi para brincar de ser perseguido por sandersais, aves-serpente, deburacs e todos os seus pesadelos idiotas, concorda? Eu vim porque me importo com você, tampinha – ele sorriu e afagou o cabelo da irmã até bagunçá-lo.

- Ai, seu bobo. Está falando a verdade? – Nicole precisou arrumar o cabelo.

- É sim – puxou-a para um abraço. - Eu te... Te amo, maninha. Volta

pra casa, vai. – sentiu Nicole retribuir aquele aperto. - Pode ter certeza que este será o primeiro de muitos abraços. – então Nicole apertou-o ainda mais. O corpinho frágil e quentinho, de quem pedia proteção.

- Você promete que não vai mais brigar comigo por causa das minhas bonecas? - perguntou para Will. Ele achou graça da pergunta ridícula, mas respondeu.

- Tudo bem. Prometo.

- E promete também que não vai mais me chamar de pirralha, fedelha ou qualquer outra coisa pra me ofender?

- Você já está exigindo muito...

- Não, boboca. Quero que prometa isso, porque não estou a fim de brigar mais, depois de voltarmos para casa.

- Prometo... sua pirralha! – Nicole aproveitou o abraço para dar-lhe um beliscão. - Ops! Desculpa, foi a última vez, eu juro.

Will teve a resposta que queria. O calor gostoso do abraço pareceu se espalhar por seu corpo e se irradiar por todos os lados.

Ao soltá-la, Will virou-se de lado. A poucos metros dos dois, contornos dourados moldavam algo muito parecido com o mesmo portal

que ele havia atravessado da primeira vez. Ao lado do portal, Alina

terminava de despejar de um pequeno frasco as últimas partículas de pó dourado que havia pegado do Amparo.

- Guardei um pouco para este momento – disse ela.

Era hora de voltar.

- Alina, obrigado... Me desculpa pelas vezes em que fui um chato.

- Ou seja, o tempo todo – disse Nic sorrindo.

Will deu-lhe um cutucão.

Alina curvou-se diante de Will e deu-lhe um beijo na testa. Flique também aproximou-se dele mas, diferente de Alina, esfregou sua cabeça em Will.

- Tá eu também vou sentir saudades – empurrou o bico de Flique para longe. – Mas sem muito contato físico, certo?

Então um pombinho voou entre eles pousou no ombro de Alina.

Quando Nicole o viu, foi logo despedir-se.

- Adeus, amiguinho... Obrigada por tudo. – e disse para Alina – Obrigada por ajudar o meu irmão. Cuida bem do Drake.

- Fique tranquila, Nicole. Drake apenas era aquilo que você queria.

Se moldava a cada momento diferente da sua vida. Ele ficará bem. Espero que vocês se lembrem de tudo o que passaram e usem isso para serem pessoas melhores. Vocês terão companhia durante a viagem. Não é, Flique?

– o pássaro grunhiu. Num piscar de olhos, o corpo dele diminuiu de tamanho e transformou-se naquele mesmo passarinho que guiou Will para dentro do portal. - Flique vai guiá-los de volta.

- Então ele era mesmo o passarinho azul! – disse Will, surpreso por

suas suspeitas serem mesmo verdade.

Will segurou a mão de Nicole entrelaçando seus dedos aos dela.

Nesse instante, Flique mergulhou para dentro do portal dourado. Nicole apertou a mão de Will, deram os primeiros passos e, juntos, adentraram.

>>> X <<<

Nic acordou num susto. Seus olhos arderam com a luz que entrava pela janela. Mal enxergava direito com todo esse sol no rosto.

Dormiu abraçada ao dragãozinho de pelúcia. Colocou-o de lado e olhou ao redor. Aquele era o seu quarto. O seu *verdadeiro* quarto.

Teria dormido todo esse tempo? Sentou-se, sem acreditar no sonho que teve. Tudo pareceu tão real. Mas não, estava na cama, com a mesma roupa da noite anterior.

Virou para o relógio, os números embaçados. Esfregou os olhos, eram sete horas. *Já?*

Levou a mão ao pescoço.

- Meu pingente! – o coraçãozinho brilhava à luz do sol.

Sobre a escrivaninha, à frente do porta-retratos com a foto da família, um fino vaso amparava uma linda rosa vermelha. Uma pétala se desprende e repousou sobre o diário cor-de-rosa. Nicole ficou

boquiaberta. Afinal, tudo foi sonho ou realidade?

Calçou as pantufas e correu para a porta. Precisava ver Will e a sua mãe.

Saiu do quarto, avançou pelo corredor e deu de cara com o irmão, de pijama.

- Nic? – a cara de Will não poderia ser de mais espanto. - Hei, fala pra mim que você não sonhou com um dragão branco.

Ela abriu um sorriso e respondeu.

- Só se você me disser que não sonhou com um pássaro azul gigante.

- Ai não. Então foi...

- Não foi só um sonho! – ela disse - foi um super, hiper, mega sonho!

- A mamãe! Deve estar lá embaixo. Vamos.

Desceram correndo as escadas.

- Eu procuro na sala e no jardim! – disse Will.

- Tá bom... eu procuro na copa e na cozinha.

- Quem encontrar a mamãe primeiro grita.

- Fechado!

Foi dada a largada. Nicole cruzou a copa, a sua mãe não estava lá.

Logo depois correu para a cozinha. Ao chegar, viu a mãe de costas, lavando a louça.

- Mãe?!

Veridiana fechou a torneira, pegou um pano e virou-se enquanto

enxugava as mãos.

- Ora, ora, veja quem acordou. E onde está o dorminhoco do seu irmão?

- Olhei pela janela da sala e ela também não está no jardim - Will entrava nesse instante. - Você encontrou? – disse e parou ao seu lado. – Mãe!

Os dois correram até Veridiana.

- Resolveu descer, Will? De novo está atrasado para a escola, sabia?

Ei! - Nicole abraçou Veridiana primeiro. Will veio em seguida, abraçando as duas. - Filho, devagar com esse abraço. Assim você me esmaga!

Will deu-lhes um beijo molhado, sorriu e, *graçasadeus*, saiu logo de cima delas. Nicole quase ficou sem ar. Mas era tão bom ver o irmão contente, abraçando-as como nunca havia feito antes.

Veridiana olhou-a e depois para Will.

- O que deu em vocês, hein? – pôs as mãos na cintura.

Nicole poderia perder horas e horas contando o seu sonho. Mas ela nunca acreditaria que na verdade tudo foi real.

- Ah, mãe... É uma história longa. A gente te conta depois - Nicole sorriu e Will piscou para ela. Agora o seu irmão era também o seu cúmplice de sonho.

- Muito bem - Veridiana continuou. - Vou esperar, mas só por causa

do horário – apontou o relógio na parede. - Will, trate de se apressar. Pelo visto vou ter que te levar de carro de novo, já que o ônibus com certeza deve ter passado. E, pelo amor de Deus, troque de roupa depressa!

Nicole não conseguia parar de sorrir. Sentou-se à mesa para saborear um bolinho doce e esperou Will sair da cozinha para começar a lamber os dedos cheios de açúcar sem que ele implicasse com ela por fazer isso.

- Espero que hoje o seu irmão volte da escola de bom humor – dizia sua mãe. - Ontem ele chegou tão irritado...

Minutos mais tarde, o semáforo demorava uma eternidade para abrir. A caminho do colégio, Will era obrigado a ouvir sua mãe falar sobre a nova escola onde matriculou Nicole, o cardápio do almoço, a floricultura perto de casa, os jardins das vizinhas... sinal verde, enfim.

Viraram mais duas esquinas e chegaram. Não havia quase ninguém

do lado de fora, o pátio praticamente vazio. Os poucos alunos que não tinham entrado nas salas eram quase escoraçados pelo supervisor. Hora

de respirar fundo e encarar o destino cruel. Não sabia o que era pior, as histórias de sua mãe, o encontro iminente com Quebra Ossos na sala de aula, ou o cadáver ambulante que vinha em sua direção.

- Mas que ótimo, Senhor Scherer. Chegando atrasado por dois dias seguidos – disse o supervisor. – Se quer saber... está começando muito mal nesta escola.

- Acordei atrasado, Senhor Jocososo. Desculpa.

- É Jocosovski.

- Isso. Sinto muito. Juro que amanhã...

- Eu sei, eu sei... Todo mundo diz a mesma coisa... *Amanhã vou*

chegar no horário, Senhor Jcovski. Prometo nunca mais me atrasar, Senhor Jcovski... Se quer saber... – apontou-lhe o indicador, - estou de olho em você, rapazinho. Entre logo, antes que eu te leve para a diretoria.

- Sim, senhor,... – e caminhou para a sala.

. . *Senhor Jcoso. . Nominho ridículo.*

Horas mais tarde, a sirene soou e baixou em Will um alívio por sobreviver ao segundo dia.

Depois de se misturar à multidão de alunos barulhentos se espremendo no corredor para sair o quanto antes da escola, ele caminhava até a banheira velha que insistiam em chamar de ônibus.

Por fim, nem sinal do Quebra Ossos. Faltou à aula, o paquiderme.

Bem que poderia faltar o ano todo. Seriam dias a menos de infelicidade em sua vida.

Será que o zoológico finalmente o encontrou e o levou de volta?

Will achou graça do próprio pensamento.

- Posso saber por que está rindo, hein, *esquisito?* – relinchou a voz inconfundível do...

- Valter?

- *Nunca* chame ele pelo nome, seu idiota! – disse um dos três capangas ao lado do grandalhão.

Quebra Ossos estralou as juntas dos dedos.

- Hoje você só volta de ônibus se pagar pedágio, novato – esticou a mão. - Pode passar a grana.

Will arqueou as sobrancelhas.

- Por acaso você está falando comigo?

Quebra Ossos olhou rápido para os comparsas, depois respondeu:

- Além de esquisito virou otário? É lógico que estou falando contigo.

Seria muito fácil pra Will começar uma briga e atrair a atenção de todo mundo. Enfrentar Quebra Ossos poderia ser uma grande chance de ser respeitado por qualquer outro babaca metido a valentão. Por outro lado poderia ser um motivo para Valter atormentá-lo pelo resto do ano.

Will já estava de saco cheio daquela palhaçada de “Valter, o Quebra

Ossos”. O garoto não passava de um coitado, que na certa precisava fazer pose de machão só para virar o centro das atenções.

O problema é que, se brigasse, daria motivos pra arrumar mais

confusão, inclusive com o Senhor Jocososo, o supervisor de araque. Mas, se não fizesse nada, continuariam pegando no seu pé.

O que Alina faria nessa situação?

- Anda, moleque... vai pagar ou não vai? – Quebra Ossos esmurrou a própria mão.

- Quer saber... Valter – disse Will. – Vou embora a pé, mas porque

eu quero. Fica aí com os seus guarda-costas e com esse ônibus caindo aos pedaços. No dia que trocarem essa banheira por um ônibus novo, você me cobra um pedágio justo, combinado? Posso ser novato, mas não sou trouxa.

Então um coro de vaías tomou conta da frente da escola. De

repente um arsenal de bolinhas de papel caía sobre Valter. Todos os

estudantes que estavam por perto arrancavam folhas dos seus cadernos,

amassavam e jogavam no brutamonte da oitava série. Quebra Ossos... A

maior piada, isso sim. Agora *ele* era o alvo, que se esquivava e tentava sair da mira dos estudantes vingados, pois com certeza o elefântão já devia ter

atormentado muita gente.

Ele mal conseguiu se afastar e logo apareceu o Sr. Jocosso assoando

o nariz.

- Então está novamente atormentando seus colegas? - disse o

supervisor, agarrando-o pelo braço com uma das mãos enquanto a outra

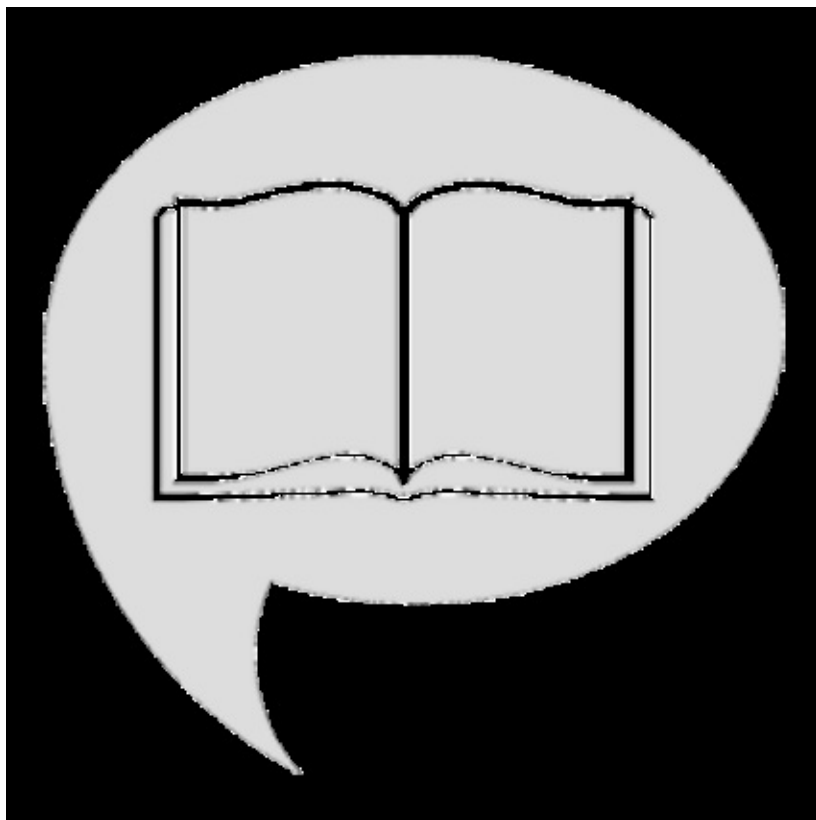
guardava o lanço no bolso. – Quer saber? Hoje é seu dia de sorte, Sr. Valter

Valente. Não terá que voltar de ônibus hoje. Vou chamar seus pais aqui para

termos uma conversinha e eles mesmos o levarão para casa. Enquanto isso,

queira me acompanhar até a diretoria, rapazinho – e arrastou Quebra

Ossos para dentro.



- Para um novato, você se saiu muito bem. – disse um sopro suave e quente ao seu ouvido. Will virou-se e deu de cara com um belo sorriso. A boca rosada, pele branquinha, olhos verdes, os cabelos lisos, de um loiro quase branco...

- A-a... Alina?

- Como? – ela franziu a testa.

- Hum... Desculpa. Eu te conheço? – disse nervoso.

Ela sorriu e caminhou para a calçada, adiantando-se na direção em que ele iria. Will a acompanhou.

- Eu te vi pela janela do ônibus, ontem, quando o Valter te empurrou, lembra? Como iria esquecer, não é mesmo? Aquele troglodita

sempre implica com alunos novos.

- Deu pra perceber. – disse ele. – Mas você não deveria estar no

ônibus? Olha – apontou para trás com o dedão, – já está quase saindo do estacionamento.

- Ai, nem me fale. Deixe que vá. Aqueles amigos idiotas do Valter

infernizam todas as garotas do ônibus. Hoje resolvi voltar andando. Eu estava saindo da escola quando ouvi a voz irritante do Valter e imaginei que ele estivesse pegando no pé de alguém. Foi então que vi você de novo.

O rosto de Will esquentou. Na certa ficou vermelho. Que bela primeira impressão deve ter causado.

Ela estendeu-lhe a mão.

- Meu nome é Aline, da sétima série.

- Aline?... – cumprimentou-a, desconfiado. - Tem certeza que não é Alina?

Ela revirou os olhos e torceu os lábios.

- Eu, hein! Onde ouviu esse nome?

Confuso, Will preferiu balançar a cabeça e imaginar que eram a

mesma pessoa. Sonho ou não, a mão fria e macia que acabava de tocar parecia bem real. Na calçada, passavam por um canteiro com rosas, tão vermelhas quanto àquelas com as quais Nicole havia sonhado, ou quanto

aos lábios de Aline.

- Pode parecer loucura – ele disse, ao apanhar uma rosa e oferecer

a ela. – Mas eu vou te contar uma história sobre essa pessoa muito parecida

com você. Querendo ou não ela me ensinou que nos piores momentos da nossa vida, existe sempre uma luz que, uma hora ou outra, acaba iluminando nossos caminhos. Afinal, uma coisa a gente nunca pode perder ou ignorar. Mesmo nos momentos mais difíceis. Ela se chama... *esperança*.

FIM

Document Outline

- [CAPÍTULO 1](#)
 - [A IRMÃZINHA E O VALENTÃO](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
 - [UM DESEJO SOB O CÉU ESTRELADO](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
 - [ARREPENDIDO ATÉ OS CABELOS](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
 - [E O SONHO SE TORNA REALIDADE](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
 - [ENTRE SONHO E PESADELO](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
 - [ESTRANHA MASCARADA](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
 - [O BURACO DA ÁRVORE](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
 - [O DEBURAC](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
 - [CEMITÉRIO DE SANDERSAIS](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
 - [O PEQUENO GRANDE DRAGÃO MUTANTE](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
 - [VISÕES DO PÓ DOURADO](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
 - [BEM MAIS QUE UM SONHO PERFEITO](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
 - [FUGINDO DE SOMBRAS](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
 - [O NINHO DAS AVES-SERPENTE](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
 - [QUERIDO DIÁRIO](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
 - [SOBREVIVENDO AO EXÍLIO](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
 - [UMA MONTANHA DE LEMBRANÇAS](#)

- [CAPÍTULO 18](#)
 - [TÃO PERTO, MAS TÃO LONGE](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
 - [ENCONTROS PRÁ LÁ DE PERIGOSOS](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
 - [LADRÕES DE LEMBRANÇAS](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
 - [PRESTES A EXPLODIR](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
 - [A GRANDE NUVEM CINZENTA](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
 - [UM JARDIM BEM EXÓTICO](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
 - [SERIA SÓ PLANO MALUCO?](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
 - [CORAGEM POR TODA PARTE](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
 - [MEU BRILHANTE CRISTAL ROSADO](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
 - [DIANTE DO INIMIGO](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
 - [REALIDADE OU IMAGINAÇÃO?](#)